

**RAYMUNDO JOSÉ DA SILVA**

**PERSPECTIVAS DO FOLHETO DE CORDEL NA SUA  
TRANSPOSIÇÃO DOS SERTÕES PARA OS CENTROS URBANOS**

**PORTO ALEGRE**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA COMPARADA**  
**LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LITERÁRIAS E**  
**INTERDISCIPLINARIDADE**

**PERSPECTIVAS DO FOLHETO DE CORDEL NA SUA**  
**TRANSPOSIÇÃO DOS SERTÕES PARA OS CENTROS URBANOS**

**RAYMUNDO JOSÉ DA SILVA**  
**ORIENTADOR: PROF. DR. MICHAEL KORFMANN**

Tese de Doutorado em Literatura Comparada,  
apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutor pelo Programa  
de Pós-Graduação em Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2014**

## CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Raymundo José da.

Perspectivas do folheto de cordel na sua  
transposição dos sertões para os centros urbanos  
s / Raymundo José da. Silva. -- 2014.  
265 f.

Orientador: Michael Korfmann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-  
Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Literatura de Cordel. 2. Folhetos de Cordel.  
3. Aspectos socioculturais do Nordeste. I. Korfmann,  
Michael, orient. II. Título.

RAYMUNDO JOSÉ DA SILVA

PERSPECTIVAS DO FOLHETO DE CORDEL NA SUA TRANSPOSIÇÃO DOS  
SERTÕES PARA OS CENTROS URBANOS

Tese de Doutorado em Literatura Comparada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprovada em 08 de outubro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Michael Korfmann (Orientador)  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Sá Rebello  
UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina da Costa da Silveira  
UNIRITTER

---

Prof. Dr. Marcel Vejmelka  
Universidade de Mains (Alemanha)

**À minha esposa, Ilma, e aos meus filhos, Paulo, Raphael e Guilherme, pelo incentivo, e por acreditarem, sempre, que eu poderia conseguir.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, por me haver permitido a conclusão deste Curso, importante passo em minha vida.

Meus agradecimentos às Prof<sup>as</sup> Dras Ana Lucia Liberato Tettamanzy, Jane Fraga Tutikian, Lúcia Sá Rebello, e Rita Terezinha Schmidt, pela competência e modéstia com que procuraram elucidar nossas dúvidas.

De modo especial, agradeço ao Prof. Dr. Michael Korfmann pelo empenho e o modo objetivo, claro e tranquilo com que me orientou no decorrer da pesquisa, mas também pelo valioso apoio que me concedeu durante minha estada em Porto Alegre, tornando mais produtivo e gratificante um trabalho que poderia ser apenas exaustivo.

*“Apreciar história de cordel é um passo largo para se entrar num mundo de fantasias, povoado por personagens inimagináveis. Sem muito esforço, é possível descobrir nesse mundo situações ímpares e identificar figuras parecidas às encontradas no imaginário de Dali, Cortázar, Poe, Cervantes e até Shakespeare.”*

ÂNGELO, Assis. A presença de cantadores e repentistas em São Paulo, p.54, 1996.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar como está sendo feita a transição dos folhetos do antigo meio social sertanejo para a vida urbanizada e as possibilidades de sua permanência e continuidade como produto da Literatura de Cordel, ante a forte concorrência das diversas formas de comunicação e expressão cultural. Para essa finalidade, analisamos um corpus com 18 (dezoito) folhetos divididos em duas partes, com 09 (nove) folhetos cada uma. A primeira, de poetas sertanejos mais antigos, compõe-se de textos escritos entre 1900 a 1980, que exploram temas, como o cangaço, o coronelismo e o misticismo. A segunda, formada de folhetos atuais (de 1990 até o presente), refere-se a fatos e aspectos da vida moderna e urbana. Com fundamentação nos ensinamentos de autores, como Hall (2003, 2004), Burke (2010) e Cancline (2013), foram observados os conceitos de identidade, tradição e cultura popular. Viu-se, também, que ainda estão presentes, como temas, alguns fenômenos sociais que contribuíram para a consolidação do cordel no Nordeste do Brasil. Por fim, feita a análise dos dois grupos de folhetos, os antigos e os atuais, já se podem constatar diferenças e indícios de (trans)formações ou evolução do cordel, tanto em relação aos temas e à linguagem, quanto ao descentramento das identidades de personagens e poetas migrantes.

Palavras-chave: Nordeste; tradição; cordel; folhetos.



## ABSTRACT

The objective of this study was to investigate how the transition from the leaflets of the old social medium of country districts in Brazil to urbanized life is taking place and the possibilities for this *cordel* literature to continue to be produced, when faced with strong competition from different forms of communication and cultural expression. For this purpose, we analyzed a corpus of eighteen leaflets divided into two groups of nine leaflets each. The first group was composed of older texts by country-district poets, written between 1900 and 1980, which explored topics such as *cangaço* (historical social banditry), *coronelismo* (historical political patronage system) and mysticism. The second group, formed by current leaflets (from 1990 to today), makes reference to events and characteristics of modern urban life. On the basis of the teaching of authors such as Hall (2003, 2004), Burke (2010) and Cancline (2013), the concepts of identity, tradition and popular culture were observed. It was also seen that some social phenomena that contributed towards consolidation of *cordel* in northeastern Brazil are still present as topics. Lastly, from the analysis on the two groups of leaflets (old and current), differences and indications of (trans)formations or evolution of *cordel* could then be seen, in relation both to the topics and to the language used, regarding displacement of the identities of migrant personalities and poets.

Keywords: Northeast; tradition; cordel; leaflets

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Capa do folheto *Todo Nordeste entristece quando há seca no sertão*.....134
- Figura 2 – Capa do folheto *Um ABC de presente para a presidente Dilma* .....134
- Figura 3 – Capa do folheto *Ronaldo e os três travestis, pense numa putaria*.....134
- Figura 4 – Capa do folheto *O Cachorro dos Mortos*.....134
- Figura 5 – Capa do folheto *A moça que casou 14 vezes e continuou donzela*.....134
- Figura 6 – Capa do folheto *Os dois amigos leais* .....134
- Figura 7 – Capa do folheto *Apagando as pegadas* .....134

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. ASPECTOS FÍSICO-SOCIAIS DO NORDESTE E O CORDEL COMO FONTE DE PESQUISAS</b> .....	22
1.1 O folheto de cordel e suas origens .....	22
1.2 Estudos e obras sobre o cordel: revisão crítica .....	27
1.3 A seca do Nordeste.....	42
1.4 O fenômeno do cangaço.....	47
1.5 O coronelismo .....	52
1.6 O misticismo do sertanejo .....	54
<b>2. ABORDAGENS TEÓRICAS: CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS PARA FORMAÇÃO DO CORDEL</b> .....	61
2.1 A tradição: conceito e mobilidade.....	61
2.2 O cordel e a ambivalência da cultura popular .....	67
<b>3. CONFIGURAÇÕES POÉTICAS DO CORDEL</b> .....	74
3.1 Temas explorados no folheto .....	74
3.2 A estética e a linguagem do folheto .....	77
3.3 Folhetos de cordel tradicionais: análise de textos .....	88
3.3.1 (T01): História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso.....	89
3.3.2 (T02): O Romance da Princesa do Reino do Mar Sem Fim .....	93
3.3.3 (T03): História da escrava Guiomar.....	95
3.3.4 (T04): A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento.....	103
3.3.5 (T05): Romance do Pavão Misterioso .....	107
3.3.6 (T06): As Diabruras de Pedro Malazartes.....	111
3.3.7 (T07): História do Capitão do navio .....	117
3.3.8 (T08): O escravo do diabo ou o afilhado de Santo Antônio .....	120
3.3.9 (T09): Um beato pistoleiro ou o aleijado da cruz .....	123
3.4 Um folheto extemporâneo: exemplo da influência do cangaço no cordel .....	126

<b>4. OS CORDÉIS DA ATUALIDADE</b> .....	130
4.1 O folheto atual: formato, temas e linguagem .....	130
4.2 As formas de publicação do folheto atual .....	138
4.3 Regiões de maior consumo .....	140
4.4 Os locais de venda.....	142
4.5 Análise de poemas atuais .....	145
4.5.1 (T10): Versos sofridos para um açude triste .....	146
4.5.2 (T11): Uma visita inesperada .....	149
4.5.3 (T12): Do passado ao presente.....	152
4.5.4 (T13): A invasão no alemão.....	155
4.5.5 (T14): Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente .....	157
4.5.6 (T15): Cordel desencantado .....	159
4.5.7 (T16): O trem da madrugada .....	164
4.5.8 (T17): A briga do rapa com o camelô.....	166
4.5.9 (T18): Big Brother Brasil: um programa imbecil .....	170
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	175
5.1 Cotejo entre o folheto antigo e o atual .....	175
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	189
<b>ANEXO:</b> 19 (dezenove) textos de Literatura de Cordel.....	198

## INTRODUÇÃO

Por ter sido a Região Nordeste a primeira porta de entrada da Literatura de Cordel no Brasil e por haver ela ali se instalado e sofrido um longo e intenso processo de adaptação e desenvolvimento, será quase impossível falar dessa manifestação popular sem lembrar as peculiaridades do ambiente onde ela floresceu, representado pelos aspectos físico-sociais que se entrelaçaram e a influenciaram fortemente, características que, no Brasil, só aquela região reuniu de forma tão marcante. Por isso, costumeiramente evocados, os índices de identidade dessa região tornaram-se representados pelos seguintes fatores: o suplício das secas cruéis e quase cíclicas que intensificava a pobreza e as migrações de sertanejos sem perspectiva; o coronelismo cujo poder acima da lei agravava a desigualdade e a injustiça social; a forte crença no sobrenatural e o sincretismo da religiosidade exacerbada, que favoreceram o aparecimento de personagens lendárias, beatos e padres, como Antônio Conselheiro, Frei Damião e Padre Cícero, canonizados em vida pela fé popular (VAINSENER, 2008); a era do cangaço, subproduto da pobreza e da ignorância, que deu origem a terríveis criminosos folclóricos, nacionalmente conhecidos, quase figuras históricas, como Lampião, Corisco, Volta Seca e Antônio Silvino.

Além desses grandes fatores, citem-se ainda outros menos comentados, mas igualmente importantes para a formação sociocultural do nordestino: o longo período de isolamento da população sertaneja, causado pela distância entre o sertão e os centros urbanos maiores; o abandono da região pelo poder público central do país aliado à indiferença e desmandos dos caciques políticos locais; a ignorância do sertanejo e a alta taxa de analfabetismo; os tradicionais desentendimentos entre as famílias, concomitantes às lutas sangüinárias entre os coronéis, cujas desavenças longas e belicosas funcionavam como um dos elementos geradores e fomentadores do cangaço (FACÓ, 1980).

Por conseguinte, em vista da convergência e interligação desses aspectos socioculturais de notável importância para aquela região, serão trazidas, a seguir, algumas informações e levantadas considerações que permitem uma melhor compreensão do ambiente do cordel e da identidade do povo sertanejo.

Formada por nove Estados da Federação e com uma área territorial de 1.561.177,8 Km<sup>2</sup>, a Região Nordeste do Brasil é banhada, a Leste, pelo Oceano Atlântico. A extensa faixa

territorial de clima úmido, próxima à costa, abrigava, no passado, grande parte da Mata Atlântica. Atualmente, depois de quatro séculos de contínua degradação em benefício do cultivo da cana-de-açúcar e de outras culturas, pouco resta da antiga e exuberante vegetação rica em pau-brasil, valioso produto defendido pelos portugueses e comprado dos índios potiguares pelos invasores franceses (MENEZES, 1970).

No litoral, excetuando Teresina, situam-se as capitais, onde, desde os primeiros séculos pós-descobrimento, aglomera-se a maior parte da população nordestina. Avançando para o interior, dentre os vários aglomerados urbanos, destacam-se algumas cidades expressivas e mais populosas, como Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba, e Feira de Santana, na Bahia; depois, aparece a árida caatinga de sol causticante, solo seco e ríspido. Esta região representa o coração do sertão, de chuvas rápidas e irregulares, com a característica vegetação retorcida e de porte baixo, a agricultura de plantios tantas vezes frustrados, colheitas frequentemente perdidas. Na caatinga inóspita, os sertanejos, a duras penas, resistem e criam os animais que melhor suportam a alta temperatura, como os caprinos e jumentos, tradicionais companheiros na difícil luta contra o flagelo de longos estios. Da flora da região, adaptada às securas do meio ambiente, destacam-se as cactáceas, tais como as palmatórias, os mandacarus, os xique-xiques e os facheiros. Além desses, medram teimosamente as resistentes bromeliáceas, como as macambiras, croias e croatais. Ainda igualmente afeitos ao intenso calor, sobrevivem o juazeiro e o umbuzeiro, sob o império quase absoluto do sol, nessa região conhecida como polígono da seca (CASTRO, 1980).

Qualquer brasileiro sabe que grande parte do sertão nordestino é atingida pelos rigores das secas, porém é possível afirmar que certos lugares, talvez pela notoriedade já adquirida, representam uma síntese ou símbolos dos vários outros que esse fenômeno tem afligido há séculos. De todos os Estados atingidos, o Ceará sempre foi o mais lembrado, razão por que, amiúde, menciona-se o Cariri como um oásis dentro dele, ou a grande quantidade de seus açudes gigantescos, alguns já nacionalmente famosos, como o de Orós, o Banabiú e o Castanhão, ainda que existam, além destes, outros situados em Estados vizinhos. No entanto, merecem ser citados, ainda como exemplos de lugares secos, a região do Pajeú, localizada no sertão pernambucano, e o Seridó, extensa faixa territorial do semiárido que se estende da Paraíba ao Rio Grande do Norte. Sem dúvida, esses lugares figuram, também, como grandes representantes do apogeu do clima mais quente, de solo árido e precária possibilidade de habitação.

Foi nessa região de clima pouco favorável e num ambiente particularmente apropriado ao desenvolvimento das manifestações populares, que, tendo se originado em

além-mar e transladado para o Nordeste, floresceu um movimento artístico, marginalizado desde o seu início pela elite cultural e mais tarde denominado pelos estudiosos como Literatura de Cordel.

O fato é que, no Brasil, a Literatura de Cordel, em vista das condições geográficas e socioculturais que encontrou, achou-se em terreno fértil e ideal para o desenvolvimento de suas possibilidades. Iniciada, segundo os estudiosos, no final do século XIX, com as primeiras impressões de folhetos feitas pelo poeta Leandro Gomes de Barros, em 1930 essa literatura já estava consolidada, de modo que pôde chegar ao seu apogeu entre as décadas de 1950 a 1970.

A Literatura de Cordel, como a conhecemos hoje, tem uma parte cultivada oralmente nos desafios ou pelejas dos repentistas ao som da viola, e uma outra produzida por cordelistas que escrevem em versos, não costumam fazer duelos verbais chamados desafios ou repentes, e são pomposamente denominados “poetas de bancada”. Os poemas escritos são publicados em pequenos livros que, de acordo com Souza (1976), recebiam variados nomes, como ABC, livrinho de feira, livro, obra, livro de Ataíde, estória do meu padrinho, folheto e romance. O termo *cordel*, com o significado de cordinha ou de cordão, é muito pouco conhecido e quase nunca usado pela maioria dos leitores mais antigos. Portanto, em vista dessa terminologia, a autora Márcia Abreu (2011) esclarece que nem sempre os autores e consumidores reconhecem a expressão *Literatura de Cordel*, tipicamente portuguesa, que passou a ser usada pelos estudiosos no Brasil apenas a partir de 1970.

Em todo caso, os estudiosos reconhecem que a semente dessa manifestação artística originou-se em além-mar, mas, chegando ao Brasil, diferenciou-se e adquiriu autonomia artística, como produto do meio físico e sociocultural nordestino. Assim, de acordo com Meyer (1980, p. 03),

Esta atividade literária adquiriu características próprias no Nordeste brasileiro, muito provavelmente pelas condições da região, que fazem dela, até hoje, um foco especialmente rico em manifestações culturais populares. Reintroduzindo a denominação portuguesa, os estudiosos chamaram essa literatura popular em versos de **literatura de cordel**. Mas, seus produtores e consumidores nordestinos chamam-na simplesmente de **folhetos**.

Deste modo, assim como ocorrera em Portugal, muitos séculos antes, com os jograis do Trovadorismo perambulando pelas cidades e interpretando as Cantigas, mais tarde, no Brasil, os cantadores ambulantes do cordel escreviam e apregoavam suas obras,

principalmente nas feiras e nas praças, em dias de festas, nos vilarejos do Nordeste. Surge, desta forma, uma produção essencialmente poética de temática predominantemente rural, capaz de reunir determinados valores sociais e se constituir como movimento portador da identidade e anseios, sobretudo do homem simples do sertão. Apesar da natural perda de espaço em virtude da chegada do progresso ou das características específicas desse tipo de produção humana, é inquestionável o interesse que essa literatura ainda pode despertar, seja em leitores comuns, seja em estudiosos da prestigiosa Literatura Brasileira, que veem o cordel como uma genuína e rica forma de expressão de uma grande parcela da população brasileira.

Além da linguagem singular proporcionada pela dinamização dos aspectos fonético-morfológico-sintáticos que se aproximam da fala do sertanejo, a Literatura de Cordel também chama a atenção por apresentar um vivo e multicolorido panorama sócio-político-cultural, sobretudo do meio rural nordestino, onde frequentemente se destacam, como personagens, o homem humilde, o coronel, o sacerdote, o beato, o bandido e a mocinha indefesa. Portanto, os folhetos de cordel, principalmente os mais antigos, apresentam uma linguagem muito particular, singela, colorida, não raro marcada pelo vocabulário agreste da gente simples do sertão nordestino. Sabe-se, entretanto, que esse modelo particular de escrita desenvolveu-se e manifestou-se sem qualquer premeditação, ou seja, fluía de forma espontânea e autêntica, como fruto da escolaridade informal dos poetas, a maioria sertanejos semianalfabetos, oriundos de famílias humildes.

Essa característica referida pode ser comprovada pelas biografias que retratam homens de origem muito pobre, filhos de pequenos lavradores, autodidatas que aprenderam a ler parcamente e sem escola, movidos por grande força de vontade. Tinham, a seu favor, o talento para versejar, a pronta aceitação dos leitores, seus conterrâneos sertanejos, e o grande sonho de se tornarem poetas famosos. De fato, muitos se destacaram no particular âmbito do cordel, de modo que seus nomes ainda hoje são reverenciados, e as respectivas obras, autênticos clássicos, continuam sendo relidas e comentadas, como se podem citar: *Estória do Capitão do Navio*, de Silvino Pirauá; *O Cachorro dos Mortos*, de Leandro Gomes de Barros; *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo; *Roldão no Leão de Ouro*, de João Melchíades Ferreira; *História da Princesa do Reino da Pedra Fina*, de João Martins de Athayde. Como sertanejos autênticos, escreviam e falavam na linguagem familiar do povo do sertão, numa perfeita sintonia com o leitor do qual transformavam-se em naturais porta-vozes. Principalmente por causa do grande isolamento da região, o cordel tornou-se uma literatura quase totalmente circunscrita aos Estados do Nordeste, tendo sido por muito tempo o mais apreciado, ou mesmo o único veículo de informação, como sendo o jornal das comunidades mais distantes



dos centros urbanos. Sob esse aspecto, alguns estudiosos informam que esses leitores só acreditavam realmente nas notícias, ainda que proviessem de rádios ou jornais, se as vissem publicadas, isto é, quando já estivessem confirmadas no folheto, detalhe que serve para exemplificar a estreita e especial relação dos sertanejos com o cordel. Daí provém a importância dessa literatura e a expressiva representatividade da cultura de uma região que havia ficado à margem dos grandes centros urbanos e afastada da evolução do Sudeste do país por um período demasiadamente longo.

Tudo o que foi referido até este ponto sobre o cordel e suas condições de produção, quadra-se melhor numa época que tem início ao final do século XIX, com a publicação dos primeiros folhetos no Brasil, até meados do século XX, chegando mais ou menos até a década de 1970. A proposta desta divisão temporal deriva-se de dois fatores: a rápida transformação social verificada em todas as atividades humanas, ocorrida ao final do século XX; o inusitado processo das migrações do campo para a cidade ocorrido no Brasil, sobretudo depois de 1950, impulsionado pelas melhorias das estradas e pela facilidade dos meios de locomoção e comunicação. Obviamente, aqui não se pretende estipular esses períodos de modo a transformá-los em compartimentos estanques de tempo, uma vez que, além de impossível, a própria história da Literatura de Cordel do Brasil não parece ter sido marcada, de forma nítida, por obras que tenham determinado suas fases ou subdividido seu percurso.

Como resultado do poder avassalador da globalização do mundo atual, com o progresso adentrando e interligando todos os lugares, da cidade ou do campo, nunca a vida humana havia passado por um processo de transformação tão acelerado, em todos os sentidos, como o acontecido a partir da segunda metade do século XX. Mesmo o Brasil, que parecia estar predestinado a ser, para sempre, cognominado “o país do futuro”, acusou o forte impacto dessas mudanças, transformações que tocaram intensamente a vida do povo brasileiro, e de forma especial do nordestino, com significativas repercussões na produção da Literatura de Cordel. Levando-se em conta a história nordestina, a influência dos aspectos socioculturais, das condições especiais da natureza e do extenso período de isolamento vivido pelas comunidades do sertão, pode-se dizer que, proporcionalmente, o Nordeste foi uma das regiões brasileiras que mais sentiram a força das transformações profundas e simultâneas do mundo globalizado. A partir de determinado momento do fim do século XX, o sertão nordestino deixa de ser imaginado pelos brasileiros das outras regiões, apenas como aquele território longínquo e estranho, de clima tórrido e precariamente habitado por uma gente atrasada, lembrada pela valentia e conhecida pelas histórias de cangaço e misticismo. O fato é que, no século XXI, já não há lugares demasiadamente desconhecidos, ou muito distantes. Enquanto

os meios de comunicação, como rádio, telefone e jornais, a qualquer hora, veiculam incessantes informações, a televisão mostra fartamente o ambiente e a vida das pessoas do campo e da cidade. As informações se cruzam e, como uma teia, interligam os lugares por mais diferentes que sejam, tornando reciprocamente visíveis e mais familiares os costumes das comunidades mais diversas. O antigo matuto, analfabeto ou semianalfabeto, imobilizado no interior do sertão vai se tornando cada vez mais raro. As pessoas agora, mais escolarizadas, viajam e conhecem outros modos de vida e regiões; saem como turistas ou se deslocam, de forma definitiva, vislumbrando um futuro melhor nas grandes cidades dos seus próprios Estados ou em metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo.

Consequentemente, a partir de determinado momento, a temática das migrações também começa a se refletir nos folhetos, como em *Meu destino a São Paulo*, produção de Severino José da Silva. Contido em Luyten (1981, p. 48), os versos seguintes semelham-se ao lamento do migrante, que se vê obrigado a deixar a terra natal:

Vou partir para São Paulo  
 Vou deixar meu pé de serra  
 O ganho aqui está pouco  
 A pobreza me faz guerra  
 O jeito mesmo é agora  
 Abandonar minha terra.

Os nordestinos, já a partir de meados do século XX, saíam dos seus lugarejos do sertão, de trem ou de pau de arara, para dar início a um grande movimento migratório, dirigindo-se sobretudo às cidades grandes do Sudeste ou às regiões circunvizinhas. A respeito do ímpeto das migrações ocorridas na segunda metade do século passado, Fontes (2008, p. 46) assim expressa sua perplexidade: “Certamente na cidade de São Paulo a velocidade desse processo impressiona. Nos 20 anos que separam 1950 de 1970, a capital paulista triplicou seu tamanho, enquanto no mesmo período, a população de origem nordestina cresceu 10 vezes”.

Essa situação permite pensar que, em face das migrações ou falecimento de antigos cordelistas e surgimento de novos, a Literatura de Cordel, com o ambiente sertanejo transformando-se celeremente pela assimilação dos costumes e obtenção dos recursos tecnológicos da vida urbana, sem os personagens e temas mais característicos que outrora a consagraram, tenta manter-se como um gênero ainda pertinente no contexto urbano atual.

A respeito da transposição do homem sertanejo do meio rural para a cidade e consequente influência na produção e características do cordel, a pesquisadora Julie

Antoinette Cavignac, em seu artigo “Destinos Migrantes: Representações Simbólicas, Histórias de Vida e Narrativas”, assevera:

Atualmente, esses “textos tradicionais” parecem permanecer com uma função identitária: apesar de terem desaparecido da prática cotidiana, não existindo mais o seu contexto tradicional, de enunciação, mostram-se adaptáveis ao ambiente de vida citadino (CAVIGNAC, 2005, p. 2).

Em relação aos folhetos mais antigos, é necessário examinar alguns pontos: foram produzidos, repetimos, por autores de parca instrução escolar numa época em que o Nordeste ainda se mantinha isolado e por demais atrasado em relação ao restante do país; representam as produções que melhor correspondem às características do cordel durante o seu auge e pelas quais essa literatura é mais prontamente identificada; ainda hoje são os mais famosos, apreciados e citados pelos leitores; são frequentemente reeditados e relidos, a despeito do longo tempo transcorrido desde que foram produzidos.

Sabe-se, portanto, que o cordel é um movimento literário de origem popular com fortes traços do meio social nordestino e, na maioria das vezes, constituído de temas relativos à vida do campo. No entanto, na atualidade, em virtude das mudanças das condições de produção já referidas, supõe-se que essa literatura já esteja sofrendo algumas mudanças, ou seja, paulatinamente, pode estar se afastando de suas características originais quanto à forma e com maior presença de temas citadinos.

Assim como as sociedades inevitavelmente se transformam, parece muito natural que as manifestações artísticas, como reflexos ou subprodutos do meio social, também apresentem novas tendências e mudanças. No que diz respeito ao cordel, além de apresentar-se como manifestação literária periférica à literatura oficial brasileira, sempre teve características tão marcantes e próprias do ambiente campestre nordestino, e uma ligação tão estreita com a singeleza de antigas histórias, contos de fábula e com o mundo mágico do maravilhoso, que a impressão é de que a ocorrência de uma grande ruptura em sua concepção temático-textual poderia provocar algumas incertezas quanto à sua identidade e futuro. Nesse sentido, difícil, hoje, é projetar os rumos que a Literatura de Cordel tomaria. Portanto, a contraposição das antigas identidades e representações sertanejas às profundas transformações da sociedade constitui um dos problemas que, mais cedo ou mais tarde, a literatura de cordel terá de enfrentar. Desse modo, inevitavelmente se verá na luta pela continuidade, em concorrência

com outras formas poderosas de lazer ou de informação, mas não se devendo deixar esmaecer, provavelmente, sua melhor característica: a essência como expressão do sentimento ingênuo do povo e o encanto que tem exercido por mais de um século sobre seus leitores aficionados, todavia já consideravelmente transformados pela aquisição de novas experiências.

Diferentemente do passado, hoje em dia, enquanto as pessoas do campo viajam mais e se urbanizam, a população citadina passa a conhecer melhor a zona rural e os lugares mais remotos do sertão, senão por meio de viagens, ao menos pelos meios de comunicação. Portanto, deslocados dos vilarejos, ou mesmo afetados em seu próprio ambiente pelas transformações trazidas pelo progresso das últimas décadas, muitos poetas de cordel, paulatinamente, vão abandonando aqueles temas distanciados no tempo, que fizeram grande sucesso e dominaram as obras do cordel tradicional. Temas que seduziam o leitor sertanejo, como o cangaço com sua aura de horror e admiração, e o misticismo dos padres santos e beatos milagreiros, compreensivelmente, já não aparecem, ao menos com a mesma intensidade com que foram explorados no passado. Agora, como repórteres de sua época, forçosamente, os poetas passam a falar sobre os acontecimentos de maior repercussão social e mais próximos da sua realidade, a vida urbana. Considerada uma expressão artística dentre as mais relevantes da cultura popular nordestina, a Literatura de Cordel representava também uma apreciada forma de lazer dos sertanejos, tanto pelas histórias fantásticas que trazia, algumas muito semelhantes a contos de fadas e supostamente ocorridas num passado remoto, quanto pelas notícias de fatos impactantes capazes de despertar o interesse do grande público.

Atualmente, no que diz respeito à sua função social, a Literatura de Cordel, de certa forma, ainda tenta conservar esta que foi uma de suas características mais importantes e um dos motivos do grande sucesso obtido no Nordeste em seu apogeu: o folheto, semelhante ao jornal, levando notícias ao povo mais simples e sem outros meios de informação. O poeta de cordel detinha considerável credibilidade junto ao leitor, uma vez que, sendo tão sertanejo quanto este, identificava-se com o seu conterrâneo e servia-lhe de porta-voz, a fim de expressar suas angústias, sonhos e crenças. De qualquer modo, ainda que o folheto tenha a importante função de informar, convém não esquecer, sobretudo, que se trata de literatura feita em verso com as licenças e características que lhe são inerentes. Por conseguinte, sabedores da preferência dos leitores, os poetas de cordel podiam se interessar tanto pelos acontecimentos mais importantes da região (como os crimes e tragédias da natureza) quanto pelos grandes fatos que comoveram ampla e profundamente a opinião pública, como sucedeu com a morte de Getúlio Vargas ou a Segunda Guerra Mundial.

Nas últimas décadas, como resultado das mais variadas formas de informação e lazer, a impressão é que o cordel pode estar encontrando algumas dificuldades para alcançar o mesmo nível de sucesso outrora desfrutado, sobretudo se se levar em conta o crescimento demográfico e o grande aumento do número de leitores escolarizados. Ressalve-se, porém, que o cordel, mais recentemente, tem adquirido uma evidência que talvez jamais fora alcançada, sobretudo após o lançamento da telenovela *Cordel Encantado*, em 2011, pela Rede Globo, embora ainda seja muito cedo para se avaliar o resultado dessa exposição. No entanto, a bem da verdade, essa novela não inova, ou seja, não apresenta temas ou situações que possam representar a realidade da vida atual cujo meio social e o modo de pensar dos leitores, agora mais próximos da realidade urbana, já apresentam fundas diferenças; antes, faz um retorno ao antigo ambiente sertanejo e aos velhos temas, que, como se cristalizados, reúnem os principais elementos que compuseram o folheto de cordel em sua época áurea: o coronelismo opressor, a valentia representada pelo cangaceiro; o misticismo, pelo beato; a época medieval, pela nobreza, dentre outros. Ao contrário das múltiplas possibilidades temáticas oferecidas pelo enredo da novela *Cordel Encantado*, repleta de muitos personagens e dramas secundários, sabe-se que um só folheto não tem como objetivo a exploração de vários temas ao mesmo tempo, nem seria possível, por se tratar de um livro pequeno, de poucas páginas. Ademais, uma das características do texto de cordel é oferecer a seus leitores uma história fluente, descomplicada, de fácil compreensão, sem se desviar do foco principal.

Com referência ao cordel tradicional, geralmente modesto sob vários aspectos, tanto na apresentação material dos folhetos quanto na expressão da linguagem – provavelmente em virtude da escassez de recursos e da baixa escolaridade dos poetas – convém questionar sobre o que permanece do cordel passado e o que está sendo feito no presente; como será o formato e a aceitação desse novo cordel, escrito e lido com outra mentalidade, possivelmente com outra (s) identidade (s), ou seja, pelo sertanejo desterritorializado, urbano e solicitado por outros tipos de lazer e fontes de informações, como o teatro, o cinema, a televisão. Por outro lado, resta indagar se e como tem ocorrido a possível (trans)formação ou evolução dessa literatura, como hoje ela resiste e permanece frente às várias formas de concorrência da mídia, às mudanças sociais da atualidade e ao pensamento e gosto do novo leitor, mais viajado e instruído.

Conseqüentemente, esta pesquisa procura desenvolver um estudo do possível descentramento das identidades (do narrador sertanejo urbanizado) verificável no folheto, provocado pelo (des)locamento do nordestino/autor/leitor ou pelo acesso a novas experiências, contato com pessoas advindas de outras comunidades e informações facilmente

proporcionadas pelo rápido desenvolvimento do mundo globalizado. Deste modo, espera-se que o texto do cordel atual, tendo sofrido possíveis mudanças (ou evoluções), represente o pensamento e a identidade do poeta, como reflexo de uma nova topografia ou de novo momento sociocultural e histórico.

De tudo o que foi dito até este ponto, origina-se a proposta desta pesquisa, cujo objetivo geral consiste na realização de um estudo a partir dos folhetos, observando-lhes a origem, o percurso e principais características da Literatura de Cordel produzida no Brasil, tendo em vista sua relevância como manifestação cultural do Nordeste. Também apresenta estes objetivos específicos: realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a Literatura de Cordel no Brasil, observando os principais aspectos socioculturais que propiciaram sua afirmação e desenvolvimento, além de demonstrar, por meio de um contraponto estabelecido entre poemas antigos e atuais, as possíveis (trans)formações, ou evolução, do cordel tradicional em relação ao que se produz na atualidade. Pretende-se também constatar o descentramento das identidades migrantes em poemas do cordel mediante a observação das novas formas de expressão linguística e de abordagem temático-social. Por fim, é objetivo desta pesquisa verificar, por meio das reflexões de estudiosos e poetas, quais as possibilidades de permanência do cordel como manifestação literária expressiva, bem como a direção a ser tomada frente à concorrência de outras formas de expressão da atualidade.

Esclarece-se que a pesquisa será de cunho bibliográfico, no âmbito dos Estudos Culturais, com a apresentação de um *corpus* constituído de duas partes: a primeira, com seleção de 09 (nove) folhetos de autores sertanejos autênticos, ou seja, poemas tradicionalistas editados no século XX, mais precisamente de 1900 a 1980, em que predominavam alguns temas caracterizadores: a valentia do nordestino simbolizado pelo cangaceiro, o coronelismo dominador, o misticismo extremo, as histórias com personagens da nobreza e a grande influência dos contos de fadas. A segunda parte também será formada de 09 (nove) folhetos de cordelistas atuais (de 1990 até o presente), sobretudo os radicados nos centros urbanos que, em vista do ambiente citadino em que vivem, trazem fatos do seu cotidiano como tema. Nesta parte, serão incluídas ainda outras obras, em que o autor, talvez por desejar explorar temas tipicamente rurais, ou por julgá-los mais condizentes com as características do cordel tradicional, introduz no poema recursos linguísticos típicos da fala do sertanejo de pouca escolaridade.

Pela variedade de temas explorados, como os antropológicos, mitológicos, ou bíblicos, por exemplo, além da linguagem aparentemente ingênua, mas dotada de um colorido especial, o cordel representa uma forma de produção artística diferenciada e um expressivo repositório

das manifestações do meio social em que foi produzido. Por essas razões, consideramos a Literatura de Cordel como área de conhecimento capaz de proporcionar ao pesquisador uma rara oportunidade para o aprofundamento de estudos sobre essa relevante região do Brasil que é o Nordeste, notadamente quanto às singularidades antropológicas, linguísticas e socioculturais.

Deste modo, procurar-se-á saber o que restou do antigo cordel em contraposição ao cordel moderno, cujos autores possivelmente desterritorializados, emigrados do campo, ou mesmo residentes no ambiente urbano, vão assumindo suas novas identidades e experimentando o desenvolvimento de temas atuais já distanciados dos assuntos mais frequentes nos primeiros textos, como resultado da influência das novas condições de produção.

Estruturado em cinco capítulos, doravante, este trabalho ficará organizado da seguinte forma: o Capítulo I contém uma síntese da origem do cordel, discorre sobre a forma como essa literatura se desenvolveu e adquiriu características próprias após sua introdução no Nordeste, relaciona nomes de alguns dos principais poetas brasileiros, bem como de importantes estudiosos e pesquisadores, cujos trabalhos contribuíram significativamente para um melhor conhecimento do cordel no Brasil; o Capítulo II apresenta um esboço dos aspectos físico-sociais nordestinos, cujas características singulares tornaram-se essenciais para a formação do cordel brasileiro; o Capítulo III faz uma abordagem das configurações poéticas do cordel com menção dos temas explorados, da estética e da linguagem, além da apresentação e análise do *corpus*, constituído de folhetos aqui denominados tradicionais; o Capítulo IV, além de conter a análise do *corpus* com poemas mais recentes, refere-se, especialmente, às possíveis mudanças quanto às temáticas, à apresentação material e formato do folheto, às formas de publicação e locais de consumo, bem como ao modo com que o poeta expressa sua (s) identidade (s) de pessoa e porta-voz perante as novas realidades; no Capítulo V, partindo do que foi tratado no trabalho, mas, sobretudo, da análise das duas partes do *corpus*, procura-se estabelecer um cotejo entre os antigos e novos textos, com o objetivo de chegar a uma conclusão sobre as perspectivas do folheto de cordel ante as grandes transformações sociais do mundo atual.

# 1 ASPECTOS FÍSICO-SOCIAIS DO NORDESTE E O CORDEL COMO FONTE DE PESQUISAS

## 1.1 O folheto de cordel e suas origens

A palavra *cordel*, com o sentido de corda delgada ou cordinha, nunca foi comum no vocabulário quotidiano, mesmo do brasileiro de escolaridade mediana, e ainda não lhe é totalmente familiar, conquanto seja largamente empregada para designar um tipo de literatura de origem popular. Sendo o termo utilizado com naturalidade pelos portugueses, somente a partir dos anos de 1970 os estudiosos brasileiros adotaram também a expressão, originada do antigo costume de os negociantes ou os poetas colocarem os livros pequenos e leves (os folhetos) encavalados e suspensos em barbantes (cordéis) para serem vendidos. Contrariando essa informação geralmente aceita, Peregrino (1984) diz que raramente são vistos folhetos expostos para a venda colocados suspensos em cordéis, e que normalmente são encontrados espalhados ao longo de balcões nos mercados ou mesmo nas feiras. Em todo caso, muitos estudiosos aceitam o argumento de que esse termo importado representa mais um indício que vem confirmar a procedência ibérica dessa manifestação literária, mas o uso da expressão *Literatura de Cordel* não chega a obter unanimidade entre os estudiosos do Brasil, visto que os próprios consumidores, sobretudo os mais antigos, nem sempre reconhecem essa nomenclatura. A respeito desta questão, Gonçalo Ferreira da Silva (2005), Presidente da Academia Brasileira de Cordel, informa que o pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco Mário Souto Maior preferia que se desse o nome de *literatura popular*, ou *literatura nordestina*, enquanto um dos maiores poetas, Manoel d'Almeida Filho, considerava *literatura popular* a designação mais adequada. Mesmo contra quaisquer objeções, o título *Literatura de Cordel* criou força e terminou vingando, inclusive porque estudiosos e poetas, hoje, já aceitam para si o rótulo de cordelistas.

Portanto, considerando-se que a Literatura de Cordel tenha nascido na Europa, e levando-se em conta os países em que se desenvolveu, pode-se ter uma ideia melhor do longo itinerário por ela percorrido e das diversidades culturais e fatores que a inspiraram e contribuíram para sua formação até que chegasse ao Brasil. Na França, recebeu o nome de *littérature de colportage*, ou seja, literatura de mascate, o que de antemão faz lembrar a vida



nômade dos trovadores medievais que vagueavam por lugarejos e cidades apregoando suas cantigas. Na Espanha, foi chamada de *pliegos sueltos*, enquanto em Portugal tornou-se conhecida como *folhas soltas*, ou *folhas volantes*. Depois, firmou-se definitivamente como *Literatura de Cordel*, nome pelo qual passou também a ser conhecida no Brasil, ainda que, como já se disse, somente muitos anos após sua chegada e desenvolvimento no Nordeste.

Quanto ao lugar do seu surgimento no Brasil, tem-se como certo que a Paraíba é o Estado onde apareceram os primeiros folhetos. Nessa região, destacaram-se vários poetas que produziram alguns dos mais expressivos textos de cordel: Apolônio Alves dos Santos (*A moça que se casou 14 vezes e continuou donzela*), Francisco de Chagas Batista (versificação de *História da Imperatriz Porcina*), João Martins de Athayde (*História da Princesa do Reino da Pedra Fina*), João Melchíades Ferreira (*Roldão no Leão de Ouro*), José Camelo de Melo Resende (*O Romance do Pavão Misterioso*), Manoel d'Almeida Filho (*Vicente, o rei dos ladrões*), Leandro Gomes de Barros (*A Prisão de Oliveiros*). Mais tarde, com o surgimento da tipografia, novo recurso tecnológico da imprensa que facilitou enormemente a publicação de folhetos, Pernambuco atraiu a maior parte desses poetas paraibanos, de modo que o ambiente de efervescência do cordel proporcionou o aparecimento de novos poetas locais ou oriundos de outros Estados do Nordeste.

Os estudiosos não dizem, com precisão, qual o marco inicial da Literatura de Cordel no Brasil, já que, antes do aparecimento da imprensa no sertão nordestino, houve, além das produções orais não registradas, obras produzidas em forma de manuscritos. Entretanto, informam que os primeiros textos escritos começam a aparecer por volta do final do século XIX, depois de 1880. De acordo com Silva (2005), as próprias informações sobre as primeiras manifestações da Literatura de Cordel oral, precursora do folheto e cultivada nas cantorias e pelepas por antigos repentistas sertanejos, não oferecem muita consistência. Em todo caso, Meyer (1980), informa que coube ao poeta Silvino Pirauá de Lima, nascido em 1848 e falecido em 1913, a primazia de ter rimado histórias antigas, como *História de Zezinho e Mariquinha* e *História do Capitão do Navio*, que continuam sendo reeditadas até os dias de hoje. No ramo editorial, Leandro Gomes de Barros, considerado por muitos como o maior poeta da Literatura de Cordel no Brasil, foi o primeiro a imprimir e vender os folhetos que ele mesmo escrevia, enquanto João Martins de Athayde tornou-se o maior editor de cordel de todos os tempos no Nordeste.

É sabido que, nas comunidades letradas, convivem naturalmente dois tipos de manifestações poéticas: uma que pretende ser culta, pretensamente universal e mais presa ao rigor da gramática e da escrita; outra, singela, popular e mais livre, que se interessa pela

coisas locais, ao gosto da gente simples e mais próxima da oralidade. Porém, essas características não impedem que os dois modelos de poesia se influenciem ou que contenham elementos em comum, tanto em relação ao vocabulário empregado quanto aos temas explorados. Logo, do intercâmbio ou junção dessas duas linguagens é que resultou o cordel, isto é, trata-se de produção influenciada por fontes eruditas, mas que apresenta nítidos traços populares que comprovam a grande influência recebida da oralidade. Portanto, este é o motivo por que personagens, histórias ou paráfrases de histórias de livros muito antigos de origem erudita podiam ser encontradas nos folhetos de cordel e, às vezes, conhecidas ou declamadas por sertanejos de pouca ou nenhuma escolaridade. Do mesmo modo que a maioria dos estudiosos que acreditam na antiguidade do cordel, também José Ramos Tinhorão, em nota de rodapé, *apud* Ângelo (1996, p. 34) diz: “O mais possível é que essa forma literária tenha surgido com as próprias línguas derivadas do latim, pois há temas de romances narrativos do século XVI que se referem a fatos acontecidos até o séc. VI”.

Segundo Abreu (2011), foi em Portugal, no século XVI e proveniente da vasta produção teatral de Gil Vicente, que apareceram as primeiras peças classificadas como cordel pelos estudiosos, de acordo com as características que apresentavam. Entretanto, o cego Baltazar Dias, oriundo da escola vicentina, tornou-se o grande autor dessa literatura em Portugal, ao publicar suas histórias sob a forma de folhetos. Usando uma linguagem simples, Baltazar conseguiu captar e traduzir o sentimento ingênuo do povo português, com uma produção poética de grande aceitação popular, muito lida em sua época e mesmo nos séculos seguintes. Dentre as obras desse poeta, ao que parece, a mais citada pelos estudiosos é a famosa *História da Imperatriz Porcina*. Derivada de antiga lenda medieval europeia, a história narra as atribulações da mulher inocente e injustamente caluniada, mas que é recompensada quando a verdade finalmente prevalece. Além dessa história versificada por Baltazar Dias, apareceram outras que contam a vida fabulosa de mulheres extraordinárias, como: *Princesa Megalona*, exemplo de esposa fiel e casta segundo os mandamentos das escrituras sagradas; *História da donzela Teodora*, em que a mulher, a despeito da admirável formosura, não se vale dessa qualidade para conseguir seus intentos. Por conseguinte, não lhe são atribuídas as habituais paixões humanas, nem há referência ao amor conjugal, de modo que essa personagem assexual vence os obstáculos com o emprego da inteligência superior, decifrando as mais intrigantes charadas, algo que lembra as velhas histórias do Oriente e insere Teodora na estirpe da lendária Scheherazade. Outros livros famosos também fizeram grande sucesso, como as histórias de *Carlos Magno e dos Dozes Pares de França*, que contam as façanhas da tropa de elite leal a esse rei, sob o comando do seu sobrinho Rolando;

igualmente famoso é *Roberto do Diabo*, personagem fantástico que, tendo sido oferecido ao diabo pela mãe, ainda no ventre, levou uma vida de depravação e maldade; *Pedro Sem*, trata-se de uma referência simbólica aos possuidores de grandes fortunas, os quais terminam sendo merecidamente castigados em razão da arrogância desmedida; *História de João de Calais* que apresenta, como ponto principal, a exaltação dos valores humanitários exemplarmente cultivados pelo personagem (CÂMARA CASCUDO, 1952, pp. 203 a 216).

Ainda a respeito da origem e ancestralidade do cordel, o Professor Manuel Diégues Júnior, em prefácio do livro *Antologia da literatura de cordel* de Batista (1977), informa:

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população.

Como se vê, a opinião generalizada entre os autores é que essas histórias e muitas outras em versos e em prosa vieram da Península Ibérica para o Brasil, em folhas soltas ou mesmo manuscritas, e aqui a literatura de cordel teve continuidade, simplesmente adaptando-se às condições socioculturais do Nordeste e ao gosto do leitor sertanejo. No entanto, convém observar que Márcia Abreu (2011), tendo feito um minucioso estudo comparativo entre o cordel produzido no Brasil e o de Portugal, não aceita a hipótese dessa filiação. Argumenta que as obras portuguesas, ao contrário das brasileiras, não seguiam nenhum padrão quanto ao gênero e à forma; abrangiam, indistintamente, peças teatrais, hagiografias, contos fantásticos, novelas ou qualquer outro tipo de produção, além do que essas histórias podiam ser escritas em verso ou em prosa. Ademais, diz a autora que os textos portugueses mostravam-se prolixos, com uma sintaxe de períodos excessivamente longos e pouco fluentes que, provavelmente, se apresentados à população brasileira, trariam dificuldades de entendimento e desagrado a leitores mais afeitos a uma cultura oral como era a nordestina. Outro indício apontado de forma categórica por Abreu, a fim de corroborar a não filiação do cordel brasileiro ao português, é o fato de que, antes de 1930, época em que o cordel já estava plenamente consolidado no Brasil, apenas três obras, dentre as muitas que haviam sido

importadas, tinham sido aproveitadas para o folheto e sofreram versões nordestinas: *História da Donzela Teodora*, a *História de Pierre e Megalona* e a *História da Imperatriz Porcina*.

Enfim, levando-se em conta as informações da estudiosa, os textos em Portugal eram considerados cordel, possivelmente, menos pelo conteúdo que pelos elementos externos, como a materialidade apresentada – em forma de folhetos, – e pelo modo como eram expostos para a venda. Em vista desses fatores, portanto, absolutamente convicta do distanciamento entre as literaturas desenvolvidas em Portugal e no Brasil, a autora não hesita em sugerir nomes distintos: *Literatura de cordel portuguesa*, *Literatura de folhetos nordestina*.

No entanto, ainda que se considere que a Literatura de Cordel tenha sido trazida da Península Ibérica para o Brasil, certamente teve que adaptar-se às condições da região nordestina, onde encontrou ambiente geográfico e sociocultural bem diverso, mas particularmente favorável. No Nordeste, alguns fatores enriqueceram-na e a levaram a uma prosperidade extraordinária, com uma produção de folhetos cujas características singulares mostraram-se bem diferentes das encontradas nos folhetos da literatura de cordel lusitana. Enquanto na Europa misturavam-se os gêneros, no Brasil trata-se de uma literatura essencialmente poética. Este detalhe torna-se um diferencial importante na avaliação dos textos, porque, de acordo com a opinião de grandes conhecedores do assunto, até mesmo as velhas histórias em forma de novela ou de romances divulgadas em Portugal e igualmente lançadas no Brasil, ainda que em edições baratas e à mesma época do folheto, não são consideradas cordel. Esses textos, contudo, podem ser vistos como cordel quando versificados, ou seja, adaptados para o folheto, mas desde que contenham as características e normas exigidas por essa literatura.

Esse aspecto grandemente enriquecedor constitui mais uma das particularidades observadas no cordel do Brasil, que consiste na apropriação de outras formas de conhecimento e do diálogo com outros tipos de manifestações artísticas, sobretudo com o cinema e a literatura oficial. Por isso, partindo da história de filmes famosos, alguns poetas de cordel produziram obras, como *O Ébrio*, *Sansão e Dalila*, *Assalto ao Trem Pagador*, ou, claramente inspirados em livros da literatura brasileira, compuseram folhetos, como *História da escrava Guiomar*, e *O Romance de Iracema a Virgem dos Lábios de Mel*. A respeito dessa influência do cinema sobre o cordel, Proença (1977, p. 40) questiona: “Joana D’Arc e seus feitos atingem o sertão em folhetos que apresentam na capa Ingrid Bergman, depois que se fez heroína de Hollywood. Sob este aspecto o cinema tem desvirtuado muito a pureza original dessa literatura.” Por conseguinte, em determinadas situações, o cordel realimenta-se dos textos de outras manifestações artísticas; em contrapartida, também há momentos em que

serve de subsídio, como no caso do folheto de Manoel Camilo dos Santos *Viagem a São Saruê*, que motivou o filme *O país de São Saruê* (1971), do cineasta Vladimir de Carvalho.

Convém esclarecer que, em textos como esses, apesar da inter-relação entre o folheto e a obra que lhe serve de matriz, o cordelista não faz uma cópia dessa obra original. Dotado de talento e liberdade para recriar, esse poeta produz um novo texto, mas versificado e seguindo as normas exigidas com as características próprias da Literatura de Cordel, ainda que conserve algumas personagens e muito do fio condutor da história que serve de modelo.

Pela forma com que os grandes autores têm discutido sobre o início do cordel em nosso país, sem chegar a uma conclusão definitiva e satisfatória, conclui-se que não é tarefa das mais fáceis esclarecer em que condições e proporção a Literatura de Cordel lusitana contribuiu para a formação do cordel no Brasil. Contudo, essas dúvidas podem servir para comprovar a diferença, a grandeza e a exuberância alcançada por essa expressão artística no Nordeste, notadamente se comparada às produções realizadas tanto em Portugal como nos países da América Latina.

Tendo feito um delineamento sobre a origem do cordel e sua evolução depois de introduzido no Brasil, seguem algumas considerações acerca de importantes autores e respectivas obras, bem como de alguns trabalhos acadêmicos que trouxeram significativas contribuições para os estudos dessa literatura.

## **1.2 Estudos e obras sobre o cordel: revisão crítica**

A Literatura de Cordel, em forma de folhetos, já completa mais de um século de atividades no Brasil. Entretanto, desde o início, no final do século XIX, e mesmo durante o seu auge em meados do século XX, jamais alcançou o prestígio que a crítica tem concedido à literatura oficial, e suas obras nunca estiveram inscritas na historiografia da chamada alta literatura brasileira. Trata-se, assim, de uma manifestação artística marginalizada, superficialmente conhecida pela elite intelectual, ou, pode-se dizer, às vezes, menosprezada pela crítica da literatura oficial. Portanto, embora o folheto de cordel seja, essencialmente, um veículo de manifestação popular e representação sociocultural de uma região do Brasil, seus textos sempre careceram de uma avaliação feita sem ressalvas, ou rótulos, que lhe proporcionasse a condição de produção literária de qualidade reconhecida pela crítica. Se se pretende estabelecer um paralelo referente à atenção recebida pelas duas literaturas, observe-

se que, mesmo os leitores de nível escolar mediano, em sua grande maioria, podem se lembrar facilmente de grandes expoentes da literatura brasileira, como Castro Alves, Machado de Assis, Jorge Amado, ou Carlos Drummond de Andrade. No Cordel, porém, raros são os leitores que saberiam dizer o nome de algum poeta, ainda que este faça parte da lista dos mais renomados ou já considerados clássicos, como: Manuel d’Almeida Filho, Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá de Lima, João Melchíades Ferreira, João Martins de Athayde, José Camelo de Melo Rezende, Firmino Teixeira do Amaral, e outros mais.

Para exemplificar a flagrante indiferença, senão o descaso com que o cordel foi tratado durante todo esse centenário de existência, já seria bastante a verificação do modo como a Literatura de Cordel tem sido definida em alguns dicionários: “a de pouco valor literário, como a das brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros” (CALDAS AULETE, 1978, p. 2164); “Literatura, escritos, contos, novelas, poesias de valor mínimo, populares” (SILVEIRA BUENO, 1968, p. 2194); “a de pouco ou nenhum valor literário, como a das brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros (HOUAISS, 1976, p. 1055)

Ainda que boa parte da elite literária no Brasil tenha visto o cordel com certa indiferença ou rejeição, desde o seu início e durante todo o século XX essa literatura foi intensamente estudada por pesquisadores de destaque, como Luís da Câmara Cascudo (1952), Silvio Romero (1977), Orígenes Lessa (1973), Manuel Diegues Júnior (1986) e Átila de Almeida (1978), dentre outros. Entretanto, apesar da inestimável contribuição prestada por esses autores e o seu evidente interesse em pesquisas sobre o cordel, a maioria deles preocupou-se com as manifestações populares em geral, de modo que o cordel representou um campo de estudos considerado mais pelo viés do folclore.

Dentre esses autores já mencionados, Luís da Câmara Cascudo é dos que mais colaboraram para o desenvolvimento dos estudos da poesia popular do Brasil. A título de exemplo, merece ser lembrada a obra *Vaqueiros e cantadores* (1939), em que o folclorista faz um estudo da poesia tradicional sertaneja caracteristicamente oral, das diversas formas de cantoria e desafios entre os mais famosos violeiros do Nordeste, dos louvores e orações rimadas, do ABC – este, uma das formas do folheto –, mas ainda não se refere a *cordel*, palavra que começa a ser empregada com mais frequência pelos estudiosos somente a partir de meados do século xx. Noutro livro de sua autoria, *História da Literatura Brasileira: literatura oral* (1952), Câmara Cascudo pesquisa com profundidade os principais temas populares, os contos e fábulas originados da Europa, além de histórias indígenas e as trazidas pelo povo africano. Também noutra obra sua, *Cinco Livros do Povo* (1953), faz um

minucioso estudo de vetustas e famosas histórias provindas da Península Ibérica, como *Donzela Teodora*, *Roberto do diabo*, *Princesa Magalona*, *Imperatriz Porcina* e *João de Calais*. Portanto, um conjunto de elementos antropológicos oriundos de grupos sociais diferentes e diversas formas de manifestações orais, como as cantorias e histórias do folclore brasileiro vieram contribuir para a formação da literatura popular, assim como diz o autor:

A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar (CÂMARA CASCUDO, 1952, p.25).

Dir-se-ia, portanto, que a inserção da Literatura de Cordel escrita no estudo do folclore advém de dois motivos principais: a estreita relação entre o folheto e a oralidade popular nordestina ou, melhor dizendo, da filiação deste às trovas dos cantadores violeiros e aos embates nas pelejas, verdadeiros precursores que continuaram cultivados paralelamente ao folheto de cordel; a íntima relação do cordel com as velhas histórias provenientes da Europa, os mitos, as fábulas e contos de fada com fatos supostamente ocorridos em épocas indeterminadas e lugares longínquos.

Não obstante as dificuldades inerentes ao meio social em que mais foi produzida, agravadas pela falta de recursos dos autores e de incentivo das instituições governamentais, a Literatura de Cordel tem conservado a fidelidade dos antigos admiradores e despertado o interesse de novos leitores e estudiosos. Pesquisadores se debruçam sobre essa manifestação artístico-cultural, observando-lhe o valor, as peculiaridades linguísticas e temáticas, ressaltando sua considerável importância como depositário dos elementos sócio-históricos e identitários da região nordestina. Como resultado desses estudos, tem havido uma significativa produção de livros e publicações de teses, dissertações e artigos acadêmicos, dos quais alguns serão agora mencionados .

Dentre os livros vindos a lume que mais contribuíram com as pesquisas sobre a Literatura de Cordel, os seguintes serão citados como exemplos: *Autores de cordel: literatura comentada* (MEYER, 1980) contém um histórico da provável origem europeia dos folhetos, a polémica envolvendo o processo editorial, ainda muito indefinido e desregulamentado nas primeiras décadas do século xx, as características materiais e temáticas dos folhetos, a

biografia de alguns autores mais renomados desde o início ao apogeu do cordel no Brasil, e uma antologia de poemas separados segundo os assuntos desenvolvidos; *Literatura de cordel em discussão* (PEREGRINO, 1984), em que este autor revela-se um ardoroso defensor do cordel, condição comprovada já no título do prefácio escrito por Veríssimo de Melo: *Umberto Peregrino – aliado imbatível do cordel*.

Nesse livro, é efetuada uma detalhada exposição das principais características dos folhetos, como os temas explorados, os rígidos métodos de versificação, a tradicional e singular forma de divulgação feita pelos próprios autores e a opinião de estudiosos, como Câmara Cascudo e Silvio Romero. Assim como Meyer, o autor refere-se à polêmica de direitos autorais no cordel, que envolve o nome do poeta João Martins de Athayde, considerado o maior editor de folhetos na primeira metade do século xx. Peregrino sai em defesa da Luzeiro, localizada no Brás, em São Paulo, a maior editora de folhetos do país, às vezes acusada por alguns cordelistas de monopolizar o setor editorial, em detrimento das tradicionais gráficas, além de introduzir inovações no visual dos folhetos. Apesar da anunciada parcialidade e a apaixonada abordagem que o autor faz do cordel, o livro expõe a penúria econômica dos autores e a difícil situação por que passara essa literatura durante a maior parte de sua existência; *O cordel televisivo: futuro, presente e passado da literatura de cordel* (MAXADO, 1984) é de autoria de um cordelista dos novos tempos, com formação superior, que, embora convicto de que o cordel sobreviverá a todos os obstáculos decorrentes da vida moderna capitaneada pelos meios de comunicação, segundo ele, sobretudo a Rede Globo, deixa transparecer fundas incertezas num relato sombrio:

A literatura de cordel, nesse quadro, enfrenta o monstro desarmada. E sente que tem de se metamorfosear para conviver com os novos tempos. Vira marginal e teima em viver. Seus poetas marcham na frente, como representantes de um povo, sentindo suas aspirações. Lutam e sonham em usar as mesmas armas dos concorrentes, resistindo ao lado das “reservas analfabetas e de cultura popular: os cordelistas, cantadores, os escultores rústicos, os ceramistas, como exemplos”, conforme declarações do sociólogo Gilberto Freire. (MAXADO, 1984, p. 25).

Com essa desalentada declaração, o autor referia-se a poderosos “monstros” da comunicação como um dos principais concorrentes da Literatura de Cordel e grandes obstáculos à sua sobrevivência. Passados todos esses anos, desde que essas palavras foram



ditas, a situação já parece um tanto irônica, uma vez que o maior de todos os “monstros”, a Rede Globo, talvez tenha sido o veículo de comunicação que mais tratou sobre o cordel, fazendo com que a grande massa da população leiga brasileira tivesse uma ideia, ainda que superficial, sobre essa manifestação literária.

Em algumas reportagens, ou em programa exclusivamente dedicado ao cordel, como aconteceu com o Globo Rural, o grande público pôde tomar conhecimento das principais características dessa literatura, além dos tipos de personagens e temas tratados. Neste caso, pode-se afirmar que o exemplo marcante dessa exposição foi produzido pela novela *Cordel Encantado* transmitida em 2011, que, tendo alcançado uma satisfatória aceitação dos telespectadores, proporcionou o conhecimento dos principais aspectos que fazem parte do cordel.

Em *A Presença do Cordelistas e Cantores Repentistas em São Paulo* (ÂNGELO, 1996, p.54), o autor assim se refere ao Cordel: “A mais pura, autêntica e perfeita expressão literária do povo (brasileiro)...” e “O tipo de literatura que o Cordel expressa ainda hoje é fantasioso, fantástico mesmo, daí o segredo, talvez, da sua enorme importância e, quem sabe, da sua própria sobrevivência.” Convém observar como a palavra brasileiro, colocada entre parênteses pelo autor, parece reiterar a convicção de que a Literatura de Cordel, além de representar uma legítima expressão cultural da nacionalidade brasileira, significa, também, de forma mais particular, a manifestação popular com as características de um recorte do Brasil denominado Região Nordeste. Assis Ângelo explica ainda as características do folheto tradicional, faz uma síntese de sua história e mostra as dimensões usadas, bem como os tipos de rimas empregadas e temas tratados pelos poetas sobre a cidade de São Paulo. Fornece um panorama das condições do cordel na metrópole, em que estão presentes as dificuldades dos cordelistas e a atuação dos repentistas e folheteiros. Enfim, ressaltando, de forma categórica, a importância do cordel como produto de uma organização sociocultural, o autor considera essa literatura como elemento agregador capaz de estabelecer laços e conservar as tradições da gente nordestina migrada para a cidade grande.

Em *A Literatura de Cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade* (LUYTEN, 1981), além de discorrer sobre alguns aspectos históricos do cordel, refere-se também às questões de direitos autorais e ao fenômeno das migrações de leitores e de poetas nordestinos para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília; condena a posição de cordelistas e pesquisadores mais conservadores por não aceitarem certas mudanças quanto aos temas e ao aspecto gráfico, como as capas coloridas, tecnicamente mais sofisticadas do folheto. Por outro lado, o autor critica o folheto feito por encomenda, sobretudo os desafios fictícios que pretendem trazer

vantagem pessoal, com exaltação a personalidades da vida pública, no campo da vida política e artística. *Misticismo e Fanatismo na Literatura de Cordel* (1998) de Magna Celi Meira de Souza. Nesta obra, a pesquisadora faz um estudo detalhado sobre a religiosidade do sertanejo, aspecto social dos mais relevantes e já existente no cordel europeu desde as mais remotas épocas. Assevera que, no Nordeste, esse legado da fé encontrou meio social propício e refletiu intensamente nas páginas dos folhetos. Calcada nos ensinamentos bíblicos, principalmente no messianismo, exemplificado pela vida de Jesus Cristo e dos santos da Igreja, essa religiosidade exacerba-se, mistifica-se e concretiza-se nas figuras dos santos da terra, como Antônio Conselheiro, Frei Damião e Padre Cícero, tidos pelo sertanejo como detentores de poderes sobrenaturais. Portanto, são comuns as credices, bem como os sonhos e profecias sobre o futuro da humanidade, em títulos de folhetos como estes: *O Grande Debate de Lampião com São Pedro*, *As Sete Espadas das Dores de Maria Santíssima*, ou *A Surra que o Padre Cícero deu no Diabo*.

O livro *100 cordéis históricos, segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*, trata-se de uma antologia organizada por Gonçalo Ferreira da Silva (2008), presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Traz a relação dos poetas mais representativos e principais folhetos, muitos já considerados clássicos da Literatura de Cordel no Brasil, como *História de Zezinho e Mariquinha* de Silvino Pirauá de Lima, *História da Donzela Teodora* de Leandro Gomes de Barros e *História da Princesa do Reino da Pedra Fina* de João Martins de Athayde. Em dois grandes tomos, com boa encadernação, portanto num formato bem diverso dos pequenos e tradicionais folhetos, esses poemas integram o lançamento de um dos mais seletos acervos da Literatura de Cordel brasileira. Além da organização dessa antologia, nos últimos anos, Gonçalo Ferreira da Silva escreveu pelo menos mais duas obras: *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*, (2005) e *Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel*, (2005). Nesses dois livros, o cordelista faz, respectivamente, uma síntese sobre as origens do cordel e seu itinerário até os nossos dias, e elabora uma relação minuciosa dos verbetes que compõem a terminologia dessa literatura.

Com *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel*, outro conhecido estudioso, Mark Joseph Curran (1987), faz uma exposição das características da obra de Cavalcante, sobretudo nos textos de caráter jornalístico que têm a política como foco. Ressalta a importância do poeta dentro da Literatura de Cordel, registra sua opinião quanto ao valor do texto, ao aspecto visual do folheto e às regras que devem orientar a poética do cordel. Trazendo fragmentos de textos como exemplos, Curran discute ainda vários temas de interesse do poeta: as questões morais e sociais, como a prostituição, as tragédias e crimes

de grande repercussão nacional ou internacional, como a morte de um bispo por um padre em Garanhuns, o suicídio de Getúlio Vargas, ou a Guerra da Coreia e o assassinato do presidente John Kennedy. Quando os poemas se referem a acontecimentos políticos e personagens que marcaram a vida do país, evidencia-se o posicionamento paradoxal de Cavalcante. Este, tendo sido contemporâneo dos momentos mais críticos da história nacional no século xx, ora defende alguns nomes, louvando-lhes a coragem e o idealismo, ora condena outros como inimigos da pátria, ainda que ambos os lados contenham personagens que professam a ideologia de esquerda e mesmo do Comunismo explicitamente abominado pelo próprio poeta em outros folhetos. Portanto, enquanto em certo momento reverencia a figura do “Cavaleiro da Esperança” Luís Carlos Prestes, em outros, o reprova veementemente, bem como à ideologia de esquerda e ao regime comunista, apontando seus males, exaltando a figura de Getúlio Vargas como o defensor dos pobres, ou ainda se referindo aos generais da revolução de 1964 como legítimos heróis da democracia. Quanto a essa tendência de alguns poetas, em suas obras, manifestarem apoio aos políticos da situação, Proença (1977, pp. 76, 77) já havia dito:

A crítica, as denúncias, a “pichação” serão uma preocupação iterativa do poetas. Mas a louvação, a exaltação de figuras em destaque no país, também, sendo que é comum valer como credencial “aos poetas” o simples fato de alguém estar no poder – aproximando-se aqui o fascínio da celebridade e o estarem falando de alguém ou de algo bastante conhecido de todos.

Em outro livro, *A História do Brasil em Cordel*, Curran (2001) faz um estudo em que sobressai a função jornalístico-informativa da Literatura de Cordel, seguindo um cronograma histórico dos principais fatos da política nacional, desde a Guerra de Canudos até a deposição do presidente Fernando Collor. Trata-se, portanto, dos relatos da história não-oficial, em que os autores, embora procurem a fidelidade dos acontecimentos, não abdicam totalmente do caráter ficcional, do entretenimento, com a representação de uma cosmovisão particular.

O livro *A invenção do Nordeste e outras artes* de Albuquerque Júnior (2011) não se trata propriamente de um estudo destinado ao cordel, mas, pelo fato de reportar recorrentemente a essa literatura com informações importantes intimamente relacionadas a ela, parece válido incluí-lo nesta parte do texto. Segundo Albuquerque Júnior, historicamente, a noção de Nordeste começou a ser construída no início do século passado, entre o final dos

anos dez e começo dos vinte, por Gilberto Freyre e outros intelectuais. Consequentemente, produziu-se, no imaginário brasileiro, uma identidade estereotipada do nordestino, com as reiteradas referências a alguns aspectos físicos e socioculturais estigmatizados, dados como verdadeiros e exclusivamente pertencentes à Região Nordeste. Deste modo, as questões sociais do Nordeste, como a seca, o cangaço, o coronelismo e a miséria, (ainda) constituem elementos primordiais para a elaboração imagético-discursiva da Região: um lugar da periferia e passível de discriminação nas relações econômicas e políticas do país.

Com o livro *Histórias de cordéis e folhetos*, a pesquisadora Márcia Abreu (2011) apresenta fatos dados colhidos no Brasil e em Portugal, estabelece um abalizado confronto entre o que ela denomina Literatura de Cordel Portuguesa e Literatura de Folhetos Nordestina. Mostra algumas diferenças, sobretudo quanto à forma, entre os textos das duas literaturas, e procura comprovar que a nordestina não é derivada da portuguesa, divergindo frontalmente da opinião de conceituados estudiosos do cordel, como Luís da Câmara Cascudo e Manuel Diegues Júnior. Em seu outro livro *Antologia de folhetos de cordel: amor, história e luta*, Abreu (2011) oferece um panorama das formas e da trajetória da Literatura de Cordel, e apresenta algumas obras dentre as mais lidas até os dias de hoje: *O Pavão Misterioso*, *As Proesas de João Grilo* e *A morte do Presidente Getúlio Vargas*. Ademais, a autora retoma uma questão bastante discutida por outros cordelistas: a autoria dos folhetos no passado.

Como tem ocorrido em inumeráveis estudos de outros autores, sempre que tratam desse tema, foram lembrados os nomes do poeta editor João Martins de Athayde e do poeta João Melquíades Ferreira da Silva, uma vez que sobre eles pairam antigas dúvidas ou acusações de possíveis apropriações e plágio ocorridos numa época em que a regulamentação sobre os direitos autorais do cordel ainda era muito confusa ou inexistente. A respeito da possibilidade de existirem problemas relativos à autoria, Abreu (2011 p. 47) apresenta a seguinte informação: “José Camelo era um desses que não gostava de publicar seus versos, mantendo-os em cadernos. Segundo ele, Romano Elias teria emprestado a cópia da história do Pavão para Melquíades, que a teria publicado sem autorização.”

Embora se saiba que nem todos os cordelistas aceitam, de bom grado, certas intervenções investigativas, mais recentemente as universidades vêm redescobrando a importância do cordel como um dos mais relevantes elementos representativos da cultura nordestina, o que tem resultado em valiosas contribuições científicas. Vale registrar que, embora a *internet* ainda represente uma fonte de pesquisa relativamente nova, considerou-se por bem não prescindir dela para este trabalho, tanto pela crescente credibilidade apresentada, quanto pelo volume de informações e relevância das obras e textos científicos já publicados.

Citem-se, dentre as produções relevantes mais recentes, as seguintes: os ensaios de Resende *A representação da infância em situação de rua na literatura de cordel brasileira: uma análise discursiva crítica* (2007). Trata-se, portanto, de um trabalho que tem como *corpus* um folheto do cordel atual, *Meninos de rua*, de uma das poucas mulheres cordelistas, Esmeralda Batista. Essa efetiva participação da mulher, também como poeta, a que um ou outro estudioso denomina “cordel de saias”, é fato novo, já que no cordel mais antigo não se tinha notícia da produção escrita feminina. Neste ensaio, Resende analisa o discurso fatalista e a legitimação do discurso assistencialista de Batista direcionado às classes desfavorecidas, como os meninos de rua.

Em outro, *Literatura de cordel: uma aproximação etnográfica ao gênero* (2008), essa autora relaciona algumas características desse gênero literário, sua função como veículo de informação do sertanejo no passado, a tendência ao engajamento nas questões sociais e as novas formas de distribuição do folheto em locais, como pontos turísticos, livrarias e aeroportos. Por meio de informações colhidas de cordelistas, a autora fala sobre a adaptação do cordel ao mercado atual, a relação com a mídia, e aponta as dificuldades no mercado editorial; *Novas cartografias no cordel e na cantoria: desterritorialização de gênero nas poéticas das vozes* (2009), tese de doutorado de Francisca Pereira dos Santos da Universidade Federal da Paraíba, que discorre sobre a participação da mulher testemunha de uma comunidade oral como cantadora e autora de cordel. Assim, a autora procura construir a historiografia dessas figuras femininas que, até então, permaneciam com pouca visibilidade apesar de terem produzido textos de cordel.

Com a tese *Escrituras nômade do cangaço: o folheto de cordel como signo motivador do cinema nas décadas de 1950 e 1960* (2009) da Universidade Federal da Paraíba, Gilvan de Melo Santos procura analisar o nomadismo geográfico e simbólico do cangaço em folhetos e filmes, demonstrando o modo de configuração de folhetos de cordel, como signos motivadores de “filmes do cangaço”, produzidos nas décadas de 1950 e 1960. Por sua vez, Simone de Paula dos Santos Mendes com a tese *Um estudo da argumentação em cordéis midiaticizados: da enunciação performática à construção discursiva da opinião* (2011), procura analisar o cordel a que ela denomina midiaticizado, ou seja, aquele localizado na fronteira entre a literatura e a mídia. De acordo com a autora, esse cordel se constitui a partir de um acontecimento atual do qual o poeta se torna testemunha, e é proveniente do espaço público.

Por fim, merece registro a tese de Doutorado de Nemer (2005), *A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha*, que traz uma reflexão sobre a apropriação da Literatura de Cordel em *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e em *O dragão da maldade*

*contra o santo guerreiro* (1969), filmes de Glauber Rocha. A estudiosa discorre com profundidade sobre as condições socioculturais da comunidade sertaneja, realiza um levantamento dos fatores essenciais que contribuíram decisivamente para a formação do cordel, como o coronelismo, a religiosidade e o cangaço, e faz uma minuciosa exposição dos aspectos psicológicos do homem sertanejo e seu expoente máximo de indivíduo agreste e valente: o cangaceiro-herói.

Com respeito à proposta desta pesquisa e a direção a ser tomada, reitera-se aqui a convicção sobre a relevância da Literatura de Cordel como representante da cultura do Nordeste, sabidamente de origem popular, o que vem corroborar a pertinência da inclusão dessa *manifestação* no âmbito dos Estudos Culturais. O termo *manifestação*, agora provisoriamente usado, pretende apenas apontar para o fato de que a Literatura de Cordel no Brasil, desde seu início, esteve fora do centro, tanto no sentido geográfico – no sertão nordestino longínquo, isolado e desconhecido dos polos urbanos mais desenvolvidos, – quanto em relação ao desprestígio como criação artística e intelectual diante da crítica da literatura oficial brasileira. Portanto, geralmente é tratada como mera expressão da cultura popular, aliás, aproximando-se visivelmente das manifestações folclóricas, com as quais os temas explorados, mormente os que tratam do maravilhoso, mantêm muitos pontos em comum. Quando muito, sobretudo por ter se tornado no Brasil essencialmente regionalista, nordestino e sertanejo, o cordel é visto como uma literatura paralela à prestigiada Literatura Brasileira.

Para facilmente comprovar o desnível da atenção concedida às duas literaturas, basta que se observe o total desconhecimento do cordel por parte dos leitores brasileiros não especialmente interessados, a ausência de seus textos nas prateleiras das livrarias e nos livros didáticos, além do completo anonimato em que sempre se mantiveram os poetas fora do sertão nordestino.

Hoje, finda a primeira década do século XXI, a Literatura de Cordel alcança o seu centenário de vida no Brasil e enfrenta uma nova realidade social, visto que não resta dúvida de que o mundo jamais sofrera tantas mudanças em tão pouco tempo, principalmente nas três ou quatro últimas décadas. E no meio de sociedades movediças, migrantes e marcadas pelo progresso e pelas rápidas urbanizações, essa literatura procura se manter, em que pese às implicações causadas pela complexidade do mundo moderno. Tendo em vista esses aspectos é que esta pesquisa será realizada segundo os parâmetros dos Estudos Culturais.

Em relação aos Estudos Culturais, atividade humana que se desenvolveu na última década do século XX, existem autores que, em vista de sua vasta abrangência, recomendam a

não conceituação desse campo de estudos assim como da própria Literatura Comparada, que com eles estabelece íntimas relações. Entre esses autores, encontra-se Cunha (1998, p. 66), que, nestes termos, assevera:

(...) vale a pena evitar definições, seguindo a sugestão de Fredric Jameson, pois defini-los significaria detê-los para retirar deles aquilo que não são, estabelecer fronteiras movidos por uma vontade de pureza, ou, dito de outra forma, ceder ao projeto platônico de separação e classificação, em linhagens, por uma lógica de semelhanças, do autêntico ou legítimo – o que é digno de herdar o nome –, e do inautêntico, ilegítimo, secundário.

Ainda que não se deva – como sugerem os autores – ou não seja possível conceituá-los, convém esclarecer que os Estudos Culturais interessam-se tanto pela cultura elitizada quanto pela cultura popular e de massa, observando suas relações, estudando a formação e deslocamento das identidades, suas múltiplas maneiras e como são vividas. Trata-se, portanto, de um campo interdisciplinar que abrange inclusive os estudos literários, razão por que tornam-se mais difíceis a definição e a exposição de sua teoria. Enfim, como tentativa de elucidar a questão, vale o registro deste pensamento de Culler (1999, p. 49):

Em sua concepção mais ampla, o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais.

Por conseguinte, a Literatura de Cordel do Brasil, em face das características geográficas de onde ela floresceu (o sertão inóspito e distante dos grandes centros urbanos) e aspectos sociais singulares que a compuseram (o analfabetismo, a rusticidade e misticismo do homem e sua longa história de luta pela vida), constitui a trajetória do povo sertanejo e exhibe seus aspectos identitários bem definidos. É certo que grande parte das obras vindas a lume, como as elencadas, têm trazido fartas contribuições aos estudos da Literatura de Cordel. Tendo se realizado com sucesso numa região pobre, intelectualmente atrasada e num momento que já parece muito distante em face da evolução do país, o cordel agora tenta se

manter na época das comunicações instantâneas do mundo globalizado. Em face das transformações sociais que têm afetado, de forma especial, a produção do cordel no Brasil, da importância dessa forma de expressão artística, reconhecida como patrimônio sociocultural do Nordeste, consideramos que essa literatura representa um ramo de conhecimento propício aos interesses e investigações científicas sobretudo no campo dos Estudos Culturais.

É verdade que grande parte das obras publicadas têm contribuído significativamente com os avanços das pesquisas científicas e propiciado uma melhor compreensão e o resgate do valor da Literatura de Cordel. No entanto, a despeito do mérito científico e do grande volume dessas produções mais recentes, estamos convictos de que, em face da relevância e variedade dos aspectos históricos e socioculturais inerentes a essa literatura, ainda existem outras possibilidades de investigação de temas ainda não totalmente explorados pelos estudiosos, como: a espontaneidade e a beleza da poética dos antigos folhetos: corrigir ou não corrigir a linguagem; indícios do preconceito racial nos folhetos de cordel; a representação da religiosidade por intermédio de paráfrases de textos bíblicos na Literatura de Cordel.

A propósito dessas possibilidades de estudos que o cordel ainda pode oferecer, vale lembrar o que diz Cavignac (2011, p.7) em seu artigo “Destinos Migrantes: Representações Simbólicas, Histórias de Vida e Narrativas”:

Os estudos clássicos sobre a poesia popular do Nordeste brasileiro não têm conseguido, a contento, perceber a riqueza do material encontrado sob uma perspectiva teórica, deixando mais registros e antologias do que análises propriamente ditas. Assim sendo, como dar conta da multiplicidade dos gêneros poéticos? Por exemplo, o poeta de cordel pode ser, ao mesmo tempo cantador de viola, glosador, contador de estória, cantor, decorar romances e dramas etc.

Depois do que foi até aqui exposto, não se poderia deixar de falar de um dos grandes nomes do cordel: Patativa do Assaré. É provável que, quando se fala de literatura brasileira, pensa-se logo na literatura oficial de que fazem parte os gêneros literários, como a poesia, as novelas ou os romances produzidos pelos expoentes do cânone, cujos principais nomes costumam ser facilmente identificados, e suas obras lidas por uma boa parte do grande público de escolaridade mais avançada. Portanto, não se pensaria em literatura popular que, além de não fazer parte da cultura dominante, apresenta, de acordo com alguns autores, um conceito pouco satisfatório em decorrência da polissemia da palavra “popular”.



Nesse caso, com mais razão, a Literatura de Cordel muito dificilmente seria lembrada, uma vez que, tendo sua origem e desenvolvimento dentro das comunidades formadas pelo povo mais simples, trata-se de uma manifestação literária brasileira com características muito particulares, específicas, por causa dos aspectos físico-socioculturais. Em seu âmbito, a Literatura de Cordel é constituída por autores de renome, como: Leandro Gomes de Barros, Manoel d'Almeida Filho, José Camelo de Melo Resende, João Martins de Athayde, Firmino Teixeira do Amaral, dentre tantos outros que poderiam ser citados. Entretanto, esses poetas, por mais talentosos que tenham sido, o prestígio e o eco de sua fama pouco ultrapassaram os limites do cordel e não foram suficientes para chamar a atenção e conquistar o reconhecimento da grande crítica.

Logo, não se deve esquecer o fato de que o cordel representa uma forma de produção artística paralela à literatura nacional, mas com um reconhecimento muito aquém desta, portanto marginalizada; haja vista que, mesmo sendo desenvolvida no Brasil, passou a ser designada, não pelos poetas, mas pelos estudiosos, com uma terminologia que já está definitivamente consolidada: *Literatura de Cordel*. Deste modo, como já foi mencionado, a maioria dos poetas terminaram aceitando de bom grado esse nome assim como a própria denominação de *cordelistas*. Esclarece-se, aqui, que esse preâmbulo se justifica em face da notável relevância atribuída a Patativa do Assaré num contexto que envolve a literatura popular e principalmente a Literatura de Cordel.

Patativa do Assaré, poeta de talento incomum e, de certo modo canônico dentro do cordel, representa uma exceção quando se trata de notoriedade. Mas, esse poeta, em razão da longa vida de noventa e dois anos, pertence também aos novos tempos. Tendo conseguido o reconhecimento da mídia, não apenas escrevia, mas também gostava de declamar, pois, como dizem, os seus poemas, trazia-os todos guardados na memória. Por isso, a genialidade incontestável, coincidente com o momento favorável em que viveu, pode ter-lhe facilitado sobremaneira a projeção que outros poetas do passado, porventura igualmente grandes, nunca alcançaram, como atestam as honrarias obtidas e o título de doutor *honoris causa* recebido por algumas universidades. Em vista disso, pode-se dizer que foi o único poeta a conseguir transpor as fronteiras entre o cordel e a elite cultural, tanto que seus poemas ou fragmentos de poemas, em contraste com o anonimato de grandes cordelistas do passado, já fizeram parte até mesmo de livros didáticos de Língua Portuguesa. Todavia, a bem da verdade, embora Patativa do Assaré seja um nordestino legítimo, não parece ter sido um poeta como os outros cordelistas, mesmo os maiores como esses já referidos. Além do talento inquestionável e da

época em que viveu, a diferença verificada entre Assaré e seus conterrâneos poetas talvez se deva, principalmente, a outras características distintas e fundamentais de sua obra.

Convém observar que Assaré não se prendeu a aspectos sócio-históricos dos quais outros poetas se ocuparam, como as façanhas dos grandes cangaceiros ou a vida dos messias milagreiros do sertão. É fato que Patativa destacou-se por demonstrar uma lúcida consciência social, sobretudo por trazer à tona alguns problemas que mais causaram e intensificaram as agruras do sertanejo: a seca, a emigração do nordestino e o sofrimento no Sul, a desigualdade social fomentada pela ganância dos mais ricos, a viciosa desonestidade na política, temas de obras que lhe trouxeram renome nacional, como estas: *A triste partida*, *O poeta da roça*, *Cante lá que eu canto cá*, *Seu Dotô me conhece?* Portanto, de certo modo, trata-se de um poeta engajado, capaz de fazer duras críticas à sociedade, mas que nem por isso deixou de construir uma obra perpassada por intenso lirismo.

O próprio Assaré disse ter frequentado regularmente a escola apenas por um período de seis meses. No entanto, a impressão é que a diminuta escolaridade não o impediu de apreciar a boa literatura, porquanto alguns estudiosos de sua vida e obra, como Plácido Cidade Nuvens (1995), asseveram que o poeta era homem de muitas leituras e, em sua casa, tinha livros de grandes autores, como Camões, Castro Alves, Casimiro de Abreu e Coelho Neto.

O texto de Assaré, frequentemente, aparece marcado por forte oralidade, onde se nota a fala inculta do matuto, como nestes versos de *Caboca da Minha Terra*, contidos em *Cante lá que eu canto cá* (ASSARÉ, 1978, pp. 110-114):

Ela não anda decente  
 Não pissui inducação  
 Pois veve constantemente  
 De apragata ou pé no chão,  
 Não tem de letra ricuço,  
 Não sabe fazê discuço,  
 Não sabe lê nem contá,  
 Pois não tem sabedoria,  
 Mas faz renda, cose, fia  
 E travaia no tiá.

Considerando o fato de que Assaré gostava de ler e conhecia grandes autores, é de se crer, – como afirmam alguns estudiosos de sua obra, – que o poeta, muito provavelmente, usava a linguagem mais próxima da fala do homem rude e semialfabetizado a fim de melhor se fazer compreender por esse leitor, mas também como forma de alcançar expressividade e

efeito estilístico. Portanto, se for esse o motivo, vê-se que o poeta fala com conhecimento de causa, como autêntico porta-voz do homem simples do campo, além de deter o mérito de não parecer fingido ou artificial. Mas a linguagem matuta nem sempre está presente em seu texto, o que reforça a impressão de ter sido escrita de forma intencional, aspecto que parece se confirmar quando se lê um poema como *Caboclo Roceiro*, também do livro *Cante lá que eu canto Cá* (ASSARÉ, 1978, pp. 99-100), em que sobressaem a linguagem escorreita e o ritmo enérgico de versos comparáveis aos de muitos poemas da literatura prestigiada brasileira, tal como se vê nestas estrofes:

Caboclo roceiro das plagas do norte,  
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,  
A tua desdita é tristonho que canto,  
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,  
És rude, cativo, não tens liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola,  
Teu braço é a mola que move a cidade.

Por conseguinte, tanto pela vida que levou quanto pela obra que construiu, Assaré pode ser considerado um poeta de várias características: vivendo na roça e de parca escolaridade, expressa-se com naturalidade e graça na língua do conterrâneo inculto; leitor de grandes obras literárias, sabe escrever na linguagem culta, declama nos púlpitos das universidades e torna-se doutor *honoris causa*, porém sem jamais deixar de ser a voz natural e consciente desse mesmo homem do sertão.

Enfim, é possível que um dos maiores legados que Patativa do Assaré deixou à Literatura de Cordel seja o elo que conseguiu estabelecer entre o sertão e a cidade, entre o cordel e o ambiente da elite cultural, uma vez que, enquanto adquiriu celebridade com uma obra amplamente respeitada pelo notável engenho literário, também fez com que essa literatura adquirisse mais evidência entre todas as classes sociais, ainda que não tenha, rigorosamente, seguido o estilo e a temática do folheto de cordel tradicional.

Depois de haver realizado o levantamento de obras de alguns dos principais teóricos do cordel e de significativas produções acadêmicas mais recentes, no Capítulo II serão tratados os aspectos físico-sociais do Nordeste que mais colaboraram para a formação da Literatura de Cordel no Brasil.

### 1.3 A seca no Nordeste

Ao longo do século XX, no Brasil, um assunto fez-se recorrente nos meios de comunicação: nas épocas das estiagens mais prolongadas do Nordeste, os noticiários mostravam a paisagem acinzentada do sertão, a morte do gado, a perda da lavoura e a sobrevivência quase impossível dos sertanejos, cujos semblantes abatidos refletiam a vida dura e sem perspectiva que levavam.

Trata-se de um fenômeno que, por muito tempo, levou as famílias a deixarem a terra natal provocando, em muitos casos, um problema ainda mais doloroso: a desagregação familiar, quando, carregadas de filhos, mulheres eram abandonadas pelos maridos que saíam para outras regiões do país em busca de melhores condições de vida, mas nem sempre retornavam. Surgiam, com isto, as conhecidas “viúvas da seca”, implicitamente mencionadas nestes versos da memorável canção de Luiz Gonzaga: “Então eu disse adeus Rosinha/Guarda contigo meu coração.”

Nesse aspecto, Luiz Gonzaga, com sua natural sensibilidade, talvez tenha sido o artista que melhor soube captar a angústia e os sonhos perdidos do sertanejo flagelado, como se pode verificar na letra da famosa música “Asa Branca”, que soa como um lamento ante a desesperança e a desolação da paisagem estorricada pela soalheira impiedosa:

Asa Branca

Composição: *Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira*

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Porque tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo o asa branca  
Bateu asas do sertão  
Então eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas,  
Nessa triste solidão,

Espero a chuva cair de novo  
Pra eu voltar pro meu sertão.

Quando o verde dos teus olhos,  
Se espalhar na plantação, eu te  
Asseguro, não chores não, viu  
eu voltarei meu coração.

Também na literatura, vários escritores contribuíram, de forma significativa, para que brasileiros de outros lugares conhecessem melhor essa região do país, com o relato da difícil luta das pessoas pela sobrevivência diante da natureza hostil e da desigualdade social. Em 1902, Euclides da Cunha publicou *Os Sertões*, obra que descreve a Guerra de Canudos no sertão da Bahia, a vida e o modo de pensar do povo sertanejo, ao final do século XIX, ainda pouco conhecido por outras regiões do país. Nas décadas seguintes, conhecedores dos problemas enfrentados pelo homem do sertão, vários escritores nordestinos também publicaram livros importantes, dos quais se destacaram alguns nomes e respectivas produções: José Américo de Almeida com *A Bagaceira* (1928); Rachel de Queirós, com o livro *O Quinze* (1930); Graciliano Ramos, com *Vidas Secas* (1938); José Lins do Rego, com *Pedra Bonita* (1938); Jorge Amado, com *Gabriela, Cravo e Canela* (1958); Ariano Suassuna, com a peça teatral *Auto da Compadecida*, de 1957.

A partir dessas informações trazidas pelos livros e pelas músicas, os brasileiros de outras regiões mais favorecidas do país passam a conceber a ideia do Nordeste, talvez com algum excesso, como o lugar onde as pessoas vivem de forma precária, perenemente maltratadas pelo clima tórrido do sertão e injustiçadas pelas desigualdades sociais.

Quanto a essa imagem, consolidada como forma metonímica de identificação do Nordeste, usada por estudiosos, escritores, e já impregnada no imaginário popular que vê no sertanejo uma vítima das condições adversas de sua terra natal, nem todos os estudiosos parecem estar de acordo. Haja vista o que diz Albuquerque Júnior (2011, p. 134):

Um sertão que é o Nordeste, espaço mítico já presente na produção cultural popular, no cordel e em romancistas do século XIX, como Franklin Távora e José de Alencar, sistematizado definitivamente por Euclides da Cunha e, agora, agenciado para representar uma região. O sertão deixa de ser aquele espaço abstrato que se definia a partir da “fronteira da civilização”, como todo o espaço do interior do país, para ser apropriado pelo Nordeste. Só o Nordeste passa a ter sertão e este passa a ser o coração Nordeste, terra da seca, do cangaço, do coronel e do profeta.

Não obstante a respeitável opinião de Albuquerque Júnior acerca de possíveis exageros e mitificações contidas nas obras de estudiosos e escritores, que, porventura, possam representar um fator de discriminação sociocultural contra a região, o fato é que, desde o primeiro século da época colonial, houve o registro de grandes secas na Região Nordeste do Brasil, algumas tão cruéis e célebres, como as de (1844-1846), (1877-1879), 1915, (1951-1953), 1958, e 1970, ocorridas de forma cíclica, às vezes, e outras anteriores ou mais recentes que se sucederam. Haja vista que, atualmente, nos anos 2012 e 2013, o Nordeste está enfrentando outra grande estiagem que, de acordo com os especialistas, pode ser considerada a maior dos últimos trinta anos, cujos efeitos só não têm se configurado em tragédia ainda mais terrível, em vista do nível de progresso e recursos alcançados pelo país. Em suma, como os cientistas facilmente explicariam, parece evidente que o fenômeno das secas pode incidir em qualquer região do Brasil, como, de fato, já tem acontecido, mas certamente não com a mesma frequência ou intensidade com que tem sido verificado na Região Nordeste. No entanto, a despeito de melhores possibilidades dos sertanejos e mais recursos promovidos pelo Estado, ultimamente esse fenômeno climático tem levado muitas famílias a abandonarem suas propriedades e casas para morar nas cidades. No passado, quando as condições do sertão eram mais precárias, tanto pelo isolamento quanto pela carência de recursos, tais calamidades climáticas dizimavam milhares de vidas e provocavam a fuga dos sertanejos, os retirantes, das regiões inóspitas para lugares longínquos, rebaixando-os à mísera condição de pedintes, até mesmo aos que haviam tido algum recurso financeiro (SOUZA & MEDEIROS FILHO, 1983).

Certamente, a seca sempre foi um imenso obstáculo que, ao longo do tempo, impediu que o progresso chegasse ao Nordeste; todavia, de acordo com alguns estudiosos, o fenômeno climático está longe de representar o único, ou mesmo o maior obstáculo ao desenvolvimento dessa região e a uma vida mais digna do povo sertanejo. Afirmam que o maior entrave sempre foi gerado pelos próprios políticos locais, cuja forma de agir acabou dando origem a uma simbólica expressão pejorativa: *a indústria das secas*, referida em todo o território nacional e usada para designar a propalada malversação dos recursos públicos no Nordeste.

Não se pense, contudo, que a Região Nordeste seja totalmente desprovida de água, porque lá existem lugares de bom clima e solo fértil onde as pessoas de posses têm boa qualidade de vida. Mesmo em determinados pontos do sertão, a chuva cai e existem rios. Basta citar as fortes e não tão raras tempestades de curta duração que intercalam as longas estiagens e, de forma cruel e irônica, provocam inundações e prejuízos ao sertanejo já

empobrecido. Por conseguinte, em concernência a essas incertezas do clima tendentes a causar prejuízos e frustrações aos sertanejos, Menezes (1970, p.25) diz que “A calamidade climática não resulta somente da ausência das chuvas, mas ainda de irregularidades de precipitações que variam”. Quanto aos cursos de água doce que atravessam a região nordestina, cite-se, especialmente, o Rio São Francisco. Nascido na Serra da Canastra, em Minas Gerais, esse rio toma a direção Leste e passa pelos Estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, para depois lançar suas águas no Oceano Atlântico. Trata-se, portanto, de uma segunda e ingrata ironia, sobretudo para as famílias mais economicamente desprovidas, uma vez que o maior curso de água doce totalmente brasileiro, embora atravessasse grandes extensões da região, por uma questão de logística, não é suficiente para amenizar, de modo significativo, as condições de boa parte de nordestinos flagelados pelo fenômeno da seca. Contudo, recentemente, as autoridades brasileiras decidiram realizar a transposição das águas do São Francisco, por meio de centenas de quilômetros de canais de concreto, a fim de abrandar a situação de penúria das populações do semiárido. Trata-se de um projeto polêmico com incertezas e controvérsias que envolvem cientistas e ambientalistas que o desaprovam, mas as obras já foram iniciadas. Muitos criticam duramente essa medida pelo impacto que a construção causaria ao meio ambiente, a começar pelo próprio rio já assoreado, e por acreditarem que a água não chegará às comunidades mais isoladas e pobres, de modo que o projeto atenderia apenas aos grandes produtores de frutas e outras culturas, o que, a rigor, continuaria fomentando a velha desigualdade social da região.

Na época do império, já havia uma preocupação das autoridades em debelar os efeitos das secas, porém só durante a República, em 1909, no governo do então Presidente Nilo Peçanha, criou-se o primeiro órgão de peso, o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), que, dentre outras funções, viria estimular a irrigação e o beneficiamento de áreas e obras contra as secas e inundações. Apesar da má aplicação das verbas sob o comando dos potentados locais, tal iniciativa foi considerada acertada e, a partir dela, observaram-se algumas melhorias na região, como a construção de mais açudes e outras obras, como pontes, estradas e ferrovias. Entretanto, o fenômeno climático repetiu-se em épocas posteriores, com igual violência, trazendo sofrimento e morte, o que deu origem a outro fenômeno, agora de natureza social: a emigração desordenada de sertanejos desesperados e sem destino, com o único propósito de fugir.

A partir de 1959, a ação governamental tornou-se mais direcionada ao flagelo com a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), órgão de cunho assistencialista criado pelo Presidente Juscelino Kubitschek, que consistia em distribuir carros

pipas, gêneros alimentícios e colocar os sertanejos nas frentes de trabalho para a construção de açudes e barragens (SOUZA & MEDEIROS FILHO, 1988). Preocupava-se, nesse tempo, com a inserção de certas regiões marginalizadas no contexto de desenvolvimento industrial pretendido pelo Brasil. No entanto, a atuação desse novo órgão governamental revelou-se um estrondoso fracasso, motivado, mais uma vez, pelo desencontro de interesses dos políticos locais. Sabia-se que grande parte dos recursos acabavam desviados para a criação de barragens e de estradas em propriedades particulares. A respeito do uso dos recursos públicos em benefício de uns poucos privilegiados, Oliveira (1981, p. 55) informa que

Utilizava-se também essa mão-de-obra na construção das grandes barragens, mas alguns estudiosos críticos dos próprios quadros do DNOCS chegaram a calcular que, se essa mão-de-obra, em todas as secas de que há memória no Nordeste desde a criação da IFOCS, tivesse sido utilizada na construção das barragens públicas, a grande maioria delas estaria construída há muito tempo.

Note-se que, mais recentemente, em 1998, houve outra seca, agora mais visível, estampada em jornais, revistas e televisão, que mostravam, de forma contundente, deprimentes cenas de sertanejos famintos saqueando armazéns e caminhões de carga. Era o limiar do século XXI, mas estavam de volta as mesmas imagens que lembravam os relatos reiteradamente registrados na obras dos autores nordestinos. Repetiam-se, então, como nas velhas épocas de quase total isolamento, os ecos desesperados vindos de um sertão longínquo, como a fome que matava brasileiros aos milhares, quando a injustiça e distúrbios sociais mal chegavam ao conhecimento do governo central e pouco eram compreendidos ou percebidos pelas regiões mais ricas e desenvolvidas do país.

O fato é que as condições do Nordeste melhoraram muito nas últimas décadas, com o estabelecimento de indústrias na região e o grande desenvolvimento verificado na agricultura, cujos reflexos positivos já aparecem na vida das pessoas. No entanto, embora seja difícil crer, passados mais de cinquenta anos após a criação da SUDENE, a atuação política na região não parece ter sofrido grandes transformações, como é possível deduzir de recente manchete do jornal *O Estado de São Paulo*, em 25 de janeiro de 2012: “Líder peemedebista usou Dnocs para manter obra superfaturada no RN”. Logo, trata-se de mazela antiga que ainda persiste, tanto que o escritor Jorge Amado (1978, p. 189), nordestino e conhecedor da realidade local, há algumas décadas já observava, com fina ironia, o mau gerenciamento das finanças públicas



no romance *Tereza Batista cansada de guerra*: “Pestes necessárias e beneméritas, sem elas seria impossível a indústria das secas, tão rendosa; sem elas, como manter a sociedade constituída e conter o povo, de todas as pragas a pior? Imagine, meu velho, essa gente com saúde e sabendo ler, que perigo medonho!”

Por conseguinte, em que pese ao progresso experimentado pelo Nordeste, principalmente na última década, os resquícios de um longo tempo de coronelismo e uma concepção de vida medieval que adentrou o século XX fazem com que a ideia de região mais pobre e menos desenvolvida do país ainda subsista.

Portanto, vê-se que as aflições do sertanejo nordestino é histórica, muito antiga, motivada pelas difíceis condições da natureza, mas, sobretudo, pela ausência de oportunidades das classes sociais desfavorecidas. Esse conjunto de situações adversas favoreceu o surgimento e a robustez, no século XIX e primeira metade do XX, de um movimento que viria fazer um contraponto à história dos dominantes, numa outra forma de dominação: o cangaço, subproduto da injustiça social e da pobreza, que durante vários séculos fez parte da vida dos sertanejos.

#### **1.4 O fenômeno do cangaço**

Entre o final do século XIX e começo do XX, surgiram, no sertão do Nordeste brasileiro, grupos de homens fortemente equipados com armas de fogo e longos punhais que aterrorizaram a população sertaneja. Eram os cangaceiros.

Não se pretende, com estas informações, expor todos os aspectos e os numerosos detalhes que compuseram a história desse movimento fora da lei; todavia, para uma melhor compreensão do cangaço, e em vista da sua notável influência na vida de muitos sertanejos, seguem, em linhas gerais, alguns registros desse fenômeno social que se transformou num dos principais temas explorados pela Literatura de Cordel.

Esses bandos de rudes salteadores, a maioria de origem muito pobre, geralmente do campo e sob a liderança de um chefe, impunham seu próprio conceito de moral, honra e justiça. Com algumas diferenças, esses criminosos usavam uma indumentária semelhante à

dos vaqueiros do Nordeste: roupas de couro que os protegiam da vegetação espinhosa da caatinga e o grande chapéu de aba encurvada, autêntico símbolo do cangaço; traziam, porém, os casacos cruzados por correias sobre os tórax e ombros, com as armas atravessadas às costas, o que lhes dava a aparência de bois no jugo, ou seja, atrelados a uma peça de madeira, a canga. Dessa analogia é que resultou o nome “cangaço”, movimento fora da lei que conturbaria profundamente o sertão nordestino durante a primeira metade do século XX.

Por muitos anos, os cangaceiros percorreram quase todos os Estados nordestinos, espalhando terror e saqueando cidades e fazendas, incentivados pela proteção de coronéis, os “coiteiros”, que os usavam, para manutenção do poder e alcançar objetivos pessoais, como cobrança de dívidas ou vingança contra inimigos.

Dentre todos os transgressores da lei nos sertões, sabe-se que Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foi o mais renomado, mas o cangaço teve origem muito antes dele, e um dos primeiros cangaceiros de que se tem notícia foi o Cabeleira, que, já na segunda metade do Século XVIII, assombrava as regiões rurais próximas de Recife e serviu de tema à obra do escritor Franklin Távora.

Cumpra esclarecer que, apesar de todos os males causados, o cangaço invadiu, de forma um tanto romântica, a mente da população nordestina, de sorte que os principais personagens, ainda hoje aparentemente lembrados com certa nostalgia pelo povo, e deferência por alguns estudiosos do assunto, mais parecem heróis que criminosos sanguinários. A respeito dessa aura mesclada de medo e admiração, mito e realidade, Nemer (2005, pp. 11, 12), esclarece:

Lampião, bandido célebre que durante quase vinte anos desafiou as forças da polícia assegurando sua dominação sobre uma vasta zona do território nacional e sua população, se inscreve nessa tradição. Ele é o herói de inúmeros folhetos de cordel que testemunham sua singularidade, sua ambivalência, sua dualidade profunda. Anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações. Imortalizado pela voz popular, tornou-se personagem de uma narrativa continuamente retomada: sua história não cessa de ser reescrita, sua imagem de ser reelaborada.

Vale lembrar, contudo, que o cangaço como expressão de rusticidade não constituía um fenômeno isolado, totalmente desvinculado do comportamento da gente nordestina. Pode-

se dizer, sim, que esse movimento fora da lei simbolizou a exacerbação de uma forte característica que compôs a identidade sertaneja, como resultado da difícil luta do homem pela sobrevivência. No entanto, essa constituição identitária só foi possível em razão do longo isolamento em que o povo sertanejo permaneceu. Nesse sentido, convém observar estas palavras de Laclau (1991, p.139): “As identidades só podem permanecer estáveis num sistema fechado”. Portanto, a valentia como signo da masculinidade representava o mais vivo reflexo de um jeito de viver e de pensar daquela comunidade, estereótipo consolidado durante décadas. Daí origina-se a figura do “cabra” macho, rude e destemido, que “não engole desaforos”, que “lava a honra com sangue”, se preciso.

A demonstração de coragem era, possivelmente, a qualidade mais apreciada pelo sertanejo e constantemente enaltecida na Literatura de Cordel, que relatou exaustivamente a vida de cangaceiros, mas também de criminosos menos famosos durante o século XX. Em relação ao culto da valentia tão facilmente observável no modo de pensar do sertanejo nordestino, Albuquerque Júnior (2011, p.4) assim diz com propriedade neste excerto do seu artigo:

Ser “cabra macho” requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes. Há, pois, uma tradição de narrar atitudes de violência na produção cultural popular. O crime do pobre parece exercer um fascínio sobre a massa de homens dominados e submetidos a relações de poder as mais discricionárias possíveis; a virilidade do dominado é aí reafirmada. Durval Muniz de Albuquerque Junior (Quem é frouxo não se mete).

Antônio Silvino, Volta Seca, Corisco, Lampião e outros nomes foram grandes bandoleiros do cangaço e adquiriram expressiva notoriedade ainda em vida. Com suas façanhas narradas nos folhetos de cordel, esses personagens transfiguram-se em lendas, agigantam-se e não raro mistificam-se e atingem um patamar superior e inacessível ao dos outros sertanejos, mortais comuns. Por isso, odiados ou respeitados, admirados ou temidos em vida, nos folhetos de cordel transformam-se em heróis, ou em mitos, sobretudo da classe social mais pobre, na luta do bem contra o mal, em defesa dos fracos contra os potentados. O poeta de cordel não lhes oculta os crimes, mesmo os mais cruéis; antes os ressalta, ou às vezes os justifica, quando praticados por motivos que considera justos, como, por exemplo, a

vingança pela morte dum ente querido ou em defesa da honra. No entanto, não basta ser criminoso para angariar a simpatia e a admiração do sertanejo, como explica Câmara Cascudo (1984, p. 161):

Para que a valentia justifique ainda melhor a aura popular na poética é preciso a existência do fator moral. Todos os cangaceiros são dados inicialmente como vítimas da injustiça. Seus pais foram mortos e a Justiça não puniu os responsáveis. A não-existência desse elemento arreda da popularidade o nome do valente. Seria um criminoso sem simpatia.

Pelo fato de lutarem contra os poderosos, por roubarem destes e eventualmente auxiliarem aos necessitados, a comunidade humilde lhes perdoa os crimes e, de certo modo, até os reverencia, seja nas prosas do cotidiano relembando velhos episódios, ou na leitura atenta das bravuras nos folhetos. A título de exemplo, observem-se estes versos do poeta João de Barros (1980) em *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás*: “Todos sabem, Virgulino, / Por obras do malfeitor, / Tornou-se um cangaceiro, / Um infame matador, / Mas tudo isso somente / Para vingar uma dor”.

Nota-se, portanto, que o poeta ao mesmo tempo em que expõe as mazelas morais do personagem (Um infame matador), também explica os seus motivos, justificando o ato cruel e eximindo o cangaceiro de culpa, por ele ter cometido crimes sob influência de forças maléficas (Por obras do malfeitor) e por estar sofrendo pela perda de alguém muito querido (Para vingar uma dor). Para corroborar a impressão de tolerância que se tem da comunidade nordestina para com o cangaceiro e o conseqüente reflexo na Literatura de Cordel, Castro (1980, p. 256) assevera:

A verdade é que, para o sertanejo, o cangaceiro raramente é um criminoso, um celerado, sendo cantado e louvado como um homem valente que joga cavalheiramente a sua vida para defender os oprimidos e alimentar os famintos, roubando dos ricos para distribuir com os pobres.

Portanto, no cordel, a maioria desses personagens do cangaço mostram-se ambíguos, vingadores e justiceiros que, pela valentia comprovada e pelo temor que infundiam, obtinham fama, proteção nos esconderijos dos coronéis e uma singular forma de ascensão social, não obstante a vida sobressaltada e clandestina que levavam, em permanente fuga pelas caatingas

e enfrentamentos com as volantes<sup>1</sup>. Haja vista estas estrofes de cantadores registradas por Câmara Cascudo (1984, pp. 161, 162), dedicadas ao cangaceiro Antônio Silvino, tido como uma vítima do destino, levando infeliz vida de bandoleiro por ter vingado a morte do pai:

Eu tinha quatorze anos,  
Quando mataram meu pai,  
Eu mandei dizer ao cabra:  
Se apronte que você vai...  
Se esconda até no inferno  
De lá você sai

Foi aí que resolvi  
Este viver infeliz;  
Olhei para o rifle e disse:  
– Você será meu juiz.  
Disse ao punhal: – com você  
eu represento o país!

Enquanto o Nordeste, com sua história rica, sofrida e frequentemente trágica, proporcionou uma imensa gama de temas para a produção do cordel, essa literatura, em contrapartida, forneceu aos seus leitores os relatos sobre histórias reais ou apenas imaginadas, com seus tipos característicos e heróis, contribuindo grandemente para a realimentação da fantasia do sertanejo e a consolidação da sua identidade. Portanto, em se tratando da constituição dessa identidade cultural, aqui vale lembrar estas palavras de Stuart Hall (2004, pp. 11, 12):

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Assim como o sertanejo não questionava os casos verídicos narrados pelo folheto, ainda que viessem aumentados e distorcidos, também aceitava prazerosamente as fantasias,

---

<sup>1</sup> VOLANTES: grupos de homens formados por militares e civis sertanejos nordestinos encarregados pelo governo para combater Lampião. – Moacir Assunção, Fundação Joaquim Nabuco- Ed. 39 janeiro de 2007

mesmo as mais excessivas. E para melhor compreender a relevância da presença dos personagens brutais nessas histórias e a condescendência com que são tratados na Literatura de Cordel, não se deve esquecer de que o Nordeste do Brasil, a partir dos primeiros séculos do Descobrimento, tornou-se uma das regiões em que as desigualdades sociais se mostraram mais alarmantes e desumanas. Mais tarde, nos séculos XIX e XX, a região viria a ser o berço dos grandes coronéis e dos poderosos senhores de engenho, donos de latifúndios, das imensas riquezas e praticamente do destino dos humildes sertanejos. Deste modo, por ser o coronelismo um dos aspectos mais importantes na constituição da sociedade sertaneja, além de fazer parte de relevantes obras dos grandes escritores nordestinos ele se tornou também um dos temas mais recorrentes nos folhetos de cordel.

### **1.5 O coronelismo**

Logo após os primeiros anos da chegada dos portugueses, a partilha do território brasileiro destinada à concessão de grandes extensões de terras a privilegiados senhores, denominados donatários, pareceu ter sido o prenúncio da desigualdade socioeconômica que se verificaria nos séculos seguintes. É verdade que as injustiças sociais sempre aconteceram indistintamente em todos os lugares do Brasil; todavia, em nenhuma outra região deste país, as manifestações de poder das classes abastadas sobre a subalternidade do povo humilde se mostraram tão evidentes quanto no Nordeste. Portanto, como resultado da conjunção de diversos fatores concomitantes que se inter-relacionaram, mais tarde, nos séculos XIX e XX, a Região Nordeste viria a ser o território dominado pelos grandes coronéis e poderosos senhores de engenho. Tratava-se, pois, de homens abastados cuja vontade se fazia lei com que exercia sua autoridade, perpetrando abusos e cometendo todas as formas de injustiça contra a gente mais humilde e desfavorecida do sertão. Apresentavam-se, então, duas realidades extremamente opostas: de um lado o poder e as grandes fortunas acumuladas; de outro, a miséria e o estado de abandono do imenso contingente de pobres sem perspectivas. Acerca do

poder ilimitado desses homens arrogantes e abastados, Souza & Medeiros Filho (1988, p. 24) assim se referem:

Coronéis e senhores de engenho dominavam, sem concorrentes, as câmaras municipais e as representações políticas tanto a nível estadual quanto a nível federal. Por isso, cada coronel ou senhor de engenho possuía em torno de si pequenos exércitos de cangaceiros formados pela parentela numerosa, pelos agregados e moradores. Aos que não pertenciam a esta instituição restavam apenas o silêncio e a resignação.

Deste modo, sem nenhum direito ou vínculo que lhes garantissem estabilidade ou perspectiva de futuro, muitos trabalhadores servis e dependentes, como os vaqueiros desempregados e peões desvalidos, nas secas mais cruéis, com suas famílias tornavam-se nômades em busca de uma vida melhor. Ao se fixarem nas fazendas do patrão, o homem do sertão, em que pese a força física e moral, fosse por temor ou por conveniência, invariavelmente mostrava-se cordato e obedecia aos caprichos do poderoso opressor. A respeito da dimensão do coronelismo como poder paralelo ou às vezes único nas regiões mais afastadas do sertão nordestino, Facó (1980, p. 53) relata:

Assim o latifúndio gera lutas desde suas origens. Isolados, num mundo à parte dos povoados litorâneos, sem poder contar com a ajuda do Estado, os grandes fazendeiros são a classe dominante naqueles sertões não só representativa mas diretamente, na sua zona. Formam autênticos exércitos de guarda privados, recrutados entre os sem-terra ou acolhendo criminosos comuns, encontram refúgio na grande fazenda.

Ainda segundo esse estudioso, fortemente armados para a encarniçada luta entre si mesmos, até a década de 1930 muitos desses coronéis ficaram famosos, como Horácio de Matos, Franklin Albuquerque, Militão, Marcionílio, Douca Medrado, cada um deles formando grandes grupos de 200, 400, 600 ou até mesmo 1000 capangas. Tratava-se, assim, de uma luta perdida para o sertanejo humilde que porventura se indispusse com algum desses potentados. Entretanto, posto que as lutas fossem sangrentas, geralmente quase sempre eram os pobres servis, como os peões e jagunços, que perdiam suas vidas nessas guerras, pois, usados como simples instrumentos, lutavam mortalmente por uma causa alheia, num jogo de interesses marcados pela prepotência e hostilidades entre os coronéis inimigos.

Logo, uma vez que as decisões das instituições governamentais não chegavam ao sertão longínquo e esquecido, as resoluções mais importantes ou graves eram tomadas segundo a vontade desses senhores, situação que dominou fortemente a maior parte do século XX e se constituiu como um dos aspectos mais representativos e influentes da formação sociocultural da vida nordestina.

### **1.6 O misticismo do sertanejo**

Dentre todas as regiões brasileiras, parece acertado considerar que, em virtude de suas tradicionais manifestações de cunho espiritual, nenhuma outra apresenta um povo com uma ligação tão estreita, tão peculiar e profunda com a prática dos rituais religiosos e a crença no sobrenatural quanto o da Região Nordeste.

Portanto, nessa região, surgiu e exacerbou-se o fanatismo, que teve como principal base os dogmas da religião católica com a qual sob muitos aspectos se chocavam as interpretações deturpadas dos textos bíblicos. Assim, as religiões misturaram-se num sincretismo singular, de modo que, não raro, o mesmo fiel respeitava e professava mais de um credo, conseguindo uma improvável conciliação entre as crendices e a suplementação da religião oficial com a aceitação de numerosas superstições que beiravam a idolatria. Entretanto, a despeito dessa variedade de crenças que possibilitaria a suposição de convicções superficiais, o povo nordestino, mormente o sertanejo, sempre foi tocado por esse respeito ao sobrenatural, com um fervor religioso intenso, às vezes, sem medida das consequências. Logo, nesse ambiente propício à religiosidade, multiplicaram-se as respeitadas benzedeadas contra influências maléficas e as romarias a lugares considerados sagrados, como igrejas e grutas; surgiram os “curadores” contra todos os tipos de enfermidades físicas e espirituais; os místicos adivinhos da natureza, que, numa estranha forma de prospecção, sondam a água escondida no solo ou, fundamentados em misteriosas “experiências”, observam as possibilidades da vinda da chuva através do comportamento de elementos dos reinos vegetal, animal, ou traduziam os sinais emitidos pela abóbada celeste.



Os aspectos que contribuíram para a formação sociocultural do sertanejo geralmente caminham interligados, como é o caso das secas e crendices nas previsões do tempo, haja vista os exemplos a seguir, além de muitos outros contidos em *Os Degredados Filhos da Seca* (SOUZA e MEDEIROS FILHO, 1983): o inverno será abundante, quando o Cruzeiro do Sul se desloca, no mês de janeiro ou fevereiro, do Sul para o Norte; quando a Lua Nova sai em janeiro e pende para o Oeste; quando a Lua Cheia de janeiro sai por detrás de uma barra escura; quando o sertanejo sente dores reumáticas nas juntas ou dores nos calos dos pés; quando o mandacaru floresce na seca; quando os marimbondos começam a fazer seus abrigos nas cumeeiras das casas; se o inverno começar em janeiro e houver muitas gatas paridas. Contudo, se acontecer o contrário, pode-se preparar para a seca. Igualmente, a seca será infalível, quando ocorrerem os seguintes fatos: se, no início dos anos secos, as gatas devorarem seus filhos recém-nascidos; quando for observado o surgimento de cupins novos nas árvores, assim por diante. No entanto, segundo esses autores, quando umas dessas experiências falham, os sertanejos costumam construir outras, que vão lhes proporcionar uma margem de segurança.

O isolamento quase completo da população do sertão, que assim perdurou durante vários séculos, pelo menos até a década de 1930, as secas devastadoras que ceifaram milhares de vidas, tragédias aceitas pelo sertanejo como vontade do destino ou castigo divino, a ignorância e o analfabetismo, tudo isso constituiu um ambiente sociocultural apropriado para que o fanatismo eclodisse e o messianismo se intensificasse com o surgimento de padres e beatos fervorosamente venerados ainda em vida como santos milagreiros pelos sertanejos. A esse respeito, Facó (1980, p. 50) afirma: “No nível cultural em que viviam, não só mergulhados no analfabetismo como ignorando seu próprio país, submetidos aos senhores das terras e às forças cegas da natureza, o “fanatismo”, o misticismo mais grosseiro era a sua ideologia.”

Além disso, os sertanejos, mesmo os indivíduos considerados os mais perigosos criminosos, mostravam imensa capacidade para conciliar certos valores terrenos e espirituais, ainda que estes estivessem frontalmente contrários entre si. Sobre essa característica que marcou o modo de pensar e viver desse homem do sertão, Castro (1980, p. 250), completando as informações do escritor Euclides da Cunha, explica:

Tipos tão significativamente inseridos, por suas raízes culturais, na vida sertaneja, a tal ponto associados em sua atuação social que se

constituem muitas vezes como uma só personalidade – o beato-cangaceiro, como o célebre Bento da Cruz, de Juazeiro, assassino de seu pai, que “com uma cruz numa mão e um punhal na outra”, distribuía justiça na povoação, ou como os truculentos Batistas que na campanha de Canudos serviram de ajudantes de ordens a Antônio Conselheiro e que eram “capazes de carregar os bacamartes homicidas com as contas dos rosários...” (Euclides da Cunha).

Por conseguinte, nessa sociedade rural e extremamente receptiva aos fenômenos e valores espirituais, surgiram três figuras proeminentes que conseguiram, cada um em sua época, despertar, de forma jamais vista, a religiosidade da população sertaneja: Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião. É de acreditar que sempre tenha havido intenso misticismo na Região Nordeste assim como antigos chefes religiosos antes do surgimento do beato Antônio Conselheiro; no entanto, este foi o primeiro grande nome com características messiânicas, cujo fim trágico ao lado de seus seguidores na Guerra de Canudos, no sertão da Bahia, mostrou ao país como o fanatismo extremo daquele povo podia ser manifestado quando bem conduzido por um líder em quem cegamente confiavam. Por si sós, a sangrenta Guerra de Canudos e seus principais personagens, como Antônio Conselheiro, e militares como o coronel Moreira César já mereceriam fazer parte da História. Todavia, o terrível embate e os personagens tornaram-se ainda mais célebres, em virtude da forma magistral e dramática como o escritor Euclides da Cunha os descreve em *Os Sertões*, romance que resultou de reportagens feitas por ele para o jornal *O Estado de São Paulo*. Nesse livro, assim Cunha (1963, p.129) se refere à exótica e ascética figura daquele messias do sertão: “... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos...”.

Nota-se, porém, que, não obstante a imensa repercussão desse conflito extremamente sangrento do qual participaram tropas de vários Estados brasileiros contra pobres sertanejos fanaticamente rebelados, a quantidade de folhetos de cordel, trazendo Antônio Conselheiro como protagonista, não se mostrou significativa como seria de esperar. Outro aspecto igualmente digno de nota é o fato de que não parece ter havido, de forma expressiva e à altura de sua vida de mártir religioso e idolatrado, a continuidade do culto dos fiéis à sua memória.

Outro expoente, certamente o maior da religiosidade nordestina, foi o padre Cícero Romão Batista, mais conhecido pelos fiéis como o “Padim Ciço”, natural do Estado do Ceará.

Em 1872, na cidade de Juazeiro, restaurou a capela de Nossa Senhora das Dores, desenvolveu o seu trabalho pastoral e logo conquistou a simpatia da comunidade.

Conta-se que, em 1889, manifestaram-se alguns fenômenos considerados os primeiros milagres atribuídos ao padre: uma hóstia na boca de uma beata teria se transformado em sangue. Estabeleceu-se, então, uma comissão de inquérito que considerou os fenômenos como sendo manifestações sobrenaturais e divinas. Essa conclusão gerou um impasse entre o reverenciado religioso e a Igreja Católica, visto que o bispo Dom Joaquim Vieira não acatou o relatório nem lhe deu crédito, sobretudo porque, tendo a beata recebido a eucaristia, mais tarde, em outra ocasião e diante das autoridades eclesiásticas, o suposto milagre não se repetiu.

Depois disso, a comissão achou por bem elaborar novo relatório para desmentir os fenômenos e enviou-o ao bispo, que aplicou contra o padre Cícero algumas sanções: não mais podia celebrar em Juazeiro, nem confessar ou pregar na diocese; também estaria proibido de falar sobre os referidos milagres e de atender aos romeiros. Chamado a Roma, teve uma audiência com Leão XII, sendo por esse Papa absolvido. O bispo do Ceará, Dom Joaquim Vieira, todavia, decidiu que o sacerdote ainda não poderia exercer suas funções enquanto não viesse da Itália o decreto de reabilitação. No entanto, tais privações do exercício eclesiástico surtiram efeito contrário no espírito dos sertanejos devotos, pois serviram para incutir-lhes um incomparável sentimento de respeito e de veneração pelo sacerdote supostamente injustiçado.

Finalmente, após vinte e quatro anos de sacerdócio interdito, o clérigo foi autorizado a celebrar. A partir daí, cada vez mais crescia o número de romeiros e devotos de Cícero Romão Batista, cultuado como um santo vivo, já com muitos fiéis fazendo uso de medalhas gravadas com sua efígie. Diante dessa situação já considerada intolerável, padre Cícero foi impedido, definitivamente, de exercer suas funções sacerdotais. Ameaçado de excomunhão e afastado da Igreja, o padre tornou-se um poderoso político no Estado do Ceará, mas continuou “curando” gente em casa e dando conselhos e sermões a milhares de nordestinos fanáticos e humildes.

De certo modo, Padre Cícero e Lampião, duas das personagens mais emblemáticas do Nordeste, representam, de forma concreta, a estreita relação entre o cangaço e o misticismo, visto que, quando os dois se encontraram em Juazeiro no ano de 1926, teriam estabelecido acordos, versão ainda hoje contestada por muitos devotos, de acordo com a reportagem *Encontro de Padre Cícero com Lampião* (2011) da revista *Ceará em Fotos e Histórias*, cujos informes foram colhidos em *História do Ceará*, de José Airton Farias (1998):

Os fiéis juazeirenses até hoje reagem com indignação a esse relato do encontro entre Padre Cícero e Lampião. Segundo uma versão que veio a público em data recente, Lampião teria “ouvido falar” que Padre Cícero precisava de ajuda para combater os “revoltosos”, e compareceu espontaneamente a Juazeiro. O padre, pego de surpresa com a presença dos cangaceiros, e sem outras opções, viu-se obrigado a hospedar Lampião, por temê-lo e para evitar um confronto do bando com a população.

Entretanto, independentemente que a história seja verdadeira ou fictícia, no cordel há relatos do encontro entre esses dois expoentes da vida do sertão nordestino, como demonstram os versos do folheto de Manuel Pereira Sobrinho *A verdadeira história de Lampeão e Maria Bonita* que consta em Proença (1977, p. 73):

O padre no mesmo dia  
arranjou uma patente  
promoveu a capitão  
Lampeão ligeiramente  
Antonio como primeiro  
Sabino 2º tenente.

E ficou Joazeiro  
por Lampeão vigiado  
comandando os paisanos  
até ao menor soldado  
esperando Carlos Prestes  
com os cabras preparado.

Em todo caso, um importante fato histórico veio contribuir, consideravelmente, para o fortalecimento de Lampião e seu bando: a Coluna Prestes preocupava seriamente o Governo Federal, e este achou por bem fazer uso dos serviços dos cangaceiros a fim de combater aquele perigoso movimento com ideais marxistas. Como resultado, em Juazeiro, no ano de 1926, o governo faz a Lampião a doação de armamentos e munições e lhe concede a patente de capitão honorário das forças legais. Contudo, o “Capitão Virgulino”, como a partir de então exigia ser reconhecido, continuou na mesma vida de fora da lei, não cumpriu sua promessa de combater os revoltosos de Luís Carlos Prestes, mas, vaidosamente, ostentou a falsa patente até o seu fatídico fim.

Lampião, por sua vez, como grande parte da gente sertaneja, tinha na figura do padre Cícero um santo milagroso e protetor, e muitos aventam a hipótese de que talvez tenha sido

este o motivo por que o cangaceiro jamais atacou o Estado do Ceará, onde o sacerdote nasceu e viveu.

Enquanto os sertanejos, com sua tendência para o fanatismo religioso e notório fascínio pelos atos de bravura conciliavam posições aparentemente antagônicas, ficou provado que até mesmo os criminosos menos famosos do cangaço mortos em tiroteios contra a polícia expressaram sua devoção e culto ao sacerdote, como se pode verificar pelas informações de Câmara Cascudo (1984, p.165): “No cemitério de Mossoró vi as pequenas covas de Jararaca e Colchete, tombados no ataque. Colchete morreu logo. Trazia várias orações e medalhas ao pescoço e uma efígie de Padre Cícero”.

Consequentemente, dentro da Literatura de Cordel, os poetas compuseram muitos folhetos que estabelecem uma simbiose entre esses personagens – heróis-bandidos e profetas sertanejos –, com numerosos títulos, em que os episódios acontecem tanto no plano material quanto no espiritual, como estes: *Visita de Lampião ao Padre Cícero no Céu*, de Varneci Nascimento; *Lampião e Padre Cícero num debate inteligente*, de Moreira de Acopiara. A fim de melhor exemplificar a ambiguidade do cangaceiro, em decorrência da sua vida de crimes e devoção por seu protetor espiritual, seguem estas estrofes extraídas do folheto de Guaipuan Vieira (2005) *A chegada de Lampião no céu*:

Foi numa Semana Santa  
Tava o céu em oração  
São Pedro estava na porta  
Refazendo anotação  
Daqueles santos faltosos  
Quando chegou Lampião.

Pedro já desesperado  
Ligeiro chamou São João  
Lhe disse sobressaltado:  
Vá chamar Cícero Romão  
Pra acalmar seu afilhado  
Que só causa confusão.

Outro religioso, Pio Giannotti ou Frei Damião, tendo nascido na Itália e vindo para o Brasil, tornou-se o último dos grandes “messias” que alcançaram aura de santidade e despertaram o fanatismo da imensa multidão de sertanejos.

De barba cerrada, baixo, rechonchudo e irreversivelmente encurvado por causa da postura adotada nos longos anos de confissão dos fiéis, essa figura exótica agradava, e até mesmo o favorecia aos olhos dos peregrinos, ainda que estes, como dizem, nem sempre compreendessem a mensagem de sua prédica carregada de forte sotaque italiano. Auxiliou-o, igualmente, o fato de ter chegado ao Brasil poucos anos após a morte de padre Cícero, visto que o povo nordestino, carente de um novo líder espiritual, logo o elegeu como natural sucessor. Como seguidor inflexível das doutrinas do Concílio de Trento, era inimigo declarado do uso da minissaia e do Comunismo. Dos três chefes religiosos referidos, talvez pelo comportamento ou por ter vivido em época mais recente e menos propensa à exacerbação da prática do misticismo e credices, Frei Damião foi o que aparentou possuir uma vida menos envolta em mistérios e mais semelhante à do homem comum. Embora o padre Cícero continuasse sendo a maior referência como pastor dos sertanejos, isso não significava um empecilho, porque o frei era, para eles, um santo, ainda que não se tenha notícia de haver produzido fatos ou milagres prodigiosos. Por isso, quando morreu, aos noventa e oito anos de idade, de forma quase tão grandiosa como ocorrera com o padre Cícero, uma imensa multidão de fiéis chorou sentidamente a sua falta.

Por conseguinte, aceitos pelos sertanejos como legítimos profetas e mediadores entre a terra e o além, esses símbolos máximos do messianismo do Nordeste foram incondicionalmente considerados os santos da terra e, como imagens sagradas, talvez ainda sejam mais reverenciadas que outras oficialmente canonizadas pela Igreja Católica.

Nota-se, portanto, que os referidos aspectos tornaram-se marcantes na Região Nordeste e decisivos para a formação do cordel. No capítulo seguinte, serão discutidas algumas características da tradição e da cultura popular, aspectos sócio-históricos que propiciaram a origem e desenvolvimento do cordel.

## 2 ABORDAGENS TEÓRICAS: CONDIÇÕES SOCIO-HISTÓRICAS PARA FORMAÇÃO DO CORDEL

### 2.1 A tradição: conceito e mobilidade

De modo geral, os dicionários costumam conceituar tradição, como a transmissão oral de lendas, fatos e costumes inveterados de geração para geração de um determinado povo. É possível que, para a maioria das pessoas, sobretudo as leigas no assunto, esse termo venha sugerir um imenso conjunto de práticas socioculturais cristalizadas durante extenso período e integralmente passadas, intactas, às futuras gerações de uma comunidade. Contudo, é conveniente atentar para as reflexões de Hall advertindo que, quando se trata da definição de palavras, como “popular” e “tradição”, podem-se cometer equívocos, porquanto os sentidos delas não se mostram tão evidentes quanto aparentam. Por conseguinte, observe-se o modo como esse autor procura elucidar a questão:

Isso nos deve fazer pensar novamente sobre aquele termo traiçoeiro da cultura popular: “tradição”. A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica de forma inalterável. Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância (HALL, 2003, pp., 259, 260).

Com essas reflexões, vê-se que os elementos socioculturais formadores da tradição, mesmo quando oriundos de épocas muito remotas, não significam algo intangível e imutável, como se fora um bem ou um legado meramente transferido às futuras gerações. Logo, entende-se que a tradição, certamente, sempre estará sujeita a influências e mutações ao longo do tempo; todavia, essas modificações de modo nenhum a impedem de continuar sendo considerada tradição, com todas as implicações semânticas que a palavra possa ter. Por outro lado, mesmo a modernidade, amiúde vista como uma ruptura, não representa um novo momento sócio-histórico totalmente isento dos antigos

saberes adquiridos e aparentemente esquecidos por um povo. Note-se, pois, como Rodrigues (1997, p. 7) vem corroborar esse pensamento ao fazer a seguinte afirmação:

O arcaico não cessa por isso de retornar no moderno, através de um processo que podemos designar como processo de reminiscências ou de anamnese. Encontramos a manifestação deste processo nos modelos da moda, nos quais vemos emergir regularmente o antigo como modelo do novo, instaurando-se assim uma espécie de ciclo constituído pelo retorno pendular de formas esquecidas e que tinham sido anteriormente recusadas.

Compreende-se, então, que ocorrem alterações inexoráveis, mas que não chegam a extinguir abruptamente o patrimônio sociocultural recebido, a despeito dos poderosos e aparentemente invencíveis efeitos da globalização do mundo atual. Por isso, diante da fugacidade dos acontecimentos de toda ordem e da profusão com que as transformações sociais estão acontecendo, é de surpreender o fato de que, em alguns tipos de comunidades, ainda possam ser conservados antigos costumes, preceitos vetustos ou quaisquer formas de comportamento marcantes oriundos de um passado longínquo.

Com referência à tradição, não será absurdo pensar que dificilmente haverá uma região do Brasil mais expressiva e representativa que o Nordeste, seja por sua posição geográfica e aspectos climáticos especiais, que tão poderosamente exerceram seu determinismo sobre o homem da terra, seja pela notória ancestralidade e riqueza de seus elementos socioculturais. Além disso, o que parece ter contribuído consideravelmente para a formação do meio social nordestino foi uma ação recíproca entre o homem e a natureza, como afirma Freire (1951, p.30, 31):

Há uma contemporização entre as duas tendências. De modo que o conceito de Ratzel de que “cada povo traz em si as feições da região que habita” pode ser completado dizendo-se que não há região habitada que não tenha sobre o solo, a vegetação, a vida animal, a marca especial do povo que a habite: não só da sua técnica de produção – como se apressaria em salientar um marxista ortodoxo – como do conjunto de sua cultura e de sua personalidade ou ethos.



Ainda que de forma superficial, aqui já se fez referência à palavra “popular”, sobre cuja definição Stuart Hall diz haver alguma dificuldade. De fato, essa palavra pode sugerir mais de um sentido, mas cumpre observar que o que mais interessa para este estudo é o significado que ela nos fornece no que diz respeito à cultura do povo, intimamente ligada à tradição. Antes, porém, como a fazer um pequeno contraponto, deve-se acrescentar que essa palavra pode significar a característica das coisas produzidas, largamente aceitas e consumidas pelas pessoas de uma comunidade. Sendo assim, pode nos dar a ideia de que esses produtos disponíveis no mercado, alguns industrializados e consumidos pela grande massa, sobretudo pelas pessoas de baixo poder aquisitivo, sejam pouco sofisticados, possuem preços acessíveis e talvez baixa qualidade, mesmo que, muito provavelmente, a maior parte dessas características não corresponda à realidade.

Tendo em vista uma melhor elucidação do que foi tratado até o momento, muito esclarecedor é o seguinte pensamento de Hall (2003, p. 253) que, ao se referir ao sentido mercadológico dessa palavra, apresenta a seguinte definição: “Por exemplo, o significado que mais corresponde ao senso comum: algo é “popular” porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente”.

A seguir, será observada outra definição de popular: aquela concernente à cultura do povo, a palavra *povo* colocada em oposição a *elite*, conquanto se nos afigure muito difícil, talvez impossível, a existência de uma delimitação clara e pretensamente pura entre povo e elite, entre a cultura popular e a da classe alta, como se tais componentes sociais estivessem separados em compartimentos incomunicáveis e vedados a qualquer tipo de contato, não permitindo nenhuma influência entre si.

De qualquer modo, pode-se dizer que a cultura popular geralmente é representada pelas produções derivadas do estrato social mais simples, pouco letrado e menos privilegiado de uma sociedade. Esse é um dos motivos por que, não raro, as produções artísticas populares são pouco valorizadas e às vezes tidas como algo exótico e desprovido de refinamento. Por outro lado, há quem imagina que a cultura popular, por estar intimamente ligada à tradição e muitas vezes ao folclore, só existe na zona rural, mas, segundo os estudiosos, a realidade não se apresenta desta forma.

O fato é que a cultura popular pode subsistir tanto no campo quanto no ambiente citadino, obviamente com suas características próprias, ou mesmo mescladas, como fruto das experiências trazidas pelos migrantes, uma vez que ela é derivada de cada meio social onde está sendo produzida. Sobre esse outro tipo de cultura popular, uma vez mais recorremos a Hall (2003, p. 256), que oferece outra definição: “A cultura popular é todas essas coisas que o

“povo” faz ou fez. Esta se aproxima de uma definição “antropológica” do termo: a cultura, os valores, os costumes e mentalidades [*folkways*] do “povo”. Aquilo que define seu “modo característico de vida”.

Tendo em vista o propósito desta pesquisa, – a realização de um estudo sobre a Literatura de Cordel – parece justo considerar que esses aspectos referidos e reflexões relativas à tradição e a cultura dizem respeito, isto é, ajustam-se de forma especial às condições da Região Nordeste e às suas típicas produções populares. Sabe-se que essa região é considerada o primeiro solo brasileiro onde os europeus aportaram, com realização de importantes edificações e o estabelecimento do governo central. Paradoxalmente, todavia, no decurso de alguns séculos, o Nordeste tornou-se mais isolado, em particular o grande sertão, ficando aquém de outros lugares do país, que se mostraram mais promissores quanto ao desenvolvimento socioeconômico. Portanto, como não poderia deixar de ser, tanto pela distância dos grandes centros como pela vida difícil da maior parte da população, acentuaram-se as peculiaridades locais e as diferenças nos modos de vida dos sertanejos em relação aos habitantes das regiões mais desenvolvidas.

Como resultado de um denso estudo socioantropológico sobre o sertão do Ceará, onde relata, com detalhes, esse antigo distanciamento dos nordestinos em relação à vida noutros Estados do país, Lourenço Filho (1926, p. 24) publicou o livro *Juazeiro do Padre Cícero*, que fornece informações de grande interesse, como esta:

Ao brasileiro do sul – habituado a cenas de renovação constante, à ebulção fervilhante de progresso nas cidades cosmopolitas, teatro da agitação de contraditórios interesses, em ânsias e flutuações de um porvir ainda mal definido, mas sempre tendentes à melhoria da existência social – a impressão primeira, quando pelo Nordeste se interne, é a de que vai, como num sonho, recuando pelo tempo. A vida parece que desanda, que inicia giro inverso, marcando para trás duas dezenas de anos em cada dia de viagem.

Vale notar que, mesmo com mais de quatro séculos passados desde o Descobrimento, já em meados do século XX, brasileiros de outras regiões ainda tinham do Nordeste a arraigada impressão de um território longínquo, quase inacessível e pouco desenvolvido, onde os habitantes viviam em precárias condições. Com efeito, à distância, vivendo no Sudeste ou no Sul, o conhecimento insuficiente sobre essa região fazia com que não houvesse distinção entre os seus Estados, assim como muitos brasileiros também não viam diferença entre os

habitantes do litoral nordestino e os sertanejos. Haja vista que, mesmo os trabalhos científicos realizados por renomados estudiosos, como Capistrano de Abreu, Basílio de Magalhães, Roberto Simonsen, Caio Prado e Celso Furtado sobre a região não se têm mostrado satisfatórios, de acordo com as palavras do sociólogo Cidade Nuvens (1995, p. 32): “Toda essa historiografia, feita em geral sem pesquisas mais detidas, e sem o conhecimento direto da área e da sua população, contém, muitas vezes, uma visão deformada do homem que viveu, que lutou e morreu neste mundo fascinante do sertão”.

Em consequência disso, era passada uma imagem negativa, estereotipada e emblemática para o restante do país, visto que a imensa maioria que emigrava do Nordeste constituía-se de sertanejos carentes de recursos que buscavam uma vida melhor. Parecia não importar muito o fato de a região ter sido o berço de filhos ilustres, como Rui Barbosa, José de Alencar, Luís da Câmara Cascudo, Joaquim Nabuco, Castro Alves e tantos outros nomes nacionalmente relevantes. Para muitos, continuava sendo o lugar onde sobreviviam os brasileiros mais sofridos, uma terra ingrata cujas secas trágicas que marcaram épocas haviam dizimado e expulsado milhares de sertanejos, transformados em míseros retirantes a perambular sem rumo pela própria região, ou em emigrantes cheios de esperança rumo a outros Estados. Outrossim, a região ainda era lembrada como o território onde marcaram época cruéis cangaceiros, simbolizados por Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Lampião, bandoleiros lendários e famosos em todo o território nacional.

Enfim, o Nordeste era considerado o lugar onde o alto índice de analfabetismo, a desigualdade social e os costumes feudais haviam favorecido o surgimento de um exacerbado fanatismo religioso já visto desde os tempos de Antônio Conselheiro, cujo paroxismo foi atingido com a figura dominante do Padre Cícero, o grande santo da terra, segundo a crença de seus milhares de devotos. Tais componentes socioculturais, somados a outros igualmente relevantes e porventura menos evidentes, conquanto possam ter sido motivo de preconceitos contra a origem, tornaram-se elementos fundamentais que, durante décadas ou mesmo séculos de maturação, serviram de suporte à construção da história e da identidade do povo nordestino.

Aqui já foi referido, como também havia sido dito por Hall, que a tradição, ainda que naturalmente conserve elementos característicos de uma comunidade, não permanece intacta ao longo do tempo. Do mesmo modo, Cormier (2010, p. 60), contrapondo-se a alguns autores que veem a tradição como um conjunto de práticas invariáveis, afirma o seguinte: “Mas muitas pesquisas antropológicas recentes, assim como trabalhos sobre o folclore, contestam o

caráter fixo das tradições. Para essas, a cultura popular nas tradições e manifestações folclóricas se renova constantemente por meio da criação anônima”.

Ainda assim, a Região Nordeste, em razão de seus aspectos socioculturais, de sua história, mas principalmente em face das extraordinárias condições de isolamento em que viveu, colaborou sobremaneira para a manutenção de velhos costumes e proporcionou a consubstanciação de um peculiar modo de vida derivado da contribuição das três raças que povoaram a região: o índio, o europeu e o negro.

Esses aspectos socioculturais, alguns com características bem específicas da Região Nordeste, determinaram a variedade e a forma da produção das manifestações artísticas populares e contribuíram, de modo decisivo, para que se desenvolvesse – tal como reconhecem muitos autores – a Literatura de Cordel mais rica e mais vigorosa dentre as que se instalaram na América. Afinal, embora o cordel seja um produto e uma genuína expressão artística da cultura popular, constituiu-se, ele próprio, num repositório onde estão reunidos alguns dos mais importantes elementos que compuseram e solidificaram a vida do povo nordestino. A respeito dessa característica do cordel, que consiste em procurar retratar os aspectos mais representativos do seu meio social, Ayala e Ayala (2006, p. 67) asseveram:

Na literatura de folhetos e na cantoria há uma busca intencional de conhecimento do que foi ou está sendo criado no interior daquele “sistema”, o que facilita o estabelecimento de uma tradição. Nas demais manifestações, não sabemos até que ponto ou com qual intensidade existe essa preocupação.

Portanto, não obstante a expansão da cultura popular para outros ambientes, assim como ocorreu com os folhetos levados na mala ou na alma do emigrante, – futuro operário em São Paulo e Rio de Janeiro, ou “candango” na nova capital do Brasil em construção – a Literatura de Cordel ainda reflete muito da vida nordestina, quando as obras são produzidas nesses novos lugares. Isso se deve à poderosa força da tradição que incide sobre a maioria dos nordestinos, que, mesmo quando migrados e expostos à influência de um meio social diferente e dominador, ainda conservam muito da cultura do antigo ambiente em que viveram, sobretudo porque geralmente continuam se lembrando com saudade da terra natal, mesmo que tenham sido forçados a emigrar por causa das dificuldades vividas.

## 2.2 O cordel e a ambivalência da cultura popular

Em virtude dos seus fatores climáticos, geográficos e socioculturais, durante muito tempo o Nordeste foi uma região afastada dos centros economicamente mais privilegiados e desenvolvidos do País, o que proporcionou o cultivo e a permanência de antigas tradições bem como a formação de uma sociedade com características peculiares que refletiram fortemente nas suas expressões artísticas. E quando se fala em produção artística nordestina, a Literatura de Cordel, pelo que significa como manifestação popular, certamente pode ser incluída entre as mais importantes, uma vez que o cordel, notadamente o folheto, exerce a dupla função de produto social e veículo que reúne alguns dos aspectos mais representativos da região.

Como resultado disso, vê-se uma enorme quantidade de folhetos que procuram relatar acontecimentos da região e fazer referências a aspectos do meio físico-social, como a seca, a religiosidade, o cangaço e a bravura do homem comum. Entretanto, ainda que o início da história do folheto não tenha transcorrido no meio ambiente do Nordeste, mas numa região diferente, como num país longínquo e desconhecido pelo leitor sertanejo, o poeta, frequentemente, procura fazer adaptações da personagem e da paisagem, como uma forma de “nordestinar” o ambiente. Um folheto cuja história se passa na Babilônia e que exemplifica bem esse aspecto é *A camponesa e o príncipe encantado* de D’Almeida Filho (1985, p. 20), como se pode verificar na seguinte estrofe: “Pois com a sua mãe/ Enfrentava o “ganha-pão”/ Trabalhando pelas roças / nas Campinas do sertão / em benefício da pátria / Engrandecendo a nação”. Ou ainda nesta outra: “Até que a camponesa / certo dia trabalhando / Numa roça sertaneja / ela viu se aproximando / Uma enorme serpente / que com calma foi falando”. Como se pode ver, das duas estrofes sobressaem os versos “nas Campinas do sertão” e “Numa roça sertaneja”, expressões similares a outras encontradas numa infinidade de folhetos de cordel que relatam histórias ocorridas ou supostamente ocorridas no Nordeste.

Obviamente, a Literatura de Cordel produzida com as características consolidadas e conhecidas só se tornou possível em face do longo período de maturação a que estiveram sujeitas suas condições físico-socioculturais. Na verdade, torna-se cada vez mais raro encontrar uma região com uma comunidade isolada do planeta e afastada das transformações verificadas no mundo moderno, seja por causa das possibilidades maiores das migrações, seja por causa da influência dos meios de comunicação, hoje mais ao alcance de quase todo o

mundo. Portanto, o isolamento de qualquer território habitado do planeta, em face dos recursos e do desenvolvimento nos dias atuais está fora de cogitação.

A cada dia, o mundo está mais cruzado por vias terrestres, férreas e aéreas, devassado por novos instrumentos de comunicação instantâneos, eficientes e ao alcance da maioria das pessoas. Todavia, quando se fala em duração dos aspectos socioculturais, em identidade e tradição, não se pretende dizer que as comunidades conseguem viver hermeticamente isoladas, fechadas ao resto do mundo, sem nenhum contato. Mesmo o Nordeste, com todas as características singulares do seu meio social e de sua história, com diferenças significativas em relação a outras regiões do Brasil, não conseguiria alcançar um total isolamento. Sempre haverá algum meio de ligação com outros lugares, como aventureiros e mercadores ambulantes. Num grau bem maior e de modo impactante, pode haver um acontecimento histórico qualquer que venha interromper ou abalar a estabilidade sociocultural da região, assim como ocorreu com a Guerra de Canudos, em 1896, permitindo contatos das comunidades com novas culturas e experiências oriundas do exterior. A fala de Canclini (2013, p. 255) parece válida para corroborar esse pensamento, posto que o autor esteja se referindo a um plano geral, abrangente, pensando numa relação entre países ou continentes diferentes:

Enquanto os folcloristas colocaram em cena as culturas locais de modo convincente, acreditou-se que os meios de comunicação massiva eram a grande ameaça para as tradições populares. A rigor, o processo de homogeneização das culturas autóctones da América começou muito antes do rádio e da televisão: nas operações etnocidas da conquista e da colonização, na cristianização violenta de grupos com religiões diversas – durante a formação dos Estados nacionais –, na escolarização monolíngüe e na organização colonial ou moderna do espaço urbano.

Note-se que o autor se refere a uma suposta homogeneização entre as culturas de povos diferentes, que tenha se realizado pela interferência e imposição brutais de colonizadores europeus, quando apresentaram aos nativos de diversas regiões da América suas armas, sua erudição e doutrina religiosa. Considerando a situação por outro prisma, é possível dizer que as intervenções externas em cada uma das comunidades mais fechadas, pela força ou pela influência cultural contínua e pacífica, produzem impactos, sem dúvida, como também a introdução de novos hábitos ou o gradativo desvanecimento de outros.

Entretanto, não se afigura fácil imaginar que, principalmente num tempo limitado, a inclusão ou exclusão de elementos socioculturais nas vidas de alguns povos sejam capazes de transformar suas culturas, nivelá-las e torná-las homogêneas, sobretudo em virtude das diferenças marcantes entre cada história e espaço geográfico.

E quando se trata de cultura popular, difícil ou talvez impossível é determinar, de modo claro, as diferenças entre a cultura popular e a erudita, o que nos faz pensar num certo hibridismo entre as duas culturas, assim como a própria Literatura de Cordel, que pode significar um bom exemplo dessa duplicidade quanto à origem e mesmo quanto ao seu desenvolvimento. Cumpre observar que, embora a Literatura de Cordel, desde os seus primórdios e estabelecimento no Brasil, tenha sido sempre considerada uma manifestação de cunho tipicamente popular, não se pode esquecer de que ela, de forma híbrida, originou-se de duas vertentes: das obras produzidas pela classe subalterna e mais simples, mas igualmente das que foram criadas pela elite europeia das velhas épocas. Ademais, merece ser observado, como indício dessa origem comum, o fato de que, na Península Ibérica, muitos livros clássicos eram confeccionados de forma barata e vendidos indistintamente, misturando-se às outras obras consideradas cordel, conforme assevera Abreu (1999, p. 46):

Somente pela percepção de que se trata de uma linha editorial é possível entender a existência de um imenso volume de traduções e adaptações para o português de obras de Molière, Corneille, Voltaire, Goldoni, Metastásio, responsáveis por um conjunto significativo dos textos de cordel publicados em Portugal. Seria difícil supor que em um universo de produção e de circulação exclusivamente populares a prática das traduções fosse tão corrente. Os textos veiculados sob a forma de folhetos de cordel não foram, na grande maioria dos casos, escritos visando esse tipo de publicação.

É evidente que a Literatura de Cordel, tal como a cultura popular, possui características particulares de sorte que, por exemplo, para a produção dos folhetos, inspira-se amiúde no ambiente social mais simples e do meio rural, não se chegando, contudo, a rejeitar a construção de histórias com personagens do meio social das elites ambientadas na cidade. Dos dois tipos há muitos exemplos. Por outro lado, é sabido que a Literatura de Cordel do Brasil, pobre de recursos financeiros e tecnológicos, ainda que tenha seguido seu próprio itinerário, paralelo ao da literatura brasileira prestigiada, sem a atenção e o *status* concedido

às produções literárias tidas como de alto valor artístico, não se manteve totalmente alheia às produções cultivadas e aplaudidas pela elite econômico-cultural.

De fato, o cordel costuma estabelecer diálogos com outras esferas culturais e outras artes, como o folclore, o cinema e, de modo especial, com a literatura hegemônica, influenciando ou sendo influenciada por esta, mas apropriando-se tanto de obras da literatura brasileira quanto da universal. Todavia, não deixa de obedecer às suas próprias regras e de imprimir características particulares na elaboração do folheto, tal quando põe em versos romances e novelas com alguns títulos universalmente conhecidos, como: *A escrava Isaura*, *Iracema*, *O corcunda de Notre Dame*, *Os Miseráveis*, *Robinson Crusóé*, *Dom Quixote de La Mancha* entre tantas outras obras que, de outro modo, dificilmente seriam conhecidas por uma boa parte do público leitor do cordel. Por conseguinte, embora os textos de cordel jamais tenham tido a honra de constar, sequer, como literatura regionalista do Brasil ou como apêndice nas edições da literatura hegemônica, não deixa de apresentar-se como expressão artística que traz, em seu âmago, temas igualmente explorados e adotados pela elite.

Como se sabe, o folheto representa um produto da Literatura de Cordel. No entanto, sua importância deve-se, principalmente, ao fato de ter-se tornado a concretização dessa que é uma das manifestações mais significativas da cultura brasileira, mais especificamente da cultura nordestina, caso se deseje primar pelo rigor, uma vez que seu desenvolvimento sempre esteve visceralmente ligado aos aspectos socioculturais do Nordeste. Vale considerar que, se já parece possível haver discordância acerca de uma hipotética e completa desvinculação, com fechamento do cordel em relação à literatura oficial, bem mais difícil parece ser a tentativa de se estabelecerem fronteiras definitivas entre a cultura popular e a das elites, – análogas a compartimentos estanques – como se as particularidades divergentes pudessem expressar uma clara ruptura entre os dois aspectos socioculturais.

Algo que também pode trazer dificuldades ao constructo de uma teoria de separação é o fato de que, mesmo em se tratando de cultura popular, em geral considerada como pertencente a comunidades mais fechadas e menos evoluídas em tecnologia, não se constitui totalmente de aspectos exclusivos, seja nos dias atuais, seja nas épocas em que as sociedades, certamente, mostravam-se menos desenvolvidas e menos movediças. Nesse sentido, convém lembrar que, do mesmo modo, a maioria das línguas mais faladas, sobretudo as de origem europeia, não se caracterizam pela pureza absoluta em relação às outras, seja porque muitas têm a mesma origem ou porque vivem, entre si, em constante interação. Logo, deduz-se que, tanto para as línguas quanto para a cultura popular, o fenômeno da interação deve ocorrer com



mais intensidade na época atual, já que o mundo moderno, desenvolvido e globalizado, apresenta suas fronteiras culturais muito mais tênues que no passado.

Portanto, parece lícito dizer que as culturas apresentam alguma hibridização, em maior ou em menor grau, dependendo da história do seu povo ou do modo como este estabeleceu contatos com outras comunidades. Daí a existência da inter-relação entre a cultura popular e a das elites, tendo como resultado a impossibilidade de uma separação absoluta, de acordo com o que assevera Canclini, (2013, p. 348):

Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimento de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

Consequentemente, esse dinamismo e mesmo a mescla das produções humanas vêm, decerto, contribuir para que se desmistifique o possível conceito de que a cultura popular e a cultura da elite representam dois campos de atividades completamente dissociados, individualmente puros e homogêneos.

Cumprir observar que a interação entre as duas culturas não constitui um fenômeno social recente, e origina-se, se não do primeiro momento da gênese delas, ao menos vem de muito tempo, quando as classes privilegiadas talvez não tivessem aprofundado a prática dos gostos e modos artificiais considerados refinados, nem ainda haviam buscado conscientemente a seleção e aprimoramento das produções artísticas. Apesar de sempre ter havido a separação entre as classes, Burke (2010, p.55) explica o motivo por que ainda era possível uma forte interação entre as culturas popular e erudita, bem como a apreciação das mesmas produções artísticas pelas classes dominante e subalterna: “Contudo, é necessário insistir aqui que a gente culta ainda não associava baladas, livros populares e festas à gente comum, precisamente porque também participava, ela mesma, dessas formas de cultura”.

Aliás, conquanto se possa pensar diferente, parece que nem mesmo a cultura popular, seja quanto à produção artística, seja quanto à prática dos costumes, não se caracterizava pela extrema homogeneidade ou pela pureza, de modo que, durante as atividades festivas em alguns países europeus, a aristocracia permitia-se misturar à classe popular, conforme se pode inferir de mais uma informação de Burke (2010, p.52):

O Carnaval, por exemplo, era para todos. Em Ferrara, no final do século XI, o duque se reunia à diversão, saindo mascarado às ruas e entrando em casas particulares para dançar com as damas. Em Florença, Lorenzo de Médici e Niccolò Machiavelli participavam do Carnaval. Em Paris, em 1583, Henrique III e seu séquito “iam pelas ruas mascarados, indo de casa em casa e cometendo mil insolências”. [...] Henrique VIII ia para os bosques no dia Primeiro de Maio, exatamente como os outros rapazes.

Nas últimas décadas, discutiu-se muito sobre a modernidade, suas causas e o impacto produzido no mundo; atualmente, já se fala bastante da pós-modernidade, ambas terminologias de fenômenos sociais que, malgrado a complexidade dos seus conceitos, podem ser empregadas, com mais propriedade, quando se pretende referir a nações de culturas e tecnologias mais avançadas, sem os contrastes abissais e dificuldades ainda muito presentes em países da América Latina, dos quais o Brasil pode ser apontado como um bom exemplo.

Fala-se dessas terminologias aplicando-as indistintamente a todas as regiões, ou mesmo países, posto que boa parte dos lugares não tenham desfrutado dos aparatos tecnológicos, melhor qualidade de vida e avanços culturais resultantes das novas condições de desenvolvimento promovidas, sobretudo pela globalização. A propósito, Canclini (2013, pp. 24, 25), ao reprovar principalmente o uso indiscriminado e extensivo da terminologia “pós-modernidade”, assim se expressa:

Para que vamos ficar nos preocupando com a pós-modernidade se, no nosso continente, os avanços modernos não chegaram de todo nem a todos? Não tivemos uma industrialização sólida, nem uma tecnificação generalizada da produção agrária nem uma organização sociopolítica baseada na racionalidade formal e material que, conforme lemos de Kant a Weber, teria sido transformado em senso comum no Ocidente, o modelo de espaço político onde os cidadãos conviveriam democraticamente e participariam da solução social. Nem o progressinho evolucionista, nem o relacionamento democrático foram, entre nós, causas populares.

Por tudo o que foi aqui exposto, fica evidente que não se devem, quando se trata das conquistas sociais e evolução cultural da humanidade, abstrair as desigualdades existentes entre as regiões mais desenvolvidas e menos desenvolvidas, sobretudo em se tratando de um país de dimensões continentais e consideráveis contrastes econômico-socioculturais como é o

caso do Brasil. Conclui-se, igualmente: a tradição não permanece estática de modo a transferir e repetir indefinidamente costumes imutáveis entre as gerações de um povo; as culturas não se mantêm homogêneas nem puras, como que encapsuladas no seu meio ambiente. Entende-se, enfim, que a própria Literatura de Cordel, na Europa ou no Brasil, ainda que tenha subsistido marginalizada e esquecida pela classe social alta, não se desenvolveu de forma absolutamente paralela e sem contatos com a literatura oficial.

Em que pese à mencionada flexibilidade da tradição, da cultura popular e da própria Literatura de Cordel, cabe questionar como foi possível o desenvolvimento dessa manifestação artístico-popular, que se constituiu num dos maiores símbolos da cultura nordestina e valioso repositório dos elementos identitários do seu povo.

Como forma de elucidar essa questão, poder-se-ia responder que as características particulares da região nordestina e as vicissitudes que construíram a índole do seu povo é que propiciaram o desenvolvimento de uma vigorosa e exuberante manifestação artística popular a que os estudiosos deram o nome de Literatura de Cordel. Por esse motivo, facilmente se vê que os folhetos, especialmente os antigos, além de servirem como uma das formas de lazer da gente simples, continham, além de outros temas, o registro dos fatos mais impactantes do lugar, as crenças e a expressão do modo de pensar do sertanejo. Entretanto, após os anos de 1970, o folheto passou também a ser lido e produzido nas principais metrópoles brasileiras, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, como resultado do deslocamento dos poetas nordestinos e seus conterrâneos, muitos dos quais, afugentados pela seca, aventuraram-se à procura duma vida melhor.

Em consequência desse êxodo, novos folhetos passam a ser escritos na metrópole, cuja força da atmosfera turbulenta e da paisagem artificial do novo ambiente começa a se refletir na temática e igualmente afetar e duplicar as identidades de seus autores. Desse modo, mesmo quando na condição de antigos emigrados na cidade grande, boa parte desses autores, meio sertanejos e meio urbanizados, procuram introduzir no seu folheto certos elementos humanos representados pelas personagens desterritorializadas, de identidades duplas, descentradas, com fortes reminiscências do sertão da terra natal.

A seguir, o Capítulo III tratará do folheto, de forma mais específica, observando a relação dos temas mais desenvolvidos, mas, sobretudo, a estética, de que fazem parte a linguagem característica dos poetas, a obediência das normas nos textos, assim como o formato e o aspecto material dos livretos.

### 3 CONFIGURAÇÕES POÉTICAS DO CORDEL

#### 3.1 Temas explorados no folheto

Pela diversidade considerável de títulos existentes na Literatura de Cordel, facilmente se conclui que os poetas desfrutaram de ampla liberdade para tratar dos mais variados assuntos.

Por isso, em sua época mais produtiva no Nordeste, os folhetos tornavam-se importantes na vida de muitos leitores, porque, de acordo com as características apresentadas, desempenhavam certas funções, como: servir de jornal aos sertanejos, levando-lhes notícias de acontecimentos relevantes ou de natureza catastrófica, ainda que o leitor já estivesse ciente delas por outros meios, visto que a mediação e as impressões do poeta enriquecidas de pormenores também eram igualmente importantes; censurar ou louvar pessoas famosas ou anônimas; servir como forma de lazer, fazendo uso do humor ou de histórias plenas de fantasia com a presença do elemento maravilhoso; chamar a atenção do leitor como forma de corrigir comportamentos, com histórias cujos exemplos pretendiam castigar os indivíduos maus e premiar os bons, reforçando a necessidade da observação dos valores morais e espirituais mais caros à comunidade sertaneja. As histórias eram abundantes e, não havendo exigência quanto ao rigor da verdade, podiam ser exploradas a partir de uma rica gama de temas, como: a fé, as superstições, os contos de fadas, as histórias de amor, a honra da família, a traição, a ambição, a valentia, ou a exaltação de personalidades da política brasileira.

Por conseguinte, em face da grande quantidade de temas explorados pelos poetas, torna-se muito difícil, senão impraticável, chegar a uma classificação rígida e satisfatória, razão por que sempre existe alguma diferença entre as propostas apresentadas pelos estudiosos desta questão.

Ainda assim, as obras do cordel apresentam várias temáticas recorrentes, o que permite estabelecer uma certa ordem, como segue nesta síntese – certamente sem pretender sanar a questão –, balizada principalmente nos estudos de Souza (1976), Proença (1977) e Meyer (1980).

De modo geral, quando pretendem classificar os temas, alguns autores, de forma mais didática, costumam separá-los em dois grandes grupos: romances e folhetos, dos quais aqui serão registrados alguns tipos mais representativos seguidos de exemplos. Quanto à extensão

do texto, existem os folhetos noticiosos, originados de fatos, com oito ou dezesseis páginas, enquanto as histórias também versificadas e denominadas *romances*, sendo maiores, podem ter vinte e quatro, trinta e dois, quarenta e oito ou, mais raramente, sessenta e quatro páginas. Em relação aos temas tratados, recebem nomes de romances as histórias imaginadas pelo autor, como os dos ciclos mágico e maravilhoso, a que pertencem os contos da carochinha ou de Trancoso, que trazem histórias sobre príncipes, fadas, dragões e reinos encantados. Mesmo que os fatos aconteçam em lugares longínquos ou mitológicos, os poetas, quase sempre, procuram descrever a paisagem com a introdução de alguns elementos próprios da vida nordestina, como no folheto *A camponesa e o príncipe encantado* de Manoel d’Almeida Filho e em *O Romance de João Besta e a Jia da lagoa*, de Francisco Sales Arede. Nos romances do ciclo do gado, com a presença de animais encantados que falam, sobressai-se o boi, como uma das personagens principais e um dos elementos característicos na vida do sertanejo. Neste caso, *O boi misterioso*, folheto de Leandro Gomes de Barros, tornou-se um dos mais conhecidos. Os romances de anti-heróis relatam a vida de indivíduos fisicamente débeis, mas astutos. Dentre esses personagens, destaca-se o antigo Pedro Malazartes, originado na Europa. Conhecido na Península Ibérica como Pedro Urdemales ou Urdemalas, abrazeirou-se nas histórias do folheto de cordel do Nordeste. Dessa linhagem picaresca surgiram e tornaram-se célebres os brasileiríssimos João Grilo, Cancão de Fogo e João Leso. Pouco afeitos ao trabalho regular, esses personagens chamados de *amarelos* ou *amarelinhos*, por causa da sua tez pálida e desnutrição crônica, de certo modo semelhantes à dos trabalhadores dos engenhos de cana-de-açúcar nordestinos, conseguem ludibriar os mais fortes ou poderosos, pela inteligência aguçada e esperteza, perpetrando pequenas maldades, na maioria dos casos. Tais folhetos continuam sendo reimpressos, como *As proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde e *A vida de Cancão de Fogo e seu testamento*, de Leandro Gomes de Barros. Também quase na mesma linha desses heróis pícaros, apareciam consagradas figuras literárias da vida real, tais como os poetas portugueses Bocage, a quem a gente simples, com certa familiaridade, denominava *Bocais*, e Camões, que tiveram suas biografias deslocadas para o humor, mas exaltando sempre algumas qualidades como a inteligência e a espirituosidade.

Nos romances da mulher difamada, a personagem passa por uma série de contratempos e momentos de grande sofrimento, mas consegue superá-los ao final com a inocência comprovada. Um clássico exemplo é *História do capitão do navio*, de Silvino Pirauá de Lima. Nos romances de amor, do mesmo modo, os amantes enfrentam uma grande quantidade de percalços até que, finalmente, encontra a felicidade almejada, como em *Dimas e Madalena nos Labirintos da Sorte*, de Manoel Pereira Sobrinho.

Com referência aos temas estudados nos folhetos, existe uma grande variedade, até mesmo mais minuciosa que nos romances. Os folhetos pertencentes aos ciclos do cangaço e do religioso apresentam figuras que povoaram o imaginário do povo nordestino, como Lampião, Antônio Silvino, Corisco, Padre Cícero e Frei Damião. Os exemplos são muitos, como *A história de Antônio Silvino*, de Francisco das Chagas Batista, *O grande debate de Lampião com São Pedro*, de José Pacheco, *O último sermão do padre Cícero Romão em 1934*, de João Ferreira dos Santos. Quanto aos folhetos de acontecidos ou de época, também denominados de histórias de circunstâncias, além de servirem como forma de lazer, funcionavam como os jornais do povo sertanejo, numa época em que as pessoas mais pobres, distantes dos centros urbanos, não tinham acesso aos meios de comunicação. Neste caso, ainda que os leitores já estivessem a par dos acontecimentos, liam o folheto para desfrutar os pormenores traduzidos sob a visão do poeta, bem como a forma pitoresca com que este relatava os episódios. Poetas e leitores interessavam-se, principalmente, por acontecimentos extraordinários de grande repercussão, que podiam suceder com pessoas comuns, mas os fatos que mais prendiam a atenção eram os que envolviam grandes personalidades, como o suicídio de Getúlio, que inspirou o folheto *A lamentável morte do Presidente Getúlio Vargas*, de Francisco Sales Areda. Por sua vez, os folhetos de exemplos morais são aqueles que procuram deixar uma lição. Trata-se de uma temática que permeia grande parte da Literatura de Cordel, como forma de punir os vilões e corrigir os maus costumes, deixando, ao final, uma reprimenda ou um conselho às pessoas que trilham o caminho do mal e cometem delitos. Um bom exemplo é *A moça que bateu na mãe e virou cachorra*, de Rodolfo Coelho Cavalcante. Os folhetos de discussão mostram as intermináveis polêmicas entre pessoas ou entidades cujos pontos de vista se divergem. Exemplo: *A discussão de um protestante com um romeiro de Bom Jesus da Lapa*, de Minelvino Francisco da Silva. Nos folhetos das eras, o poeta anuncia o fim dos tempos, e como um arauto ou um profeta, pede às pessoas que obedeçam aos mandamentos divinos e narra toda sorte de sofrimento a que estão sujeitas as almas dos que vivem em pecado. Um desses títulos é *Os sinais do fim do mundo*, de José Costa Leite. Com os folhetos de cachorrada ou descaração, os poetas relatam situações em que predomina a libertinagem da sociedade, como em *Mulher é como louça, lavou, enxugou, tá nova*, também de José Costa Leite.

Enfim, a lista se estende para além desses temas já citados, uma vez que os estudiosos, ao fragmentarem a classificação dos assuntos, fazem surgir outros tipos de folhetos, como: folhetos de política, de Getúlio Vargas, de Antônio Silvino, de Lampião, de Padre Cícero, de Frei Damião, de gracejos, de carestia, de propaganda, dentre tantos outros. Em vista disso, a

impressão é que algumas produções organizadas pelos especialistas, de forma separada, (talvez pela relevância dada a essas personagens dentro do cordel) tratam de temas com características muito semelhantes entre si. Por isso, talvez, muitos temas pudessem ser estudados de forma agrupada, já que frequentemente aparecem combinados, fazendo parte de um mesmo folheto.

### **3.2 A estética e a linguagem do folheto**

Com poucos recursos tecnológicos e financeiros, inicialmente os cordelistas confeccionavam esses folhetos em pequenas prensas. Tratava-se de processo simples e totalmente artesanal, de modo que os folhetos mais antigos sequer tinham capas e traziam apenas o nome do autor. Mais tarde, usando um papel de baixa qualidade, xilogravavam artesanalmente os desenhos nas capas, a partir de entalhes em árvores de textura mais macia, como imburana, cajá, pereiro, pau-pombo ou matrizes de folhas de zinco. De acordo com Souza (1981), embora atualmente a xilogravura para ilustração de capas pareça o recurso gráfico utilizado desde os primeiros momentos do cordel no Brasil e seja o preferido por grande parte do público e poetas, no passado esse processo nunca alcançou o prestígio das gravuras de zinco, sobretudo porque estas apresentavam melhor acabamento.

O folheto tradicional no Brasil representou a concretização da Literatura de Cordel, que saiu de sua condição eminentemente oral, como nas histórias contadas pelo povo, nas varandas das fazendas e noutros lugares do ambiente rural, bem como nas cantorias e desafios ao som da viola. A esse respeito, Ângelo (1996, p. 55), um dos grandes conhecedores do cordel na atualidade, faz esta observação: “A literatura de cordel se completa com o repente de viola. E vice-versa. Na Literatura de Cordel, como no repentismo – um exercício incessante de imaginação –, a realidade se mistura fácil e poeticamente ao irreal, ao que poderia ser, mas não é”.

Posteriormente, essas manifestações transformaram-se em texto escrito, mas sem jamais perder por completo alguns elementos próprios da oralidade, como o vocabulário simples, ou mesmo agreste, e a espontaneidade das expressões pitorescas tão ao gosto da gente sertaneja. Nesse sentido, também Abreu (2011, pp. 117, 118), para mostrar a grande

proximidade entre o oral e o escrito dentro do cordel, esclarece que “A produção de folhetos no Nordeste situa-se na encruzilhada entre a escrita e a oralidade, sendo impossível fixá-la de maneira definitiva em qualquer um desses pólos”.

Entretanto, embora pertencente a uma manifestação de origem popular, em que uma das características mais notáveis é a espontaneidade de expressão linguística, convém observar que a realização do poema de cordel, sobretudo o tradicional, não se dá de modo negligente, à revelia das normas, seja quanto às medidas do material confeccionado, seja quanto ao desenvolvimento e à disposição do texto. Logo, ao contrário do que se poderia supor, os bons folhetos devem-se submeter a regras claramente estabelecidas e a algumas dimensões padronizadas. Por isso, quando os folhetos são lidos mais atentamente, verifica-se que, a despeito da baixa escolaridade da maioria dos primeiros autores, estes não contavam apenas com a inspiração e o dom da rima, mas utilizavam técnicas específicas e obedeciam a determinados esquemas.

Portanto, vale observar um texto intitulado *Como fazer versos*, de um dos mais conhecidos poetas do cordel, Rodolfo Coelho Cavalcante, que emite sua opinião sobre o aspecto formal do folheto. Trata-se de um documento que, pelas linhas teóricas gerais traçadas, faz lembrar antigos manifestos da literatura nacional, conquanto o poeta esteja se referindo a normas já existentes e consolidadas dentro da Literatura de Cordel há várias décadas. Por ser um texto relativamente extenso, mencionado por Abreu (2011, pp. 110, 111), aqui segue apenas uma parte dele, bastante para mostrar a essência do pensamento do poeta, registrado no jornal *Correio Popular* de Campinas em 1982:

Não adianta escrever poemas, trovas ou estrofes que não sejam em sextilhas, setilhas, setessilábicas ou em decassílabos, e vir dizer que é Literatura de Cordel. Muitos eruditos andam escrevendo opúsculos até em prosa dizendo ser Literatura de Cordel. Quando os versos são compostos em forma de narrativa, tem que ser em sextilhas. (...) Em cada página cabem cinco estrofes (sendo em sextilhas). Na primeira, apenas quatro – para que o título da História, do Folheto ou do Romance fique mais destacado, bem como o nome do autor. (...) Convém notar a rimação do segundo verso com o quarto e o sétimo e as rimas no quinto e sexto versos. Há quem escreva sextilhas com rimas diferentes e também setilhas, mas não é a estrutura oficial da Literatura de Cordel. O tamanho do folheto não deve ultrapassar 11-16 centímetros. Quando maior ou menor, perde sua característica de cordel.



Realmente, em consonância com o padrão preconizado por Cavalcante acerca das dimensões do folheto, com pequenas variações, havia o denominado formato oito, ou seja, (com 16,5cm X 10 cm) e o formato nove (com 15,5 cm X 11 cm), muito rudimentares e em papel manilha, todos confeccionados nas pequenas gráficas artesanais e comercializados nas bancas das feiras e vendas do Nordeste; mas depois surgiu o novo formato de maiores dimensões (0,18cm X 0,13cm), considerado de confecção industrial, representado geralmente pela editora Luzeiro, em São Paulo (PEREGRINO, 1984). O número de páginas apresenta-se variável: de 8 (para o folheto), como já se disse em outra página, até 64 (para romances), de acordo com a denominação popular. Os dois primeiros tipos destinam-se geralmente a narrar algum fato ocorrido na região; os mais longos são reservados aos romances e narram histórias de ficção, com temas semelhantes aos dos contos de fadas.

Quanto à organização da métrica, existem os versos dispostos em sextilhas (estrofe com seis linhas agrupadas) e em heptassílabos (versos de sete sílabas cada), com o seguinte esquema de rimas: ABCBDB. Entretanto, menos encontradiços, também são escritos em septilhas com (ABCBDDDB), ou décimas (ABBAACCCDDC). Das três, seguramente, a sextilha é a mais usada. A septilha representa uma modalidade relativamente nova e, de acordo com Silva (2005), a prova disso é que, não obstante a sua beleza rítmica, praticamente não aparece nos trabalhos de Leandro Gomes de Barros, grande poeta e um dos primeiros da Literatura de Cordel no Brasil. Existem ainda as décimas, estrofes de dez versos com sete sílabas, usadas pelos cordelistas na composição dos longos poemas que apresentam um tom solene. Para exemplificar, segue uma estrofe de cada tipo, com a disposição das rimas e os versos escandidos:

História de Roberto do Diabo (Leandro Gomes de Barros)

(Sextilhas)

1 2 3 4 5 6 7  
Tris/ to /nha/ e a /mar/ gu / ra /da ( A )

1 2 3 4 5 6 7  
Vi/ vi/ a a / jo/ vem/ du / que/ sa ( B )

1 2 3 4 5 6 7  
Jun/ to / com / o / seu / ma / ri / do ( C )

1 2 3 4 5 6 7  
na / mais/ me/ do/ nha / tris/ te/ za ( B )

1 2 3 4 5 6 7  
por/ que / não/ ti/ nham/ um / fi/ lho ( D )

1 2 3 4 5 6 7  
queher/ da / sse/ su / a / ri / que/ za ( B )

A triste sorte de Jovelina (José Galdino da Silva Duda)

(septilhas)

1 2 3 4 5 6 7  
Seus/ brin/ que / dos / e / ra/ fa/ ca ( A )

1 2 3 4 5 6 7  
e / es/ pin/ gar / da/ de/ pau/ ( B )

1 2 3 4 5 6 7  
Só / fa / la / va / em / ma/ tar/ ( C )

1 2 3 4 5 6 7  
nun/ ca / u / sou / bi / rim / bau/ ( B )

1 2 3 4 5 6 7  
tan/ to / que/ os / ma/ nos / de / le ( D )

1 2 3 4 5 6 7  
pou / co / brin / ca / vam / com / e / le ( D )

1 2 3 4 5 6 7  
por/ que / seu / ge/ nio e/ ra / mau/ ( B )

A Prisão de Oliveiros (Leandro Gomes de Barros)

(Décimas)

1 2 3 4 5 6 7  
O / rei / fez / u/ ma / mu/ dan / ça ( A )

1 2 3 4 5 6 7  
per / gun/ tou/ a / O/ li / vei/ ros ( B )

1 2 3 4 5 6 7  
see / les / e / ram / ca / va/ lhei/ ros ( B )

1 2 3 4 5 6 7  
dos/ do/ ze / pa / res / de / Fran/ ça ( A )

1 2 3 4 5 6 7  
O/ li/ vei/ ros /sem / tar/ dan/ ça ( A )

1 2 3 4 4 5 6  
di/ sse:/ nós / so/ mos / sol/ da/ dos ( C )

1 2 3 4 5 6 7  
mui/ to / pou/ coe / xer/ ci / ta/ dos ( C )

1 2 3 4 5 6 7  
so/ mos /to/ dos / de /Lo / ren / da ( D )

1 2 3 4 5 6 7  
pa/ ra a / pri/ mei/ ra / con/ ten/ da ( D )

1 2 3 4 5 6 7  
a / go/ Ra / fo / mos / cha/ ma/ dos ( C )

Um dos tipos de métrica mais antigos e famosos é o *martelo agalopado*, que contém dez versos e dez sílabas. Inicialmente, tratava-se do esboço de um modelo ainda não aceito na Literatura de Cordel por causa de sua norma um tanto indecisa. Criado pelo italiano Jaime Pedro Martelo, mais tarde foi aperfeiçoado para a forma definitiva pelo poeta brasileiro José Galdino da Silva Duda, em 1898. De uso preferido nas pelejas, os versos possuem força de expressão e beleza poética, onde são comuns o lirismo, a chacota e a bravata hiperbólica entre os contendores. Haja vista este exemplo fornecido por Silva (2005, p. 38) extraído da *Peleja entre Serrador e Carneiro*, folheto de autoria do poeta João Martins de Athayde:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Car/ nei/ ro / vê/ lho/ sus / ten / ta o/ ro/ jão, ( A )

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Se/ rra/ dor/ é / sa/ gaz, / li/ gei/ ro e/ for/ te ( B )

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Te / nho / pre / so / na / mão o / frei / o / da / mor / te ( C )

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10  
Dou/ -lhe / vi/ da, / des / ti / no e/ di / re / ção, ( A )

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Eu / sus / pen / do / qual / quer / e / xal / ta / cão	( A )
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
O / co / ris / co on / de eu es / ti / ver e / le / não / cai	( D )
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 12	
Di / go ao / ven / to / que e / le / não / vá e / le / não / vai	( D )
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
Fa / ço o / mar / des / pe / jar / á / gua / no / ri / o	( E )
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	
E / de / pois / que / can / to / um / de / sa / fi / o	( E )
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	
Fa / ço / me / do a / can / ta / dor / que / só / meu / pai.	( D )

Neste exemplo, o sétimo e o décimo versos chamam a atenção do leitor, uma vez que apresentam, respectivamente, doze e onze sílabas, diferença de métrica que não parece representar um senão imperdoável que desabone ou torne menos bela a poética do cordel. Possivelmente, isso resulta da estreita ligação do folheto com a oralidade, sobretudo na peleja, modalidade em que o cantador sertanejo, livre para colocar sua voz, pode ajustar a duração das sílabas ao compasso dos acordes da viola sem perder o ritmo desejado.

Atualmente, o folheto xilografado em preto e branco e de aspecto muito singelo, raro no mercado e visto até como relíquia, costuma ser procurado por turistas, por apresentar um formato mais antigo do que o de estampas coloridas. Este último, da Luzeiro, a maior editora de Literatura de Cordel do Brasil localizada no Brás, em São Paulo, apresenta um tamanho maior, bons desenhos e recursos gráficos, modelo de tendência dominante, uma vez que agrada bem à clientela em geral. Essa editora, além de lançar, constantemente, títulos antigos e consagrados no Nordeste, insere outros assuntos, como anedotas e conselhos médicos.

Essas inovações alteram profundamente o formato original do folheto, de sorte que, em certa época, irritaram poetas, críticos e alguns cordelistas mais conservadores do cordel, como Coutinho (*apud* PEREGRINO, 1984, p. 108), que considerou do “pior gosto” os desenhos e capas coloridas, tachando-os de “cafone industrial da pior qualidade”. Sendo assim, esse livreto, pelas características marcantes que o consagraram, como as dimensões pré-estabelecidas e o papel barato com que sempre foi confeccionado, oscila entre o modelo antigo, talvez saudosista, e a necessidade de se manter atualizado, conforme as exigências de mercado e da vida moderna.

Quanto ao fato de a preferência e vendagem do folheto serem determinadas pelo formato da capa, eis o que dizia um revendedor citado em Souza (1981, p. 25) há mais de trinta anos:

Para os turistas, a gravura de madeira é melhor. Para o pessoal da praça do mercado, eles preferem a gravura de zinco. As novas eles não gostam muito, porque pensam que é falsificada. Um romance tem que ter um clichê bom, senão, o matuto olha pra capa e não tem vontade de comprar.

Os textos dos folhetos de cordel apresentam uma linguagem cujo vocabulário e expressões, costumeiramente pitorescas e próprias da fala do interior nordestino, favoreciam o entendimento do ouvinte ou do leitor, numa época em que era bem maior o contingente de sertanejos analfabetos ou de reduzida instrução escolar. Compreende-se que a expressão “entendimento do ouvinte” possa causar alguma estranheza; contudo, sabe-se que o analfabeto também podia apreciar o folheto, uma vez que era comum a leitura da história, em voz alta, por alguma pessoa mais instruída dentre os familiares ou vizinhos.

Assim, a linguagem do folheto surgia de forma muito natural, direta, fluente, cuja espontaneidade resultava da fácil identidade entre poetas e leitores conterrâneos. Como porta-vozes dessa gente do sertão, esses poetas traziam-lhes novidades, proporcionavam-lhes lazer, expressavam suas crenças, interpretavam seus anseios e, assim como a maioria dos sertanejos, boa parte desses autores era semianalfabeta e advinda de famílias humildes, como explica Abreu, no ensaio *Pobres Leitores*, de 26/07/2011:

Filhos de pequenos proprietários ou de trabalhadores assalariados, a grande maioria dos poetas nasceu na zona rural. Com pouca ou nenhuma instrução formal, eram autodidatas ou aprenderam a ler com parentes e conhecidos. Não são raros os que aprenderam a ler a partir da audição de leituras de folhetos, feitas por vendedores ou autores, que eventualmente instruíam-nos sobre as regras de composição desta literatura.

Tal característica mencionada pela autora comprova-se pelas biografias que os retratam como homens que não estiveram na escola, mas aprenderam a ler movidos de muito

esforço, de forma descontínua, sem método, com auxílio de parentes ou amigos. Nessa situação, não foram poucos os poetas, inclusive alguns dos mais destacados, referidos por Liedo Maranhão de Souza (1981): Manoel Caboclo e Silva, José Estácio Monteiro, José Martins dos Santos, Minelvino Francisco Silva, Ailton Francisco da Silva e José Costa Leite. Não obstante essa carência intelectual, foram produzidos muitos folhetos importantes, verdadeiros clássicos da Literatura de Cordel, ainda hoje estudados, porquanto, a seu favor, esses cordelistas tinham o reconhecido talento para versejar e a pronta aceitação dos leitores.

A propósito dessa escolaridade rudimentar, segue o excerto de uma carta contida em Meyer (1980, p. 9), que um dos poetas mais representativos do cordel, João Melchiades, envia à esposa Senhorinha:

Parayba 1° de Dezembro de 1914

Senhorinha adeus

Muito stimo quê gozes saude juntamente nosso quiridos filinhos eu a fazer esta vou con saude graças adeus filinha ricibi tua cartinha e fequei muito contente e ciente do quê tu me recomendas quanto a estas cousas nem te dê cuidado quê meu tempo não dá para anda atrais de mulheres eu fui a casa de neco uma boca da noite e durmi ritireime de manhan la mais não fui, quê tenho em quê me ocupar desde quê cheguei quê escrevo meu livro vim acabar quinta feira dia 26 e entreguei ao Pimentel quê mi disse quê o livro entrava hoge para compusição mais só me dava no dia 12 e eu muito vexado para subir mais o jeito quê tenho é ter paciencia (...)

Vê-se, pois, que Melchiades continua sua carta deixando graficamente expostos todos os problemas de linguagem defrontados. Portanto, em face das dificuldades de domínio da língua culta, em muitos textos, não são raros os versos de rimas imperfeitas e desvios gramaticais na sintaxe e na ortografia.

Essas transgressões da linguagem prestigiada, a rigor, não reduzem o prestígio das obras, como se poderia supor, uma vez que ratificam e expressam a autenticidade e o valor do cordel, como espontânea manifestação literária de caráter popular e representativa do ambiente interiorano nordestino, consumida pelo sertanejo semialfabetizado ao longo do século XX. É mister compreender, portanto, que o folheto de cordel, com sua linguagem expressiva, singela e meio ingênua representava a forma aproximada da fala cotidiana e o

modo de pensar do sertanejo, visto que era a esse homem, geralmente oriundo do estrato social mais humilde e pobre, que o poeta de cordel se dirigia.

Acerca da inobservância da norma culta da língua, seja no aspecto gramatical ou na conformação dos versos e das rimas, Nemer (2005, p. 33), uma das reconhecidas estudiosas do cordel no Brasil, ensina:

Mas nem sempre se verifica uma utilização tão perfeita da rima. Na verdade, a exigência desta costuma provocar problemas. Um deles é o sentido, muitas vezes comprometido pela necessidade de rimar. O outro, também usual, é quando o par soa inoportuno como no caso de ridículo-veículo, usado para descrever uma situação trágica como a da morte sob rodas. De qualquer forma, esses desvios, que em uma linguagem culta não poderiam ser ignorados, merecem pouca atenção do poeta popular, preocupado com a agilidade e espontaneidade do texto. Seu objetivo é divertir e ensinar, transmitindo valores, práticas e atitudes.

Tudo leva a crer que a autora esteja se referindo ao cordel produzido numa época, quando, no Brasil, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas mais pobres que desejassem estudar eram incomparáveis aos dias de hoje, principalmente em se tratando da Região Nordeste. Como já foi sobejamente referido, a Literatura de Cordel alcançou seu apogeu em meados do século XX e, assim como costuma suceder com outras atividades humanas, também possui sua ala conservadora, cuja resistência a transformações talvez se deva à aceitação da linguagem singular e própria do ambiente sociocultural sertanejo, que consegue expressar o pensamento, a espontaneidade e a beleza agreste da fala do matuto.

Por conseguinte, a respeito de possíveis mudanças na apresentação material ou na linguagem do folheto, os autores manifestam seus pontos de vista, alguns contrários, outros a favor. Entre os que demonstram ser claramente avessos a certas modificações do cordel tradicional, encontra-se Umberto Peregrino, um apaixonado estudioso dessa literatura, que diz o seguinte:

De nossa parte entendemos que mesmo a correção ortográfica é indesejável porquanto retira ao texto autêntico, além do sabor visual, o mérito linguístico que ele possa ter como transmissor de prosódia usada pelo povo com que o poeta se identifica. Indesejável, portanto, será sua suposta limpeza ortográfica (PEREGRINO, 1984, p. 111).

No entanto, já há algum tempo, com a escolaridade ao alcance da maioria dos brasileiros, outros cordelistas, com uma posição mais inovadora, vêm criticando as editoras por não fazerem uma correção gramatical mais rigorosa, pois acreditam que tais “imperfeições” linguísticas depõem contra a qualidade e a credibilidade da Literatura de Cordel.

Em consonância com esse pensamento, observe-se como Luyten (1981, pp. 125, 126) mostra a contrariedade de Manoel D’Almeida Filho, um dos poetas de cordel mais instruídos e respeitados, que se referia a esta questão há pouco mais de três décadas:

(...) não entendo a razão de alguns pesquisadores atuais, inclusive estrangeiros, afirmarem que o livro de Literatura de Cordel (título dado não sei por quem), só é autêntico com clichê de madeira, erros gráficos e ortográficos. (...) Ou esses senhores acham que os poetas populares devem ser analfabetos e ignorantes para satisfazê-los?

A intenção do poeta parece boa e seu raciocínio procede, uma vez que a sociedade, em todos os campos, tem sofrido grandes transformações que, como não poderia deixar de ser, oportunizaram também a elevação do nível de escolaridade dos brasileiros. Outra autoridade que se mostra a favor de uma linguagem mais gramaticalmente cuidada do cordel é o presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, que diz em entrevista concedida à revista *Língua Portuguesa*: “É preciso ganhar respeito, não se pode mais viver de palavras e conjugações verbais malfeitas” (SILVA, 2012, p. 25). Contudo, ainda não está comprovado que a adequação da linguagem dos folhetos às exigências da gramática normativa seja fator decisivo para uma melhor aceitação ou sua afirmação definitiva como parte da literatura brasileira perante a elite cultural e a crítica oficial. Nesse sentido, o cearense Patativa do Assaré, nascido e criado na roça, pode ser considerado um exemplo de sucesso, visto que alcançou indiscutível respeito da intelectualidade e renome em todo o território nacional. Doutor *honoris causa* por cinco vezes, construiu uma obra profundamente marcada pela oralidade, com versos que transmitem graça e grande força de expressão, traduzindo os sentimentos mais puros do camponês, como neste fragmento do poema *Serra de Santana*:



Minha Serra de Santana  
 meu pedacinho de chão  
 lá ficou minha choupana  
 e meu pé de framboão  
 ficou também no terrêro  
 meu galo madrugadêro  
 que canta inriba da hora  
 Minha serra! Minha terra  
 O destino me faz guerra  
 e a sodade me devora.  
 (ASSARÉ, 1978, p. 239)

Como já foi dito, durante muito tempo, apesar das supostas imperfeições apontadas, o cordel fez muito sucesso no Nordeste e nunca se cogitou em fazer “reparos” em sua linguagem, cujo vocabulário e prosódia característicos do ambiente sociocultural sertanejo possivelmente estejam entre os principais elementos que determinaram a riqueza expressiva da linguagem, a aceitação, ou mesmo a representatividade dos textos considerados por muitos como legítima Literatura de Cordel. Não se pretende, entretanto, dizer que essa autenticidade seja fruto de um sistemático desvio da linguagem culta, embora esses erros possam acontecer; antes, o que mais se evidencia e melhor representa o folheto é o “sabor” da linguagem colorida e pitoresca com que esses poetas se expressam, falando em nome dos seus conterrâneos ou a eles se dirigindo. Haja vista esta estrofe do folheto *História do valente João Acaba-Mundo e a serpente negra* de Minelvino Francisco da Silva (1959, pp. 08, 16), bem ao gosto da atmosfera imaginosa do cordel, em que predomina uma temática cujas características guardam alguma semelhança com os contos de fadas:

O dito gigante estava  
 Ferido e ensangüentado  
 Lá no fundo do porão  
 Que parecia um finado  
 Tinha corte até na língua  
 Falava muito arrastado  
 (...)  
 Ele esporou o cavalo  
 Afim dele ali saltar;  
 O cavalo deu um pulo  
 Igual foguete no ar  
 Porém a cancela mágica  
 Os cascos poude tocar.

Os leitores aceitaram essas infrações linguísticas, e possivelmente muitos nem se davam conta delas, fosse por mero desconhecimento da gramática, ou porque se sentiam totalmente seduzidos pelos temas explorados e pela forma enérgica com que os episódios supostamente ocorridos em épocas e lugares mitológicos, longínquos, ou mesmo no sertão, eram narrados. Em todo caso, cumpre observar que a forma inspirada com que os poetas se expressam e desenvolvem a história é um dos principais fatores que determinam a qualidade dos folhetos, superando em muito quaisquer imprecisões gramaticais que porventura sejam detectadas.

### **3.3 Folhetos de cordel tradicionais: análise de textos**

Conforme foi proposto na introdução deste trabalho, foram selecionados 18 (dezoito) poemas para análise, enumerados de 01 a 18, separados em dois grupos e obedecendo ao seguinte critério: 09 (nove) textos dentre os mais antigos, ou seja, que contêm os temas que mais influenciaram a Literatura de Cordel, em seu apogeu, durante a maior parte do século XX no Nordeste, indo até o ano de 1980; 09 (nove) textos selecionados dentre os que foram escritos em época mais recente, ou seja, a partir do ano 1990, a fim de estabelecer um possível paralelo entre as características das obras mais antigas e das atuais, verificando o que ainda permanece do tradicional, do pensamento dos autores e temas do passado, em relação às novas obras produzidas sob a influência do ambiente urbano, fruto do mundo globalizado, cujas transformações, cada vez mais, chegam rapidamente a todas as regiões. Para organizar os textos para análise, pensou-se, inicialmente, em adotar o critério da cronologia das publicações, porém a grande maioria dos folhetos – um antigo costume dos poetas – não possui data do primeiro lançamento, constando, com frequência, a informação “data: sem indicação”. Portanto, boa parte dos textos, por não possuírem data de edição, foram classificados como antigos, de acordo com o tema explorado, mas principalmente segundo a biografia (nascimento e morte do autor).

Esclarece-se que, para facilitar a referência, antes do título será colocada a palavra “texto”, seguida do número do folheto, segundo a ordem em que aparece, a fim de posteriormente facilitar a identificação. Assim, como os 09 (nove) primeiros textos, de algum

modo, entrelaçam-se por intermédio de características que impossibilitam uma subdivisão mais efetiva em grupos, procurou-se, de acordo com a frequência dos temas tratados, estabelecer uma sequência desses textos, sustentada pelo tripé: abordagem do sobrenatural e do maravilhoso, valorização dos sentimentos nobres e princípios morais, abordagem de conceitos e comportamentos negativos corrigidos por intermédio de um exemplo moral, exaltação da masculinidade e valentia do sertanejo, louvor a personalidades da vida nacional.

Depois dessas considerações, segue a análise da primeira parte do *corpus*, o qual se encontra anexo a este trabalho, com os poemas numerados e precedidos da letra “T”, de *texto*.

### 3.3.1 (T01): História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso (Luís da Costa Pinheiro).

Se comparada com a maioria dos folhetos, esta obra de Pinheiro é bem extensa e, talvez por esse motivo, tenha sido separada em dois livros em que o segundo dá continuidade à história. Aqui, porém, só se tratará da primeira parte, não tanto pelos episódios, que não são muitos, mas, sobretudo, por causa da forma artística com que o autor faz a apresentação de dois animais que marcaram profundamente a vida dos nordestinos: o boi, como um dos principais sustentáculos da sobrevivência do sertanejo, e o cavalo, como o inseparável companheiro do vaqueiro na difícil labuta das caatingas.

Com referência ao boi como personagem da Literatura de Cordel, Diegues Júnior (1986, p. 75) fornece a seguinte informação:

A presença do boi traduz uma verdadeira prosopopeia, como registra Alencar, para acrescentar “o cantor é o espectro do próprio boi, do herói que a legenda supõe erradio pelas várzeas onde outrora campeou livre e indomável”. O que sucede também com outros romances de boi. (...) De modo geral as histórias de boi estão sempre em torno de uma temática principal: o boi, perdido no mato, nenhum vaqueiro consegue prendê-lo, pois ele tem toda sorte de astúcias e bravuras para salvar-se, um dia é finalmente apanhado.

Portanto, neste folheto, o poeta relata o caso de um Boi Mandingueiro do Rio Grande do Norte e, como o próprio nome sugere, a estranha criatura detém os poderes maléficos da mandinga, da bruxaria. Trata-se de um animal muito arredo e indomável que corre de forma tão rápida e incomum que facilmente consegue escapular dos melhores cavalos e vaqueiros mais famosos do sertão.

Tudo começa quando, certo dia, um vaqueiro que andava distraído no meio do mato ficou impressionado com o tamanho de um boi, a extensão dos chifres, sua velocidade descomunal e a forma como corria, sem fazer esforço, como a zombar de quem o perseguia.

No entanto, o dono da fazenda, capitão Monteiro, obcecado por capturar aquele bicho tão superior aos outros bois, promete a generosa quantia de dez contos de réis a quem o pegasse, além de conceder ao vencedor o direito de se casar com sua filha, a bela Leonor, de quinze anos de idade.

A partir da promessa do fazendeiro, vão surgindo, de todos os rincões do Nordeste, dezenas de vaqueiros experientes e famosos, cada qual mais confiante e gabola: Chico Vitorino, Pedro Carcará, Zé Tomás, Antônio Bevenuto, Martim Piaba, Anselmo Trajano, Galdino Sanharão, Félix Pacheco, entre tantos outros acostumados a derrubar touros bravios no meio da caatinga, cada um se considerando o mais valente, o mais esperto e merecedor do prêmio, assim como explicam estes versos: “Tudo contava vantagem / ninguém por baixo ficava / cada qual o mais esperto” (vv. 614 / 615 / 616). E como é próprio do estilo do cordel, o poeta não deixa de usar um certo exagero mesclado do humor característico e ao gosto do matuto, quando relata a multidão de vaqueiros, alguns sem a menor condição de vencer, mas todos pretendentes ao prêmio em dinheiro e principalmente ao casamento com Leonor: “chegavam todos animados / viúvos velhos dementes / que não tinham mais os dentes / pela moça apaixonados” (vv. 512, 513, 514).

Entretanto, todos os vaqueiros, mesmo os mais fortes e calejados, tornavam-se alvos da zombaria do fazendeiro e dos outros concorrentes, porque retornavam vencidos e exaustos, alguns deixando seus cavalos mortos de cansaço, até mesmo com a sela, no meio do matagal, após o embate com o Boi Mandingueiro. Sendo esse animal um ente dotado de poderes superiores, sobrenaturais, certamente não se deixaria pegar por vaqueiros montados em cavalos comuns, mesmo que estes fossem os melhores do sertão. Entretanto, no Estado do Piauí, havia um outro animal, denominado o Cavalinho Misterioso, também dotado de qualidades extraordinárias e poderes que talvez o colocassem à altura daquele boi, de modo que fosse capaz de vencê-lo.

É verdade que, nesta primeira parte do folheto, o combate esperado entre o cavalo e o boi não ocorre e, provavelmente, o melhor do texto encontra-se nos versos em que o poeta estabelece, artisticamente, uma simetria entre os animais desde os momentos que antecedem os partos. Note-se que as relações entre as suas vidas começam a partir dos próprios nomes, que sugerem a existência de forças poderosas e estranhas: O Boi Mandingueiro, o Cavalo Misterioso.

Portanto, a seguir, será feito um paralelo sobre a forma como o poeta os apresenta, mostrando, em alguns versos, semelhança ou oposição de algumas características, e coincidências entre as vidas desses dois animais: o boi era filho de uma vaca já velha e passada da idade de parir, que tinha o nome de Endiabrada: “Estava quase caduca / e nunca tinha parido / tanto que o fazendeiro / vivia dela esquecido” (vv. 50, 51, 52, 53); o cavalo nasceu de uma égua, também já sem idade de procriar, chamada Misteriosa: “Estava quase caduca / e nunca tinha parido / o velho aposentou ela / vivia dela esquecido” (vv. 663, 664, 665, 666); o modo como o fazendeiro trata a vaca, mãe do boi, antes de parir: “Aí mandou um vaqueiro / pegar a Endiabrada / então mandou botar ela / e não se descuidasse dela / Tenha cuidado com ela /daqui para a madrugada” (vv. 64, 65, 66, 68, 69, 70); o modo como o vaqueiro do Piauí trata a égua, mãe do cavalo, antes do parto: “Pegou a bêsta e levou / e botou-a no cercado / à meia-noite pariu” (vv.684, 685, 686); a descrição do Boi Mandingueiro: “um touro preto e pontudo / com as pontas amarelas / pretinho como veludo / de corpo agigantado / nos quatro pés perfilado” (vv. 156, 157, 158, 159, 160); a descrição do Cavalo Misterioso: “um poldro bem encascado / preto da cor de carvão / tendo um sino-salomão / no peito, bem encarnado. / Com a crina amarela / a cauda da mesma cor” (vv. 686, 688, 689, 690, 691, 692); sobre a velocidade do touro, assim diz o poeta: “tinha equilíbrio no corpo / com ligeireza de gato / por meio de forte mandinga / corria mais na caatinga / do que veado no mato” (vv. 10,11, 12, 13, 14); por sua vez, o vaqueiro Genésio, dono do Cavalo Misterioso, deste modo o descreve: “Com esta sela o cavalo / corre mais do que o vento / se por acaso açoitá-lo / passa do regulamento / tem tanta velocidade / que passa do pensamento” (vv. 761, 762, 763, 764, 766, 767).

Vê-se, então, que o cavalo possuía características equivalentes às do touro, além de ter nascido (de acordo com o verso 689) com um “sino salomão”, ou seja, um tipo de amuleto natural no peito, em forma de estrela, que, segundo algumas crenças, trata-se de um elemento protetor contra influências maléficas. Por sua vez, Genésio, o dono desse cavalo, tinha uma sela com fortes poderes, herdada de remotos antepassados da família, feita de ingredientes mágicos, como couro de lobisomem, couro de fantasma e couro de mula de padre, três entes

pertencentes ao sobrenatural e ao folclore, que conjugam suas forças e fazem parte das velhas histórias apreciadas pelos sertanejos.

Ainda que as alusões ao Boi Mandingueiro procurem mostrar sua força descomunal para correr e vencer humilhantemente aos vaqueiros, vêm carregadas de conotações negativas, tendendo para o sentido maléfico, para o diabólico, como nestes versos: “o bezerro foi embora/ parece que o danado / o demônio carregou. / Credo! Disse o vaqueiro / sentindo uma comoção / parecendo Ferrabraz / em vez dele, satanás / – Oh! Que boi endiabrado / quem me conhece assegura / que ele é boi em figura / mas o diabo em pessoa.” / (vv. 129, 146, 147, 162, 163, 194, 195, 337, 355, 356, 357). Quanto ao Cavallo Misterioso, embora seus donos cultivem elementos um tanto sinistros, de forma sincrética, em que se conciliam fortes orações aos santos católicos e recursos ligados ao fetichismo, os versos a ele dirigidos possuem significados positivos: “dá um cavalo de sela / que não há superior. / mas o cavalo não venda / pois ele é uma prenda / de valor mais sublimado. / que animal valoroso! / Além de sua bondade / – Não senhor, é muito manso / (vv. 696, 697, 723, 724, 725, 820, 821, 824).

Por conseguinte, este folheto remete ao ciclo do gado, do qual originaram histórias surreais que povoaram a imaginação do povo sertanejo, com a presença de animais, principalmente bois e cavalos, criaturas fantásticas, como o Boi Espaço, o Boi Misterioso e o Cavallo Cabiúna, que demonstravam ter poderes sobrenaturais.

Conquanto os dois animais tenham pontos em comum, mormente quanto aos poderes que detêm, neste folheto esboça-se uma batalha entre o bem, simbolizado pelo cavalo, e o mal, representado pelo boi. Daí a importância do Cavallo Misterioso, instrumento que poderá decidir um futuro que está em jogo, a começar pela possibilidade de vitória do vaqueiro Genésio e o seu matrimônio com a jovem Leonor. Os vaqueiros são citados, mas os possíveis heróis ou vilões da história que vai se desenrolar na continuação do folheto, certamente são os dois animais, dotados de inteligência, força incomum e estranhos poderes que os bichos comuns não possuem.

A possibilidade do encontro começa a se formar, quando um boiadeiro sério e confiável, vindo do Rio Grande do Norte, conta a Genésio algumas façanhas do Boi Mandingueiro e fala do prêmio que seria dado pelo pai da jovem Leonor ao vaqueiro vencedor. Interessado, como haviam ficado todos os demais competidores anteriores, Genésio começa a expor suas qualidades de vaqueiro e louvar o seu cavalo: “e esse boi é assim? / Porém ele nunca viu / um cabra de volta ruim / no mato sou revoltoso / meu cavalo é perigoso / não há mandinga pra mim.(vv. 846, 847, 848, 849, 850, 851).

Todavia o poeta não avança mais na história, e fazendo uso de uma estratégia comercial, hoje tão fartamente adotada pelos meios de comunicação, chama a atenção dos leitores, instigando-lhes a curiosidade, com a promessa de que, no próximo volume do folheto, haverá tristeza, risada, angústia e amor.

### 3.3.2 (T02): *O Romance da Princesa do Reino do Mar Sem Fim* (Severino Borges da Silva)

Assim como os poetas épicos, antes da empreitada literária, faziam uma invocação às musas inspiradoras solicitando sua intervenção, o cordelista Severino Borges da Silva também usa desse expediente, logo no início do folheto, ao pedir ajuda à irmã de Apolo, deus da mitologia greco-romana. Deseja que ela mande um anjo querubim trazer-lhe, como ele próprio diz, as setas poéticas, a inspiração de que necessita, a fim de que possa escrever o romance do Reino do Mar-sem-Fim. E do mesmo modo como os deuses faziam parte das epopeias, neste folheto, além de Apolo, outros deuses são mencionados: Éolo, deus dos ventos; Vulcano, deus do fogo e da metalurgia; Júpiter, pai de todos os deuses; Vênus, a deusa da beleza e do amor. Portanto, conservando as devidas proporções e reconhecendo as diferenças existentes entre as epopeias, as quais, como se sabe, são obras de primeira grandeza da literatura universal, e os textos da Literatura de Cordel, estabelece-se certa intertextualidade ou, pelo menos, em face desses detalhes referidos, esta história, de alguma forma, faz lembrar as obras poéticas clássicas.

Elizabeth, princesa do Reino do Mar-sem-Fim, com quem os príncipes de todos os reinos querem se casar, é de deslumbrante beleza, como quase sempre são as princesas dos contos de fadas. Por isso, é raptada por um bruxo e uma fada má que a transformam num pé de rosa amarela, deixando-a encantada no jardim de um reino longínquo e desabitado. Trata-se, pois, de uma história fantasiosa bem nos moldes da Literatura de Cordel, tão próxima dos contos de fadas e ao gosto dos seus leitores. Aqui, merece ser registrado o pensamento do estudioso Assis Ângelo, que ressalta uma das características mais relevantes e presentes em boa parte dos folhetos: “O tipo de literatura que o cordel expressa ainda hoje, é fantasioso, fantástico mesmo, daí o segredo, talvez, da sua enorme importância e, quem sabe, da sua própria sobrevivência” (ÂNGELO, 1996, p. 54).

Nesta história, o jovem Adriano, do Reino das Maravilhas, também segue o estereótipo dos príncipes que aparecem nesses contos, infalivelmente destemidos, justos e vigorosos, conforme se pode ver no relato do poeta: “O príncipe era forçoso, / valente, forte e guerreiro / e gostava de caçar” (vv. 43, 44, 45). De fato, é durante uma caçada solitária que o jovem Adriano encontra a princesa Elizabeth e consegue desencantá-la, depois de derrotar um gigante que mantinha a guarda da cidade. A moça promete casar-se com ele, todavia o casal se desencontra. O príncipe fica perdido nas florestas da orla marítima, enquanto a princesa parte sozinha, após ser recolhida de cima de um grande rochedo por um navio que passava. Assim, Elizabeth viaja um ano inteiro até chegar ao Reino do Mar-sem-Fim, onde é recebida com festas pelos pais.

A fim de melhor compor uma história plena de acasos e episódios fantásticos, o poeta diz que o moço não fica desamparado porque, de modo providencial, recebe ajuda de entes poderosos; primeiro, é conduzido por uma águia falante e generosa, que trazia nas asas a seguinte inscrição: ESTA AQUI É TUA DITA! (v. 252). Depois, é auxiliado pelo vento, que o leva, “nas costas” para chegar ao Reino do Mar-sem-Fim, “coincidentemente” no dia do casamento de Elizabeth com outro príncipe. Barbudo e sujo, Adriano nem mesmo é reconhecido pela princesa e torna-se alvo de chacotas dos convidados: “Por crítica, lhe ofereceram / um violão, nesta hora (vv. 367, 368). Era a oportunidade que o rapaz precisava, e canta uma canção em que diz ter salvado uma princesa que o havia abandonado. A moça o reconhece, e os dois se casam, aproveitando a mesma festa que se prolonga com imensa alegria. Após vencer o noivo rival num duelo de espadas, Adriano recebe merecidamente o trono do Reino do Mar-sem-Fim.

Logo, não se trata de um enredo extenso, nem complexo. Porém, a relevância deste folheto deve-se ao fato de que vem reiterar a forte relação do cordel com o conto de fadas, no qual frequentemente se inspira. Daí a referência a reinos, animais que falam, personagens da nobreza, gigantes, bruxas, fadas, encantamentos e desencontros amorosos, até que se chegue ao final feliz mediante o casamento previsível e esperado pelo leitor, como prêmio aos personagens, quando sofrem e lutam por uma causa justa.



### 3.3.3 (T03): *História da escrava Guiomar* (João Martins de Athayde).

É possível que, mesmo antes de chegar ao final da leitura do folheto *História da escrava Guiomar*, de João Martins de Athayde, o leitor concluirá que se trata de uma reescrita do livro *A Escrava Isaura* do escritor do Romantismo, Bernardo de Guimarães, em face das semelhanças verificadas entre as duas obras. Também pode-se chegar a essa conclusão porque, como é sabido, o movimento romântico aparece antes do cordel no Brasil, na segunda parte do século XIX, enquanto o poema, embora não venha datado, como era comum suceder, supõe-se ter sido escrito na primeira metade do século XX, época em que Athayde, esse poeta-editor, mais produziu folhetos e quando o cordel atingiu seu auge no Nordeste. Logo, a impressão marcante é de que o romance e o poema tratam da mesma história, ou seja, o leitor pode estar lendo um romance versificado pelo poeta de cordel. Percebe-se a existência de uma forte intertextualidade entre as obras, mas a flagrante parença entre ambas não consegue desmerecer o longo poema de 1416 versos metrificados em heptassílabos e distribuídos em sextilhas, que é a modalidade preferida do cordel. Por isso, parece quase impossível falar sobre esse folheto sem, paralelamente, fazer referência ao livro de Guimarães, visto que essa inter-relação entre as duas obras talvez represente o aspecto mais significativo deste folheto de cordel. No entanto, cumpre esclarecer que essa proximidade entre dois textos não constitui raridade, uma vez que o cordel costuma aproximar-se de outras atividades culturais e fazer apropriação de temas que fazem parte de outras formas de arte, como a literatura e o cinema.

Enfim, como ocorre com tantas outras obras consagradas, o formato do enredo desenvolvido por Bernardo Guimarães também não parece original. E a propósito dessa relação verificada entre grande parte das obras nacionais e internacionais e do constante rebuscar das ideias e temas como forma de inspiração, veja-se o que os críticos literários Frederico Barbosa e Sylmara Beletti (2011) dizem sobre *A escrava Isaura* no seguinte excerto de um ensaio:

Entre os precursores da literatura folhetinesca está o romancista e tipógrafo inglês Samuel Richardson (1689-1761). A sua novela **Pamela, ou a Virtude Recompensada**, publicada em 1741, certamente é uma das fontes de inspiração mais contundentes para a composição do romance de Bernardo Guimarães. Nessa obra, Richardson narra as desventuras de Pamela Andrews, filha de camponeses que é educada por uma senhora nobre que, ao morrer, a entrega aos cuidados de seu filho, o Conde de Belfart. Esse jovem inescrupuloso atenta contra a virtude de Pamela, assediando-lhe com

ameaças vis e acaba por entregar-lhe a uma vulgar alcoviteira. Mas Pamela, como Isaura, consegue defender-se, mantendo intacta a sua honra.

Pelos títulos das duas obras já se pode concluir que o cerne da história é a escravidão, e a intertextualidade, logo nas primeiras linhas, parece flagrante, não obstante a mudança do nome da personagem principal: *Isaura* ou *Guiomar*. Aqui já se pode pensar nessa diferença de nome como uma estratégia mercadológica do autor, o que parece plausível, considerando o fato de que Athayde, segundo seus biógrafos, apesar de ter aprendido a ler por conta própria, tinha uma instrução acima da média da maioria dos outros autores, geralmente semianalfabetos, e pelo fato de que foi o grande editor de folhetos do Nordeste no auge da Literatura de Cordel. De qualquer forma, o título ou quaisquer alterações de um texto para o outro seria pouco relevante, uma vez que os leitores do cordel do passado, quase sempre de reduzida instrução escolar, dificilmente leriam um romance da Literatura Brasileira do porte de *A escrava Isaura*.

Portanto, como exemplo da significativa intertextualidade nas duas obras, foram destacadas algumas passagens importantes dentre as muitas presentes nas narrativas.

Excerto do romance:

Era nos primeiros anos do reinado do Sr. D. Pedro II. No fértil e opulento município de Campos de Goitacases, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma magnífica fazenda (pág. 11).

Excerto do poema:

Foi nos tempos do reinado / do grande Pedro Segundo / No município de Campos / havia grande fazenda / situada num vagêdo / com bela vivenda / era grande senhor / Augusto Teles Varena (vv. 01, 02, 19, 20, 22, 23, 24).

A época em que a história se passa (reinado de D. Pedro II) e a localização geográfica da fazenda (Campos no Rio de Janeiro), onde Isaura ou Guiomar mora, são as mesmas; houve, entretanto, mais uma alteração: n’*A escrava Isaura*, o nome do vilão é Leôncio, que passa a ser Augusto em *A história da escrava Guiomar*, mas acrescido do sobrenome Teles Varenda. Alterações desse tipo possivelmente signifiquem apenas expedientes de que o poeta de cordel às vezes lança mão para construir seu poema e conseguir a rima dos versos, como (fazenda com Varenda).

Nos fragmentos seguintes, foram descritas as impressões causadas pela voz sublime da escrava, e cada autor cita a letra da melodia. No fragmento do romance: “A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco, que se pode imaginar (pág. 12)”. No fragmento do poema:

O clarão do sol poente / Esse som puro argentino / todo edifício  
dourava / tão cheio de harmonia / naquele grande silêncio / o tom  
velado da cruz / uma voz dolente cantava / a sua dor exprimia / e a  
triste melodia/ eis as estrofes sonoras / em piano acompanhava / que  
alguém cantando dizia” (Do verso vv. 25 ao 36).

No romance, assim diziam as quatro estrofes da melodia cantada por Isaura na página 12:

Desd’o berço respirando  
Os ares da escravidão,  
Como semente lançada  
Em terra de maldição,  
A vida passo chorando  
Minha triste condição

Os meus braços estão presos,  
A ninguém posso abraçar,  
Nem meus lábios, nem meus olhos  
Não podem de amor falar;  
Deu-me Deus um coração  
Somente para penar

Ao ar livre das campinas  
Seu perfume exala a flor;  
Canta a aura em liberdade

Do bosque o alado cantor;  
Só para a pobre cativa  
Não há canções, nem amor.

Cala-te, pobre cativa;  
Teus queixumes crimes são;  
É uma afronta esse canto,  
Que exprime tua aflição,  
A vida não te pertence,  
Não é teu teu coração. “

No poema, com as três estrofes seguintes, deste modo a escrava Guiomar cantava (vv. 37 a 54):

Como é triste viver  
no jugo da escravidão  
fui no lodo arremessada  
oh! Vida de maldição!  
O meu duro sofrimento  
tira-me até a razão.”

“Os meus olhos são cativos  
não podem de amor falar  
nem a mim própria pertença  
vivo num eterno penar  
o meu coração escravo  
não pode a ninguém amar.

“Antes as aves dos bosques  
têm a sua liberdade  
no ar livre das campinas  
gorgeiam à sua vontade  
só para a infeliz cativa  
não existe felicidade.

Como já se pode ver, através de inúmeros pontos de contato entre os textos, ocorre uma forma de entrelaçamento, e pode-se dizer que as letras da melodia cantada por Isaura (ou Guiomar) constituem um dos pontos mais altos dessa intertextualidade. Trata-se de um lugar em que os textos mais se inter-relacionam ou se cruzam (que seja relevada a metáfora), como as águas de dois rios, porque, quanto ao aspecto formal, nesse breve instante ambos são poemas. Esclarece-se, porém, que, apesar da íntima relação entre as duas obras, mesmo nesse

momento elas não se misturam totalmente, ou seja, o poeta de cordel não faz uma cópia dos versos de Bernardo Guimarães. É certo que o tema da canção continua mantido, mas sem que se repitam as palavras, ambas as letras expressam a tristeza e o lamento da jovem pela condição de cativa e infelicidade por não poder amar.

A escrava, (Isaura ou Guiomar), criada com carinho pela patroa, é moça de refinada educação com raro talento para cantar e tocar piano. Além dessas qualidades, ao longo de ambos os textos, há dezenas de passagens que se repetem exaltando a beleza física e moral da(s) heroína(s). Como registro, observe-se a seguinte descrição da jovem, no romance e no poema, já suficiente para se obter o perfil da personagem. A descrição no romance:

Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais baixas do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada (...), (pág. 13).

A descrição no poema:

Terminando a melodia / a jovem fica um momento/ com as mãos sobre o teclado/a cismar seu pensamento / e parecia escutar / sua voz açoitada ao vento./ A beleza da escrava / era de impressionar/ dir-se-ia Vênus surgindo / dentre as espumas do mar/ embora fosse singelo / o seu modesto trajar. / Olhos negros fascinantes/ a tez fina e delicada / tinha a leve palidez/ duma rosa desmaiada/ e a escrava parecia / uma princesa encantada./ O traje da linda escrava/ era de extrema pobreza/embora fosse de chita/ mas a graça e a singeleza/ davam-lhe a bela altivez / duma filha da nobreza, (vv. 61 a 84).

Por conseguinte, o romance e o poema, cada um ao seu modo, trazem um exemplo da extrema idealização da personagem, cuja perfeição é capaz de despertar a inveja até mesmo

das mais belas damas da alta sociedade recifense. Embora Isaura, ou Guiomar, moça branca e oficialmente escrava assumia essa condição de forma submissa, foge completamente ao estereótipo do cativo negro, sofrido e espoliado durante o período escravocrata no Brasil. De certo modo, o próprio autor o reconhece e deixa subentendido com o adjetivo *excepcional* no capítulo XII (p. 70): “... a elegância e a elevação da linguagem, e outros dotes, que faziam com que essa escrava excepcional pudesse aparecer e mesmo brilhar no meio da mais luzida e aristocrática sociedade”. O fato é que, nos dois textos, da introdução ao desfecho, os atributos físicos e o caráter da escrava sobressaem de forma generosa com uma fatura variada de qualificativos: *bastas madeixas, tez como marfim do teclado, alva que não deslumbra, cor-de-rosa desmaiada, colo donoso, espessos e luzidios rolos*. Também no poema: *Vênus surgindo, olhos negros fascinantes, a tez fina e delicada, bela altivez*. Todavia ambos os autores fazem uma concessão quanto ao vestuário, que é humilde; mas a modéstia dos trajes da escrava, por contraste, realçava-lhe ainda mais a beleza incomum. Logo, verifica-se que, propriamente, a jovem não sofria maus-tratos físicos, como se poderia supor pela sua condição de escrava. Na verdade, os padecimentos da moça são morais, e em virtude do porte encantador, torna-se infeliz, por despertar paixões, ser perseguida pelos homens e invejada pelas outras mulheres. Enfim, a infeliz condição de Isaura pode ser ilustrada com o seguinte trecho extraído do romance (pág. 46): *Dentro da casa contava ela quatro inimigos, cada qual mais porfiado em roubar-lhe a paz da alma, e torturar-lhe o coração: três amantes, Leôncio, Belchior e André e uma êmula terrível e desapiadada: Rosa*. Também ao longo do poema, repete-se com Guiomar a descrição das angústias de Isaura diante de frequentes importunações dos homens apaixonados. Assim como nestes versos: “Minha deusa, disse André / botando os joelhos no chão / está aqui um teu escravo / que implora o teu coração / até o senhor também? / Basta, não quero marido / estou assim muito bem” (vv. 469, 470, 471, 472, 476, 477, 478).

Para uma melhor percepção do inter-relacionamento dos dois textos, a seguir será feita uma síntese das características das personagens, onde aparecem disparidades significativas, das quais algumas serão citadas como exemplo. Do romance *A escrava Isaura* para o poema de cordel *História da escrava Guiomar*, são detectados os seguintes pontos: algumas personagens recebem nomes diferentes, como (Isaura,Guiomar/Elvira, Lindalva); (Leôncio/Augusto), (Malvina/ Firmina), (Álvaro/ Fernando), (Miguel/ Anselmo), (Juliana/ Luzia); outras mudam de profissão e/ou de identidade: (André: mulato pajem x mostrengo jardineiro). Além destas, outras não são mencionadas ou simplesmente não existem no poema: (Rosa x ?), (o jardineiro Belchior x ?), (Dr. Geraldo x ?). Pode-se crer que a omissão dessas personagens não ocorre por mero esquecimento do poeta, mas deriva-se de uma marcante

característica da estrutura narrativa dos folhetos: a construção de histórias com enredos fluentes e descomplicados. A esse respeito, deve-se levar em conta o ensinamento contido no ensaio “Pobres leitores” da estudiosa da Literatura de Cordel Márcia Abreu (2011):

Buscando compor uma "história desembaraçada", os poetas evitarão o acúmulo de personagens, acompanhando apenas as atitudes dos personagens centrais envolvidos na trama. Não é habitual encontrarem-se personagens secundários envolvidos em tramas paralelas. Descrições detalhadas de ambientes, paisagens, fisionomias, estados de espírito tampouco são bem-vindas, assim como evitam-se intervenções digressivas do narrador.

Embora sejam gêneros literários tão distintos, não é absurdo dizer que Romantismo e Cordel possuem pontos em comum, uma vez que boa parte das obras da Escola Romântica posicionou-se a favor dos ideais abolicionistas, denunciando o sofrimento do escravo, enquanto o poeta de cordel, como autêntico porta-voz da sua comunidade, colocou, em muitos folhetos, sua literatura em defesa do sertanejo pobre e injustiçado. Apesar dessa convergência de ideias, existem, além das discrepâncias já assinaladas entre as personagens, outras diferenças relevantes que mostram certos aspectos que distinguem o folheto de cordel de qualquer outro tipo de gênero literário. Haja vista versos como estes: “numa canoa de pesca /pra outra plaga seguiu / e entre o mar e o céu /a barquinha se sumiu. / Navegaram vinte dias /chegaram noutra estado” (vv. 831 a 836). Note-se que, no romance, com um relato mais verossímil, a escrava Isaura foge com o pai num barco e depois toma um navio negreiro que seguia para Recife. Por sua vez, no poema de cordel, onde os fatos mais improváveis são possíveis, candidamente os fugitivos (um senhor e uma mocinha indefesa) arriscam-se num pequeno barco de pesca e durante vinte dias enfrentam o oceano em direção a outro Estado. Trata-se, portanto, do vestígio do lirismo característico do cordel, onde muitas histórias plenas de simplicidade e acasos seguem sua própria lógica. No poema, o autor se refere a personagens, que não existem no romance de Guimarães, como o visconde e a viscondessa com os quais Guiomar (ou Lindalva) trava relações sociais, ainda que tenha de imaginar um segundo baile para ela: “Dias depois Guiomar/ foi outra vez convidada/ para uma festa imponente/ fidalgamente acolhida/ a viscondessa tratou-a/ como pessoa querida” (vv. 1003, 1004, 1005) 1010, 1011, 1012). Essa passagem parece revelar a tendência da Literatura de

Cordel, que consiste em trazer para a história uma nostálgica aura de medievalidade com a introdução de personagens da nobreza, como reis, príncipes duques e condes.

Observe-se que *A escrava Isaura* chega ao desfecho com a derrocada do vilão, quando Bernardo Guimarães, ao empregar uma frase curta, coloca um ponto final, definitivo, logo depois de citar a arma do suicídio: *Leôncio tinha-se rebentado o crânio com um tiro de pistola.*

Depois disso, ou seja, com a destruição de Leôncio, o leitor do romance já sabe que não há mais a acrescentar, e tudo o que viesse poderia ser menos contundente e/ou apenas supérfluo. Entretanto, no poema, de acordo com o gosto literário fantasioso do cordel, mesmo depois da morte de Augusto, a obra não está acabada, estende-se, e esse aspecto talvez represente a maior diferença de enredo entre os dois textos. O poeta de cordel e certamente seus leitores não se satisfazem com um desfecho conciso, como se desejassem conhecer os mínimos detalhes da história, de forma cabal, e fruir a vingança e os últimos estertores do vilão abominável: “Arrombaram então a porta/ Augusto estava caído/ junto dele uma pistola/ o peito todo ferido/ seus olhos estavam cerrados /ele já tinha morrido.” (vv.1397 1387, 1388, 1389, 1390, 1391, 1392).

Mesmo com a extinção do vilão, a história ainda se estende, quando o poeta relata o completo triunfo da heroína Guiomar mediante o casamento, com lua de mel passada na *Itália* e *Veneza*, lugares idílicos e longínquos, uma vez mais seguindo o estilo pomposo característico do folheto de cordel: “com sua esposa Guiomar/ para a Italia embarcou / a sua lua de mel/ em Veneza ele passou.” (vv. 1395 /1396 /1397/ 1398).

Enfim, chegando à derradeira estrofe impregnada de valores positivos e religiosos, Athayde, em alusão à pureza de alma da escrava, faz uma sublimação da inocência e deixa um exemplo moral, quase um conselho aos leitores do seu folheto: “Leitores, a inocência/jamais será ultrajada/seja onde for ela é pura/ nunca pode ser manchada/ Deus ofertou a inocência/ uma divisão sagrada”.

Versos como esses, frequentes nas conclusões dos folhetos, representam a tentativa de mostrar a supremacia do bem sobre o mal, como uma forma de punição, ensinamento e exemplo, artifício que constituía um dos recursos mais utilizados pelos poetas da Literatura de Cordel.



### 3.3.4 (T04): *A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento* (Rodolfo Coelho Cavalcante)

O presidente Getúlio Vargas está entre as personagens mais lembradas pela Literatura de Cordel brasileira. Enquanto vivo, sobretudo por causa da ditadura implantada, talvez a recorrência de folhetos publicados pudesse ter sido explicada como uma forma de apologia a quem estava na situação. Contudo, sua morte veio comprovar que era genuína a preferência dos poetas por essa figura carismática, ou populista, como costumam denominar os críticos mais severos. Durante sua agitada vida política, foi-lhe dedicada uma grande quantidade de folhetos com elogios à sua figura como benfeitor dos pobres, ao sorriso, à simpatia e à competência, com versos como estes de José Vila Nova Primo, em *A chegada de Getúlio em Caruaru*, mencionados por Lessa (1973, p. 67):

Recebe a todos sorrindo,  
 Preto e bom, branco e ruim,  
 Com este homem governando,  
 O Brasil vai melhorando,  
 A crise em breve tem fim.

Do mesmo modo, Proença (1977, p. 76) cita esta estrofe de Manuel Pereira Sobrinho, em que Getúlio, ainda candidato à presidência, fala sobre seu compromisso para com a classe desfavorecida e o extremo amor que lhe dedica, a despeito da oposição dos mais abastados:

E por isto meu amigo  
 Todo o rico me odeia  
 E eu não estou ligando  
 O pobre é que me rodeia  
 Servi, sirvo e servirei  
 Amei, amo e amarei  
 E não farei cara feia.

Detalhes como esses já parecem ser suficientes para mostrar o quanto Vargas, como personagem, mesmo quando vivo, foi importante para a Literatura de Cordel. Isso se comprova pela grande quantidade de folhetos que o trazem como tema, onde os poetas

descrevem sua pessoa e exaltam seus feitos, ainda em vida, mas de forma mais apaixonada, quase fanática, após o suicídio. Logo, esse político tornou-se personagem definitivamente ligado ao cordel, sobre o qual já foram escritos livros, como *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel* (LESSA, 1973), além de ter conquistado o reconhecimento de estudiosos que o honram com a classificação temática *Folhetos de Getúlio*, uma das mais relevantes. A esse respeito, Souza (1976, p.81) informa:

Alguns falam de seus tempos de candidato, e a ele se referem como “defensor dos marmiteiros”. Outros, do dia de sua morte, “data triste e pavorosa para todo brasileiro bom”. Alguns nos dão em versos a célebre carta-testamento e falam de sua chegada ao céu. Só sobre Vargas coletamos vinte e sete folhetos.

Sabe-se que, ao tratar de acontecimentos, a Literatura de Cordel tem preferência pelos assuntos espetaculares e, nesse aspecto, no Brasil, talvez nada tenha sido tão extraordinário e impactante como o abrupto e trágico fim do presidente em 1954. Observe-se que, neste poema, embora Cavalcante não trate especificamente sobre a morte do líder político, mas de sua chegada ao céu, as duas primeiras estrofes relembram e expressam o pesar que se abateu sobre o povo brasileiro, com reflexos na natureza melancolicamente personificada:

Quando Getúlio morreu  
O manto da Natureza  
tingiu-se todo de luto  
mostrando maior tristeza  
soluçando pelo astro  
que brilhou com mais grandeza

De manhã o sol não quis  
demonstrar o seu fulgor  
o mar sereno gemia  
num espetáculo de dor  
e a lua no espaço  
perdeu toda a sua cor.

Segundo o poeta, o sentimento de tristeza e o lamento pela perda do líder idolatrado se estende a toda a Terra, ou mesmo a todas as nações, com o povo desnordeado, sobretudo a classe trabalhadora e humilde, como demonstra o desalento nas falas dos operários caídos em

pranto: “ – Morreu o meu protetor / um outro Getúlio Vargas / não nos manda o Criador (vv. 20, 21, 22).

No uso do direito de ser livremente imaginoso, o poeta informa que a desolação e trevas subiram também a outras esferas, e junta Capri a planetas como Marte, Saturno, Vênus, Netuno e Plutão onde o golpe sinistro foi igualmente sentido. Tendo falado sobre a Terra e sobre esses lugares, Cavalcante passa a relatar a repercussão imediata da tragédia em uma dimensão superior. O Anjo São Miguel, no Paraíso, dá o aviso a Jesus Cristo: “ – Matou-se Getúlio Vargas / as vossas ordens preciso! (vv. 35 / 36). Jesus Cristo censura-o por não ter livrado o presidente de brasileiros falsos e traiçoeiros, como Carlos Lacerda, jornalista e ferrenho opositor, e o chefe da guarda presidencial Gregório Fortunato. Ainda é o mesmo dia da morte, 24 de agosto, o corpo está estendido no Palácio do Catete, e o Senhor exige que São Jorge, São Narciso e São Miguel desçam à Terra, uma vez que Getúlio terá de ser julgado no Paraíso.

O poeta descreve o ambiente lutuoso e o sofrimento de personalidades, como a filha dona Alzira, o grande amigo Osvaldo Aranha, enquanto o espírito de Getúlio vagueia aflito na imensidão porque, segundo a crença, é o que sucede à alma desassossegada de quem tira a própria vida. Admoestado por São Miguel, por ter cometido tal pecado, mesmo em espírito Vargas mostra estar ciente de sua condição de mártir que se doou para sua gente quando diz: “ – Matei-me pelo meu povo que um dia me elegeu!” (vv. 89, 90)

A partir desse momento, Getúlio, levado nos braços do anjo, dá início a uma fantástica viagem, tão célere quanto gloriosa, quando, ao passar por vários lugares e planetas, encontra deuses pagãos, vê grandes personagens da História, gênios universais e patriarcas do Evangelho. Em Vênus, quarenta deuses cantaram para ele: “MEU DOCE AMADO” (v. 108); em Júpiter, ficando apenas vinte segundos, deram-lhe uma faixa: “MAIOR ASTRO QUE BRILHOU” (v. 112); a caravana almoça em Saturno; mas, em Plutão, Vargas não se demora e recusa todos os convites, porque ali estava um seu contemporâneo, Hitler, no trabalho de mineiro, pagando pelos pecados cometidos. Continuando a viagem, Getúlio vê desfilar diante de si uma diversificada plêiade de ilustres e venerados representantes da raça humana, que o saúdam, como os brasileiros Castro Alves e a Águia de Haia (Rui Barbosa) ao lado de alguns dos maiores personagens de todos os tempos: Salomão, Pitágoras, Platão. Na lua, também encontrou grandes vultos bíblicos: Adão, Davi, Elias, Daniel, Saul e Abraão, que lhe concederam o “Diploma de Messias”. Essa condecoração que lhe conferem torna-se, decerto, a mais representativa, em face da plena confiança que o povo já lhe havia depositado como salvador do país, além do título oficioso e popular de “Pai dos pobres”.

Tem início, então, o julgamento em que Jesus Cristo é o Juiz, e caso Getúlio não conseguisse justificar o seu erro, seria condenado e banido do paraíso. De um lado, estava São Libório que era o promotor; de outro, a Virgem Santíssima, a defensora, uma vez que, como é sabido, de acordo com os princípios cristãos, para o homem justo e de fé, Nossa Senhora é a “Advogada dos Pecadores, Refúgio e Consolação dos aflitos e atribulados”. Em determinado trecho do debate, sem temor de cometer excessos e heresias, o poeta, uma vez mais, enaltece a posição de Getúlio como defensor dos pobres, quando equipara seu padecimento ao de Jesus, mediante a atribuição das seguintes palavras à Virgem Maria: “Não acuse desta forma / Libório, que não convém / Getúlio Vargas sofreu / como meu filho também / para salvar os humildes / sem ter ódio de ninguém” (vv. 193, 194, 195, 196, 197, 198).

Enfim, o julgamento é concluído e, segundo Cavalcante, o presidente recebe o perdão, já que chegou-se ao veredicto de que, de fato, o culpado foi o chefe da sua guarda pessoal: “Defendeu Nossa Senhora / dizendo: – Nunca Libório / Getúlio se confiava / isto já está notório / de toda sua tragédia / o culpado foi Gregório!” (vv. 181, 182, 183, 184, 185, 186). No entanto, Getúlio Vargas terá de voltar ao Brasil por ordem do Criador, porque só ele, Getúlio, com sua sensibilidade e sabedoria, poderá salvar a pátria e livrar o povo brasileiro de sua imensa angústia.

Chegando aos últimos versos do poema, parece pertinente lembrar que os poetas descobriram um grande filão para a produção e vendagem de seus folhetos por ocasião do *Queremismo*, (expressão derivada dos “slogans” *Nós queremos Getúlio e Ele voltará*) movimento político-popular surgido em 1945, que defendia a permanência de Getúlio na Presidência da República. Com a leitura de folhetos como este, no entanto, vê-se que aquele antigo desejo continuou após a morte de Vargas, ainda que no plano espiritual, ou mesmo como expediente artístico. Por conseguinte, assim como houvera em Portugal o *Sebastianismo* resultante do desaparecimento do rei em Alcácer Quibir, estabelece-se aqui uma espécie de intertextualidade, quando o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante mostra que ainda sonha com o retorno do presidente: “Assim Getúlio foi salvo / do seu gesto delirante / e em breve voltará (vv. 235, 236, 237).

A respeito da relação do cordel no Brasil com o presidente Vargas, Curran (2001, p. 133) diz:

A morte de Getúlio Vargas foi, se não o maior, certamente um dos mais grandiosos eventos políticos de toda a crônica do cordel. Os poetas tiveram de escrever rapidamente, correr com os manuscritos às gráficas e levar os folhetos às ruas. Quase todos os cordelistas conhecidos da época (Minelvino Francisco Silva, Rodolfo Coelho Cavalcante, Delarme Monteiro da Silva, Azulão, Antônio Teodoro dos Santos, Cuíca de Santo Amaro, Manuel D'Almeida Filho, Joaquim Batista de Sena e Amador Santelmo, no Rio de Janeiro, entre outros venderam poemas.

Com este folheto, pode-se verificar o quanto a Literatura de Cordel envolvia-se com os acontecimentos políticos, não só como fonte de informação e posicionamento ideológico, mas como forma de manifestação artística que almeja traduzir as expectativas da realidade quotidiana de uma comunidade leitora, ou expressando seus sonhos, mesmo que jamais se realizem.

### 3.3.5 (T05): *Romance do Pavão Misterioso* (José Camelo de Melo Rezende).

*Romance do Pavão Misterioso* é visto como um grande clássico da Literatura de Cordel, e dificilmente será encontrado um apreciador dessa manifestação literária que não o tenha lido ou, numa hipótese mais remota, não tenha ouvido falar desse folheto. Entretanto, além dessa definitiva consagração no âmbito do cordel, surgiram outras formas de criações artísticas claramente inspiradas nessa história, que ampliam sua popularidade, como a telenovela *Saramandaia*, constituída de episódios fantásticos e exibida no Brasil no ano de 1976, tendo por tema a música *Pavão Misterioso*.

Como ocorre em muitos folhetos, cujos personagens vivem seus dramas em lugares indeterminados ou longínquos, de preferência exóticos, o poeta desenvolve o enredo desta história em países de velhas tradições, como Japão, Grécia, Turquia, o que contribui para a criação de uma atmosfera de mistério e aventura, sem se deter em descrições minuciosas. Por detrás da própria história, muito bem aceita pelos leitores, uma vez que este folheto é considerado um dos mais vendidos, durante muito tempo houve incertezas sobre quem teria sido o autor, o poeta João Melchiades ou José Camelo. O problema da autoria, aliás, que atualmente já não parece existir, com muitos poetas lesados no passado, foi um dos aspectos

mais graves e singulares dentro da Literatura de Cordel. Embora Melchiades, como dizem os estudiosos, tenha se apossado do texto e o divulgado antes, hoje não parece haver mais dúvida de que José Camelo tenha sido realmente o autor, de acordo com o aval de publicações respeitáveis, como os *100 Cordéis Históricos*, lançados pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel no ano de 2008.

Em vista da possível conotação das palavras *Pavão Misterioso*, que compõem o título, o leitor que desconhece esse folheto poderá ser levado a crer, – sobretudo por analogia com outras obras, como *História do Boi Misterioso*, ou *História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso* –, que tratam de uma sequência de situações fantásticas, com interferência de elementos do sobrenatural. Entretanto, com exceção de um lenço enigmático que o protagonista traz consigo, a maior parte da história é composta de fatos e ações perfeitamente explicáveis, ainda que profundamente fantasiosos ou impraticáveis, mesmo em situações extremas.

A história tem início na Turquia, com dois irmãos muito unidos, cujos nomes lembram personagens bíblicas: João Batista e Evangelista, herdeiros de grande fortuna deixada pelo pai. Logo na estrofe da introdução, o poeta praticamente oferece uma síntese do folheto, sem temer a perda de interesse do leitor: “Eu vou contar uma história / dum pavão misterioso / que levantou vôo da Grécia / com um rapaz corajoso / raptando uma condessa / filha d’um conde orgulhoso” (vv. 01, 02, 03, 04, 05, 06).

Cansado da vida monótona em solo turco, João Batista, o mais velho dos dois, resolve passar um ano no estrangeiro, a fim de conhecer outras terras e gozar a vida. Evangelista concorda, mas pede-lhe que traga uma lembrança: “Quero fazer-lhe um pedido / procure no estrangeiro / um objeto bonito / só para rapaz solteiro” (vv. 43, 44, 45, 46). Estes dois últimos versos, como uma pista sobre o tipo de objeto, semelham-se a uma charada proposta pelo cordelista, mas pouco servirá ao leitor, porquanto este muito dificilmente conseguirá imaginar o que o irmão vai trazer na bagagem. No entanto, retornando da viagem, João Batista presenteia o irmão com o referido presente bonito para rapaz solteiro: a fotografia de uma jovem condessa da Grécia chamada Creuza. Segundo o poeta, era a moça mais bonita que podia existir, mas, por ordem do pai, não falava com ninguém e só uma vez por ano podia ser vista. Nessa ocasião, o povo aglomerava-se em frente de sua janela, porque sua aparição anual transformara-se em evento tão grandioso que já atraía turistas. Evangelista fica impressionado com a fotografia, conforme dizem estes versos: “quando ele viu o retrato / quis falar tremeu a fala” (vv. 162, 163).

Ainda que pareça absurdo, porque se tratava de uma moça estranha e que vivia tão distante, apenas o retrato da condessa foi suficiente para que o rapaz decidisse ir ao seu encontro, na Grécia, e com ela se casar. Nesse país, disfarçado de pobre, depois de oito meses de espera, Evangelista deslumbrou-se ainda mais, ao ver a jovem à janela entre o conde e a mãe. Esclarece-se que aqui não cabe nem se pretende relatar as minúcias do enredo; para uma melhor compreensão, entretanto, não se podem omitir algumas passagens principais do folheto.

Portanto, disposto a tudo para conseguir o amor de Creuza, o rapaz encomendou, a um engenheiro chamado Edmundo, um veículo capaz de voar, assim descrito: “Movido a motor elétrico / depósito de gasolina / Tinha cauda como leque / e asas como um pavão” (vv. 272, 273, 278, 279). Quem lê estes versos tem a nítida impressão de que o *pavão misterioso* é um engenho mecânico, e que o poeta está se referindo a um certo tipo de avião, porém mais parecido com uma ave, o que fica confirmado com estas palavras do engenheiro Edmundo: “Eu fiz um aeroplano / da forma de um pavão / que se arma e se desarma / comprimindo em um botão” (vv.290, 291, 292, 293). Em que pese o absurdo de se propor a construção de um veículo tão sofisticado em fundo de quintal e ainda o conseguir, essa história plena de desenfreada fantasia agradou imensamente aos leitores. No entanto, as manobras que esse veículo faz, ainda que improváveis, como decolar de um muro, pousar na copa de uma palmeira, ou na cumeeira da casa da moça, guardam alguma semelhança com os movimentos de um helicóptero. Enfim, descendo várias vezes por uma corda, da cumeeira do sobrado até o quarto, o rapaz consegue conversar com Creuza, e sempre tocava-lhe o nariz com o misterioso lenço para que desmaiasse, assim que ela tentava chamar o pai. Por ordem deste, no próximo encontro, a moça, disfarçadamente, mostrou-se gentil e pôs a mão na cabeça do rapaz, para deixá-lo marcado com uma estranha banha amarela. O poderoso conde ordena o patrulhamento da cidade, Evangelista é capturado por causa do cabelo manchado, mas consegue escapar mais uma vez. O herói, todavia, não desiste e, na quarta e última visita, a condessa, já se sentindo culpada e com saudades, aceita-o como namorado e está pronta para fugir. Surpreendidos pelo conde, o moço passa-lhe o lenço no nariz, deixa-o desmaiado, e o casal foge no Pavão Misterioso, rumo à Turquia, onde se casam. Segundo o poeta, depois que o conde acordou “adoeceu só de raiva / morreu por não ser vingado (vv.732,733).

Deste modo, este folheto mostra uma das características mais relevantes dentro do cordel: uma história que defende o amor sincero, deixando também um exemplo em que se premia o bem e se condena o mal, este personificado na figura prepotente do conde, sobretudo ao final, com as palavras sábias de um simples soldado pertencente à patrulha: “Então dizia

um soldado: “Orgulho é uma ilusão / um pai governa uma filha / mas não manda no coração/pois agora a condessinha / vai fugindo no pavão” (vv. 723, 724, 725, 726).

O casal, no desfecho da história, além de ficar com toda a herança, recebe as bênçãos da viúva do conde, uma vez que ela mostra não ter sido conivente com o tratamento que o pai dava à filha: “Disse a velha: – minha filha / saíste do cativo / fizeste bem em fugir / e casar no estrangeiro / tomem conta da herança / meu genro é meu herdeiro” (vv. 800,801, 802, 803, 804, 805).

Vê-se, portanto, que se trata de uma história relativamente curta, um romance, nomeado aos folhetos que relatam um caso de amor. Contudo, não se veem, como costuma haver noutros folhetos, aqueles momentos conturbados com desencontros e percalços vencidos pelo casal até que, finalmente, sejam “felizes para sempre”. É certo que a jovem Creuza tivera vida infeliz, como o demonstram as palavras da mãe; no entanto, o poeta quase não se refere ao seu passado, a não ser ao final, quando a moça sente falta de Evangelista e se rebela contra o pai: “Eu sei bem que para ele / não mereço confiança / enquanto ele vinha aqui / ainda eu tinha esperança / de sair desta prisão / onde estou desde criança” (vv.638, 639, 640, 641, 642, 643).

Por tudo o que foi até aqui mencionado, pode ser que *Romance do Pavão Misterioso* não esteja entre os folhetos mais belos da Literatura de Cordel, o que não impediu de ser considerado um clássico, de encabeçar a lista dos mais vendidos e de continuar encantando leitores. Portanto, talvez não seja despropósito sugerir pelo menos três razões na tentativa de explicar o sucesso que a obra alcançou: o título refere-se a uma ave exótica, de porte e cores exuberantes e pouco comum no quotidiano do brasileiro, o que teria favorecido a fantasia do leitor; a polémica quanto à autoria do folheto, principalmente entre os estudiosos, de certo modo, teria contribuído para aumentar sua popularização; parece interessante lembrar que, tendo sido o protótipo do avião apresentado ao mundo nos inícios do século xx, este folheto foi escrito por José Camelo de Melo Rezende, na década de 1920, quando, para muita gente, principalmente do sertão, avistar um objeto voador que transportava pessoas, talvez não passasse de um belo sonho, próprio para fazer parte de uma história de amor. Com efeito, a ideia desse objeto mecânico, fantasioso e híbrido, meio pássaro, meio veículo, parece completar-se na mais pura quimera com as figuras ilustradas nas capas desse folheto, onde um verdadeiro e imponente pavão esvoaça com suas asas multicoloridas. Entretanto, como se sabe, não é de estranhar a forte presença desse componente fantasioso, porque o enredo se desenvolve segundo a lógica própria da Literatura de Cordel, onde os acontecimentos mais inacreditáveis são possíveis e se constroem, mercê da imaginação sem limites dos poetas e



incondicional aceitação dos seus leitores no passado. Logo, há um grande número de folhetos com histórias insólitas, dos quais seguem os seguintes títulos como exemplos: *João Soldado, o valente praça que meteu o diabo num saco*, Santos (1960); *História de Juvenal e o Dragão* (s/d), Barros (s/d); *O Romance de João Besta e a Jia da Lagoa*, Arede (s/d).

Trata-se de enredos da mais pura fantasia, em que o sertanejo podia-se sentir no lugar dos personagens, muitas vezes humildes como ele, mas vencedores de grandes embates. Desse modo, essas histórias tão apreciadas pelo leitor do sertão, lidas ou ouvidas nas horas de descanso, vinham servir-lhe de evasão e lenitivo à áspera vida carente de novidades e de lazer.

### 3.3.6 (T06): *A diabruras de Pedro Malazartes* (Expedito Sebastião da Silva).

Logo nos primeiros versos do poema, Expedito Sebastião da Silva, cioso das qualidades do texto que está compondo, considera que, dentre todas as histórias de proezas existentes, talvez não exista nenhuma outra que seja tão jocosa e “cheia de artes” para que se compare à de Pedro Malazartes. Note-se que, a respeito das características psicológicas e antiguidade desse personagem, Câmara Cascudo (1952, p. 267) apresenta a seguinte informação:

Desenvolto, airado, cínico, fura-mundo, inesgotável de expediente e fértil em habilidades inescrupulosas, atraiu todos os episódios existentes no nível amoral de sua ação, agrupando-os derredor, como irradiações naturais de sua campanha. A figura é comum, especialmente na novelística espanhola e italiana dos séculos XVI e XVII. (...) Da existência histórica de Pedro Malazartes discutiu-se outrora. Teófilo Braga cita a canção 1132 do Cancioneiro da Vaticana com uma alusão: – *Chegou Payo de Maas Artes*.

É sabido que a Literatura de Cordel tem apresentado dois grandes tipos de personagens que, ao representarem o estrato social marginalizado nordestino, ousam arrostar o formidável poder da classe dominante, composta, via de regra, pelo coronel e pelo senhor de engenho. Um dos dois personagens é o homem valente que vive de forma perigosa, sem temor

da morte, e que tem o cangaceiro como seu maior expoente; outro, o herói picaresco, fisicamente fraco e mal-amanhado, que alcança seus objetivos com o uso de muita perspicácia e trampolinagens. A respeito destes personagens, Proença (1977, p.68) observa:

Os heróis se apresentam em escala curiosíssima, que vai desde o malandro astuto (que a todos engana e no final “vence”), tipo Malasarte dos contos ou o Macunaíma da rapsódia, até o célebre *amarelinho* nativo, fraco, pálido, como os trabalhadores de engenho de cana, cantado por João Martins de Athayde no conhecido *Proezas de João Grilo*.

Como é possível constatar pelo título deste folheto, o autor trata do segundo tipo, que traz o folclórico Pedro Malazartes, um dos mais antigos, de origem europeia, que, segundo Câmara Cascudo (1952), é conhecido por vários nomes na Península Ibérica, como Pedro Urdemales ou Urdemalas, Ulimale, Malaartes. A respeito desse anti-herói, também Diegues Júnior (1986, p. 79) apresenta esta outra informação: “É de assinalar, aliás, que, enquanto no Brasil o Malasartes é o sabido, tapeador, enganador, em Portugal aparece, nas estórias, como tolo, pateta, enganado, tal como os nomes que Leite de Vasconcelos registrou”.

Transposto para o Brasil, esse personagem abrigou-se por meio do folheto de cordel, adaptando-se ao ambiente nordestino. Eis como, nos versos seguintes, o autor traça o retrato físico do personagem de forma pouco favorável: “Tinha ele a venta chata / lábios finos e descorados / o rosto comprido e sêco / cabelos avermelhados / branco, de alta estatura / olhos verdes e vexados (vv. 13, 14, 15, 16, 17, 18)

Psicologicamente, o texto mostra uma pessoa cínica, amante da boa vida, sem qualquer senso de responsabilidade ou dedicação ao trabalho. Na verdade, Malazartes não possui a apatia do indivíduo indolente, já que demonstra disposição e habilidade para descobrir os modos mais engenhosos de lograr os outros. Entretanto, embora o autor não diga de forma mais explícita, talvez para não desmerecer o seu herói, trata-se de um rapaz preguiçoso, que vive de constantes trapaças contra as pessoas mais incautas. Sua família era pequena, com três pessoas: o próprio Malazarte, João, irmão mais novo, e o velho pai. Este sempre dizia ao filho para que fosse trabalhador, porém Pedro, usando o argumento característico das pessoas acomodadas, falava que isso não era preciso, porque Deus nunca abandona seus filhos: “Afinal eu neste mundo / o que é que quero mais? / Pois se confio

naquele / que diz ser o pai dos pais / o qual a nenhum dos filhos / não desprezará jamais” (67, 68, 69, 70, 71, 72).

João, o irmão mais novo, vai trabalhar para sustentar o pai idoso, mas é explorado por um patrão a quem o autor não dá nome, e a ele se refere de forma aparentemente pejorativa, como *o turco*, assim descrito: “não tinha temor de Deus / era cruel e malvado / das costas de muitos pobres / já tinha o couro tirado” (vv. 93, 94, 95, 96). A caminho do trabalho, de acordo com as instruções do turco, João foi seguindo uma cachorra que lhe indicaria o caminho, e só poderia vir para o almoço quando o animal voltasse. Demonstrando estar habituada com a rotina, a cadela ficava dormindo à sombra, até bem depois do horário do almoço. Nesse emprego, João suportou apenas três dias, principalmente por causa da refeição mesquinha recebida: “foi um pires de arroz / uma concha de feijão / uma banda de um ovo / e um pedaço de pão” (vv. 141, 142, 143, 144). Por haver João desejado sair do emprego, o patrão, conforme já havia prometido, extrai-lhe algumas tiras de pele das costas. “Tira-lhe o couro”; portanto, isso comprova que os versos 95 e 96 não representam apenas um modo figurado de falar muito usado pelo povo. Quando o filho caçula volta ao lar naquele estado deplorável, o velho pai morre de desgosto, e esses dois incidentes ocorridos com a família serão os motivos que vão desencadear a movimentação do protagonista e os próximos episódios da história.

Pedro Malazartes sepulta o pai e cuida dos ferimentos do irmão, atitudes que revelam um louvável sentimento familiar, talvez a única qualidade positiva demonstrada pelo personagem, agora profundamente revoltado: “meu destino enegreceu / agora com êsse turco / quem vai trabalhar sou eu” (vv. 172, 173, 174). Assim, obcecado pela vingança, Pedro Malazartes se emprega na propriedade do inimigo e, antes de ir para a roça, recebe deste as mesmas orientações que haviam sido dadas ao irmão. Novamente, a cachorra deitou-se e dormiu; mas, passada apenas uma hora, Pedro acordou-a com uma surra de chicote que a fez ir logo para a casa da fazenda. Chegado à sede da fazenda, Malazartes não esperou ser servido como fizera o irmão; mas foi às panelas e se serviu à vontade.

A fim de desgostar o estranho empregado, o turco procura dar-lhe algumas tarefas difíceis, mas Pedro sabota a todas: em lugar de uma carrada de lenha cheia de nós, traz-lhe cana-de-açúcar; em vez de uma carga de lenha retilínea e sem nós, corta um monte de bananeiras. O turco, cada vez mais desgostoso com aquele trabalhador singular, procura uma forma de mandá-lo embora. Já se nota, nitidamente, que o poeta se posiciona a favor de Malazartes, como bem o mostram os seguintes versos: “Êsse turco tinha mãe / também muito desgraçada / então o turco com ela / projetou uma cilada” (vv. 325, 326, 327, 328). Depois, na tentativa de amedrontar Malazartes, o turco lhe diz para ter cuidado porque, na região, estava

aparecendo um bicho traiçoeiro chamado *cotovia*, e que já haviam achado até uma caveira de gente. Durante a noite escura, assim a mulher começou a gritar chamando a cotovia: “vem sangrar um camarada!” (v. 372). “Por acaso”, Pedro havia achado um velho bacamarte, e com ele atira na direção da voz e acaba matando a mãe do turco. Este manda-o embora, mas antes Pedro tira-lhe o couro das costas: “O turco se sujeitou / Pedro sem ter compaixão / tirou-lhe o couro das costas / em toda sua extensão / do jeito que ele fez / com o seu irmão João” (vv. 409, 410, 411, 412, 413, 414).

Portanto, com a morte da mãe do turco e o couro tirado das costas, Pedro Malazartes tem sua vingança simetricamente realizada e já pode retornar para casa. Mas, desejando sair pelo mundo, reparte, com o irmão, um jumento, único bem que possuíam. A partir desse momento, a história torna-se ainda mais inverossímil, com pouca observação da lógica e episódios favorecidos pelo acaso. Cada irmão fica com metade da carcaça do animal, e Pedro sai de casa com a sua nas costas, que lhe serve para pegar um urubu com um laço por ele armado. Depois de muito andar, chega com o urubu a uma fazenda, esconde-se e ouve todos os segredos da mulher do fazendeiro. Ela tem um vaqueiro como amante e enquanto prepara, só para ele, deliciosas iguarias, diz à sua empregada e confidente: “e tenha todo cuidado / que é pra jantarmos juntas / com o meu vaqueiro amado / para meu marido bote / feijão com toucinho assado” (vv. 488, 489, 490, 491, 492).

Chegando da roça, o fazendeiro vê Pedro e o convida para a refeição. Logo que se senta, Pedro coloca o abutre sob a mesa e bole com o animal fazendo-o emitir um som. Malazartes diz que o urubu adivinha segredos e está avisando que lá no quarto existe boa comida guardada. Temerosas e com raiva, as mulheres trazem as iguarias. O dono da casa interessa-se pelo animal, e Pedro o vende por um bom preço. Todavia, antes de sair escondido da fazenda, de modo que todas as pessoas da casa ouçam, avisa: “na cabeça dêste pássaro / não deixe ninguém mijar / pois fazendo isto, ele / deixa de adivinhar” (vv. 555, 556, 557, 558).

No dia seguinte, quando o dono da casa já havia saído para a roça, o vaqueiro chegou, a mulher conta-lhe sobre o urubu, e os três resolvem urinar na cabeça da ave. Todavia, no escuro, a empregada, o vaqueiro e a patroa ficaram todos feridos pela ave irritada, cuja cena promíscua e grotesca o poeta, maliciosamente, achou por bem descrever de forma mais sutil: “No quarto foi a mulher / Que foi primeiro urinar / Na cabeça do urubu/ Mas ele pôde pegar / Nela num lugar que eu / Aqui não posso contar” (vv. 583, 584, 585, 586, 587, 588). Assim, lá da roça, o fazendeiro ouviu a gritaria e terminou descobrindo a infidelidade da mulher.

Levando vida errante, Pedro Malazartes passa a trabalhar noutra fazenda, onde trata de porcos a troco da comida. Depois de um mês, sem que o dono soubesse, começa a matar os porcos e vendê-los, usando o seguinte meio para dissimular o malfeito: “Ele com toda cautela / cada porco que matava / no lamaçal do chiqueiro / do dito o rabo enterrava / então em cima da lama / uma pontinha deixava” (vv. 631, 632, 633, 634, 635, 636). O fazendeiro pergunta pelos animais sumidos, porém Malazartes já tem uma resposta pronta: “vi seus porcos se sumir / nesta lama inda agora / por prova disso ficaram / só com os rabos de fora” (vv. 657, 658, 659, 660).

Este trecho, dentre as inúmeras trapaças de Pedro Malazartes, sempre foi um dos mais conhecidos pelo povo e prazerosamente lembrados pelos leitores de cordel. O herói pícaro e desonesto lança mão de um artifício ingênuo, talvez mais condizente com uma traquinagem infantil, que, na vida real, seria pouco provável que conseguisse convencer ou ludibriar a uma pessoa mais atenta. Em todo caso, o fazendeiro termina acreditando na história, puxa um rabo de porco e Pedro lhe diz que “êste o senhor desmarcou / porque arrancou o rabo / e o porco dentro ficou” (vv. 664, 665, 666). O patrão pede a Pedro que vá até a casa buscar três ferramentas para cavar, e o herói diz às três lindas filhas do fazendeiro que o pai o autorizou a fugir com elas. As moças duvidam, mas, a distância, Malazartes, arditosamente, grita ao pai se realmente são as três. O pai diz que sim, e Malazartes embrenha-se nas florestas com elas, só mandando-as de volta para casa após cinco dias.

Depois de muito perambular sem rumo pelo mato, Malazartes, “sem querer,” chega a uma praia deserta e avista o corpo de uma freira, já morta, em recente naufrágio de um navio. Dentro de um estojo, Pedro encontra um crucifixo e uma carta com esta informação: “Aí segue, sua alteza / a querida irmã Luzia / que irá ser guardiã / da princesinha Maria / Pode nela confiar / Thelma, madre diretora” (vv. 743, 744, 745, 746, 747, 752).

Note-se que Pedro, ainda sem saber se seria encontrado, veste a roupa da defunta, mas, logo depois, “por sorte”, avista um navio e é recolhido pelos marujos que pensam estar salvando a freira. Um dia depois, chegam ao reino, onde Malazartes é recebido, com reverência pelo monarca, para ser dama de companhia da princesa Maria. Daí em diante, a falsa dama e a princesa passam a dormir na mesma cama, porque, segundo a história, um dia “Um sábio leu a mão dela / e disse com sapiência / que quando ela inteirasse / treze anos de existência / por um infame seria / manchada a sua inocência” (vv. 819, 820, 821, 822, 823, 824)

Dois meses depois, quando a princesa Maria passa a sentir estranhos sintomas e fazer certas exigências quanto à comida, o doutor a examina e atesta o estado de gravidez. O rei não

quer acreditar, mas a filha revela que a freira, de fato, é um homem. Assim, Malazartes é obrigado a se casar e torna-se rei depois de um ano da morte do velho monarca.

Nesta história, o autor apresenta um personagem de vida tortuosa, em quatro episódios fragilmente alinhavados, construídos à base de acasos e muita sorte. Apesar dos malfeitos, maldades e infrações à lei, o autor demonstra claramente sua simpatia por Malazartes, como se houvesse sempre um motivo aceitável ou uma atenuante capaz de justificar cada ato condenável. Assim, o herói não comete crimes, faz presepadas; as vantagens obtidas não são propriamente fruto de desonestidade do herói, mas, sim, porque ele é esperto, e isso parece constituir-se uma qualidade positiva; as outras pessoas lesadas não são consideradas inocentes e de boa fé, mas estúpidas. Deste modo, o poeta deixa subentendido que, em sua essência, Malazartes é uma pessoa de boa índole, de bom coração, tanto que, ao final, além de regenerar-se deixando de ser “presepeiro”, é coroado rei para sempre feliz. A fim de elucidar tais aspectos, vale mostrar alguns versos que revelam o tipo de caráter de Malazartes, como: cinismo e indiferença diante do sofrimento do turco: “Pedro disse: senhor turco / para que tanta agonia? / Eu não matei sua mãe / matei sim, a cotovia / e se ela era o bicho / lhe juro que não sabia. (vv. 391, 392, 393, 394, 395, 396); demonstração de desonestidade, ao vender o falso urubu adivinho para o fazendeiro que o acolhera e lhe dera refeição: “Diz Pedro: para o senhor / que é um homem de bem / lhe custa quinhentos contos” (vv. 547, 548, 549); desrespeito para com a integridade moral e honra alheia, ao atentar contra as filhas do fazendeiro: “O fazendeiro que era / cheio de estupidez / disse: era o que faltava / que tolíce de vocês! / De cá gritou confirmando: / sim, meninas, tôdas três” (vv. 691, 692, 693, 694, 695, 696).

Neste folheto, assim como também acontece em tantos outros, duas características recorrentes são observadas: o poeta encontra uma forma de introduzir personagens nobres, geralmente oriundos de um reino indeterminado ou longínquo; verifica-se uma adequação da história ao ambiente nordestino, o que pode ser comprovado por, pelo menos, três elementos típicos da vida do povo sertanejo: a rede, que muitas vezes é a cama preferida, em “Por isso que vivo tranquilo / deitado na minha rede / comendo frutos silvestres” (vv. 61, 62, 63); o jumento, que, provavelmente, fora o animal mais usado na faina do dia a dia do homem do campo, em “Vamos matar o jumento / e a partilha fazer / disse João: matar o jegue?! / Isso não poderá ser!” (vv. 427, 428, 429, 430); alusão ao fenômeno do cangaço em “Mas Pedro depois temendo / que o rico fazendeiro / podia vir procurá-lo / por ali com cangaceiro / embrenhou-se pelas matas / sem direção nem roteiro” (vv.709, 710, 711, 712, 713, 714).

Cumpra assinalar que, embora a forma de narrar seja um tanto simplória, alguns episódios apresentam conotação obscena, além do que as próprias “travessuras” pouco inocentes de Pedro Malazartes parecem desejar confirmar o pensamento, às vezes temerariamente cultivado, de que os crimes e velhacarias sob o nome de esperteza ou vivacidade podem compensar.

Por todo o texto surgem alguns relatos muito difíceis de acreditar: Pedro Malazartes sai de casa com metade de um jumento às costas; usa as vestes da freira e consegue enganar a toda uma corte; o rei aceita que um impostor se case com a filha princesa. Contudo, tratando-se das histórias fantasiosas do cordel, qualquer episódio, por mais estranho que seja, parece possível, não se podendo, portanto, cobrar exatidão do autor quanto à realidade .

Há algumas décadas, folhetos como este sobre Pedro Malazartes devem ter sido muito apreciados por ouvintes e leitores, sobretudo numa época em que as pessoas, carentes de novidades e entretenimento, mais se juntavam para contar e ouvir histórias mirabolantes, as quais lhes proporcionavam alguma evasão da vida rotineira e dificultosa.

3.3.7 (T07): *História do capitão do navio* (Silvino Pirauá de Lima – In: MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980).

Silvino Pirauá de Lima inicia o folheto propondo-se a “narrar uma história /do tempo da inocência” (vv. 01, 02), em que um homem de vida simples, de um momento para outro, tem de suportar duras provações, “sem se maldizer da sorte/sem faltar-lhe a paciência” (vv. 05,06). Não se sabe, exatamente, quando nem onde os fatos acontecem. Mas, trata-se de uma época remota, lendária, quando, assim como tantas vezes os contos de fadas costumam mostrar, certas entidades misteriosas, sem nenhum motivo especial, apareciam de repente, questionavam as pessoas escolhidas e decidiam seus destinos por meio de enigmas.

Deste modo, o poeta refere-se a um tempo e lugar indefinidos, a uma era muito antiga. Supõe-se, portanto, de acordo com os versos 01 e 02, que, àquela época, as pessoas eram mais puras e inocentes, diferentemente do mundo atual, em que estão presentes a malícia e a maldade. Entretanto, conforme a história se desenvolve, esse discurso de um mundo antigo idealizado e ausente de pecados e vícios pode ser contestado, uma vez que um

longo e intenso sofrimento de uma família, antes pacífica e feliz, é causado pelas más ações de outras pessoas que também vivem nesse mesmo período. Logo, nem todas as personagens desta história mostram-se virtuosas, como o comprova a presença de dois componentes que se destacam pela deslealdade: um capitão de navio, que almeja o amor de uma esposa fiel, e uma ardilosa mulher, a “Vaidosa iludideira” (v.109), meretriz que exerce a função de medianeira.

“Deseja ser feliz na juventude, ou na velhice?”, esta é a pergunta feita, de súbito, por um espectro misterioso, “Num dia de sexta-feira” (v. 07), dia aziago, propenso ao acontecimento de maus presságios, de acordo com algumas crenças. Talvez por imaginar e temer o extraordinário poder dessa entidade, o homem não questiona o motivo dessa pergunta. Por isso, com sábia decisão, escolhe a segunda alternativa e, logo em seguida, sente sua vida transformar-se num verdadeiro calvário. De um momento para o outro, vê desfazer-se tudo o que o tornava feliz: os bens materiais conseguidos com sacrifício, os filhos queridos e a companhia da esposa amorosa. No entanto, ao final, quando a alegria de viver parecia ter-se desvanecido para sempre, o homem termina vencendo todos os obstáculos, porque, “sem se maldizer da sorte” e “sem faltar-lhe a paciência”, o Destino lhe devolve tudo o que provisoriamente se perdera, dando-lhe, como acréscimo, muito mais do que antes possuía. Entretanto, o merecimento desse resgate só foi possível porque o penitente esteve sempre munido de uma virtude tão rara quanto valiosa, a paciência exigida nos difíceis transes que o Destino lhe apresentou. Nota-se, pois, que, sendo essa virtude o elemento nuclear da história, o texto dialoga com o discurso de certos provérbios segundo os quais “A paciência é unguento para todas as chagas”, ou remete a ensinamentos do Evangelho, como este: “Descanse no Senhor e aguarde por Ele com paciência” (*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, Salmos 37.7).

Embora o capitão do navio conste do título do poema, ele, do mesmo modo que a meretriz, funciona como elemento a serviço do mal e desagregador da família e, de forma alguma, representa o personagem mais ativo e relevante na história. O folheto enaltece, principalmente, a honestidade da esposa, que, mesmo num lugar e tempo incertos ou fictícios, ideologicamente simboliza o modelo de conduta e fidelidade conjugal esperado e preconizado pelo homem do sertão, que pode estar dialogando, por exemplo, com a mensagem cantada por Luiz Gonzaga, em *A volta da asa branca*: [Sertão das “muié séria” dos “home trabaiadô”].

O extenso tempo decorrido torna-se significativo: doze longos anos de reclusão, durante os quais a esposa fiel, por honra e respeito “às barbas do marido”, resiste às tentações do marinheiro inescrupuloso e conquistador: “ honrarei até a morte/ a barba do meu marido”



(vv. 113-114); “A barba do meu marido/ hei de honrar toda vida” (vv.167-168), repete a esposa.

Por conseguinte, além de expressarem a idealizada fidelidade feminina, tais palavras volem a antigos valores, a uma rubrica social, quando as pessoas, no “tempo da inocência”, consideravam a longa barba, o fio do bigode ou mesmo as mãos calejadas do homem, como veneráveis atestados de dever cumprido, honra e integridade moral.

Em “só quero que Deus me seja/ protetor, pai e padrinho” (vv. 209, 210), torna-se evidente a fé inabalável do sujeito da história, ou seja, do homem que se sente o filho protegido pelo Criador, e isso é o quanto lhe basta como suporte para enfrentar as dolorosas provações.

A perda dos bens, o sofrimento, a humildade, a recuperação e, por fim, o prêmio com a velhice gloriosa, tudo isso constitui circunstâncias que imediatamente reativam uma memória de um discurso que aponta para determinadas passagens da Bíblia, de forma mais direta para a vida de Jó: “[...] veio um mensageiro a Jó e lhe disse: Os bois lavravam, e as jumentas pasciam junto a eles; e deram sobre eles os sabeus, e os tomaram; mataram os moços ao fio da espada, e só eu escapei para trazer-te a nova.” “Em tudo isso Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma”. (*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, Jó, 1: 14,15,22).

Como se sabe, Jó pela fé incondicional suportou e venceu a todas as agruras, para depois ser fartamente abençoado em idade avançada. Do mesmo modo, o personagem principal deste folheto reouve plenamente, ao final da vida, tudo o que o Destino lhe havia subtraído. Por todos esses indícios, verifica-se uma evidente inter-relação entre a vida do patriarca hebreu e a do personagem desta história. Pelo exemplo de fé, paciência e humildade com que se conduziram, ambos reconquistaram tudo o que provisoriamente lhes havia sido retirado para que fossem regamente recompensados depois.

Finalmente, considerando que o mal jamais deverá prevalecer, o capitão do navio, como castigo merecido, é consumido pelo fogo e tem suas cinzas tragadas pelas águas do mar. Uma vez mais, trata-se de um folheto que pretende expor alguns valores, mostrando que as pessoas que os cultivam serão plenamente recompensadas, enquanto aqueles que praticam iniquidades podem ser severamente punidos, aqui na Terra ou no outro mundo.

3.3.8 (T08): *O escravo do diabo ou o afilhado de Santo Antônio* (Firmino Teixeira do Amaral).

Pelo modo como Teixeira do Amaral anuncia este folheto nos primeiros versos, parece referir a uma história capaz de causar perturbadora impressão, de modo que o conhecimento do enredo tornar-se-á uma empresa difícil, talvez temerária, tanto para leitores impressionáveis quanto para o próprio cordelista que a escreve. Por isso, avisa que as pessoas fracas do juízo e do coração devem ficar preparadas, uma vez que ele próprio, ao desenvolver a escrita, titubeia e sente a caneta fugir-lhe da mão. Juntando essa introdução e o título, o leitor já supõe um poema que vai tratar de episódios tenebrosos, com um personagem sobrenatural, o diabo, não raro temido e combatido, mas recorrente em muitos casos contados pelos sertanejos e na Literatura de Cordel. A propósito da frequência dessa temática na literatura ou nas histórias contadas pelo povo, Proença (1977, p.43) diz que

O sobrenatural fascina o sertanejo. E a presença do diabo perdendo as almas, enganando os homens, ou sendo afinal, por eles enganado, é constante: “O Estudante que se vendeu ao diabo”, “A Noiva que o Diabo protegeu”, “A mulher que pediu um filho ao Diabo”, “A sociedade de São Pedro com o Diabo”, e uma infinidade de outros...

Vê-se que o poema apresenta palavras cuja ortografia conserva vestígios arcaicos e misteriosos, como baptisado, bello, n’um, elle, Ahi, Cavallo, que talvez apenas represente a forma particularmente usada pelo poeta em sua época e meio social, sem nenhuma segunda intenção ou valor simbólico, por detrás da história fantasmagórica; contudo, sendo coincidência ou não, essa escrita obsoleta, somada ao tema sinistro explorado, de certo modo, contribui para fornecer ao texto um aspecto misterioso.

O protagonista é o jovem João, irmão da caçula Mariazinha. Embora muito pobres, órfãos de mãe e criados pelo pai desde muito pequenos, sempre tiveram um lar harmonioso e feliz. Trabalhador, o rapaz costumava ajudar o pai na pescaria e como lenhador, até que num dia de sexta-feira, sentiu-se subitamente tristonho. O pai lhe perguntou o motivo daquela estranha melancolia, mas João também não sabia explicar; de uma hora para outra, a própria natureza e o canto dos pássaros não eram mais tão belos como sempre lhe haviam parecido, nem lhe davam a alegria e o prazer de antes, conforme diz o poeta: “Mas neste dia este céu /

lhe era muito mudado / os cantos que lhe alegravam / lhe eram mal entoado / estava o céu de beleza / em solidão transformado” (vv. 121, 122, 123, 124, 125, 126).

A referência do poeta à sexta-feira que, segundo a crença dos ocultistas, trata-se do dia agoureiro da semana, não é feita por acaso, ainda que aparentemente os personagens não se tenham dado conta. No entanto, aconteceu que, nesse dia, tendo João chegado à floresta para trabalhar, o machado se quebrou ao primeiro golpe. Certamente era um sinal de que algo extraordinário já começava a acontecer, mas João não se irritou e até mesmo sorriu, porque, pelo menos, não havia se ferido. Em seguida, ouviu um gigantesco barulho. Pensando se tratar de uma onça, subiu numa árvore, premiu o gatilho da carabina por dez vezes, mas a arma não atirou. Uma insólita criatura emitia as vozes de vários animais: imitava o galo, urrava como o leão, latia como cachorro, miava como gato, chiava como rato e estalava os dentes como porcos selvagens.

O que o rapaz estava vendo era uma figura multiforme, estranho ciclope, pelo poeta assim descrita: “era um bicho negro e baixo / venta e pata de Cavallo / seis chifres e um olho só / penna e christa como gallo / João fiado em sua força / desceu disposto a pegal-o” (vv. 145, 146, 147, 148, 149, 150).

Fez pontaria novamente, e a arma dessa vez disparou; o espectro, todavia, não deu mostras de ter sido atingido, enquanto o cano da espingarda, misteriosamente, quebrou-se em três pedaços. Então João perdeu os sentidos e só acordou ao meio dia, quando “abriu-se um grande vulcão / depois viu sahir do fogo / um negro que era o cão” (vv. 202, 203, 204). Como se sabe, assim como se acredita que o paraíso está situado nas alturas, considera-se que o inferno, como as profundezas do vulcão, fica para baixo, de onde saiu a criatura pontualmente ao meio dia.

Quanto à superstição, ou crença do sertanejo a respeito do meio-dia, tido como o momento propício a aparições maléficas, Câmara Cascudo (1972, p. 107, 108) esclarece:

Para nós, brasileiros do sertão, o redemoinho, os súbitos pés-de-vento, a poeira que sobe, brusca, diante das portas, o canto estridente do galo, os rumores inexplicáveis no telhado, nas camarinhas sombrias, nos alpendres solitários, denunciam presenças misteriosas e sobrenaturais. (...) É uma das horas abertas em que o Diabo se solta. Os feitiços ganham poderio nas encruzilhadas desertas. (...) Notem que é uma hora estranha, imóvel, com um arrepio sinistro nas folhas, tangendo os animais lentos.

Com efeito, de acordo com a descrição de Teixeira do Amaral, naquele momento de sol a pino, João estava diante de Belzebu. A vil criatura falou que o conhecia desde pequeno, bem como à sua família, inclusive sabia que o rapaz não era batizado. O mau espírito disse possuir todo o poder na Terra e ordenava que João jurasse que seria seu escravo para em tudo lhe obedecer. Finalmente deu-lhe um ultimato: “Se não fizer como digo / o deixo sempre vagando / em vez de sahir da matta / cada vez mais vai entrando / acaba paralisado / em árvore se transformando” (217, 218, 219, 220, 221, 222). Apavorado, João prometeu obedecer e perguntou ao diabo o que teria de fazer. O demônio lhe apresentou três propostas, e ao menos uma delas o jovem teria de aceitar. A primeira tarefa era que João matasse o próprio pai. O rapaz não aceitou e disse preferir morrer à míngua vagando perdido ou se transformar em árvore. A segunda era que João espancasse a irmã, mas ele igualmente recusou fazer mal a uma pessoa tão querida. Por fim, o diabo disse a João que só havia agora uma última proposta, muito fácil, e que não podia aceitar uma recusa: ele deveria entregar-se ao vício da bebida. Ainda que o cumprimento dessa terceira tarefa, porventura, fosse menos desastroso, uma vez que as pessoas mais amadas pelo rapaz não seriam diretamente atingidas, naquela hora, a própria natureza entristecida parecia compreender a dimensão do sacrifício: “João lhe disse que sim / mas com dôr no coração / ouviu as árvores chorar / as folhas cair no chão / o céu tornou-se negro / mais negro do que carvão (vv. 253, 254, 255, 256, 257, 258).

O diabo sumiu, João voltou para casa, mas já não era o mesmo, enquanto uma voz lhe dizia que sua vida seria pior do que a de um animal, e o culpado de tudo era o seu pai. De uma hora para outra, tornou-se um alcoólatra, bebendo o dia todo até cair, e só voltava para casa se fossem buscá-lo. Antes, um jovem pelas pessoas querido, agora um alcoólatra por todos odiado. O pai tornou-se mais triste e velho, enquanto a irmã, Mariazinha, perdera a alegria e a beleza. A paz do lar já não existia e um dia João, ao erguer a faca para o pai e dar um empurrão na irmã, uma voz foi por todos ouvida. Era sua mãe que dizia: “ – Que fazes João? não vê!... / que queres matar teu pae... / – Sou tua mãe!... e vim de Deus / somente para ti salvar / bem sei que não és culpado / em tal ação praticar / Manda Deus que te ordene / que nunca debes beber!... (vv. 343, 344, 349, 350, 351, 352, 355, 356).

No dia seguinte, João foi batizado por um padre, tendo como padrinho Santo Antônio e madrinha a Virgem Maria, simbolicamente, talvez, porque o poeta não se refere à visualização dessas entidades sagradas. Terminado o sacramento, ouviu-se um barulho como um tiro de canhão seguido de forte vento e um cheiro de chifre queimado. Era o diabo

desgostoso por ter perdido a alma de João, que, daí em diante, junto da família, voltaria a ser feliz.

Depois de intenso sofrimento da família, o diabo é vencido e, como costuma ocorrer, com certa frequência, isto é conseguido por intermédio da argúcia e intervenção de uma mulher. Nesta história, trata-se de uma personagem feminina do mundo sobrenatural, que toma a defesa do filho fragilizado e pagão para derrotar o anjo maldito. Em muitos folhetos de cordel, verifica-se a presença do diabo como personagem, desde os desafios entre os cantadores, como em *Peleja de Manuel Riachão com o diabo*, de Leandro Gomes de Barros, até histórias de pactos, tentativas de ganhos de almas e empreitadas a serem cumpridas, como: *A mulher que enganou o diabo*, de Manoel D’Almeida Filho; *João Soldado, o valente praça que colocou o diabo num saco*, de Antônio Teodoro dos Santos.

Nesses folhetos com repetidos embates contra o espírito do mal, quase sempre os seres humanos conseguem vencê-lo na terceira e última tarefa, embora não sejam dotados de poderes extras sobrenaturais além da fé e da astúcia. Neste sentido, Câmara Cascudo (1952, p. 337) diz que “Aceitando desafio, topando aposta ou firmando contrato, o Diabo é um logrado inevitável”.

### 3.3.9 (T09): *Um beato pistoleiro ou o aleijado da cruz* (Manoel Camilo dos Santos).

É significativa a quantidade de folhetos da Literatura de Cordel do Brasil que exploram o tema do misticismo. Quando o texto de cordel trata desse assunto, além de fazer referência aos santos consagrados mais populares da igreja, também costuma referir aos não canônicos da terra mais cultuados pelos sertanejos nordestinos. Em muitas dessas histórias, a proteção ou intervenção dessas entidades a favor da personagem fiel parece tornar menos dolorosa a transposição dos obstáculos enfrentados, seja na Terra ou numa dimensão espiritual. Entretanto, aqui neste folheto não é o caso, visto que o autor estabelece um contraponto, desviando-se do estereótipo consagrado e fanaticamente adorado do santo

milagreiro, uma vez que o beato da história não se trata de um verdadeiro religioso, mas de um maligno impostor que semeia a morte e o sofrimento numa pacífica família.

O título apresentado pelo poeta já sugere, de forma paradoxal, a existência de violência, fé e religiosidade, o que o torna insuficiente para que o leitor tenha uma ideia mais clara do assunto que será desenvolvido.

Uma vez mais, como é costume acontecer na introdução do folheto, o poeta solicita a Deus muita clarividência para que possa falar de um caso horroroso, acontecido nos confins do Maranhão, quando, segundo ele ouviu dizer, por volta dos anos vinte, “apareceu nas estradas / um beato e alejado / que conduzia uma cruz / andando nela escorado” (vv. 15, 16, 17, 18).

Além do som da voz sussurrante e engrolada, o beato chama a atenção pelo estranho aspecto: um roupão negro e comprido arrastando-se pelo chão; a cruz, que lhe servia de muleta excessivamente ornada de fitas e um rosário que sempre beijava, quando via uma pessoa e dela se aproximava para receber a esmola. Logo, o que Manoel Camilo dos Santos descreve é uma figura sombria e especialmente desagradável: “Saltando em um dos pés / da cruz fazia muleta / pondo em um dos suvacos / um dos braços da cruz preta / sua resa era um resmungo / e o riso uma careta” (vv. 67, 68, 69, 70, 71, 72)

Algum tempo depois, Jorge Travasso, um generoso fazendeiro, convida o beato para morar em sua fazenda, proporcionando-lhe todo o conforto, porque assim não precisaria mais pedir esmolas e teria vida boa. Chamou a esposa e os filhos e lhes disse que considerassem aquele penitente como a um irmão. O alejado teria comida à vontade, podia colher frutos, só não podia vendê-los.

Com essa história, o autor reporta a um antigo problema da sociedade agrária do sertão: a divergência quanto aos limites das propriedades, que sempre foi um dos maiores motivos de conflitos com extermínios entre as famílias abastadas do Nordeste e até mesmo um dos fenômenos sociais que mais alimentaram o banditismo e o cangaço. Portanto, as contendas nasciam por causa das terras, cursos de águas próximos às divisas, disputa pelo poder político, desfeitas de um líder a outro. Essas inimizades, cada vez mais acirradas, duradouras e realimentadas por retaliações alternadas, atravessavam décadas e gerações, causando baixas de ambos os lados e grande quantidade de mortos entre jagunços e agregados.

A disputa por terras será o motivo que revelará o verdadeiro caráter do estranho beato, porque este, segundo o poeta, era “um falso, um monstro, um voraz” (v.115). Tudo começa quando Pedro Crispim, fazendeiro ambicioso e sem escrúpulo, avança sua cerca para dentro

das terras de Jorge Travasso. No tribunal, este vence o litígio, mas ganha também um inimigo perverso e vingativo que começa a procurar um pistoleiro. E o encontra: um beato aleijado, que se oferece para matar seu benfeitor. Tendo Crispim duvidado da capacidade daquele pretense criminoso, por ser beato e aleijado, ele lhe diz, desfazendo-se da muleta: “Qual beato qual lá nada / eu sou é um pistoleiro / acostumado a matar / e ganhar muito dinheiro / Aí deu uns 4 pulos / jogou a cruz para um lado” (vv. 188, 189, 190, 191, 194, 105).

Protegido pela escuridão do início da noite, o falso aleijado mata a tiros Jorge Travassos na porteira da fazenda. Retoma a habitual posição de beato deficiente e, durante o velório, cai em pranto demonstrando mais sofrimento que os familiares. O delegado que investiga o caso desconfia e prende o impostor que, sob torturas, confessa dezenas de crimes, cada qual mais hediondo: para roubar, matara os próprios pais e o irmão, assassinara fazendeiros, mulheres, crianças e até mesmo um vigário dentro do confessionário da igreja. Apesar do caráter detestável do personagem e do mal que causou, trata-se de uma história curta e simples com que o poeta chama a atenção para dois aspectos: a ingratidão de um indivíduo em relação ao bem recebido e sua posição de impostor como pessoa religiosa e benevolente.

Portanto, de forma lúcida, o cordelista, porta-voz de seus leitores conterrâneos, conta a história como um exemplo a ser observado, a fim de que as pessoas não se deixem ludibriar pela aparência de supostos beatos, ou falsos profetas, assim como dizem estes últimos versos: “Senhores isto é exemplo / apliquem vossos cuidados / não confiem nesses beatos / taciturnos ou exagerados / os quais vivem pelo mundo / sempre lesando os honrados” (vv. 464, 465, 466, 467, 468, 469).

Enfim, neste poema o autor se refere ao fato de que existe uma forte tendência de as pessoas se impressionarem, à primeira vista e com mais intensidade com as aparências, razão por que são necessárias algumas precauções. Por isso, na última estrofe, principalmente, ao fazer uso da sabedoria popular, reitera o pensamento de um adágio muito repetido em todo o Brasil, “O hábito não faz o monge”, que, neste caso, literalmente, vem servir como um alerta a fim de que todos estejam atentos em relação aos impostores, até mesmo aos mais improváveis.

Após o estudo da primeira parte do *corpus*, formada de poemas antigos, far-se-á a análise do poema *Volta Seca: um menino no cangaço*. Posto que tenha sido lançado recentemente, em 2007, este folheto ainda explora uma antiga temática do cordel, – o cangaço – própria de um momento histórico da primeira metade do século xx, e serve como

testemunho da inquestionável relevância e da influência ainda presente de alguns fenômenos sociais estreitamente ligados à cultura nordestina.

### **3.4 Um folheto extemporâneo: exemplo da influência do cangaço no cordel - Volta Seca: um menino no cangaço (Gonçalo Ferreira da Silva)**

Passados mais de setenta anos desde a extinção do fenômeno do cangaço, este folheto lançado em 2002, pelas suas características, poderia perfeitamente ter sido escrito e publicado na época em que o cordel havia alcançado seu ponto culminante no século xx, quando o povo sertanejo ainda recobrava-se do impacto das ações e do final trágico dos últimos cangaceiros.

Na primeira metade do século xx, o movimento do cangaço teve a participação de centenas de criminosos que despertaram um misto de medo e admiração no povo do sertão nordestino. No entanto, passadas mais de sete décadas da morte de Lampião, em 1938, e de Corisco em 1940, além dos nomes superficialmente referidos em estudos especializados ou nos folhetos, poucos são os cangaceiros que, individualmente, continuam sendo lembrados, ou que tiveram suas façanhas e biografias conhecidas pelo grande público, a despeito dos crimes bárbaros praticados ou dos cruentos combates que travaram no sertão. Logo, mesmo que muitos desses fora-da-lei tenham almejado fama, aterrorizando a gente sertaneja durante extenso período, somente alguns deles tiveram suas façanhas romanticamente gravadas na memória do povo e imortalizadas na Literatura de Cordel, nos livros ou até mesmo no cinema.

Lampião, Corisco e Antônio Silvino tornaram-se bandoleiros nacionalmente célebres, de modo que seus nomes agigantaram-se e, ainda hoje, como verdadeiros mitos, são reconhecidos como personagens da história e patrimônio do folclore do Nordeste. Cada um desses malfeitores foi famoso ao seu modo. Contudo, esses três cangaceiros foram todos chefes de bandos, que naturalmente atraíam para si a atenção das forças policiais ou da imprensa, e isto talvez possa explicar, em parte, a notoriedade que alcançaram e o anonimato de seus comandados. Lampião, cognominado o “Rei do cangaço”, é indiscutivelmente o mais célebre; Corisco, compadre de Lampião e seu pretense vingador, teve, em comum com este, o



fato de também ter sido morto pela polícia, enquanto Antônio Silvino, o predecessor, foi apanhado vivo para cumprir mais de vinte anos de prisão. Entretanto, embora Lampião e Antônio Silvino tenham tido destinos tão diferentes, possuem, como pontos semelhantes, a aura romanticamente ambígua de bandido e herói, cujas proezas ficaram para sempre lembradas nas histórias dos sertanejos, e exaustivamente exploradas nos folhetos. Contudo, dentre os cangaceiros, houve um que obteve renome sem que tenha exercido a chefia: Volta Seca, que, segundo os estudiosos, era muito jovem, quase um menino, quando entrou para o bando de Lampião, não permaneceu muitos anos no cangaço e teve vida longa.

Este folheto, escrito por Gonçalo Ferreira da Silva, vem reiterar a notoriedade desse bandido, objeto de curiosidade científica de antropólogos durante sua prisão, em 1928, que teve sua fotografia publicada, sem algemas, nos jornais da época e em livros importantes, como *O Outro Nordeste* (1970) do filósofo Djacir Menezes.

Neste poema, Silva ressalta os detalhes mais conhecidos pelo povo sobre a vida do criminoso, e a história tem início com uma cena pitoresca: o sergipano Antônio dos Santos, a quem mais tarde Lampião daria a alcunha de Volta Seca, aos onze anos de idade, com uma franga sob o braço, é encontrado pelo bando de Lampião, que o aceita na horda, porém com a condição de realizar apenas pequenos trabalhos: “Lampião disse: – Está certo / apenas fará mandados / do tipo varrer o chão, / lavar animais suados / fazer serviços diversos / levar e trazer recados (vv. 19, 20, 21, 22, 23, 24).

Passados mais de dois anos, o menino já se acostumara ao ambiente do cangaço e pôde ver, de perto, o respeito absoluto que os “cabras” devotavam ao chefe, principalmente quando o cangaceiro era visto fazendo largos gestos, como forma de expressar sua fé, nos momentos de recolhimento e orações. Essas informações vêm lembrar o modo como Lampião e outros cangaceiros conseguiram a conciliação quase impossível de uma bárbara vida de crimes com a prática da religiosidade, e confirmar a grande quantidade de histórias que contribuíram para fazer crescer, na mente do povo sertanejo, a imagem do “cabra da peste” feroz, misterioso e de corpo fechado, que “tinha parte com Deus e com o diabo”.

A parte principal deste folheto relata um dos episódios mais emblemáticos sobre a tensão da convivência difícil e perigosa, entre os cangaceiros, no agreste ambiente das caatingas: certa vez, o adolescente Volta Seca, ante o pesado silêncio do bando, ousou contestar o procedimento de Lampião, ao vê-lo esbofetear, de forma aviltante, o rosto de um companheiro: “ – Não posso ver em silêncio / tamanha indignidade, / quem bater na minha cara, / digo com sinceridade / estará plantando vento / para colher tempestade. (vv. 91, 92, 93, 94, 95, 96).

Segundo Silva, à época do famoso incidente, teria Volta Seca cerca de 13 anos de idade, mas isso, de forma alguma poderia salvá-lo da ira sinistra de Lampião, não fosse a providencial intervenção de Maria Bonita junto ao marido: “Porém Maria Bonita / intercedeu a favor / do destemido garoto / por ter mostrado valor / falando a verdade sem / ferir seu superior” (vv. 103, 104, 105, 106,107, 108). Observe-se que, mesmo nestes poucos versos, destacam-se duas qualidades apreciadas pelo sertanejo e recorrentemente lembrada nos folhetos de cordel: o valor da palavra, quando se diz a verdade, sobretudo se acompanhada de bravura incomum demonstrada. E para melhor ressaltar a relevância desse fato, mais à frente o poeta retorna a ele, mostrando o sentimento de admiração e respeito que o jovem criminoso conseguira despertar em todos os cangaceiros, inclusive em Lampião: “Todavia, o episódio / causou admiração / no grupo, e secretamente / até mesmo em Lampião / revelada à sua amada / sentado em trempes no chão” (vv. 115, 116, 117, 118, 119, 120).

No entanto, algum tempo depois, Volta Seca sairia do cangaço por causa de uma calúnia lançada por um companheiro invejoso, que dissera ao chefe que o garoto cangaceiro estava dando instruções de tiro ao inimigo. Sabendo que Lampião estava terrivelmente zangado e ainda ressentido com o episódio anterior, Volta Seca achou por bem não brincar com a sorte, conquanto não houvesse cometido a traição. Aconselhado por companheiros, fugiu, entregou-se à polícia e, segundo o poeta, foi duramente punido: “por um juiz rigoroso / por cento e quarenta e cinco / anos sendo condenado” (vv. 165, 167,168). Entretanto, após o cumprimento de vinte anos de reclusão, a liberdade foi-lhe concedida por um dos personagens mais festejados na Literatura de Cordel, Getúlio Vargas, que o cordelista, mesmo de passagem, faz questão de mencionar com alguma reverência: “Quando Getúlio assumiu / como chefe da Nação / concedeu a Volta Seca / ao lado da esposa Isaura / presidencial perdão” (vv.169,170, 171, 172).

Lido o folheto, o leitor poderá concluir que não há episódios extraordinários na vida do bandido, que possam justificar a celebridade conquistada. Com efeito, o autor não os relata, mas Volta Seca foi considerado um dos criminosos mais perversos e precoces do sertão, informação confirmada mediante uma longa entrevista concedida por ele ao jornal *O Pasquim*, em 1973, com o título *O Pasquim encosta na parede O "Jésse James" do nordeste*.

Aos dez anos de idade já havia matado três homens: o primeiro, por ter maculado a honra de sua irmã; o segundo era um policial que o perseguia na fuga; o terceiro, para vingar a morte de um vaqueiro, cuja viúva se compadecera da vida errante do garoto, tratara-lhe o ferimento e lhe dera comida e abrigo. Talvez parte do seu renome se deva principalmente ao apelido incomum e sonoro, à sinistra precocidade, ou ainda ao semblante nada amigável que

impressionou negativamente as autoridades durante a prisão. Mas, apesar da tendência homicida, certamente a fama de Volta Seca tornou-se maior depois que abandonou a vida de crimes. Mostrando alguma inclinação artística, dizem que tocava realejo na prisão, e é considerado o autor de *Acorda, Maria Bonita*, em que enaltece a mulher de Lampião, uma das músicas mais representativas da era do cangaço e do folclore nordestino, da qual segue a letra:

Acorda Maria Bonita  
 Levanta vai fazer o café  
 Que o dia já vem raiando  
 E a polícia já está de pé.

Se eu soubesse que chorando  
 Empato a tua viagem  
 Meus olhos eram dois rios  
 Que não te davam passagem.

Cabelos pretos anelados  
 Olhos castanhos delicados  
 Quem não ama a cor morena  
 Morre cego e não vê nada.

Ainda hoje, os quatro primeiros versos da melodia, em gravação antiga, podem ser ouvidos, pela *internet*, cantados pelo cangaceiro, já em idade avançada, com mais de oitenta anos. Também há quem diga que Volta Seca serviu como fonte de inspiração para grandes artistas, dentro os quais estaria o “O Rei do baião” Luís Gonzaga, para muitos o grande ícone da música nordestina.

No Capítulo IV, serão observadas as principais características do folheto atual, como os temas explorados, a apresentação material dos livros, os locais de venda e as novas formas de divulgação. Terminada a análise da segunda parte do *corpus*, constituída de nove poemas atuais numerados de 10 (dez) a 18 (dezoito), será feito um cotejo entre os dois grupos de folhetos, com verificação das possíveis diferenças entre os tradicionais e os modernos, e da forma como os poetas se posicionam frente à nova realidade social.

## 4 OS CORDEIS DA ATUALIDADE

### 4.1 O folheto atual: formato, temas e linguagem

Não seria despropósito dizer que a Literatura de Cordel, muito provavelmente não teria sido a mesma, – essa literatura que se desenvolveu de forma tão densa e vigorosa em território brasileiro, enriquecida de algumas características relevantes e muito particulares – se não tivesse se estabelecido e arraigado na Região Nordeste. Só é possível dizer isso porque, como já foi fartamente observado neste trabalho, além das circunstâncias históricas e aspectos geográficos marcantes, (as secas, as distâncias e isolamento dos grandes centros), que só essa região reuniu, de forma mais intensa, alguns elementos que lembram e representam a formação sociocultural da gente nordestina aparecem fortemente impregnados na produção literária do cordel. A fim de ressaltar a enorme importância da confluência de alguns aspectos que tornaram o cordel do Brasil particularmente vigoroso como expressão literária do seu meio social, vale registrar as palavras do estudioso francês Raymond Cantel, em epígrafe, *apud* Debs (2007, p. 09): “A literatura popular existe em outros países, mas nenhuma é tão relevante quanto a do Nordeste [ ...]. Aqui no Nordeste ela resiste e se transforma cada vez mais”.

Ainda a respeito do ambiente sociocultural privilegiado que a Literatura de Cordel encontrou no Brasil, outro pesquisador, Diegues Júnior (1986, p. 39), assim se expressa:

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta, a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano escravo ali se fez de maneira estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências. Depois, o próprio ambiente social oferecia condições que propiciavam o surgimento dessa forma de comunicação literária, a difusão da poesia popular através de cantorias em grupo e de forma escrita.

A própria confecção do folheto, (o papel de baixa qualidade, o pequeno formato, a fragilidade da encadernação, a forma rudimentar e aparentemente ingênua das ilustrações das

capas) aparece como resultado das características e da história da região, do modo de vida do povo sertanejo e das escassas possibilidades de recursos do meio socioeconômico onde o cordel mais intensamente foi produzido durante o século xx.

Hoje, entretanto, sabe-se que, assim como tem ocorrido em outras regiões do País, o Nordeste tem apresentado progressos na agricultura, na indústria e na educação, e o reflexo dessas transformações socioeconômicas e culturais, como não poderia deixar de ser, pode ser identificado na Literatura de Cordel. Sem que se incorra em contrassenso, entende-se que o folheto de cordel, pelas suas características intrínsecas e extrínsecas já consolidadas por um longo processo de adaptação e maturação, é essencialmente nordestino e genuinamente brasileiro, ainda que o seu embrião, segundo a opinião dos maiores estudiosos do assunto, seja proveniente da Península Ibérica.

Há algumas décadas, o cordel também é produzido fora da Região Nordeste, em lugares como São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Brasília. Nota-se, todavia, que a maior parte das obras têm sido criadas por autores migrados daquela região, ou poetas descendentes de famílias nordestinas. Vê-se que muitos ainda conservam costumes e marcas de sua formação social, porquanto a linguagem de seus textos amiúde revelam o modo de falar ou mesmo de pensar característicos do local de origem. Notadamente nos folhetos mais antigos – já que os poetas também eram sertanejos e autênticos porta-vozes de sua gente – os elementos linguísticos, os temas e a forma ideológica com que são tratados costumam remeter ao ambiente nordestino, com nítida referência aos aspectos dos meios físico e social.

Passado pouco mais de um século desde seus primeiros passos no Brasil, o folheto de cordel, ao contrário do que ocorre em outros campos de conhecimento, não tem apresentado significativas inovações quanto ao seu formato, cujas dimensões tradicionais continuam mantidas, isto é, com aproximadamente 15,5 cm x 11 cm, 16 cm x 11 cm e 16,5 cm x 10 cm. Mesmo quanto à qualidade do material usado na encadernação do folheto, observa-se uma tendência para o emprego de papel de qualidade inferior, tanto da capa quanto das folhas, cuja encadernação apresenta um aspecto artesanal, as figuras xilografadas de aparência simplória e rudimentar, ou mesmo simples desenhos que procuram assemelhar-se às antigas xilogravuras.

Atualmente, ainda que os cordelistas tenham de enfrentar dificuldades financeiras, seguramente, ao menos em relação aos recursos tecnológicos disponíveis, essa literatura estará mais bem servida. Sem falar das grandes editoras que se dedicam a outras formas de publicação, além de excelentes gráficas encontradas em qualquer cidade de porte médio do País, o folheto de cordel pode ser publicado em boas editoras do ramo, como a Coqueiro, a Queima-Bucha e a Tupynanquim, no Nordeste, e a maior delas, a Luzeiro, sucessora da

Prelúdio, em São Paulo, praticamente a única que tem apresentado grandes inovações quanto ao tamanho do livreto, ligeiramente maior, e capas com estampas coloridas e desenhos mais bem elaborados. Sobre essa diferença em relação às outras editoras dedicadas ao cordel, assim Luyten (1981, p.118) se refere à Luzeiro:

O aspecto gráfico, em geral, já chamava a atenção pela perfeição técnica. Nisso, os folhetos da Prelúdio/Luzeiro sempre se destacaram do resto da publicação de Literatura de Cordel no país, sobretudo no Nordeste, onde os livretos continuaram a ser impressos de acordo com os moldes rudes em vigor, em grande parte, até hoje.

Realmente, nos últimos anos, mesmo em centros mais desenvolvidos como o Rio de Janeiro, por exemplo, muitos folhetos continuaram sendo editados, inclusive pela própria Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com um papel de baixa qualidade e gráfico de aspecto rústico, modesto acabamento e nenhum colorido, ainda que a mesma Academia já tenha também lançado pelo menos uma edição mais sofisticada, em 2008, pela Editora Queima-Bucha. Essa edição traz uma antologia dos poemas mais representativos do cordel, encadernados em dois grossos tomos, em comemoração do centenário do folheto de cordel no Brasil.

É possível que a causa da existência desse formato singelo e humilde do folheto, durante a maior parte do século xx, tenha sido a falta de recursos tecnológicos e financeiros dos poetas e tipógrafos, quase todos de origem muito pobre, como também o era a maioria da clientela leitora dos folhetos, formada do povo simples do sertão. Entretanto, também na atualidade, a despeito da evolução tecnológica, muitos folhetos ainda são lançados com o formato de antigas edições, idêntico aos produzidos pelas tipografias nordestinas no início do século xx. Trata-se de uma particularidade do processo de produção do cordel, que, caso se deseje tentar compreendê-la, podem-se sugerir as seguintes hipóteses: os folhetos ainda são pobremente encadernados a fim de baratear os custos com o material e o serviço de acabamento, o que, conseqüentemente, vem torná-lo mais acessível ao público leitor de menor poder aquisitivo; a confecção de muitos folhetos ainda é realizada nos moldes semelhantes aos de antigas publicações, talvez como forma de manter as características externas já consagradas, na tentativa de conferir ao folheto uma aparência de autenticidade.

Essas características continuam sendo muito valorizadas por uma boa parcela do público leitor que, não raro, costuma identificar a obra de cordel principalmente pela

ilustração das capas e formato da encadernação. Se confirmada, esta hipótese vem demonstrar o lado conservador da Literatura de Cordel, cuja apresentação visual, de alguma forma, serviria como elemento auxiliar na composição de sua identidade e um modo de diferenciá-la de outras manifestações supostamente literário-cordelistas. No entanto, de acordo com os estudiosos, as primeiras capas dos folhetos não possuíam nenhuma ilustração, e recebiam, por isso, o nome de “capas cegas”. A própria xilogravura, hoje, um ícone dos mais valorizados da ilustração do folheto, não nasceu com o cordel e se trata de um recurso relativamente recente, uma vez que os desenhos e clichês de cartões postais com fotos de artistas de Hollywood eram os preferidos pelos editores.

Contudo, ainda que esses elementos paratextuais constituam indicadores mantidos pela tradição, convém observar que o que, verdadeiramente, define o texto como legítimo poema de cordel não é o seu formato, nem as ilustrações, muito menos o modo como os livros são ou eram expostos, pendurados em cordões (cordéis), para serem vendidos. Tal prática, de acordo com estudiosos, não se afigurava tão comum, embora muita gente ainda pense que o fosse, por causa da palavra “cordel”. Entretanto, o fato é que muitos leitores mais velhos desconheciam esse nome e se referiam ao folheto simplesmente como “romance”.

A esse respeito, Assis (2012), em seu ensaio *Sete mitos sobre a Literatura Brasileira*, faz o seguinte esclarecimento:

O formato dos livretos, tamanho, modo de produção, maneira como são expostos à venda ou material utilizado na confecção bem como suas ilustrações não dão créditos a nenhum escrito ser chamado de cordel, pois o que o caracteriza é o tipo e a qualidade do texto com suas formas definidas pela tradição da poesia popular nordestina.

Posto que, como já foi mencionado, boa parte dos folhetos de cordel ainda apresentem os tradicionais formatos de encadernação com xilogravuras (fig. 1), hoje, já podem ser vistos, além de textos publicados em antologias bem encadernadas, livretos com capas ilustradas das mais variadas formas: com fotografias (fig. 2), o que não constitui novidade, uma vez que, como já se disse, alguns folhetos, na época áurea do cordel, já traziam imagens de artistas de Hollywood para representar seus heróis e heroínas; com desenhos, alguns simplórios, mal delineados (fig. 3); outros, muito bem feitos, ainda em preto e branco (fig. 4), mas sem apresentarem nenhuma relação com a xilogravura; com desenhos coloridos, mais bem elaborados (fig. 5 e 6), de acordo com os padrões das capas confeccionadas pela Editora

Luzeiro; enfim, capas mais sofisticadas (fig. 7) cuja qualidade artística lembra a das pinturas modernas, com traços mais arrojados, distanciando-se ainda mais das tradicionais e toscas ilustrações do folheto. Portanto, em virtude dessa variedade simultânea de formas apresentadas pelos folhetos na atualidade, não parece ser tarefa fácil a indicação de uma tendência mais forte quanto às ilustrações e encadernação para o futuro. Do que foi dito, observem-se, a seguir, os tipos de figuras referidas:



Fig. 01



Fig. 02



Fig. 03

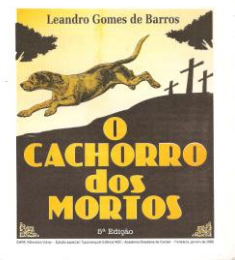


Fig. 04



Fig. 05



Fig. 06



Fig. 07

A parte final da última citação, acima, “...com suas formas definidas pela tradição da poesia popular nordestina”, em que Assis se refere ao formato do folheto, vem, uma vez mais, reiterar a opinião de outros autores e comprovar o quanto o estabelecimento e o desenvolvimento da Literatura de Cordel no Brasil deveu-se às fortes influências das manifestações socioculturais da Região Nordeste.

Com irrestrita liberdade, a Literatura de Cordel pode tratar dos mais variados temas. Por conseguinte, dentre os assuntos mais explorados, os folhetos podem trazer as histórias de amor, os acontecimentos extraordinários, as tragédias, a exaltação da valentia, o misticismo e o maravilhoso, as lendas (que apresentam uma estreita relação com as fábulas e contos de fadas), as peijas entre os cantadores, os fatos de grande repercussão da política nacional, a



louvação ou condenação de personagens importantes, o humor e as peripécias dos heróis picarescos. Algumas dessas histórias, calcadas em fatos reais ou apenas imaginadas, costumam ser usadas pelos poetas como exemplo ou lição de vida, a fim de premiar os bons e castigar os maus, neste mundo, ou suas almas numa dimensão espiritual.

Ainda que os cordelistas desfrutem dessa liberdade e façam uso dela para abordagem dos temas mais diversos, quando se faz um exame dos folhetos, mormente das histórias mais antigas, nota-se nelas uma considerável recorrência dos aspectos socioculturais da Região Nordeste, como: o misticismo, que pode conter alusões aos beatos e padres santos do lugar; a exaltação da valentia, que pode fazer referência a Lampião ou a outros personagens; frequentes adaptações das personagens e do ambiente da história mediante a “nordestinação” do meio social e da paisagem, conquanto os poetas informem que as histórias tenham supostamente acontecido em países lendários ou muito distantes. A respeito dessa forma de antropofagia cultural que se verificou no Nordeste, Vicente Deocleciano Moreira (2010), na página Interfaces 5 – Literatura de Cordel, fornece a seguinte informação:

O Nordeste brasileiro aculturou componentes do ciclo cavaleiresco ibérico, cujos temas clássicos do combate, da narrativa de proezas, armadilhas, lutas aguerridas, dilemas de variada ordem, personagem teratológicos e satânicos, que sempre sucumbem à coragem dos heróis do Bem, foram livremente sertanizados pelos cordelistas e repentistas em livretes ilustrados por xilogravuristas e vendidos pendurados em cordões, ou cordéis, em feiras livre e praças.

Consequentemente, em face da enorme importância desses aspectos sobre a vida nordestina e sua reconhecida contribuição como tema para a Literatura de Cordel, os poetas, mesmo em menor quantidade que no passado, ainda publicam folhetos, onde sobressaem personagens do misticismo nordestino ou exemplos de valentia, sobretudo do cangaço, não obstante esses temas e personagens já tenham sido exaustivamente explorados, alguns extintos ou distanciados no tempo. Por isso, ainda podem ser vistos títulos lançados, como estes: *Visita de Lampião a Padre Cícero no céu* (2010), de Varneci Nascimento; *Jesuíno Brilhante, o cangaceiro do Rio Grande do Norte* (2006), de Abaeté do Cordel; *Volta Seca, um menino no cangaço* (2007) de Gonçalo Ferreira da Silva.

Em vista das extraordinárias transformações sociais, nos últimos trinta anos, os tempos são outros para qualquer atividade cultural e, evidentemente, também para a Literatura de

Cordel. As cidades cresceram, o progresso, os recursos e informações importantes, antes circunscritas às cidades grandes, agora tornaram-se acessíveis a pessoas de lugares mais distantes. De certo modo, homogeneizam-se os costumes, diminuindo as grandes diferenças entre os falares das regiões, enquanto o progresso transforma paisagens e influi no modo de pensar das pessoas. Considerando que o cordel contém algo de jornalístico, tanto que, no Nordeste, o folheto exercera também a função de informar o povo sertanejo, todas essas mudanças, naturalmente, interferem nas características e produção das novas obras, já que o poeta cordelista interessa-se pelos acontecimentos do seu tempo e deles extrai a inspiração para a composição do seu texto. Logo, em virtude da transferência da maioria dos novos poetas para os centros urbanos mais desenvolvidos, como as capitais do Nordeste, ou metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, forçosamente os novos folhetos hão de retratar um pouco da vida e do ambiente citadinos, que podem trazer reflexos nos temas tratados e na linguagem. Por isso, aparecem textos como *Homenagem à Pequena Isabela*, de Henrique César Pinheiro, inspirado numa tragédia tipicamente urbana de grande repercussão nacional, e *Cordel do Software Livre*, de Carlisson Galdino, que trata da alta tecnologia dos recursos da informática.

Obviamente, a Literatura de Cordel há muito tempo já vem explorando assuntos da cidade, como no folheto *Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende, mas compreende-se que era de forma puramente ficcional e um tanto distante da realidade do cenário descrito. Hoje, os poetas falam de dentro, como conhecedores do ambiente urbano, seja porque moram no lugar que descrevem, ou porque, como tem acontecido a tantos brasileiros, as viagens mais facilitadas e a eficiência dos meios de comunicação lhes têm proporcionado um conhecimento mais efetivo mesmo de lugares distantes.

A propósito desse conhecimento agora globalizado e muito mais ao alcance das pessoas, note-se quão significativo é esse pensamento de Hall (2004, p.74), que hoje pode ser perfeitamente aplicado à situação sociocultural de muitas regiões do interior do nosso país:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do “Terceiro Mundo”, podem perceber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à “aldeia global” das novas redes de comunicação.

Diferentemente do passado, no Nordeste, com o sertanejo ávido de novidades e de lazer, mas sem muitas opções, hoje, no interior dos seus Estados ou nas grandes cidades, além do folheto, existe a monopolizadora presença de poderosos meios de comunicação, que não impedem, todavia, que os poetas continuem produzindo Literatura de Cordel. Observe-se que, nesse sentido, o folheto enfrenta uma situação paradoxal, visto que veículos de comunicação, como a televisão e principalmente a *internet*, ao exercerem uma possível concorrência, são os mesmos que têm possibilitado uma maior divulgação da Literatura de Cordel, mediante uma intensa publicação de estudos sobre o assunto e referência às obras consagradas e atuais.

No que concerne à correção da linguagem, já podem ser verificadas nítidas diferenças em relação aos folhetos mais antigos, como resultado da elevação do nível de escolaridade, tanto dos poetas quanto dos leitores do cordel. Portanto, como já foi observado, a maioria dos cordéis do passado exibiam desvios da norma culta que, àquela época, contribuíam para retratar a genuína forma de expressar do povo sertanejo, cuja espontaneidade e singeleza, a bem da verdade, proporcionava ao texto certo colorido e um exotismo particular que seduzia o leitor. Além de outros atributos, como a inventividade, pode-se dizer que a simplicidade rústica da expressão e o vocabulário agreste talvez tenham representado uma das características que mais serviram como fator de identidade do cordel, pois o tornava mais distinto de outras produções. Não se pretende aqui fazer uma defesa da permanência dos desvios gramaticais nos folhetos. No entanto, para aquela época e região, o que poderia ter sido crasso erro dentro do texto, noutras circunstâncias, significou tão somente a forma espontânea e própria da linguagem, já que o poeta de cordel, fruto de sua realidade social, ou seja, da classe humilde sertaneja, como ela se expressava para produzir o folheto e sua arte. Entretanto, ainda hoje podem ser encontrados textos escritos com uma linguagem pretensamente do poeta sem escolaridade, como nesta parte do folheto de Paulo Márcio Bernardo da Silva em *A vorta da carístia!*, escrito em 2008:

O boi num sumiu du pastu...  
 O inpim continua nascê...  
 E si fartava chuva  
 Dissu o sinhô num pódi mais dizê!

Ela veio inté pur dimais,  
 Alagô as roça du interiô  
 Dirrubô casa di pobri...  
 E inté manção di dotô.

Em cada linha desse excerto, os desvios da norma prestigiada aparecem em profusão e destoam significativamente da linguagem das pessoas de qualquer recanto do Brasil atual. Logo, supõe-se que, com esse texto, o autor pensa estar retratando a linguagem oral mais rústica do homem do interior, analfabeto ou de precária instrução escolar. No entanto, caso os folhetos atuais apresentem desvios gramaticais tão grandes como esses, porventura mais clamorosos que aqueles encontrados na maioria dos textos antigos, tal situação, evidentemente, não parecerá espontânea ou verdadeira, uma vez que, a rigor, não representaria o modo de falar ou de escrever da maioria dos brasileiros, mesmo dos que moram em regiões mais isoladas. Em suma, em vista do visível distanciamento da linguagem da realidade do leitor e do cordelista do mundo de hoje, produções como *A vorta da carístia* tendem a aproximar-se da paródia, que, como se pode constatar, apresentam flagrante semelhança com um texto de Soares (Veja, 1990), do qual foi extraído o seguinte fragmento:

Pois é. U purtuguêis é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumo si fala. Num é cumo inglês qui dá até vontade di ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im purtuguêis não. É só prestátênção.

#### **4.2 As formas de publicação do folheto atual**

Atualmente, além das editoras especializadas em folheto de cordel, como a Luzeiro, a Queima-bucha, a Tupynanquim e a Chico Editora, existem infinitas possibilidades de publicação, em vista da grande quantidade de gráficas e da popularização dos recursos tecnológicos, já ao alcance da maioria das pessoas. Deste modo, os folhetos podem aparecer com edições mais bem cuidadas e detalhes sobre o poeta e a obra, mas também com formatos mais simples, quando, às vezes, trazem apenas o título, o nome do autor e o texto precariamente digitados, sem maior preocupação com a estética. As publicações de obras com esse padrão esteticamente pouco ambicioso, contudo, não representam uma característica

exclusiva de autores pouco conhecidos, uma vez que poetas de renome, como o próprio presidente da Academia Brasileira de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva ou Apolônio Alves dos Santos, dentre outros, também têm lançado seus folhetos nessas mesmas condições. Por conseguinte, não se levando em conta aqui as implicações legais que possivelmente envolvem uma publicação, pode-se dizer que, hoje, na prática, qualquer poeta tem oportunidade de publicar seu folheto, ainda que, de forma alguma, esteja assegurada a repercussão almejada e a aceitação por parte do leitor. Contudo, essas publicações independentes e de feitio modesto só se tornam viáveis em virtude da grande facilidade com que as impressoras podem ser adquiridas, da pouca exigência quanto à qualidade da encadernação, além da reduzida quantidade de páginas, uma das tradicionais características do folheto de cordel.

No entanto, a despeito dessa facilidade para se publicar, a Literatura de Cordel ainda não parece ter sido suficientemente divulgada, porque ainda continua desconhecida por uma grande parcela da população, como se pode deduzir das palavras do estudioso Joseph Luyten, em prefácio de Debs (2007):

Apesar da maciça bibliografia crítica e da vasta produção de folhetos (mais de trinta mil folhetos de dois mil autores classificados), a literatura de cordel – cujo início remonta ao fim do século XIX – continua ainda em boa parte desconhecida do grande público, principalmente por causa da distribuição efêmera dos folhetos.

Não obstante as queixas de autores como Luyten, e as dificuldades por que a Literatura de Cordel no Brasil tem passado desde o lançamento dos seus primeiros folhetos, nos últimos tempos, sobretudo a partir do ano 2000, a *internet* tem-se revelado um recurso muito utilizado para a divulgação de poemas, tanto de autores novos como dos consagrados. Portanto, através desse veículo, além da realização de compra de livros que, de outra forma seria muito difícil obter, os pesquisadores e os apreciadores dessa literatura podem tomar conhecimento de uma rica gama de informações. Em vista disso, demonstrando acreditar nessa perspectiva, assim o poeta Gustavo Dourado (2012), na reportagem *Cordel: do sertão à contemporaneidade*, se refere às novas possibilidades de divulgação:

O cordel tem presença marcante no mundo virtual. Além de centenas de cordelistas que divulgam os seus trabalhos na Internet. Temos até a

Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com sede no Rio de Janeiro e seleto quadro de acadêmicos de boa qualidade. Entre os principais sites que divulgam o cordel há pouco surgiu um dos melhores sites sobre o Cordel na Internet: O Cordel Campina, coordenado por Rodrigo Apolinário, lá em Campina Grande, nossa Meca sertaneja da poesia popular e berço de célebres poetas e cantadores repentistas.

Depois de tratar sobre as condições de publicação dos folhetos na atualidade, a seguir serão discutidos aspectos como os meios e locais de venda, com o registro do pensamento de alguns estudiosos do cordel sobre o assunto.

### **4.3 Regiões de maior consumo**

Tendo-se originado na Europa e chegado ao Nordeste, muitos séculos depois, nesta região e sob influência das particularidades do novo meio sociocultural, o cordel desenvolveu-se como manifestação literária e adquiriu, em definitivo, a forma estética e as características pelas quais tornou-se reconhecido até os dias atuais. Portanto, por ter sido o Nordeste o berço dessa literatura no Brasil e em razão do período de isolamento em que permaneceu, essa região, como seria de esperar, foi e continua sendo o espaço geográfico onde se verifica o maior consumo do folheto de cordel.

Assim como pode suceder com qualquer manifestação artística, de acordo com os estudiosos, em face da produção de um grande número de folhetos, hoje considerados clássicos, e do surgimento de notáveis poetas, como Leandro Gomes de Barros, Manoel D'Almeida Filho, José Camelo de Melo Rezende e João Martins de Athayde entre tantos outros, a Literatura de Cordel do Brasil teve, de fato, sua época áurea. Entretanto, convém esclarecer que, embora o cordel tenha vivido, no Nordeste, longos anos de intensa efervescência, em nenhuma época essa literatura obteve o reconhecimento da crítica da literatura oficial. Logo, conclui-se que a trajetória da Literatura de Cordel sempre esteve marcada por grandes obstáculos, sobretudo de ordem econômica, como é possível deduzir mediante a observação de alguns fatos significativos: no passado, muitos poetas e xilografuristas, diante das dificuldades financeiras, abandonaram o cordel e se dedicaram a

outras atividades; a partir de determinado momento, muitas tipografias mais modestas do Nordeste viram-se obrigadas a fechar suas portas; ainda que a Literatura de Cordel tenha tido seu início no Brasil, entre o final do século XIX e o início do XX, só muito tardiamente, em 1988, no Rio de Janeiro, foi fundada a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel)<sup>2</sup>.

No entanto, mesmo que essas dificuldades ainda subsistam e que o cordel atual tenha de enfrentar a poderosa concorrência de outros meios de comunicação e de muitas formas de entretenimento, sua divulgação para outros Estados fora do Nordeste, e até mesmo para o exterior, certamente ainda se faz muito mais ampla e efetiva do que o foi no passado.

Sabe-se, contudo, que, mesmo fora do Nordeste, os emigrantes ou os descendentes de nordestinos também continuam sendo os leitores mais fiéis desses folhetos, razão por que o deslocamento das pessoas dessa região representa o fator que mais influenciou a migração da Literatura de Cordel. Evidentemente, hoje, o cordel, em que pese às diferenças entre as várias regiões, tornou-se relativamente conhecido em todo o Brasil, e bem mais visível, sobretudo depois da longa exposição do tema com a novela Cordel Encantado. Essa literatura, que sempre se mostrou fortemente influenciada pelas características do meio rural, agora tende, cada vez mais, a apresentar reflexos do meio urbano, onde vivem os poetas. A respeito dessa transformação, Luyten (1983, p. 63) há algum tempo já dizia:

Antigamente a poesia popular era praticamente o único veículo de informação e formação de vastas camadas populacionais do interior do Brasil, notadamente do Nordeste. Hoje, com os seguidos êxodos rurais, os antigos camponeses viraram marginais, favelados, habitantes periféricos de todas as grandes cidades do país, além de boias-frias do interior sulino e, em alguns casos, cidadãos prósperos e influentes.

Com referência à expansão e presença da Literatura de Cordel, alguns lugares do território brasileiro certamente merecem ser mais lembrados, como: a Região Amazônica,

---

<sup>2</sup> Fundada em 7 de setembro de 1988, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), desde essa data, continua sob a presidência do poeta cordelista Gonçalo Ferreira da Silva. A sede está localizada no bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, num prédio de dois andares doado, em 1990, pelo General Humberto Pelegrino, grande apreciador dessa expressão artística. Atualmente, o corpo acadêmico da ABLC é composto de 40 cadeiras de membros efetivos, das quais 25% podem ser ocupadas por membros não radicados no Rio de Janeiro (www.onordeste.com, 2014).

especialmente com a migração dos “soldados da borracha” durante a Segunda Guerra Mundial; São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles que, numa época de explosão de crescimento, na segunda metade do século XX, acolheram muitos nordestinos em busca de melhores oportunidades; Brasília, que recebeu um enorme contingente de trabalhadores da Região Nordeste durante sua construção, no final dos anos 50. Vale observar que, nos últimos anos, além do sensível aumento do interesse da pesquisa científica pelo cordel, algumas instituições, inclusive do Ensino Superior, têm-se preocupado em levar o folheto à sala de aula, e como parte integrante dos currículos, vai-se transformando em objeto de estudo das classes mais escolarizadas. De certo modo, o cordel assume uma função pedagógica, porque, assim como no passado tornou-se o meio pelo qual muitos sertanejos iniciaram seus primeiros contatos com as letras, atualmente tem auxiliado na formação do hábito da leitura, enquanto se revela como manifestação literária.

Portanto, ainda que essas ações, numa hipótese menos otimista, não proporcionem um substancial aumento do consumo das obras publicadas, ao menos hão de fazer com que a Literatura Cordel seja um pouco mais divulgada e reconhecida como um rico e interessante patrimônio cultural da nação.

#### **4.4 Os locais de venda**

Sendo o cordel uma manifestação literária essencialmente popular, no passado, também sua exposição e venda era realizada onde estava o povo mais simples, ou seja, nas feiras nordestinas. Assim, o próprio poeta, fazendo uso de uma técnica particular de declamação para divulgar o seu folheto, suspendia a leitura na entrada dos trechos mais instigantes, como forma de aguçar a curiosidade da roda de ouvintes. Era a interrupção necessária a que os cordelistas davam o nome de “tranca”, a fim de garantir a possível compra do folheto. Embora pareça ter sido um recurso utilizado durante um longo período e muito comentado nos estudos que tratam do cordel, atualmente, em face das naturais mudanças sociais, os cordelistas têm lançado mão de outros meios para vender o seu produto.

Deste modo, o folheto vai sofrendo mudanças, inclusive quanto à forma de apresentação e venda. Assim é que, diante da necessidade de adaptação da Literatura de



Cordel às exigências de novas formas de produção e outras alternativas de mercado, Maxado (2007, p. 57), num excerto do folheto *O doutor faz em cordel o que cordel fez em Dr.*, apresenta o seguinte esclarecimento:

O cordel hoje renova  
Não é peça de museu  
Teve, tem e terá valor  
Entretanto o que se deu  
É que os tempos mudaram  
Pois a vida não morreu.

O folheteiro tem de ir  
Vender em outros lugares  
Livrarias, galerias  
Teatros, escolas e bares  
Pois para não ficar parado  
Terá de ter outros andares.

No entanto, pelo menos um exemplo ainda pode servir para lembrar e confirmar a existência da antiga forma de anúncio e vendagem de folhetos: trata-se do modo como o poeta José João dos Santos, mais conhecido como Mestre Azulão, defronte de sua banca, na feira de São Cristóvão, tradicional reduto do cordel no Rio de Janeiro, costuma apregoar seus folhetos, munido de um aparelho alto-falante.

Segundo informações da Fundação Joaquim Nabuco, os folhetos podem ser encontrados em alguns espaços públicos, como o Mercado de São José, no Recife, e em feiras, como a de Caruaru. Portanto, com São Cristóvão no Rio de Janeiro, a Editora Luzeiro em São Paulo, as galerias, as editoras nordestinas, além da suposta facilidade encontrada pelos poetas para imprimir seus trabalhos, pode-se supor que exista uma profusão de folhetos disponíveis para a compra em todo o território nacional. Entretanto, não é bem assim que se tem desenvolvido o processo entre a produção de folhetos e o seu consumo. Na verdade, encontrar folhetos em bancas de revistas não especificamente destinadas à venda de Literatura de Cordel não é tarefa das mais fáceis, como se poderia supor, mesmo numa cidade grande. Por conseguinte, os apreciadores ou estudiosos dessa manifestação popular frequentemente se queixam dessa escassez e do fato de o cordel, ainda não ser suficientemente conhecido e lido, como deveria, pelos brasileiros.

Entre as opiniões dos estudiosos, às vezes, aparecem divergências. Enquanto uns são otimistas, uma vez que o cordel está sendo descoberto pela elite cultural, pelas instituições educacionais e pela imprensa, outros ainda se mostram menos entusiastas, principalmente quanto ao consumo, como se pode concluir das palavras de Lúcia Gaspar (2013), bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco: “Atualmente, a literatura de cordel não tem um bom mercado no Brasil, como acontecia na década de 50, quando foram impressos e vendidos dois milhões de folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas, num total de 60 títulos”. Portanto, a relação entre a produção e o comércio do folheto de cordel, mesmo em São Paulo, maior reduto de nordestinos fora de sua terra natal, há muito tempo tem-se mostrado pouco animadora, como já demonstravam estas palavras de Luyten (1981, p. 192):

A valorização ou revalorização da Literatura de Cordel, apesar do aumento de publicações, sobretudo nos últimos anos, está longe do que poderia ser em função do grande contingente de migrantes que aqui vivem. Isso pode ser atribuído ao impacto desagregador e coletivo no sentido individual e coletivo que a grande cidade exerce sobre o migrante nos primeiros e duros anos de adaptação. Só passado esse estágio é que ele tente a voltar-se para seus valores culturais anteriores à migração. Mas, muitas vezes, devido a fatores diversos, como a insensibilidade dos meios de comunicação de massa e outros, isso nunca mais acontece.

Por outro lado, de acordo com o jornal *Estadão.com.br* (2011), o CTN, (Centro de Tradições Nordestinas de São Paulo), ao perceber que são raros os lugares em que os folhetos são encontrados na cidade, a partir do ano de 2011 deu início à exposição de livretos de cordel, para venda, num ponto localizado na Ponte Júlio de Mesquita Neto, ao lado da Marginal Tietê.

Em verdade, geralmente as bancas de revistas e livrarias comuns não costumam trabalhar com a venda de cordel. Todavia, como já tem acontecido, alguns títulos de folhetos mais antigos e populares podem ser eventualmente encontrados nos recantos esquecidos das pequenas bancas de sebos. Ante essas dificuldades, a *internet*, na maioria dos casos, transformou-se no meio mais prático, tanto para a compra de folhetos, a varejo ou a atacado, quanto para a obtenção de importantes obras através das quais os grandes pesquisadores trazem os estudos mais completos sobre a Literatura de Cordel. Posto isso, a seguir, será feita a análise dos outros poemas que compõem o *corpus*, cujos temas procuram representar a realidade brasileira atual e urbana.

#### 4.5 Análise de poemas atuais

Com a migração de potenciais leitores e poetas de cordel, sobretudo para as metrópoles do Sudeste, ou mesmo para algumas cidades mais importantes do Nordeste, parece natural que, no folheto de cordel, já se perceba uma forte influência do novo meio, tanto no que se refere à linguagem empregada, quanto pela presença de temas que denotam uma real preocupação com problemas característicos do ambiente citadino. Ademais, é de supor que já estejam surgindo novos poetas e admiradores da Literatura de Cordel, nascidos e residentes na cidade grande e genuinamente identificados com esse ambiente, enquanto a maioria do público leitor, mesmo os que vivem nos lugarejos ou no campo, já estão mais familiarizados com os principais problemas e interesses inerentes à vida urbana.

Portanto, com as novas experiências mais facilmente adquiridas e a elevação do nível de escolaridade das classes sociais mais humildes, entende-se que o poeta e sua clientela já apresentam significativas mudanças de mentalidade e de gosto, ainda que, a bem da verdade, os folhetos antigos e consagrados continuem sendo os mais conhecidos, reeditados e, quiçá, apreciados pelos leitores.

Quando aqui se referiu a “alguma influência” sofrida pelo folheto de cordel, deveu-se ao fato de que, a despeito da pressão do meio social sobre esse homem urbanizado, que é o poeta, acredita-se que, no cômputo geral da produção literária, ainda não ocorre ou talvez nunca venha a ocorrer uma ruptura demasiadamente profunda de paradigmas entre o novo e o antigo cordel. Neste trabalho, já se disse que o cordel, pela sua origem e história, possui características singulares e excepcionalmente marcantes. Portanto, torna-se difícil olvidar o fato de que o folheto de cordel, mesmo nos dias de hoje e falando de dentro da metrópole, parece ainda não ter-se desvinculado completamente do seu passado rural, glorioso, estreitamente ligado às fábulas e às antigas histórias, como os contos de fadas, ao sonho e à ingênua fantasia, mas sobretudo aos poderosos aspectos geográficos e socioculturais nordestinos que o formaram e o robusteceram no decurso de um longo tempo.

Em vista do que foi dito, assim como se fez com nove poemas selecionados (numerados de um a nove), e considerados como exemplos do cordel tradicional, proceder-se-á também à análise de outros nove poemas atuais (numerados de dez a dezoito), compostos mais precisamente a partir de 1995, observando-lhes a mensagem, a expressão linguística e demais aspectos que o constituem, com o intuito de detectar o que pode haver de novo nos

folhetos mais recentes em face de uma nova realidade social, além de se verificar o que continua sendo conservado do antigo cordel.

Segue, pois, a análise dos novos poemas dos quais se procurará efetuar o levantamento das principais características.

#### 4.5.1 (T10): *Versos sofridos para um açude triste* (Walter Medeiros)

Embora não especifique a quem está solicitando auxílio para começar o seu texto, o poeta roga inspiração para levar adiante o propósito de falar “Dum açude do sertão” (v. 04). O próprio título *Versos sofridos para um açude triste* já fornece alguma ideia sobre o que será dito: o lamento acerca dos efeitos da impiedosa estiagem que paira sobre uma região outrora produtiva e povoada de camponeses felizes, mas agora desolada, simbolizada, no poema, por um açude sem água.

Sem se referir apenas à seca, causa mais alarmante do êxodo rural no Nordeste, Medeiros deplora o vazio do sertão, lembrando-se das plantações e dos rebanhos de gado, ao mesmo tempo que lamenta o desaparecimento das pequenas propriedades, questionando a contaminação do antigo lugar, sua simplicidade e pureza, e a transformação dessas fazendas cultivadas com o emprego da moderna tecnologia da agricultura mecanizada: “Para mim muito mudou; / Agora é tudo atrelado / Ao moderno exagerado / Que tudo contaminou. / O povo que antigamente / Era da zona rural / Mudou-se prá capital / Ou cidades diferentes” (VV. 11, 12, 13, 14, 22, 23, 24, 25).

Quando se refere ao êxodo das pessoas de sua região lá do sertão, o autor está falando de um fenômeno que se intensificou com as grandes secas, e que foi, na segunda metade do século XX, um dos mais notáveis deslocamentos humanos do mundo, do meio rural para as cidades. Sabe-se que a seca, quando ocorre de forma mais duradoura, representa uma situação extrema, que, na maioria das vezes, não deixa, aos lavradores mais pobres, outra alternativa que não seja a dolorosa retirada para a cidade mas sem destino definido, razão pela qual, no Nordeste, essas pessoas recebiam a alcunha de retirantes. Existem, no entanto, outros motivos de ordem social, igualmente fortes e aqui superficialmente mencionados pelo poeta, que

podiam e podem provocar a saída do homem do campo, como bem explica Durhan (1973, p.111):

Premidos por forças de transformação que afetam profundamente toda a sua existência, os trabalhadores rurais vêem destruída a viabilidade do sistema tradicional de adaptação ecológica, sem poderem aproveitar as novas oportunidades por estarem presos a um equipamento cultural precário. Solicitado de um lado por novas necessidades, limitados de outro por uma tecnologia pobre, o homem do campo é objeto de tensões cada vez maiores, ante as quais a emigração se apresenta como uma das poucas soluções possíveis.

Além do êxodo rural, o autor se refere a duas calamidades que fazem parte dos problemas que afetam a vida dos sertanejos: o trágico rompimento de um açude (grande reservatório de água que, no Nordeste, é essencial para a sobrevivência de boa parte de população), embora ele não informe explicitamente qual a causa da destruição, que talvez tenha sido a chegada de uma chuva violenta e passageira; a seca, fenômeno que, se intenso e demorado, fica para sempre na memória das pessoas por seus efeitos desastrosos: “Que a barragem ruiu, / Levando tudo que havia / O açude tão bonito / Cheio de água limpinha / Perdeu a água que tinha” (vv. 45, 46, 92, 93)

Depois disso, o poeta se dirige a Deus queixando-se por não ter sido avisado sobre a vinda repentina daquela catástrofe, ao mesmo tempo em que faz uma interpelação ao açude, personificando-o e ofertando-lhe uma prece, como forma de demonstrar toda a sua ternura e sentimento de perda ante o desastre da obra desmoronada: “Oh! Deus, que imagem triste! / Por quê não me advertiste? Açude seco, terreno, / Só mesmo quem te conhece / Pensa em fazer uma prece / Pra que o sol fique ameno; / E a chuva que abastece (vv. 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110).

Note-se que, mesmo nesses poucos versos, já é possível vislumbrar algum vestígio do tradicional apego do nordestino à religiosidade, sobretudo nas horas mais aflitivas, quando se estabelece uma nítida intertextualidade com outros folhetos, ou mesmo com letras de composições célebres, como neste fragmento da canção *Súplica Cearense*, lançada, em 1960, pelo cantor Waldeck Artur de Macedo, conhecido como Gordurinha: “Oh! Deus, perdoe este pobre coitado / Que de joelhos rezou um bocado / Pedindo pra chuva cair sem parar”.

Pela forma como Medeiros lamenta o destino da região quase desabitada e “Sem água nem pra beber” (v.127), entende-se- que ele é uma pessoa proveniente desse lugar. Entretanto,

assim como fizeram os outros habitantes, o próprio poeta também teve de abandonar a terra onde viveu, e mesmo que não tenha dela se esquecido, já parece ter-se adaptado ao ambiente urbano, como se pode deduzir pela presença do possessivo *minha* em sua fala, que transmite a ideia de pertencimento e intimidade em relação ao novo lugar em que mora: “Aqui, da minha cidade / Fico pensando na roça” (vv.36, 37). Portanto, vivendo distante na *sua cidade*, mas sem se esquecer da *roça*, o poeta expõe sua dupla identidade: concomitantemente, representa o homem do campo e da cidade, assim como costumam ser boa parte dos sertanejos de hoje, com acesso a novas experiências e a outros lugares, num mundo de fronteiras socioculturais cada vez mais esgarçadas.

O próprio tema e a forma interessada com que Medeiros trata os problemas são suficientes para que seja identificado um sertanejo falando sobre o seu lugar ou terra natal. Além disso, o poeta lança mão de alguns termos que, embora possam ser conhecidos e usados noutras regiões brasileiras, são encontrados mais frequentemente na fala e na vida do sertanejo, em vista das circunstâncias e do lugar em que vive, como: açude, bode, jumento, caçua.

Uma característica considerada marcante da alma do povo nordestino é a esperança por dias melhores e o declarado amor à terra natal, comprovado pelo retorno de muitos emigrados, apesar das dificuldades que podem se repetir. De fato, o poeta deixa isso muito claro, ao dizer que todos se salvarão da seca, sem necessidade de sair para outras regiões, como muitos sertanejos fizeram, seja porque não tinham condições ou porque não desejavam abandonar o amado rincão: “Acreditamos na sorte / E da seca nos salvamos; / Sem ir pro sul nem pro norte” (vv. 129, 130, 131).

Enfim, fazendo referência, provavelmente, ao escritor nordestino Graciliano Ramos, Medeiros informa: “Como dizia um Ramos / Que nordestino é forte” (127, 128). Aqui, convém esclarecer que, embora Graciliano tenha retratado, exaustivamente, a vida do homem sertanejo em seus livros, estes versos sobejamente conhecidos, parecem constituir, por meio indireto, uma intertextualidade com a obra do escritor Euclides da Cunha (1963, p.94) – que não é nordestino – uma vez que lembram melhor a célebre frase contida no livro *Os Sertões*: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

#### 4.5.2 (T11): *Uma visita inesperada (Marcos Mairton da Silva)*

O poeta Marcos Mairton representa um típico homem da cidade, como ele próprio se considera e informa, logo nas primeiras linhas do texto: “Sou um poeta urbano / Nascido na capital / Cresci na cidade grande” (vv. 1, 2, 3). Noutras circunstâncias, e proferidas por outras pessoas que não se dizem poetas cordelistas, essas palavras poderiam ser entendidas como detalhes banais, sem necessidade de serem lembradas; no entanto, o autor considera o fato de ser da metrópole como um aspecto muito importante de sua vida, porquanto achou-se diante de um embaraçoso dilema que lhe custou muito tempo para resolver, principalmente desde quando tomou a decisão de ser poeta de cordel.

Todo esse impasse resultou, sobretudo, do fato de que os grandes cordelistas adotavam temas específicos do sertão e contavam histórias de um meio social de costumes bem diferentes e desconhecidos pelo poeta Marcos Mairton, numa época já distante e num lugar em que havia cangaceiros, cantadores, boiadeiros, e falavam de certas coisas que lhes eram muito familiares, como diz o autor: “Cangalha, sela, gibão, / Morando aqui na cidade / Eu não encontro nem vejo” (vv. 16, 19, 20).

Distintamente dos grandes vates do cordel do passado, Mairton da Silva possui escolaridade superior e detém o cargo de juiz federal, condição que, ao invés de favorecê-lo, em determinado momento, paradoxalmente, pareceu ter-lhe causado angustiosa insegurança porque, não conhecendo o cotidiano do homem do campo, “Ficava meio acanhado / Quando queria escrever / A poesia simplória / Pois estava habituado / Ao falar sofisticado / Que aprendi desde menino” (vv. 63, 64, 65, 68, 69, 70). Além disso, recordava-se vivamente da voz autorizada de Patativa do Assaré, no poema *Cante lá que eu canto cá*, censurando gravemente os cantadores urbanos que se dispõem a falar das coisas da roça sem conhecimento nem experiência suficiente, opinião marcada pelo uso dos dêiticos *cá* e *lá*, a fim de expressar a ideia de distanciamento e oposição entre esses dois ambientes sociais: “Vosmicê, da capitá,/ Pode cantá, seu dotô, / Mas faça a mim um favô / Cante lá que eu canto cá” (vv.57, 58, 59, 60).

Realmente, em seu poema, Patativa do Assaré mostra-se pouco tolerante com aqueles cantadores que desconhecem o cotidiano do campo, mas se atrevem a falar da vida do sertanejo, como demonstram estes outros versos: “Aprendeu munta ciência / Mas das coisa do sertão / Não tem boa esperiência. / Nunca fez uma paioça, / Nunca trabaiou na roça, / Não

pode conhecê bem, / Pois nesta penosa vida, / Só quem provou da comida / Sabe o gosto que ela tem” (vv. 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20).

É necessário esclarecer que Assaré questiona não propriamente a escolaridade superior dos poetas de cordel, mas apenas o fato de os poetas urbanos, eventualmente, desejarem falar do sertão sem conhecê-lo em toda a sua plenitude. Embora pareça que Mairton esteja fazendo referência apenas ao pensamento de Patativa do Assaré, este texto lembra também outra divergência, em que o poeta João Antonio de Barros, conhecido como Jotabarros, censurava o poeta Franklin Maxado, formado em Direito, com um folheto com o seguinte título: *Doutor, que faz em cordel?*, como a sugerir que a Literatura de Cordel, talvez por uma questão de legitimidade, não deveria ser produzida por pessoas com escolaridade superior. No que concerne ao comportamento de alguns dos novos poetas, que, embora mais escolarizados e morando na cidade grande, não conseguem esquecer totalmente sua origem rural, Luyten (1981, p. 30), há três décadas, já assim dizia:

Por outro lado, o poeta popular também aqui em São Paulo, cumpre o seu papel de líder de opinião para com as classes subalternas as quais nunca deixa de pertencer. Mesmo, em alguns casos, quando porta títulos universitários, ou posições de destaque na sociedade sulina, ele, quando autor de poemas populares, sempre se coloca como alguém integralmente nordestino ou sertanejo.

Sabedor das dificuldades que teria como poeta, o próprio Marcos Mairton, indeciso e modestamente, faz quase uma *mea culpa* por meio de uma paráfrase do pensamento de Assaré: “Como é que eu vou fazer / Poesia de cordel / Sem sequer eu conhecer / Uma casa de farinha / O ninho d’uma rolinha / Uma jumenta amojada / Uma cabaça, uma tramela, / Água de pote, gamela, / Uma galinha deitada?” (vv. 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30). Por isso, em sinal de reconhecimento da grandeza dos trovadores matutos, Marcos Mairton lembra alguns nomes consagrados, como José Camelo de Melo Resende, João Melchiades, Apolônio Alves dos Santos, enquanto traz exemplos de folhetos famosos, como *O Pavão Misterioso e As Proezas de João Grilo*, que representam a glória antiga do cordel, e reitera a importância do Nordeste para essa literatura no Brasil: “É um fato incontestado / Que o cordel cresceu mesmo / Foi na Região Nordeste” (vv. 42, 43, 44).

Ante as palavras severas da augusta figura de Assaré, que lhe aumentaram o constrangimento e inicialmente o impossibilitaram de escrever cordel, sobretudo o cordel que



fala sobre as coisas do sertão, o poeta diz ter tido um sonho, ou, talvez, apenas artisticamente, tenha se servido desse poderoso expediente que envolve elementos espirituais. Possivelmente, só esse recurso, que lhe trouxe a visão e o aval de entidades poéticas de esferas superiores, seria capaz de libertá-lo da situação angustiante e possibilitar o desenvolvimento de sua poesia momentaneamente aprisionada. Em sonho, é chamado por uma voz insistente que se revela ser do poeta Leandro Gomes de Barros, – reconhecido por muitos estudiosos como o maior de todos – em meio a uma multidão de rostos desconhecidos, mas sorridentes e amigos, dos grandes poetas que agora já cantavam noutra dimensão.

Vê-se, então, que só com um punhado de ilustres cordelistas do além, encabeçados pela figura majestosa de Leandro, poderia ser concedida a Mairton a desejada liberdade, em que pese à grandeza e à palavra respeitável de Assaré. Por isso, depois de mostrar a Mairton que a plêiade de poetas viera em paz, Leandro, antes de partir, diz-lhe que agora pode cantar o que quiser: “Queremos ver libertado / O poeta aprisionado / Que até hoje conhecemos! / Cante as coisas da cidade! / Cante as coisas do sertão!” (vv. 168, 169, 170, 191, 192).

Essas palavras soam para Mairton como uma senha definitiva que mudaria seu futuro de cordelista, visto que, a partir daquele momento, ele sentiu-se liberto de toda timidez e conceitos restritivos anteriores para, finalmente, começar a escrever o seu cordel: “E foi desde aquele dia / Que a minha poesia / Tomou um outro caminho” (vv.228, 229, 230).

Deste modo, Marcos Mairton considera-se um poeta desimpedido para cantar qualquer coisa, da cidade ou do sertão. No entanto, conquanto se sinta livre das velhas imposições, ainda se pode notar, em sua poesia, uma grande ênfase nos temas predominantemente urbanos, com os quais o poeta parece mais se identificar, como se pode ver nestes versos que expõem um rol de coisas e situações tipicamente citadinos: “Os barulhos da cidade, / Fumaça, poluição, / Menino pedindo esmola / Polícia atrás de ladrão / Buzina, medo de assalto / Shopping-center, gritaria, /Tem o ar-condicionado / O forno de micro-ondas / Um computador ligado” (vv. 241, 242, 243, 244, 245, 247, 252, 253, 254).

Enfim, embora Mairton se revele um grande apreciador da Literatura de Cordel e se proponha a escrevê-la, este poema ainda parece representar um primeiro momento, quando o autor reivindica o direito de escrever sobre qualquer coisa ou lugar. Depois disso, possivelmente, outros folhetos do autor poderão expor os temas explorados de forma mais bem delineada, sobre o ambiente da cidade ou do sertão, quando, finalmente, será verificado o quanto sua poesia possui das características do folheto tradicional e do moderno.

#### 4.5.3 (T12): *Do passado ao presente* (Wilton Silva)

Embora o que mais interessa aqui nesta análise seja a verificação da mensagem do poema e da forma como o autor se coloca como porta-voz do novo cordel, é preciso chamar a atenção para alguns desvios da linguagem prestigiada, sem pretender detectar os motivos, mas que não se poderiam deixar de apontar, como os seguintes: “Não a certo sem errado / cada qual fique sabeno (“fás barraco, polemiza/ sera que o povo conhece?”) (vv. 01, 19, 208, 224). Observado esse aspecto, nota-se que, além do próprio título *Do passado ao presente*, o texto tem início com uma sequência de antíteses, com que o poeta pretende comparar aspectos sociais de duas épocas, como ocorre nestes versos: “Não a certo sem errado / futuro sem precedente / nem passado sem presente / nem forte sem fracassado / nem velho de pouca idade, / nem mentira verdadeira” (vv. 01, 02, 03, 04, 07, 08). Trata-se de uma forma de introdução, em que o autor Wilton Silva anuncia o seu descontentamento e desilusão que se estendem por todo o texto, acerca de vários aspectos vistos por ele como grandes males da sociedade contemporânea.

Numa clara demonstração de saudosismo, o autor se lembra das boas coisas que passaram e condena o caos atual de um mundo moderno e gigantesco, formado da multiplicidade das coisas: “a grande diversidade / desse mundão hoje em dia / diferente de um dia / que o passado faz saudade (27, 28, 29, 30). Na verdade, o poeta não nega que, na sociedade do passado, as pessoas também tenham transgredido as normas sociais e deixado maus exemplos; no entanto, segundo ele, até mesmo aqueles comportamentos negativos parecem ingênuos, quase inofensivos, se comparados às degenerescências dos dias de hoje. Nesse sentido, Wilton Silva estabelece um paralelo sobre alguns aspectos sociais, com uma dura crítica à vida moderna, tão diferente da de outrora, como uma denúncia contra os maus costumes. Por exemplo, diz que o ladrão ignorante do passado, de certo modo, era melhor que o ladrão de hoje, como se lhe restasse ainda um resquício de dignidade, porque, mesmo quando roubava galinha, deixava de roubar ao ser preso, regenerava-se por causa da vergonha que passava. Por sua vez, o ladrão atual, que rouba muito mais que o do passado, já não tem vergonha nem moral, vem da alta sociedade, logo não vai se regenerar, porque sente orgulho do que faz e ainda se torna socialmente respeitado: “é rico tem faculdade / cheio de viço e cartaz” (vv. 49, 50).

Ao se referir às relações de amizade, o poeta mostra a grande diferença entre as duas épocas, já que antigamente a existência desse sentimento não dependia da posição

socioeconômica das pessoas. Enquanto, no passado, o amigo era presente e confiável, os da atualidade são fugazes, distantes, virtuais e obtidos pelo *orkut*. Em relação ao sexo, Wilton Silva defende a moralidade, a discrição, como ocorria no passado, e condena veementemente a permissividade degradante, escancarada e verificada na sociedade moderna, ao usar as seguintes palavras de desprezo: “Não vale a pena citar / o sexo de hoje em dia / essa grande baixaria / que está em todo lugar” (vv. 81, 82, 83, 84). Do mesmo modo, o autor chama a atenção para outro problema social: a situação das crianças dos lares desfeitos, de famílias mal constituídas, transformadas em menores abandonados, explorados e não raro violentados, cuja vida não se torna melhor, mesmo quando recolhidos num abrigo que ainda não é o lugar ideal para a reabilitação: “onde é que vai parar / com casa, mas sem um lar” (vv. 109, 112).

Quando fala sobre o matrimônio, o poeta deixa evidente seu pensamento conservador e explica que antigamente “foi algo mais que sagrado” (v. 114), contraído para durar por toda a vida e sem possibilidade de divórcio: “feito uma vez somente / e o casal referente / vivia até o fim / naquele tempo era assim” (vv. 116, 117, 118, 122). E quanto ao casamento do mundo de hoje, o autor lamenta por vê-lo sem respeito, sem amor e de futuro duvidoso, cuja efemeridade o leva a afirmar hiperbolicamente que esse sacramento “não dura uma semana” (vv. 124). Diante dessas constatações pessoais, pergunta alarmado: “o que é que falta mais ?” (v. 132).

Ao dirigir sua crítica à situação dos órgãos de segurança, Silva fala sobre a polícia, segundo ele, de passado glorioso e honrado, quando essa instituição defendia o povo contra os delinquentes; hoje, porém, não tem mais reputação, por viver praticando atos ilegais, uma alusão à corrupção e à promiscuidade de policiais que se envolvem com marginais e se deixam seduzir pelo lucro fácil proporcionado pelo mundo do crime. Sem tentar justificar o mau procedimento desses agentes, o autor menciona o baixo salário e as más condições da polícia, mas reconhece que ainda existem policiais de verdade “que mesmo na dificuldade / trabalha tão bem assim” (vv. 151, 152).

Wilton Silva não se esquece também dos problemas concernentes ao sistema educacional e volta sua censura, principalmente aos alunos de hoje. Diz que estes, apesar de todas as facilidades que têm, como livros, merenda, bolsa família e o fácil acesso às escolas, não se dedicam o suficiente, “formando assim uma pilha / de aluno sem competência” (vv. 171, 172), ao contrário dos alunos do passado, que enfrentavam todas as dificuldades, mas estudavam e aprendiam. E quando se refere à música de hoje, o autor não esconde o seu desagrado, não só quanto à qualidade artística, que considera indecorosa e muito abaixo do que era antigamente “Música hoje é sem arte / forró é só putaria” (vv. 183, 184), além de

condenar a atitude oportunista de artistas atuais que, por não apresentarem um trabalho de boa qualidade, procuram, a todo custo, uma exposição na mídia, ainda que seja por intermédio de escândalos: “fás barraco, polemiza / e a mídia prioriza / esse tipo de conflito” (vv. 208, 209, 210).

Ao refutar categoricamente certas atitudes e esses novos aspectos da vida moderna brasileira, quando atribui qualidades positivas e um tanto idealizadas às coisas do passado, o autor parece estar seguro de sua preferência, uma vez que não teme ser considerado uma pessoa reacionária ou ultraconservadora, como ele próprio afirma: “prefiro ser do passado / deixando a moda de lado / e curtindo Gonzagão (vv. 190, 191, 192). Quando cita o nome do artista de antigamente nacionalmente consagrado, o autor, além de revelar, pela primeira vez no poema, alguma ligação com a Região Nordeste, sabe que está falando de alguém dificilmente contestado, aprovado pela crítica musical e reconhecido pelo grande público.

Por fim, Wilton Silva faz um pequeno paralelo, ao referir-se ao cordel do passado e ao cordel de hoje, lembrando-se do modo como o folheto era procurado e como era importante para as pessoas, pois exercia o papel de jornal do povo: “era arte respeitada / foi um grande quebra galho / como jornal popular” (vv. 214, 219, 220); sente-se, porém, muito pessimista ante a situação do cordel na atualidade e lamenta o estado de marginalização e esquecimento em que essa literatura se encontra: “Já hoje e o cordel / sera que o povo conhece? / atualmente se esquece / da arte do menestrel” (vv. 223, 224, 225, 226). Observe-se como essa opinião pouco auspiciosa do autor sobre o futuro do cordel vai frontalmente de encontro ao pensamento otimista do poeta Manoel Monteiro, em entrevista concedida a *Cordel Paraíba* no ano de 2010: “O cordel, no momento, está em uma evidência muito maior do que nos seus ditos tempos áureos e pioneiros. Isto é verdade. Pode escrever. Eu conheço a história do cordel desde muito tempo, e convivendo com ele, nas feiras do Nordeste, desde 1951”. São, portanto, duas opiniões conflitantes, mas Wilton Silva, apesar de se mostrar muito descrente, diz que essas dificuldades não o impedirão de continuar cultivando a Literatura de Cordel: “mas eu faço meu papel / não sucumbi ao progresso / no cordel ainda expresso” (vv. 227, 228, 229).

Portanto, com o verso 228, assim como havia falado sobre os problemas relativos ao casamento, à polícia, à educação e à música, o poeta, totalmente voltado para as condições supostamente melhores de uma época passada, acredita que o desenvolvimento e a modernidade são fatores que ameaçam seriamente a sobrevivência da Literatura de Cordel.

#### 4.5.4 (T13): *A invasão do alemão* (Dalinha Catunda)

Mesmo antes de iniciada a leitura deste texto, muito provavelmente o nome da autora, Dalinha Catunda, chamará a atenção do leitor, visto que, durante mais de um século de existência da Literatura de Cordel no Brasil, não se sabe que tenha havido lançamento de folhetos escritos por mulheres. Ainda hoje, Dalinha é uma das poucas vozes femininas que se destacam no Cordel, além de pertencer à Academia Brasileira de Literatura de Cordel, condição que faz com que os poetas e estudiosos façam referência ao “cordel de saia”, expressão que comprova o quanto essa manifestação cultural representa um reduto artístico tradicionalmente dominado por autores do sexo masculino.

O texto fala do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, ocupado pelo exército e pela polícia, no ano de 2010, com o objetivo de pacificar essa comunidade, libertando-a do domínio dos traficantes. Trata-se, portanto, de um tema caracteristicamente urbano, como se pode comprovar pela referência a elementos do ambiente citadino: asfalto, favela, ônibus, motos, carros. A autora descreve todo o tumulto causado pela invasão, que provocou o terror e o refúgio dos habitantes para o interior de suas casas, o fechamento das escolas, a fuga e a morte de bandidos, enquanto muitos líderes que estavam presos foram transferidos para outras instituições penais mais distantes e seguras.

Não obstante os transtornos provocados pela invasão, a autora enaltece o exército nacional referindo-se às suas qualidades, à simbologia da cor do uniforme e acredita nas possibilidades de um futuro melhor: “Exército compareceu / Com seu verde esperança. / E mostrando sua força / A todos deu e confiança / Anunciando enfim / Que chegaria a bonança.” (vv. 49, 50, 51, 52, 53, 54). No entanto, Dalinha ainda revela ceticismo quanto à solução dos males sofridos pela comunidade do morro, pois tem consciência de que esse domínio territorial obtido pelo poder público representa apenas um primeiro passo, que os principais objetivos ainda estão longe de serem alcançados. Por conseguinte, preconiza a continuidade das ações das forças de ocupação e o comprometimento efetivo das autoridades: “Eu não sei se realmente, / Mudará a situação, / Espero que os políticos / Cumpram a obrigação / De dar estudo, trabalho / A carente população, / Das pobres comunidades / Sedentas de solução” (vv. 73, 74, 85, 86, 87, 88, 89, 90).

Quando fala da bandidagem, Dalinda demonstra cautela, a fim de não cometer injustiça contra os moradores do lugar. Por isso, não generaliza e diz que, embora a favela

tenha bandidos, lá também mora muita gente boa e digna “Que merece nova vida / Com menos dificuldade” (vv. 95, 96).

Sabe-se que a autora é cearense, e tendo vindo da terra natal já adulta para morar no Rio de Janeiro, possui uma formação sociocultural verdadeiramente nordestina, cuja identidade se pode ver nitidamente manifestada no fragmento de outro poema, *Seca e falta de vergonha*, composto em março de 2013: “Estou esperando a chuva / Meu açude já secou / Sem chuva no meu sertão, / O meu pobre Ceará / Agora só muita fé / E apelar pra São José / Que é padroeiro de lá” (vv. 01, 03, 05, 18, 19, 20, 21). Note-se que, nesses versos, conquanto a autora há muito tempo esteja morando noutro Estado, fica visível a forma afetiva e particularmente interessada com que fala das coisas de sua terra, o Ceará, como vivencia os problemas causados pela seca, solicitando a proteção do padroeiro São José, colocando-se como uma pessoa do lugar, sobretudo pelo uso de verbos e pronomes da primeira pessoa do singular: “Estou, Meu açude, meu pobre Ceará”.

Por outro lado, neste poema em análise – *A invasão do alemão* –, Dalinha demonstra a grande empatia que tem com a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes. Agora, distante de sua terra natal, preocupa-se com a solução dos problemas que angustiam as comunidades mais desfavorecidas e espera por um futuro melhor, assumindo a identidade de autêntica cidadã de seu novo lugar, a metrópole carioca: “Mais uma vez eu convoco / Ao meu Santo padroeiro, / Que proteja a cidade / Que é o Rio de Janeiro. / Ó meu São Sebastião, / Livrai-nos deste salseiro” (vv. 109, 110, 111, 112). Note-se que a entidade superior a que a autora agora roga proteção já não é São José, protetor do nordestino contra as secas, nem mesmo a mais cultuada de todas, o Padre Cícero, como se poderia esperar de uma cearense. Agora, com a dupla identidade de nordestina e habitante do Rio de Janeiro, Dalinha se dirige ao santo padroeiro de sua nova cidade, São Sebastião: “Ó meu São Sebastião, / Livrai-nos deste salseiro” (vv. 113, 114).

Por fim, merece ser analisado o que dizem os seguintes versos: “Neste cordel eu registro / Um caso que se passou / No fim de dois mil e dez” (vv. 115, 116, 117). Aqui se verifica uma característica que não se encontrava nos textos do cordel tradicional, mas que pode ser vista em alguns folhetos da atualidade: assim como têm feito outros autores, na última estrofe, Dalinha parece sentir necessidade de dizer ao leitor que está produzindo um texto de *cordel*, como se o tema e a estrutura formal deste poema não fossem suficientes para representar o gênero literário, de modo que esse expediente passa a ser usado como um recurso através do qual se possa identificar ou ratificar seu poema como legítima expressão da Literatura de Cordel.

#### 4.5.5 (T14): *Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente* (Manoel Monteiro)

Com o título do poema *Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente*, o poeta sertanejo Manoel Monteiro expressa o sentimento de perda de um lugar (o sertão) que está distante, ou que não existe mais, visto que a palavra *antigamente* é o indício de que tudo o que foi deixado para trás está física e socialmente transformado, de forma irreversível, em virtude da chegada do progresso ou do longo tempo transcorrido.

Desterritorializado, na cidade, como sucedeu a milhares de sertanejos emigrados, o poeta expressa uma profunda tristeza, lembrando-se nostálgicamente das coisas mais ingênuas ou mesmo rústicas do sertão, porquanto essas coisas e passagens aparentemente mais singelas de sua juventude porventura também representem a fase mais feliz de sua vida. Acerca desse profundo e irreprimível saudosismo confessado pelo cordelista e que costuma acompanhar os sertanejos emigrados até ao final da vida, Luyten (1990, p. 261), assevera o seguinte:

E, de lembranças em lembranças, o poeta enche os corações dos leitores de pura nostalgia, reforçando neles o desejo profundamente arraigado de volta a casa. A maioria deles nunca reverá seus parentes nem os locais onde nasceram. Simplesmente não terão coragem ou já estarão demasiadamente atarefados, tentando sobreviver em alguma fazenda ou fábrica do Sul. A maioria deles já terá esquecido as tristes condições de sua existência rural anterior e relembrará apenas as doces experiências da infância e talvez suas primeiras experiências amorosas.

Por isso, a fim de retratar a dimensão da amargura que o aflige no ambiente urbano, – que ele não especifica de forma clara – e ao qual não parece ter-se jamais habituado, Monteiro começa o poema dizendo: “Saudade não mata gente / Porque se fosse verdade / Eu já teria morrido / De tristeza na cidade” (vv. 01, 02, 03, 04).

Este não é um poema que pode ser considerado pequeno. Ainda assim, nos 329 versos, o poeta não conta propriamente uma história; apenas se recorda dos momentos que viveu no sertão e faz um extenso e minucioso inventário das coisas que conheceu, entre as quais continuam indeléveis o cheiro dos alimentos, os cantos dos pássaros, um curral, um chicote, o alpendre da casa, ou as simples miudezas do dia a dia, como um sabonete, um creme para o rosto ou para o cabelo, produtos encontrados na bodega da fazenda, usados pelas matutas para

ficarem mais bonitas. Por ser uma descrição particularmente extensa e quase impossível de ser aqui reproduzida, será mencionado, como amostragem, apenas um fragmento, que traz uma ínfima parte dos nomes da enorme quantidade de objetos listados pelo autor: “O estoque tinha coisa / Que você nem acredita: / Arame farpado e grampo / Rapé, cachimbo e piteira, / Sabão em barra e anil / Capa de cangalha, esteira / Xarope, arnica e cachete / Facão, faca e canivete / Corda, cordão e ponteira” (vv. 99, 100, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126).

Hoje, homem maduro e habitante da cidade, Monteiro parece sonhar, como se pretendesse reverter o inexorável curso da vida para tornar-se outra vez menino da roça, e realizar uma impossível viagem ao passado: “Queria ser outra vez / O matutinho inocente / Para voltar a bodega / E comprar de novamente / Um docinho quebra-queixo / Seco e duro como um seixo / Mas de sabor excelente” (vv. 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91).

Embora descreva exaustivamente as coisas, fazendo uma minuciosa lista, ao incluir até mesmo os objetos mais comuns do seu passado, o poeta pouco se refere às pessoas com quem viveu no sertão, nem se demora na descrição do comportamento delas, exceto quando se lembra de alguns momentos dos namoricos de rapaz: “Lembro e "morro" de saudade / Das festas de São João, / Do xem-xem do oito baixos / Da poeira do salão / Dos rapazes na disputa / De rebocar a matuta / Pra chamegar no oitão” (vv. 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287); ou ainda do jeito do pai, se bem que de forma superficial, lembrado como um homem dedicado ao trabalho e, nesse sentido, muito intransigente com os habitantes da casa: “Eu lembro que o meu pai / Sempre, sempre repetia / Que na casa do bom homem / Só quem trabalhou comia / Comeu? "Ganhou" o roçado” (vv. 176, 177, 178, 179, 180).

Com respeito às coisas e sensações referidas sobre a região, quase todas elas, seguramente, poderiam ser consideradas como pertencentes a qualquer região rural do Brasil; outras, entretanto, muito provavelmente, sobretudo quanto à religiosidade, são específicas e lembram ao leitor o ambiente e as tradições do povo nordestino, com seus santos considerados sagrados, assim como aparecem descritos nos versos seguintes: “Um quadro de Padre Cícero/ Com seu chapéu, seu cajado / Um Bento de algodão / Que o Santo Frei Damião / Tinha-me presenteado” (vv. 295, 296, 299, 300, 301).

Desiludido, o poeta sertanejo urbanizado vive de agradáveis lembranças e reconhece que é inútil voltar ao seu antigo lugar, porque tudo já está irreversivelmente acabado: “O tempo não volta mais / Estou farto de saber” (vv. 323, 324).

Finalmente, é necessário observar que, apesar do vocabulário agreste, a última estrofe do poema termina falando sobre a *saudade*, que lembra a palavra *amor* da primeira estrofe do poema clássico *Amor é fogo que arde sem se ver* (CAMÕES, 1980, p. 31). Neste texto, assim



fala Monteiro sobre a saudade: “E quando a saudade rói / Causa uma dor que não dói... / Mas sinto a peste doer”. Por sua vez, deste modo Camões descreve o amor: “Amor é fogo que arde sem se ver, / é ferida que dói, e não se sente; / é um contentamento descontente, / é dor que desatina sem doer”.

Portanto, ainda que em circunstâncias e épocas diferentes, de alguma forma e nesse momento, um texto de cordel reporta a outro da Literatura Portuguesa, estabelecendo-se uma intertextualidade entre as obras de duas literaturas diferentes.

#### 4.5.6 (T15): *Cordel Desencantado* (Antônio Barreto)

Com o poema *Cordel Desencantado*, título que pode ser entendido como um trocadilho com o nome da telenovela, Antônio Barreto expressa seu desapontamento por considerar difícil a atual situação da Literatura de Cordel no Brasil, pensamento que coincide com o de alguns estudiosos, mas que vai de encontro ao de outros poetas e pesquisadores mais otimistas. Portanto, dependendo de cada uma das duas correntes de opiniões, dir-se-ia que esta fase do cordel pode ser compreendida de duas maneiras: o cordel está vivendo um bom momento, quiçá como nunca antes houvera alcançado, visto que, nos últimos anos, tem sido muito divulgado pelos meios de comunicação e muito mais conhecido em todo o território nacional; é possível que o cordel esteja lutando contra uma situação desfavorável, se comparada com os denominados tempos áureos de que falam alguns cordelistas, quando os folhetos alcançaram expressivas tiragens, sobretudo porque enfrenta a forte concorrência desses mesmos meios de comunicação e das mais diversas formas de divulgação da cultura e do entretenimento. E não é recente essa queixa magoada dos poetas que, muito embora sejam festejados e tenham suas obras usadas como objetos de pesquisa por relevantes instituições, não têm obtido grande retorno financeiro, como se pode concluir da fala indignada de José João dos Santos (Azulão), em *O artista injustiçado*, apud Curran (2011, p. 183):

Só querem nossos folhetos  
E gravar o cantador  
Dar parabéns, bater palmas,

Porém não dão o valor  
 Fazem proveito do dom  
 Mas o dinheiro que é bom  
 Poeta nem ver a cor [p.5]

O artista que for besta  
 Se lasca e nada consegue  
 Acreditando em promessa  
 Vive ao sofrimento entregue  
 Eu com o bucho vazio  
 Mando fama e elogio  
 Pra o diabo que os carregue [p.6]

O que me causa revolta  
 É saber que essa raça  
 Faz convite ao cantador  
 Para ir cantar de graça  
 Lá gravam todo argumento  
 Depois dão em pagamento  
 Cerveja, uísque e cachaça [p. 7]

Por sua vez, decepcionado, Barreto assume uma posição agressiva e direciona uma ácida crítica contra instituições e grupos que, segundo ele, marginalizam os poetas populares e valorizam apenas a cultura da elite: “Todos nós aqui sabemos / Que a cultura anda pra trás... / O governo é incapaz / De ofertar o que merecemos / E assim nós padecemos / Nessa onda da exclusão.” (vv. 02, 03, 04, 05, 06). É muito significativo quando o poeta diz que o governo está deixando de ofertar o que os cordelistas pleiteiam e merecem. Acredita, decerto, que, se fossem conseguidos os favores almejados, o cordel alcançaria uma posição destacada ao lado de outras formas de cultura. Entretanto, quando lastima a difícil situação, ele não alude propriamente à ausência de um reconhecimento da crítica literária oficial, ou à necessidade de valorização da Literatura de Cordel como arte. Na verdade, em razão da presença de vários termos de conotação econômica no texto, tudo leva a crer que o poeta se queixa da falta de recompensa financeira, notadamente porque compara as regalias de certos grupos de indivíduos ou profissionais, muitos deles desonestos, com o crônico estado de penúria vivido pelo artista do cordel: “Ao ver tanto malandrém / Mergulhado na ambição / Tem vez o parlamentar / O juiz, o advogado... / O produtor aloprado / Com seu dom de enganar / E quem merece ganhar / Fica de cuia na mão / A grana que é da gente / Está indo para o ralo” (vv. 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 131, 132).

Principalmente com os três últimos versos, que deixam transparecer a ideia de mão estendida e pedido de auxílio, não se pode deixar de pensar num possível estado de dependência econômica do cordel em relação aos órgãos governamentais. Ademais, nota-se que o cordelista nutre a esperança de que a Presidenta da República interfira, pessoalmente, para que seja revertida a difícil situação dos cordelistas: “Quero então acreditar / Que Dilma resolva o caso / Se à vista ou a prazo / Ela arranja a solução (vv. 143, 144, 145, 146).

Trata-se, portanto, de uma difícil posição para esses cordelistas inconformados porque, mesmo na literatura oficial, os poetas raramente auferem grandes rendimentos financeiros, e seus livros dificilmente despontam nas listas dos mais vendidos, como costuma suceder com os romances dos escritores mais renomados. Observe-se que, em consonância com esse pensamento pessimista de Barreto, há três décadas, Maranhão (1981, p.89), grande apreciador e estudioso do cordel, já manifestava sua contrariedade com um certo ar de desolação:

Os órgãos encarregados da preservação das tradições do folclore nacional nunca se deram ao trabalho de ajudar e incentivar essa classe de artistas populares, heróis anônimos das belezas e tradições folclóricas da terra de Santa Cruz. Hoje vemos muitos violeiros e escritores de folhetos desiludidos da profissão por falta de cobertura legal, procurando outros trabalhos onde possam gozar os direitos sociais das leis.

Diante desse desejo do poeta, não é demais lembrar que o cordel é de origem popular, e mesmo com as transformações ocorridas no meio rural e na cidade, ainda conserva fortes traços de suas raízes. Por conseguinte, embora se saiba que a Literatura de Cordel mereça atenção por se constituir como um valioso patrimônio sociocultural brasileiro, parece pertinente observar as palavras de Ayala e Ayala (2006, p. 63) a propósito do risco de as manifestações culturais populares tornarem-se dependentes dos poderes privados ou públicos:

Uma manifestação cultural deixa de ser popular, tornando-se institucional, mesmo que tenha sido anteriormente muito difundida em segmentos subalternos da população, quando seus produtores passam a depender, para sua realização, de uma entidade pública ou privada (por exemplo, quando passam a atuar apenas em eventos institucionais, perdendo seus espaços próprios de apresentação).

No entanto, cumpre dizer que não se afigura fácil prognosticar, com acerto, como ficará a qualidade artística ou o sucesso da Literatura de Cordel, caso esta venha depender diretamente do apoio financeiro de alguma instituição.

Sentindo sua arte preterida pelo poder público, Barreto critica as publicidades milionárias, nem mesmo poupa a outros artistas, como os cantores de pagode e do axé que, em sua opinião, são privilegiados e conseguem um lucro desmedido, se comparado ao minguado ganho conseguido pelo poeta de cordel: “A grana toda investida / Em projetos musicais / É pomposa de reais / Sem nunca ser dividida” (vv. 81, 82, 83, 84). Evidentemente, o autor se mostra desiludido e inconformado diante da injustiça, mas de modo nenhum pretende abandonar a produção de folhetos de cordel, uma vez que promete continuar cantando as coisas do sertão, conquanto seja morador de uma cidade grande como Salvador: “Peço então à nossa imprensa / Que nos dê mais atenção. / E que o brado do sertão / Seja assim sacramentado...” (vv. 125, 126, 127, 128).

Por isso, embora pareça resignado com o seu destino, o poeta conclama todos os segmentos artísticos envolvidos na produção do cordel, a fim de que continuem juntos e voltados ao seu trabalho com os corações cheios de ânimo e orgulho: “E como não há saída / Nós vamos ao paredão / A cumprir nossa missão / De vate discriminado / Cordeslistas, repentistas, / Legião de emboladores, / Xilógrafos, cantadores, / Meus griôs africanistas / Nós somos fiéis artistas / Sem perder nosso rojão” (vv. 85, 86, 87, 88, 151, 152, 153, 154, 155, 156).

Sabe-se que tem havido, há algumas décadas, opiniões conflitantes a respeito da aceitação, divulgação e consumo do cordel no Brasil. Atualmente, inclusive, podem ser encontradas análises entusiastas, como a de Francisco José da Silva, professor da Universidade Federal do Ceará que, em 2011, poucas semanas após o início da novela *Cordel Encantado* lançada pela Rede Globo, numa página do *Cordel Paraíba*, assim dizia:

Vemos o cordel agora invadindo os mais diversos espaços, sejam populares ou eruditos, ganhando aceitação e respeito dos mais diversos produtores culturais e pesquisadores, surge então uma nova modalidade de cordel, mais diversificado, mais dinâmico, com uma nova estética, o que não é nenhuma desvantagem para o mesmo, uma vez que o cordel sempre soube ser reinventado nas mãos dos poetas cordelistas, desde Leandro Gomes de Barros até Azulão, Manoel Monteiro e Rouxinol do Rinaré.

De fato, à época do lançamento da telenovela *Cordel Encantado*, que reuniu alguns dos aspectos mais característicos e recorrentes da Literatura de Cordel no Brasil, podia-se crer que a novidade do tema, impelida pelo formidável poder de comunicação da televisão, seria um fator decisivo para que o cordel, enfim, se tornasse nacionalmente conhecido e definitivamente fortalecido como literatura. Possivelmente, naquele período, muitos cordelistas considerassem o evento como a inauguração de uma nova e promissora época, o ponto de partida a partir do qual o cordel pudesse ser, não apenas conhecido pela maioria dos brasileiros, mas também um patrimônio cultural definitivamente valorizado em todo o Brasil e naturalmente aceito em todas as camadas sociais. Entretanto, da leitura deste poema, depreende-se que nem todos os artistas do cordel acreditam que a telenovela lhes tenha trazido benefícios ou contribuído para o fortalecimento dessa literatura. Haja vista que o poeta Antônio Barreto, embora não exemplifique, claramente, em que sentido a emissora tenha cometido erros, considera-se ludibriado pela Rede Globo, que trouxe decepção aos cordelistas e ao povo, por ter apresentado um retrato inverídico do cordel: “A Globo nos enganou / Com a novela do cordel / Foi deveras infiel / E em nada retratou / A cultura que encantou / O povo dessa Nação” (vv. 161, 162, 163, 164, 165, 166).

Ao final de cada estrofe, como a reiterar sua profunda desilusão ante o descaso sofrido pelo cordel, Antonio Barreto utiliza este refrão: “Todo artista é respeitado / Porém o poeta não”. Verifica-se, ainda, que o título *Cordel Desencantado*, por si só, sintetiza o desencanto ou mesmo a frustração com a imagem falsa – segundo o poeta – da Literatura de Cordel apresentada pela telenovela. Enfim, das palavras pessimistas de Barreto, pode-se chegar a algumas conclusões: a televisão, não tendo retratado fielmente as características do cordel, enganou o povo brasileiro, uma vez que este não teve oportunidade de conhecer o verdadeiro valor e beleza da Literatura de Cordel; por esses motivos, os poetas continuam obscuros e desrespeitados como artistas, vivendo nas mesmas condições de penúria financeira de que tanto já se queixaram muitos estudiosos e cordelistas, enquanto outros segmentos culturais e sociais, imerecidamente, levam vida abastada.

#### 4.5.7 (T16): *O trem da madrugada* (José João dos Santos – Azulão)

José João dos Santos, mais conhecido como Azulão ou Mestre Azulão, é um poeta paraibano estabelecido no Rio de Janeiro. Embora more nesse Estado desde os dezessete anos de idade, quando entrevistado, no ano de 2011, numa edição do programa *Globo Rural*, – especialmente dedicada à Literatura de Cordel –, o poeta mostrou não ter perdido sua identidade original, reconhecida pelas características do habitante da terra natal, tanto pelo sotaque inconfundível quanto pela indumentária típica do sertanejo, sobretudo com o uso do chapéu de couro. Também como poeta, pode-se considerar um dos últimos remanescentes dentre os mais conhecidos da “velha guarda” da Literatura de Cordel, porquanto, aos oitenta e um anos de idade, ainda lendo o seu folheto rodeado de pessoas, como o faziam os poetas das feiras nordestinas, é o mais antigo cordelista da tradicional Feira de São Cristóvão. Entretanto, embora possa ser identificado como um legítimo homem do sertão nordestino, Mestre Azulão, morador da Baixada Fluminense, demonstra estar totalmente familiarizado com o ambiente urbano do Rio de Janeiro, notadamente com os problemas que mais afligem a população humilde do subúrbio, como o deslocamento tumultuado entre suas residências e os locais de trabalho. Em seu folheto, descreve com propriedade todas as atribulações da população carioca que, sem melhor alternativa, sujeita-se ao uso dos meios de transportes públicos em péssimas condições. Sabendo que se trata de uma situação absurdamente constrangedora para os passageiros e, portanto, difícil de acreditar, o poeta avisa, quando chega ao final das últimas estrofes: “Quem duvidar o que eu digo / No meu livro de poema / Venha conhecer o subúrbio” (vv. 210, 211, 212).

Assim, no poema *O trem da madrugada*, Azulão comprova a experiência que tem sobre a periferia da metrópole, quando vai citando os nomes de várias estações, como Pacarambi, São Mateus, Santa Cruz, Ricardo de Albuquerque, Madureira, Deodoro e a Central, com que marca o percurso diário e sofrido dos trabalhadores, principalmente das mulheres, promiscuamente espremidas entre os homens, nesses trens atrasados e de instalações deterioradas: “A turma rodeia ela / A mulher fica no meio / É homem por todo lado / Cada um tira uma linha / De maldade e fraseado (vv. 23, 28, 29, 30). Mesmo tarde da noite, num ambiente tumultuado, com vagões excessivamente lotados e compostos de pessoas boas e más, os camelôs, perseguidos pelos fiscais durante as paradas nas estações, ainda conseguem entrar e comerciar os mais diferentes produtos, como estes mencionados pelo autor: “Camelô vende no trem / Olhe o drops, a bala, puxa / Cocada e amendoim / Caixa

de maçã e cesto / Diz outro, olhe a bananada / Outro diz, o picolé / De coco e uva inda tem” (vv. 112, 114, 115, 119, 126, 128, 129).

Provavelmente, a fim de deixar claro para o leitor que, além de bom conhecedor, é também usuário desse meio de transporte, ou, talvez, porque tenha a intenção de melhor conferir veracidade aos episódios relatados, Azulão faz questão de falar de um incidente ocorrido com um companheiro de viagem: “Um dia o trem encheu tanto / Que um companheiro meu / Quando foi coçar a nuca / Coçou a mulher do Juca / Dessa vez o pau comeu” (vv. 86, 87, 88, 89, 90).

Vale assinalar, porém, que, malgrado o sofrimento dos passageiros com a precariedade do meio de transporte, o poeta não reclama um comprometimento maior do poder público para que o problema seja solucionado. Entretanto, em vários trechos da descrição, parece haver uma crítica voltada contra os próprios usuários, cujos maus modos nos vagões apinhados mais se assemelham aos dos animais brutos aprisionados e em disputa do mesmo espaço: “O cabra tá na garupa / Fazendo força igual touro / Só urubu esganado / Quando ela banca a loba / Ferra o cabra igual lacraia / Entram parece uns cavalos / Daqueles que pulam arame / Neste trem só tem cavalo / Dando coice no escuro” (vv. 19, 24, 26, 32, 36, 107, 108, 163, 164).

Logo na introdução do poema, Mestre Azulão chama a atenção do leitor, dizendo-lhe que está trazendo um texto humorístico: “Criação muito engraçada” (v. 02). Contudo, embora a ideia inicial tenha sido a de narrar uma sequência de situações humorísticas, o fato é que Azulão não parece se divertir, ou passar imagens engraçadas, enquanto vai descrevendo o ambiente sórdido do trem e relatando minuciosamente os quadros deprimentes. Essa impressão de que o poema se trata mais de uma crítica do que do relato de episódios hilariantes confirma-se quando o poeta, deixando aflorar sua consciência de cidadão preocupado com a preservação do bem público, em mais de uma estrofe censura duramente os passageiros pelos estragos causados no veículo: “O pingente quebra o vidro / A porta, o ventilador / Na maior selvageria / Quem quebra o trem é nocivo / De pensamento mesquinho / O qual em vez de quebrá-lo / Deveria conservá-lo / Com todo zelo e carinho / Que um trem apedrejado / É mais um avariado / Que deixa de nos servir” (vv. 135, 136, 137, 140, 141, 144, 145, 146, 151, 152, 153).

Além de uma descrição detalhada e convincente que revela um satisfatório conhecimento dos subúrbios da cidade grande, também estão presentes alguns termos mais contraditórios no campo e outros no meio urbano. Conquanto não sejam numerosos no poema, são vestígios que auxiliam na verificação da (s) identidade (s) carioca e nordestina do

poeta Azulão, como seguem grifados nestes versos: “A turma da *fuleragem* / Diz o *cabra*, esta é legal / O outro grita, *meu chapa* / Grita pros outros, olha o *rapa* / O *pingente* quebra o vidro” (vv. 10, 16, 65, 131, 135).

Deste modo, seguindo uma das principais características do folheto de cordel moderno, com algumas alterações quanto à linguagem e aos temas, o legítimo poeta sertanejo, completamente adaptado ao meio urbano, procurou chamar a atenção para um dos aspectos mais importantes da vida moderna, o cotidiano atribulado dos habitantes na cidade grande.

#### 4.5.8 (T 17): *A briga do rapa com o camelô* (Gonçalo Ferreira da Silva)

Com uma história curta, num poema de 217 versos, o autor narra o desentendimento ocorrido numa feira de Copacabana, que culmina em violenta briga entre o “rapa” e o camelô. Parece conveniente mencionar algumas particularidades desses indivíduos, habitantes preferencialmente dos centros urbanos maiores. Quanto aos camelôs, instalados nas ruas e frequentemente sem licença para comerciar, alguns desses espaços por eles ocupados tornaram-se nacionalmente conhecidos, como a *Rua 25 de março*, na cidade de São Paulo, e a *Feira de São Cristóvão*, no Rio de Janeiro. Dos dois personagens, o “rapa”, alcunha da pessoa que detém o cargo de fiscal da prefeitura, certamente é o menos conhecido pela maioria do povo brasileiro. Trabalha a serviço da repressão ao comércio informal, sobretudo do ambulante, e, possivelmente, o apelido adquirido origina-se do verbo rapar, que lembra o modo violento como, às vezes, esses fiscais de rua chegam, de inopino, e apreendem, “rapam” as mercadorias dos comerciantes descredenciados.

Na dura luta pela vida, ocorre o embate entre dois indivíduos: um, que se empenha para não perder o seu modesto emprego público; outro, que tenta obter seu ganha-pão no comércio de rua não autorizado. Assim, em razão dos frequentes conflitos na vida real, o rapa e o camelô, personagens socialmente subalternos, tornaram-se arqui-inimigos e, deste modo, passaram à ficção em alguns folhetos de cordel que, às vezes, possuem um cunho



autobiográfico. Haja vista estes versos do poema *Camelot e marreteiro*, onde José Francisco de Souza (1982, pp. 03, 07), lamenta o árduo labor desse comerciante de vida atribulada:

O rapa persegue tanto  
que parece tentação  
os fiscais da Prefeitura  
são reis da persiguição  
é um castigo tremendo  
p'ra quem não tem condição

Eu conheço muito bem  
essa vida aventureira  
com todos seus sacrifícios  
ultrapassei a barreira  
“Camelot” é coisa antiga  
tem procedência estrangeira.

Portanto, ao se mudar da terra natal e de vida, o nordestino desterritorializado experimenta essa dupla identidade nos grandes centros urbanos, que aparece também registrada noutros folhetos de cordel. Como exemplo, pode-se ver este fragmento do folheto de João Antonio de Barros *O que faz o nordestino em São Paulo*, contido em Luyten (1981, p. 47):

Nortista que era vaqueiro  
hoje aqui é motorista  
camelô de propaganda  
tornou-se em grande artista  
cada um segue o destino  
que tem no ponto de vista

Gonçalo Ferreira da Silva, poeta nordestino, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e morador do Rio de Janeiro, descreve a desavença entre um fiscal de feira e Severino Cana Brava, emigrado do sertão da Paraíba para a metrópole carioca a fim de tentar a sorte. É sobejamente conhecido o modo incondicional como o nordestino gosta de sua terra natal; no entanto, por uma questão de sobrevivência, principalmente por causa das secas, nem sempre é possível viver nela para sempre, como demonstram os versos seguintes sobre o

personagem: “Assim foi fácil ele mesmo / descobrir que no chão duro /do sertão da sua terra / não tinha nenhum futuro” (vv. 15, 16, 17, 18).

Antes de descrever as cenas de violência entre os dois contendores, como a tomar partido do conterrâneo, o autor procura construir a figura do “rapa”, de forma não muito favorável, seja pelo modo como este se comporta com os feirantes ou porque as pessoas da feira já se manifestam abertamente contra o fiscal indesejado: “Quando o “rapa” aproximou-se / foi declarando arrogante: / – Não permito mais na praça / qualquer tipo de ambulante, / a multidão ensaiou / vaia desmoralizante / mas o “rapa” também era / uma verdadeira fera” (vv. 120, 121, 122, 123, 143, 144, 145, 146).

Por outro lado, o autor faz questão de apresentar uma imagem positiva do camelô Severino, que é simpático, querido e de personalidade envolvente: “Severino Cana Brava / natural de Itabaiana / na Paraíba do Norte / é um sujeito bacana / querido em todos os cantos / deixava as “gatinhas” tontas / com galanteios e encantos” (vv. 01, 02, 03, 04, 09, 10, 11). E para completar a imagem de homem predestinado ao sucesso, mesmo sendo ainda um humilde trabalhador ambulante, o autor achou por bem apontar semelhanças entre o seu modo de falar e o de Silvio Santos, figura pública sempre lembrada como o grande símbolo do camelô bem sucedido, que alcançou notável ascensão social e alta posição econômica. Por isso, assim o autor afirma: “quando falava lembrava / um futuro Silvio Santos” (vv. 13, 14).

Mesmo em se tratando de ficção, a história pode ter sido inspirada em conhecidos episódios da vida real da maioria dos nordestinos emigrados para as metrópoles brasileiras. Severino Cana Brava veio de longe, do interior do Nordeste, um meio sociocultural bem diferente da tumultuada vida da cidade carioca. Entretanto, talvez o choque cultural não tenha sido demasiadamente forte para esse personagem, em vista do afluxo de nordestinos para a cidade grande, – fato ocorrido durante várias décadas – o que também pode ter-lhe facilitado o convívio com outros conterrâneos nas mesmas condições. Neste sentido, o nome do espaço onde Severino Cana Brava instalou sua banca de mercadorias torna-se bem significativo, porque já lembra uma comunidade formada de imigrantes: “A Praça dos cearenses / ou Cerzedelo Correia, / reduto dos nordestinos” (vv. 99, 100, 101).

Por isso, talvez, ainda que distante da terra natal, o camelô não se intimida com as pessoas nem com as regras sociais do novo ambiente na cidade. Ao contrário, ao longo do texto, sua fala, tranquila e cativante para com os amigos, para o fim, transmuda-se, ficando mais agressiva antes do violento ataque ao fiscal. Também como forma, quem sabe, de mostrar a diferença entre os personagens e exaltar sutilmente o comportamento sempre corajoso do nordestino em situações de perigo, o poeta informa que, com a chegada do “rapa”

na feira, o primeiro a procurar fugir foi um ambulante carioca: “um camelô carioca / disse para um vendedor / – seguinte, meu companheiro / arruma teu tabuleiro / porque aí vem o “rapa” (vv.106, 108, 110, 111, 112).

No entanto, o camelô, nitidamente, expressa orgulho ao reafirmar, num lugar ainda estranho, com ar superior e agressivo, a identidade do sertanejo, cabra macho recém-migrado, cuja valentia abertamente alardeada lembra uma das características do peão, do bandido ou do cangaceiro nordestino em boa parte dos folhetos da Literatura de Cordel. E deste modo ele diz: “não vim aqui pra dar mole / sou natural do sertão / – O maldito deste “rapa” / hoje vai entrar no tapa, / pra casa eu não levo insulto. / – Senhores que estão presentes / sou um homem do sertão, / sou pau pra todo instrumento” (vv. 45, 46, 117, 118, 119, 157, 158, 159).

Note-se que, a respeito do deslocamento identitário, do estabelecimento e atividades dos migrantes nordestinos desterritorializados em núcleos urbanos de metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, a pesquisadora Luciany Aparecida Alves Santos (2010, pp. 04, 05) presta a seguinte informação:

Essas comunidades criaram núcleos de reencontros nos centros das cidades com o objetivo de avivamento de suas tradições culturais; de divulgação de suas artes; de venda de seus materiais. Observamos que quaisquer desses objetivos coadunam num único desejo: sobreviver nesse novo ambiente, seja essa sobrevivência material ou cultural.[...] E foram nesses novos ambientes que os folhetos foram versejados, que os poetas relacionaram suas tradições com o novo espaço. O migrante vindo do Nordeste se redescobre nordestino no Sudeste, pois existe lá o diferente que lhe aponta enquanto outro, enquanto sujeito não pertencente àquele local.

E é diante da multidão excitada, que anseia por violência e incentiva o camelô, que o “rapa” é brutalmente espancado, recuperando-se somente após ter ficado dois anos no hospital, porque “ninguém queria apartar / pois todos queriam ver / a luta continuar” (vv. 184, 185, 186).

Uma vez que não há um motivo convincente para a sangrenta agressão, exceto, talvez, a necessidade de o camelô trabalhar e sobreviver, sobressai a forma condescendente da moral da história, visto que Severino Cana Brava, além de não haver respondido judicialmente pelo crime praticado, termina como herói de um folheto, conforme mostram estes versos finais: “tranquilo bebia garapa, / Na feira de São Cristóvão, / com um camelô seu chapa, / comia churrasco no espeto / enquanto lia o folheto / da briga dele com o “rapa”. (vv. 212, 213, 214,

215, 216, 217). Entretanto, com um verso na introdução da história, de alguma forma o poeta antecipa o desfecho, porquanto já havia deixado um indício de que o camelô ficaria impune: “por pouco não entra em cana” (v. 07). Logo, vivendo essa dupla identidade – de sertanejo nordestino e carioca –, o poeta, desterritorializado, tal como o herói do seu folheto, adapta-se à nova realidade e exigências do ambiente urbano, mas sem se esquecer da origem e dos costumes da terra natal.

Enfim, a complacência e a grande naturalidade com que a violenta agressão de Severino Cana Brava é descrita e talvez bem recebida pelos leitores do folheto, mesmo distante do Nordeste e num ambiente urbano, talvez ainda representem algum vestígio da reconhecida admiração dos autores e leitores sertanejos pelos atos de bravura do cangaceiro, tantas vezes narrados nos tradicionais folhetos de cordel.

#### 4.5.9 (T18): *Big Brother Brasil: um programa imbecil* (Antonio Barreto)

Os autores da Literatura de Cordel do passado escreviam sobre fatos reais, mas também imaginavam histórias fantásticas cujos cenários podiam ser as cidades longínquas e quase sempre inacessíveis ao leitor sertanejo e, às vezes, ao próprio poeta. Portanto, espontaneamente, assumiam sua condição de porta-vozes e repórteres, para trazer a notícia ao povo simples e manifestar sua impressão, não menos importante, principalmente sobre as tragédias que abalavam a opinião pública, ainda que esses fatos já fossem do conhecimento de todos. Isso, entretanto, só era possível porque, sendo os cordelistas pessoas provenientes da comunidade sertaneja, agiam e pensavam como ela, na qual situava-se o maior contingente dos apreciadores dos folhetos.

Depois que esses poetas migraram para as grandes cidades, embora muitos de seus textos tenham sido claramente direcionados para os temas urbanos, neles podem ser observadas, até com algum saudosismo, as constantes referências ao meio social e ao comportamento do homem do sertão porque, como diz Luyten (1981, p.18): “Mesmo a poesia popular feita nas grandes cidades do Centro-Sul (Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo) tem, em grande proporção, motivações originárias da região sertaneja do Nordeste”.

Conquanto muitos desses poetas tenham vindo do meio rural, onde nasceram e moraram por largo tempo, alguns conseguem explorar, com propriedade, os temas urbanos, visto que, como habitantes, já conhecem bem o cotidiano do novo ambiente. Todavia, cumpre observar que, em face da enorme abrangência dos meios de comunicação nos dias de hoje, sobretudo da televisão, talvez o mais envolvente, certos temas e programas tornaram-se amplamente conhecidos pelos brasileiros com acesso à energia elétrica, razão por que não há, em muitos casos, grande diferença entre morar na cidade ou na roça. Agora, com o rádio e a televisão ao alcance de todos, poetas e leitores, no campo ou na cidade, podem, a um só tempo, assistir aos programas e inteirar-se dos mesmos acontecimentos. Logo, diferentemente do passado, uma notícia de relevância nacional ou um programa televisivo de expressiva audiência, se tratados como temas num folheto, dificilmente serão recebidos como novidades pelos leitores de cordel.

Considerando que a maior parte dos brasileiros prefere sintonizar os programas populares e de entretenimento, pode-se compreender por que algumas dessas atrações, como as novelas e os *reality shows* têm-se tornado campeãs de audiência durante tantos anos.

Em se tratando de *reality shows*, é possível que o *Big Brother Brasil* seja o mais comentado pelos telespectadores, ou asperamente criticado, como o faz Barreto aqui neste poema, a começar pelo título especialmente agressivo, *Big Brother Brasil: um programa imbecil*. De fato, como forma de demonstrar seu franco desagrado contra os métodos do apresentador Pedro Bial, em busca de audiência a qualquer custo, o autor faz uso de uma lista tão repleta de expressões e termos de cunho negativo, que se torna muito difícil mencioná-los sem transcrever a maior parte do poema. Na verdade, a primeira estrofe já seria bastante para o leitor entender que o poeta considera o *Big Brother Brasil* um programa vulgar e socialmente pernicioso: “Curtir o Pedro Bial / E sentir tanta alegria / É sinal de que você / O mau-gosto aprecia / Dá valor ao que é banal / É preguiçoso mental / E adora baixaria” (vv. 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07).

A partir daí, em quase todas as estrofes, foram assinalados vários aspectos tidos como ruins do programa *Big Brother* e os principais males por ele causados à sociedade brasileira, vista pelo autor como desavisada e sem espírito crítico. Por isso, mesmo quando o poeta se dirige de modo mais rude ao telespectador, que é a vítima, não parece estar julgando-o por um grave erro cometido; antes, trata-se de uma censura ou uma forma de advertir ao homem comum e trabalhador pela facilidade com que se tem deixado ludibriar. Em vista disso, será feito, aqui, o registro das principais críticas que Barreto dirige a esse *reality show*.

Como já se viu na primeira estrofe, segundo o poeta, o apreciador do programa *Big Brother* revela-se uma pessoa de mau gosto, indolente e socialmente alienada. Depois, Barreto diz que esse programa de televisão funciona como um embuste, cujo propósito é arrecadar dinheiro e captar a atenção da família ingenuamente reunida diante do aparelho: “Em frente à televisão / Lá está toda a família / Longe da realidade / Onde a bobagem fervilha / Desprovida e inocente / Desta enorme armadilha” (vv. 22, 23, 24, 25, 27, 28). Por sua vez, o apresentador Pedro Bial é severamente repreendido por trazer propostas que vêm de encontro aos valores genuinamente construtivos e nacionais, porquanto costuma enaltecer exóticos personagens, cujo estilo de vida pretensamente moderno e de aspecto pomposo nada tem em comum com os modos do brasileiro mais simples e trabalhador, o verdadeiro herói: “Cuidado, Pedro Bial / Respeite o trabalhador / Dessa sofrida Nação / Deixe de chamar de heróis / Essas girls e esses boys / Que têm cara de bundão / Povo HERÓI, povo guerreiro” (vv. 29, 31, 32, 33, 34, 35, 63). Por enxergar alguma semelhança entre a estrutura do programa e o confinamento de animais, o poeta compara a casa do *Big Brother Brasil* a um zoológico e condena o vil comportamento dos participantes: “Esse programa da Globo / Parece um zoológico humano / Onde impera a esperteza / A malandragem, a baixeza: (vv.71, 74, 75, 76).

Ciente da grande força dos meios de comunicação, isto é, do denominado “Quarto Poder”, de notória capacidade para convencer ou manipular a opinião pública, o autor, uma vez mais, chama a atenção do apresentador e faz uma alusão à propalada influência da Rede Globo em relação às decisões tomadas sobre o destino do país: “A você, Pedro Bial / Um mercador da ilusão / Junto a poderosa Globo / Que conduz nossa Nação / Reflita no seu labor” (vv. 120, 121, 122, 123, 125).

Por conseguinte, na tentativa de chamar o povo brasileiro à razão e abrir-lhe os olhos, num tom fraternal, o poeta roga aos telespectadores que não gastem seu dinheiro inutilmente com as ligações telefônicas solicitadas pelo programa repleto de futilidades: “E vocês caros irmãos / Que estão nessa cegueira / Não façam mais ligações / Apoiando essa besteira / Não deem sua grana à Globo / Isso é papel de bobo: / Fugam dessa baboseira” (vv. 127, 128, 129, 130, 131, 132).

Em seguida, Antônio Barreto refere-se a um assunto muito discutido que, pelo menos até há pouco tempo, alguns brasileiros julgavam perturbador para a identidade nacional: acreditava-se ter sido construída a imagem indevida de um país com uma gente talvez excessivamente alegre, festeira, de aspecto folgazão, parecendo descompromissada com a vida e com o futuro. Como resultado, pensava-se que aqui era apenas a terra da mulher mais exuberante, do futebol mais bem jogado e do carnaval mais esplendoroso, condição que,

segundo o autor, o *Big Brother* parece querer reforçar. Por isso, o poeta brada impacientemente: “Chega de vulgaridade / E apelo sexual. / Não somos só futebol, / baixaria e carnaval” (vv. 155, 156, 157, 158).

Possivelmente, ao considerar que a sociedade brasileira assiste e aceita a tudo de forma passiva, o poeta conclama as classes teoricamente mais esclarecidas e politizadas do país, para que se posicionem sobre o assunto e impeçam que os cidadãos de bem continuem sendo empulhados por atrações televisivas como o *Big Brother Brasil*: “Cadê a cidadania / Dos nossos educadores / Dos alunos, dos políticos / Poetas, trabalhadores / Seremos sempre enganados / e vamos ficar calados / diante de enganadores?” (vv. 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168).

Como se vê, o poema trata-se de uma advertência, cujo severo tom contestatório e a linguagem com alguma gíria mais atual e anglicismos, como *cara de bundão* e *boys, girls*, constituem uma das características do folheto atual e urbano. Ainda assim, vê-se o registro do termo *fuleiro*, típica marca da oralidade das personagens sertanejas. Observem-se, pois, estes versos: “Há muito tempo não vejo / Um programa tão ‘fuleiro’ / Essas girls e esses boys / Que têm cara de bundão” (vv. 08, 09, 34, 35).

Conhecido pelos brasileiros de qualquer lugar do país, o tema em questão, além de atual, vem lembrar a grande transformação sociocultural ocorrida no Brasil nas últimas décadas, a evolução tecnológica alcançada e a abrangência dos meios de comunicação que culminaram com a massificada difusão das atividades humanas, inclusive da Literatura de Cordel. Entende-se que Antônio Barreto, ao expressar sua extrema indignação, ainda semelha-se a um porta-voz, porém não nos moldes do antigo poeta, que se dirigia à comunidade sertaneja culturalmente mais homogênea e circunscrita ao território nordestino. Tal como os leitores, esse poeta reconhecia-se e era prontamente reconhecido pela sua identidade inconfundivelmente sertaneja, dentro de uma sociedade com alguns aspectos unificadores. Todavia, em vista das inusitadas transformações sociais verificadas em todas as atividades humanas, sobretudo nas duas ou três últimas décadas, a voz do poeta, agora dotado de dupla ou múltipla identidade, é dirigida aos telespectadores, em geral, iludidos pelo programa *Big Brother*. A propósito, vale fazer o registro deste pensamento de Hall (2004, p. 87):

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas”

de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório.

Agora, neste poema, o autor chama a atenção dos leitores brasileiros de qualquer lugar do território nacional, uma vez que, provavelmente, já não consideram o folheto como fonte de informação, – pelo menos não a única, – mas de lazer, ou simplesmente como outra forma de literatura, que, de fato, não deixa de ser.

Enfim, como a demonstrar seu destemor, não obstante tenha desferido contundentes golpes verbais contra o poderoso veículo de comunicação, o cordelista subscreve o poema com um acróstico, “BARRETO,” cuja última e insultuosa palavra, “Animal”, parece representar o ápice de uma grande revolta há muito tempo reprimida:

169-Barreto termina assim  
 170-Alertando ao Bial:  
 171-Reveja logo esse equívoco  
 172-Reaja à força do mal  
 173-Eleve o seu coração  
 174-Tomando uma decisão  
 175-Ou então: siga, animal.

Feita a análise desses nove poemas atuais, conclui-se que os autores da Literatura de Cordel, já com naturalidade, retratam sua nova realidade social, a urbana, mas nem por isso deixam de se referir a alguns dos velhos temas mais importantes e profícuos.

A partir daqui, no Capítulo V, será efetuada a conclusão mediante o cotejo entre os folhetos antigos e modernos.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 5.1 Cotejo entre o folheto antigo e o atual

Conquanto a Literatura de Cordel já tenha alcançado sua plenitude como arte, apogeu em consumo e produção de folhetos em meados do século xx, ainda hoje são discutidas algumas de suas principais características: o formato e as dimensões das capas, os temas explorados e o modo de distribuição dos livros publicados, como se o cordel representasse uma manifestação literária incipiente e ainda mal delineada.

Além disso, um dos motivos de constantes debates entre poetas e estudiosos é o fato de que, mesmo depois de tantos anos servindo como relevante veículo de expressão sociocultural da Região Nordeste, a Literatura de Cordel não obteve o suficiente reconhecimento da intelectualidade brasileira e a plena valorização por parte da crítica literária oficial.

Por conseguinte, seja por causa das dificuldades econômicas que geralmente fizeram parte da vida de poetas e editores, da tradicional indiferença demonstrada pela elite da prestigiosa literatura nacional, seja ainda em razão das consequências resultantes das transformações sociais verificadas nas últimas décadas no Brasil, o percurso da Literatura de Cordel não parece ter sido dos mais tranquilos, ou financeiramente compensador, até mesmo para a maioria dos poetas mais consagrados. Já se sabe que, por um longo período, durante o século xx, o folheto de cordel havia sido, senão o único, pelo menos o principal veículo de informação e de lazer do sertanejo mais afastado das cidades. Entretanto, com o advento dos sinais de progresso, alguns estudiosos, ao considerarem que o folheto teria de disputar a atenção do público com as poderosas novidades tecnológicas da comunicação, vaticinaram, em diferentes momentos, uma possível extinção da Literatura de Cordel. Note-se que, mesmo alguns especialistas e grandes apreciadores do cordel, às vezes, já deixaram transparecer certo pessimismo ou dúvidas quanto a sua sobrevivência, como Ângelo (1996, pp. 52, 53):

O cordel – forma incontestada de literatura oral remanescente do sec. XVII – tem sobrevivido no Brasil a duríssimas penas. Por um lado, em decorrência do desenvolvimento industrial e econômico e outras

*cositas más*; e, por outro, pela descontinuidade natural da profissão, que a essa altura já não encontra no próprio seio familiar quase nenhum interesse da parte dos mais jovens (no caso, os filhos e os filhos dos filhos dos cordelistas ou cantadores). Mesmo assim, essa forma originalíssima de arte tem resistido bravamente e, certamente – ao contrário do que se diz por aí –, ainda resistirá por muito e muito tempo até que se acabe de vez. Se é que se acabará...

A despeito da precariedade das condições materiais e constantes vicissitudes do meio social em que o cordel se desenvolveu, – uma região não totalmente integrada ao país e carente de melhores recursos financeiros –, as previsões pessimistas anunciadas por alguns estudiosos não se confirmaram, de sorte que essa literatura de características especiais ainda continua despertando a atenção de pesquisadores e obtendo a admiração de novos leitores. Sem dúvida, os motivos que poderiam fazer com que o cordel sucumbisse eram e são reais e diversos. No entanto, pode ser que as previsões, até certo ponto justificáveis desses estudiosos, não tenham se concretizado, pelo fato de que a Literatura de Cordel não se trata de uma simples invenção, ou de um modismo, mas representa uma expressão artística vigorosamente estruturada e decorrente de autênticas manifestações culturais da gente nordestina.

Com os folhetos, os poetas procuraram apreender e concretizar a beleza e a espontaneidade da linguagem oral e rústica de um povo, a fim de expressar um portentoso conjunto de aspectos sociais que se formaram e se maturaram no decurso de alguns séculos. Em face das peculiaridades marcantes do cordel, parece conveniente rever este fragmento da citação supramencionada, em que se destacam estas poucas, mas reveladoras palavras do estudioso Assis Ângelo: “[...] Mesmo assim, essa forma originalíssima de arte tem resistido bravamente...”. Do que assevera o autor, facilmente se conclui que, embora a Literatura de Cordel possua uma origem reconhecidamente popular e sempre tenha sido marginalizada pelo sistema hegemônico, de modo nenhum pode ser confundida ou entendida como uma simples manifestação artística produzida pelo estrato social menos privilegiado. Tal como afirma Ângelo, trata-se de uma forma de expressão literária assaz original, considerando as características ímpares com que foi formada no Nordeste. De modo paradoxal, porém, é provável que sobretudo os aspectos particulares dessa literatura é que fizeram sua força e possibilitaram o bom êxito e longevidade, ao mesmo tempo que o acelerado desaparecimento ou mudanças de importantes elementos de suas condições de produção podem estar

provocando dúvidas quanto a um futuro promissor, visto que o cordel inelutavelmente terá de adaptar-se a uma realidade social sensivelmente transformada.

Quanto aos aspectos socioculturais oriundos do ambiente nordestino, facilmente identificáveis, principalmente nos folhetos de cordel mais antigos, é possível que muitos deles ainda subsistirão por muito tempo, a despeito da celeridade das mudanças sociais e do extraordinário poder da globalização. Essas tradições, entretanto, conforme já foi explicado por Hall (2003), não permanecerão perenemente imutáveis, cristalizadas no tempo, mas, provavelmente modificadas, reorganizadas, metamorfoseando-se, por assim dizer, como estratégia de sobrevivência. Cumpre dizer que a tradição, de acordo com os estudiosos, não apenas se transforma, mas, como num movimento pendular, também costuma retornar ao passado, às velhas tradições das quais se nutre para se fortalecer. Logo, considerando que o cordel representa um produto do seu meio social e da tradição, e que a maioria dos poetas hoje vivem distantes da terra natal, parece lógico que essa literatura, igualmente, esteja apresentando significativas mudanças ou mesmo ambiguidades temáticas resultantes da desterritorialização ainda presente, como foi possível certificar em alguns dos folhetos analisados neste trabalho.

Como já foi dito, substituídos por leitores tipicamente urbanos, é inegável que os antigos leitores sertanejos vão se modificando gradativamente mediante a aquisição de outras experiências, visto que vão rareando os típicos matutos frequentadores das feiras e compradores de folhetos em busca de lazer e informação. Sobretudo pelo rádio ou pela televisão, mesmo nas regiões mais distantes, as pessoas estão perfeitamente cientes dos principais acontecimentos ocorridos no Brasil e mesmo noutros países. Em lugar do antigo caipira confinado, muitas vezes, durante uma vida inteira em sua terra natal, surge o homem emigrado do campo ou simplesmente nascido na cidade, perfeitamente integrado à vida urbana. Por isso, como se pôde verificar nos folhetos, os temas urbanos estão se tornando mais frequentes, ainda que os assuntos relativos à vida do campo possam reaparecer, mas quase sempre em forma de reminiscências e saudosismo nos textos dos poetas emigrados. Amiúde, estes falam de um sertão já completamente transformado e degradado, geograficamente longínquo ou distante no tempo. Por conseguinte, a despeito das lembranças e da nostalgia, raramente voltarão para a terra natal, talvez por entenderem que, tendo eles também mudado, sentir-se-iam deslocados no sertão atual, que já não é o seu lugar, ou simplesmente porque, para esse retorno, agora já não existem os motivos e os vínculos de outrora.

Quando se trata de folhetos de cordel, não obstante a diversidade dos temas por eles tratados, muito dificilmente não são evocados alguns elementos que, pela sua relevância e recorrência, constituíram-se em verdadeiros ícones dessa literatura, como: o Nordeste, as secas, o cangaço, os santos não canônicos, histórias de reis, de príncipes e de cavaleiros. No passado, ainda que morassem nas cidades, por terem nascido no campo e ali vivido durante longo período, os poetas de cordel expressavam, em seus textos, as dúvidas e as crenças do autêntico homem do sertão, e assim exerciam, com naturalidade, a função de representantes desse meio social, uma vez que não deixavam de ser os sertanejos de sempre com a mesma identidade e velhos costumes. Mas agora, porventura distantes da sua antiga comunidade ou território transformado, precisam adaptar-se às novas condições do país, com leitores mais instruídos e majoritariamente urbanos. Observe-se que, a propósito da necessidade de abordagem de novas temáticas, na década de 1980, Luyten (1983, p. 67) já vislumbrava essa tendência do folheto, quando dizia:

Já se foi o tempo em que o poeta popular se referia a princesas e cavaleiros andantes, o tempo de bichos que falavam e de cangaceiros arrependidos. A participação hoje é direta. Embora os velhos folhetos de cordel ainda sejam reeditados, lidos e comentados, os poetas populares, tornados habitantes das grandes metrópoles, sentem como ninguém os graves problemas que atingem a todos. E sua voz se faz ouvir. Cada vez mais forte.

Os poetas de cordel, de fato, costumam explorar os problemas sociais mais críticos de sua época e relatar os acontecimentos considerados extraordinários e socialmente impactantes. Todavia, em que pese à valiosa opinião de um grande estudioso do cordel, como Luyten, pode-se ver que o tema do cangaço continua sendo eventualmente revisitado por alguns autores, como o comprovam títulos de folhetos recentes, como estes: *Volta seca, um menino no cangaço* (2007), *Visita de Lampião a Padre Cícero no céu* (2012), *Lampião o rei do cangaço* (2012). Embora já tenham decorrido algumas décadas desde a extinção do cangaço, a razão dessa retomada temática provavelmente se deva ao fato de que aquele importante movimento fora da lei tenha representado um dos fenômenos sociais que mais colaboraram para o enriquecimento e produção da Literatura de Cordel no Brasil. Tendo esse fenômeno social permanecido vivamente na lembrança dos sertanejos, os autores ainda rebuscam o passado e lançam folhetos inspirados nas façanhas daqueles personagens que assombraram o

sertão, tais como Volta Seca, Jesuíno Brilhante, Corisco, Zé Baiano, Antônio Silvino ou até mesmo Lampião, cuja vida, que jamais deixou de ser comentada e reescrita de forma exaustiva, ainda continua servindo como tema.

Em face da nova realidade social predominantemente urbana, e em razão de os autores ainda não terem se desvincilhado totalmente da memória de fortes aspectos do berço da Literatura de Cordel no Brasil, como o messianismo e o cangaço, os folhetos falam do passado, mas, simultaneamente, começam a expressar as experiências e o pensamento de autores e leitores de uma nova época.

Todas essas mudanças reclamadas pela realidade social atual poderiam ter sido mais suaves, ou menos traumáticas para o cordel, se essa literatura, durante todo o seu processo de desenvolvimento, maturação e apogeu no Nordeste, não tivesse se constituído de forma tão singular e não fosse tão visceralmente resultante daqueles poderosos aspectos socioculturais, alguns já extintos, que formaram o pensamento e o gosto dos leitores e autores sertanejos. Entretanto, embora pareça muito evidente, é oportuno reiterar que a riqueza daqueles aspectos socioantropológicos dos sertões nordestinos é que proporcionou a vigorosa estrutura que fez com que o cordel, uma literatura economicamente pobre, de autores e leitores marginalizados, seja reconhecida como grande expressão da cultura nacional.

Após a análise de dezoito textos (nove folhetos mais antigos numerados de 01 (um) a 09 (nove) aqui denominados tradicionais, e nove mais recentes numerados do número 10 (dez) ao 18 (dezoito), serão feitas algumas considerações sobre determinados aspectos que envolveram a trajetória do cordel e as circunstâncias que ainda inquietam seus admiradores e poetas. Entre os dois grupos de autores, foram detectadas diferenças, algumas previsíveis: os poetas do presente possuem nível escolar mais elevado e, como reflexo, os seus textos não apresentam os antigos e espontâneos desvios da linguagem prestigiada, salvo quando o autor, de forma um tanto artificial, tenta representar a suposta fala do homem do campo sem escolaridade. Sob este aspecto, o grande exemplo é o texto *Do passado ao presente* (Texto 12), em que Wilson Silva comete graves barbarismos linguísticos ao fazer uso de grafias, como “sera”, “fás” e “sabeno”, correspondentes às formas gramaticais “será”, “faz” e “sabendo”.

Embora não seja fácil comprovar o motivo do uso dessa linguagem gramaticalmente claudicante, o emprego dessas grafias lembra melhor uma paródia que meras transgressões espontâneas da norma culta, uma vez que desvios como esses vão se tornando cada vez mais raros no folheto ou em qualquer texto atualmente publicado. Por isso, talvez possam causar estranheza aos leitores atuais, que, sem comparação com os do passado, têm acesso tanto às

mais variadas formas de experiência quanto a maiores oportunidades em estudos regulares. Vê-se, também, que os textos novos, geralmente, são mais curtos que os antigos, ainda que o famoso folheto tradicional *A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento* (Texto 04), como uma exceção, não passe dos 240 versos. Observe-se, porém, que, enquanto o poema mais extenso dentre os novos – *Uma visita inesperada* (Texto 11) – possui 300 versos, o mais longo dentre os tradicionais – *História da escrava Guiomar* (Texto 03) chega aos 1416 versos, desigualdades que parecem representar característica do folheto tradicional e uma tendência do folheto moderno.

Nalguns folhetos mais recentes analisados, viu-se que já existem diferentes perspectivas em relação à exploração dos temas, de acordo com o lugar onde o cordelista está vivendo. Observe-se que há autores oriundos da cidade que desejam escrever sobre qualquer assunto ou lugar, inclusive sobre o ambiente campestre, contrapondo-se ao pensamento do poeta sertanejo Patativa do Assaré, em *Cante lá que eu canto cá* (1978), ainda que não tenham o conhecimento necessário sobre a vida no campo, como é o caso de Marcos Mairton da Silva com o folheto *Uma visita inesperada* (T11). Outros poetas, legítimos sertanejos, tendo vivido longo tempo no Nordeste, emigraram para a cidade grande e tornaram-se profundos conhecedores dos dois ambientes cujas temáticas podem aparecer em dois tipos de folhetos: os que se referem nostalgicamente a um passado distante, vivido pelo poeta, que ainda parece desterritorializado, como em *Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente* (T14), de Manoel Monteiro; outros que mostram o poeta nordestino plenamente adaptado à conturbada vida da metrópole, como *O trem da madrugada* (T16), de José João dos Santos, o Azulão. Além desses, já existem obras que, como resultado da força da globalização, abrangência e eficiência dos meios de comunicação, [que têm permitido o acesso instantâneo de todos os brasileiros aos fatos atuais] independem do lugar onde o poeta esteja residindo, como em *Big Brother Brasil: um programa imbecil* (T18) de Antonio Barreto.

Outro aspecto que merece ser pensado é a fonte ou a forma pela qual os folhetos podem ser obtidos. Embora se saiba da existência de leitores que só reconhecem a legitimidade do folheto de cordel pelo aspecto externo, semelhante a *souvenirs*, como a baixa qualidade do material empregado, as dimensões do livro e as ilustrações das capas, sobretudo as xilografadas, essa forma de pensar um tanto ilusória já não parece ter validade para os estudiosos e poetas da Literatura de Cordel. Como não poderia deixar de ser, estes estão convictos de que o que torna um cordel representativo e autêntico é o seu conteúdo, dentro das normas tradicionalmente estabelecidas.

Atualmente, além das confecções modestas, cada vez mais os poemas vão sendo publicados sob outras formas, como aqui já foi mencionado, em coletâneas bem encadernadas, mas também pela *internet*. Este veículo tem ensejado o lançamento maior e mais frequente, não apenas de títulos recentes e de autores novos, como *Big Brother Brasil: um programa imbecil* (Texto 18), mas igualmente de verdadeiros clássicos consagrados do cordel, sem ônus para o leitor, como *As proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde, e *História do Boi Misterioso*, de Leandro Gomes de Barros.

Convém observar que os folhetos mais antigos traziam histórias que se originaram das velhas tradições de além-mar, compostos de um conjunto de mitos, fábulas, contos sobre personagens da nobreza que, chegados ao Brasil, foram versificados e se adaptaram muito bem às novas condições geográficas e culturais, nordestinando-se, mas conservando alguns aspectos psicológicos dos personagens europeus. Nota-se que, mesmo o rude personagem cangaceiro, a despeito do comportamento paradoxal, ambíguo, apresenta traços ou qualidades do cavaleiro medieval, com a valorização de alguns princípios ligados à coragem, à religiosidade e ao cumprimento da palavra dada, como já foi possível ver, ainda que parcialmente, em *Volta Seca: um menino no cangaço*. Por sua vez, os *amarelinhos* brasileiros, como João Grilo e *Canção de Fogo* continuam paralelamente ao seu ancestral, Pedro Malasartes, visto em *As Diabruras de Pedro Malazartes* (Texto 06), que, lançado no Brasil, tornou-se igualmente muito popular e apreciado pelos leitores. Por isso proliferaram títulos, como: *As travessuras de Pedro Malasartes*, *Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malasartes* e *Aventuras de Pedro Malasartes*. Vale notar, porém, que este personagem, como já se disse aqui, embora tenha vindo de além-mar, modificou-se psicologicamente e deu início à sua trajetória de estripulias no Nordeste ao lado dos *amarelinhos* nativos.

Escritos principalmente para o povo do sertão, portanto em linguagem da gente simples e trazendo histórias repletas de casos extraordinários, esses folhetos de cordel satisfaziam plenamente as exigências do leitor de baixa escolaridade e poucas opções de informação e entretenimento, dentro de uma região isolada do restante do Brasil. Com notória espontaneidade e aparente ingenuidade da expressão linguística, sobretudo nos folhetos mais antigos, surgiram histórias que instigaram a imaginação do sertanejo, como *História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso* (Texto 01), *O Romance da Princesa do Reino do Mar Sem Fim* (Texto 02), *Romance do Pavão Misterioso* (Texto 05), *História do Capitão do Navio* (Texto 07), e tantos outros.

Um modo de vida plácido, o apego às velhas tradições e as antigas histórias veiculadas por intensa oralidade, é de se crer que tudo isso favorecera grandemente a

aceitação e o desenvolvimento dessas produções. Entretanto, passadas algumas décadas, transformaram-se as paisagens, mudaram as pessoas. No artificial ambiente citadino, onde as novidades são rapidamente esquecidas, em face da superposição ou simultaneidade dos acontecimentos, torna-se mais difícil o acalanto dos mesmos sonhos e o gosto pelas antigas histórias, salvo quando o poeta se reporta ao seu passado, com nostalgia do sertão ou dos velhos contos, recontando façanhas de remotos heróis.

É sabido que uma das principais funções da arte é representar o pensamento e os principais aspectos sociais de sua época. Portanto, assim como todos os movimentos culturais e literários sofrem mudanças, evidentemente, a Literatura de Cordel brasileira, ainda que tenha sido o resultado das mais antigas tradições e manifestações orais nordestinas, está fadada a apresentar outras formas quanto ao tema e quanto à linguagem, sobretudo se pretender manter-se atualizada e funcionando como legítima expressão do mundo atual. Neste ponto, origina-se algo semelhante a um dilema a que o cordel não pode fugir e, por isto, talvez não seja descabido questionar: poderá a Literatura de Cordel ser transformada, efetuar uma profunda ruptura, sem que isso a afaste demasiadamente de suas raízes populares notoriamente nordestinas, das características inolvidáveis que a tornaram uma manifestação literariamente rica e singular, dentro do cenário da cultura nacional? Fica a impressão de que, em face da complexidade deste tema, qualquer resposta, positiva ou negativa, pode parecer-se a simples conjecturas. No entanto, da análise realizada, foi possível verificar que muitos dos novos folhetos de cordel, embora tratem de histórias ocorridas no meio social urbano, em decorrência do descentramento identitário do autor, já estão apresentando certa hibridização temática, – entre a cidade hostil, fervilhante de gente, e o grande sertão desprovido de recursos, de clima tórrido e impiedoso.

Por isso, desta questão espinhosa, polêmica, originaram diferentes pontos de vista entre estudiosos e poetas, uns mais, outros menos conservadores.

Pouco antes do final do século xx, convicto de que o êxodo dos sertanejos para o Sudeste representava uma das grandes ameaças para o cordel, Souza (1981, pp. 17, 18), estudioso nordestino e amante dessa literatura, já propunha uma solução um tanto inusitada, referindo-se, assim, à situação e ao Centro de Triagem e Encaminhamento (CETREM), órgão responsável pela migração:

A migração para o sul do País, sobretudo São Paulo e Rio, é um problema de desintegração cultural que afeta grandemente a poesia



popular, *A Literatura mais rica do mundo*, segundo um especialista da Sorbonne [...] A nosso ver, seria também necessário que o mesmo órgão estimulasse o retorno desses migrantes para preservar a cultura da região.

Supondo-se que, àquela época, uma proposta dessas já parecia difícil de realizar, hoje, afigura-se impossível diante das facilidades de comunicação e do intenso trânsito dos indivíduos nesta “aldeia global” em que o mundo irreversivelmente vai se transformando. Outro exemplo de pensamento conservador, mas especificamente ligado à produção do folheto, foi o do poeta João Antonio de Barros (Jotabarro) (s/d, pp. 2 e 3), no poema *Doutor! que faz em cordel?* que, com as seguintes palavras, se dirigiu ao advogado e poeta Franklin Maxado, censurando-o por considerar a literatura deste de má qualidade e pela concorrência que fazia aos tradicionais cordelistas:

Seu assunto é negativo  
a sua rima é errada  
servindo de atrapalhada  
pro poeta positivo  
seus versos tem adesivo  
picante mais do que fél  
envenenando o papel  
de quem tem boa expressão  
doutor é poluição  
nos livretos de cordel.

Sua escrita é malfeita  
sendo desmetrificada  
para mim não vale nada  
essa idéia imperfeita  
quem não conhece aceita  
certas nojeiras em papel  
de quem se tornou revel  
contra a quem não é vilão  
doutor é poluição  
nos livretos de cordel.

No que concerne à linguagem e aos temas, a impressão é de que o folheto ainda tateia em busca de um norte mais bem definido, uma vez que, nalguns textos, além da ambiguidade identitária demonstrada pelos poetas, transparecem também suas dúvidas quanto ao futuro do

cordel e ao seu posicionamento como cordelistas, haja vista os poemas *Uma visita inesperada* (Texto 11) e *Do passado ao presente* (Texto 12). Por conseguinte, com suas identidades descentradas, ainda um pouco presos às fortes tradições, os poetas retratam, com saudade, o antigo meio social longínquo, ou drasticamente demudado, como em *Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente* (Texto 14), ou falam como habitantes migrados e perfeitamente adaptados ao ambiente urbano, como em *A invasão do alemão* (Texto 13) e *O trem da madrugada* (Texto 16).

Portanto, o folheto de cordel atual já começa a refletir o momento sociocultural do país, dinâmico, instável, sem guetos fechados, como a seguir o fluxo constante de ida e vinda e o comportamento dos nordestinos emigrados, principalmente, condição para a qual a antropóloga Rosani Cristina Rigamonte (2001, p. 162), no livro *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*, oferece a seguinte explicação:

Para esta população não há o total abandono de suas raízes, nem de seus referenciais, mas sim uma complementação, um intercâmbio entre dois universos. O contato com a cidade se realiza há várias décadas, através de várias gerações. Construiu-se de forma tão peculiar, que conseguiu combinar o que há de mais importante entre os dois pólos.

A respeito da posição do cordel no cenário da cultura nacional, mesmo sem fazer um levantamento das características peculiares e intrínsecas dessa literatura, é possível apontar alguns aspectos que revelam sua posição como manifestação cultural situada fora do centro da elite intelectual brasileira: os primeiros folhetos de cordel foram publicados ao final da última década do século XIX, ou seja, muito tempo depois do início da Literatura Brasileira; a Literatura de Cordel desenvolveu-se em território relegado ao esquecimento das elites econômico-intelectuais do país, sob a inspiração de autores de baixa ou nenhuma escolaridade, oriundos das classes humildes e financeiramente desprovidas; a Literatura Brasileira foi construída com a contribuição de autores canônicos, cujas obras consagradas, ainda hoje, constituem o ideal máximo de expressão da língua nacional; os folhetos são publicados de forma artesanal, autônoma, ou por editoras especializadas, já que as grandes editoras do país, via de regra, não se interessam pela publicação de Literatura de Cordel; enquanto a Academia Brasileira de Letras foi fundada em 1897, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel teve sua inauguração bem mais tarde, apenas em 1988; até mesmo as

obras mais importantes da Literatura de Cordel nunca fizeram parte da historiografia da Literatura Brasileira, enquanto seus autores, como sempre estiveram desde o início, permanecem obscuros, desconhecidos do grande público.

Deste modo, pode-se concluir que, quanto à recepção e tratamento dados por intelectuais, editoras e leitores, abre-se um imenso abismo entre as duas literaturas, de sorte que, quer se queira ou não, tem redundado em franca desvalorização do cordel, costumeiramente tratado como arte de segunda categoria, malgrado as queixas de seus admiradores e estudiosos. E quanto a essas difíceis questões, algumas naturalmente insolúveis, mas de extrema importância para a subsistência da Literatura de Cordel no Brasil, Proença (1977, p. 31) faz o seguinte comentário:

De um modo ou de outro, o cordel quase nunca contou com o beneplácito oficial. O próprio José de Alencar, um dos mais conscientizados (crítico maior) e lúcidos autores nossos (em termos de crença de uma literatura para o povo), se irritou profundamente ao ver *O Guarani* em folhetos à venda no “cavalo do cordel”, embora ele mesmo Alencar desenvolvesse *O Nosso Cancioneiro* [...].

Há estudiosos que se comprazem em lembrar que, ao contrário do que ocorre em países da América Latina, como Argentina, México e Peru, onde as produções do cordel são normalmente incluídas nos estudos da literatura oficial, no Brasil não se dá o devido valor, não acontece o mesmo – o que é verdade. A fim de sustentar esse argumento, exemplificam com poemas, como *La Cucaracha*, folclórica canção que ganhou fama durante a revolução mexicana nos inícios do século xx, e citam o herói fictício do cordel argentino, Martin Fierro, tornado símbolo da nacionalidade platina. Com efeito, muito bom para o cordel do Brasil se essa literatura angariasse o almejado reconhecimento da elite cultural, e se suas produções fossem mais bem acolhidas pelo público leitor em todo o território nacional. No entanto, além do mero conhecimento da rubrica *cordel*, aleatoriamente ouvida pela maioria das pessoas sem uma noção muito clara, ainda se faz sobremaneira reduzida a quantidade de leitores em relação ao número de habitantes deste país. Acontece que, independentemente de todas as vicissitudes que teve de enfrentar, logo desde o alvorecer de sua existência, alguns pesquisadores estão convictos de que a Literatura de Cordel desenvolvida no Brasil encontra-se entre as mais ricas e vigorosas do mundo. Em conformidade com esse pensamento, Luyten (1983, pp.34, 35) afirma o seguinte:

E muita gente fica boquiaberta quando recebe a informação de que o Brasil é o maior produtor de poesia popular de todo o mundo e de todos os tempos. É que as elites nacionais, de tanto tentar imitar modelos de fora, esqueceram-se de que o povo propriamente dito elaborou, ao longo dos anos, uma série de estruturas poéticas através das quais comunicava a sua cultura.

No entanto, em que pese à riqueza e vigor da Literatura de Cordel do Brasil, ainda se verifica entre poetas e admiradores uma desconfortável dúvida quanto ao futuro dessa literatura neste país. Haja vista que algumas iniciativas têm sido tomadas, inclusive com a realização de um manifesto em defesa da Literatura de Cordel, ocorrido nos dias 03, 04 e 05 de outubro de 2005, em Juazeiro do Norte, no Ceará, mediante uma carta assinada por trinta e quatro poetas dentre os mais representativos do cordel atual.

Dir-se-ia, pois, que o cordel, transladado do antigo *habitat* sertanejo, onde sorveu, por assim dizer, desde o início, a opulenta seiva da singular cultura nordestina, sentiu o poder avassalador dos meios de comunicação e o impacto da precipitada migração rural ocorrida no Brasil nas últimas décadas, que teve como resultado a acelerada mescla de experiências e a inusitada transformação dos ambientes e costumes. Logo, com essas mudanças, o cordel pode estar atravessando uma fase de transição neste momento, oscilando entre a indelével herança recebida da cultura nordestina e a pressão do novo meio social, urbano e tão diverso daquele onde havia alcançado o seu momento mais esplendoroso.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades por que o cordel tem passado, a conjectura de sua inclusão ou anexação junto às produções da literatura oficial, que porventura um ou outro estudioso possa sugerir, não nos parece o melhor caminho a ser seguido, ainda que essa proposta, num primeiro momento, seja entendida como uma aceitação ou possibilidade de ascensão desse movimento artístico. Se, no Brasil, como dizem estudiosos, como Luyten (1983), foi construída a mais rica e vigorosa Literatura de Cordel do mundo, isso se deve não somente aos importantes aspectos socioculturais aqui já referidos, e que estruturaram sua marcante identidade, mas também à manutenção de sua independência, sobretudo em relação à prestigiosa Literatura Brasileira. Assim, pode-se dizer que a boa formação do cordel foi possível, a despeito ou, talvez, em virtude do diálogo estabelecido com outras formas de expressão artístico-cultural desde o início, tal como ocorrera entre a cultura popular e a da elite, de acordo com as informações de alguns estudiosos, como Burke (2010) e Canclini, (2013).

Logo, a exemplo do que, porventura, tenha acontecido noutros países, quer-nos parecer um tanto temerária a excessiva proximidade do cordel brasileiro com a literatura hegemônica, em forma de apêndice, ou numa junção com possível absorção, porquanto isso talvez pudesse representar a perda de sua identidade, única, especial, lentamente construída ao longo de vários séculos.

Por conseguinte, na sociedade atual, de identidades descentradas e múltiplas, com fronteiras abertas e onde tudo se mostra intensamente movediço e efêmero, o poeta de cordel procura representar o seu meio social, mas, irresistivelmente, ainda oscila entre o passado e o presente. Por haver conservado, como referência até os dias de hoje, a memória indelével de uma época, quando a Literatura de Cordel, ainda que muito circunscrita à Região Nordeste, tinha seus folhetos consumidos aos milhares por um leitor peculiar, os admiradores e os novos cordelistas enfrentam o desafio de encontrar uma forma que torne essa literatura, quem sabe, tão forte e representativa como o foi nos tempos de apogeu. Por isso, lutam pela divulgação do cordel, pelo reconhecimento do valor de suas produções e prestígio dos poetas atuais, junto a um público incomparavelmente maior e multifacetado, dentro de uma realidade social já bem diversa daquela de outrora.

Como já se disse aqui, uma das funções mais relevantes da literatura é retratar o seu meio social. Entretanto, a realidade atual apresenta um mosaico de expressões culturais diversificadas e quase nunca exclusivos de cada comunidade, cuja cultura já se acha significativamente influenciada por outras, mesclada com expressões culturais distintas de outras regiões do país e mesmo do mundo, de sorte que os mais diferentes aspectos socioculturais se cruzam, se influenciam e inspiram diversas formas de produção cultural e artística.

No passado, durante o século xx, com o advento de novos meios de comunicação para o Nordeste, como o jornal e o rádio, alguns estudiosos, prematuramente, vaticinaram a iminente extinção da Literatura de Cordel. Tratava-se, sem dúvida, de uma ameaça que poderia desestabilizar séculos de tradição, mas aquelas previsões alarmantes não se cumpriram, provavelmente em virtude da forma lenta, consistente e vigorosa com que essa literatura havia se formado num meio social de características excepcionalmente peculiares, favoráveis e homogêneas. Todavia, evidentemente, doravante os poetas terão de extrair os temas e os personagens dos seus folhetos daquilo que a realidade tem para lhes oferecer: um mundo caótico, fragmentado, movediço, onde os problemas sociais são de todos, e simultaneamente, podem ser encontrados traços dos meios urbano e rural, da periferia e do centro das grandes metrópoles. Portanto, embora seja uma expressão artística essencialmente

poética, o cordel, por ter perdido o seu principal *habitat*, por se servir de ambientes diferentes e aspectos generalizados, por se nutrir de ingredientes ou elementos socioculturais comuns a outras formas de expressão artística, doravante corre o risco, hoje muito mais sério do que corra no passado, de se fazer comum, demasiadamente indistinto e nivelar-se a qualquer outra forma de literatura, tornando-se apenas popular, sem poder ostentar o mais rico cabedal que foi lenta e penosamente amalhado: sua originalidade e peculiar identidade estreitamente ligada à pureza da ingênua fantasia, ao folclore e aos aspectos encantadores do sertão do Nordeste brasileiro. Caso isso já esteja acontecendo com o cordel, sem o antigo monopólio das principais funções de informar, divertir e encantar, a despeito do quanto possamos todos lamentar, poderá ocorrer não diremos sua extinção, mas o início de um processo lento mas irreversível de transformação desta que se constituiu como a mais autêntica e rica expressão artística de origem popular produzida no Brasil.

Portanto, almejando um futuro mais promissor para a Literatura de Cordel, o poeta enfrenta a árdua luta de tentar encontrar um ponto de equilíbrio e o antigo encanto do folheto, com características bem definidas e representativas, num meio social instável e globalizado, mas que dificilmente será possível reaver, pelo menos do modo tão particularmente especial como ocorrera vigorosamente no Nordeste.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Antologia de folhetos de cordel: Amor, história e luta*. São Paulo: Ed. Moderna LTDA, 2011.

\_\_\_\_\_. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pobres leitores*. Disponível em: [www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/marcia](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/marcia). Acesso em 26/07/2011.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Disponível em [www.onordeste.com](http://www.onordeste.com). Acessado em 06/08/2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Quem é froxo não se mete*. Disponível em: [//www.google.com.br/#hl=ptBR&source=hp&biw=1264&bih=591&q=quem+é+frouxo+Albuquerque+Júnior&aq=f&aqi=&aql=&oq=&bav=on.2,or.r\\_gc.r\\_pw.&fp=f5be97304ae0498](http://www.google.com.br/#hl=ptBR&source=hp&biw=1264&bih=591&q=quem+é+frouxo+Albuquerque+Júnior&aq=f&aqi=&aql=&oq=&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.&fp=f5be97304ae0498). Acessado em 28/04/2011.

ALMEIDA, Átila Augusto F. de. *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, João Pessoa: Ed. Universitária, Campina Grande: Centros de Ciências e Tecnologia, 1978.

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*. 42. impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1980.

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1974.

AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

\_\_\_\_\_. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Rio de Janeiro: 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

AMARAL, Firmino Teixeira do. *O escravo do diabo ou o afilhado de Santo Antônio*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

ÂNGELO, Assis. *A presença dos cordelistas e cantadores e repentistas em São Paulo*. São Paulo: IBRASA, 1996.

ARAÚJO, Josué Gonçalves de. *Apagando as pegadas*. São Paulo: Editora Luzero, 2011.

AREDA, Francisco Sales. *O Romance de João Besta e a Jia da Lagoa*. São Paulo: Editora Luzero Limitada, s/d.

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1978.

\_\_\_\_\_. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

ASSIS, Izaías Gomes de. *Sete mitos sobre a Literatura de Cordel Brasileira*. Disponível em <http://cordeldobrasil.com.br/v1/sete-mitos-sobre-a-literatura-de-cordel-brasileira/>-Acessado em 24 de setembro de 2012.

ATHAYDE, João Martins de. *História da escrava Guiomar*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 2006.

BARBOSA, Frederico; BELETTI, Sylmara. <http://fredb.sites.uol.com.br/eisaura>. Acessado em 12/07/ 2011.

BARRETO, Antonio. *Cordel Desencantado*. Documento disponível em: <http://barretocordel.wordpress.com/2011/04/23/cordel-desencantado-todo-artista-e-respeitado-mas-o-cordelista-nao/>. Acessado em 18 de julho de 2012.

\_\_\_\_\_. *Um ABC de presente para a presidente Dilma*. Salvador-BA: Edições Akadicadikum, disponível em <http://barretocordel.wordpress.com/2012/10/05/capas-coloridas-com-desenhos-para-folhetos-de-literatura-de-cordel/>. Acessado em 17 de novembro de 2012.

\_\_\_\_\_. *Big Brother Brasil: um programa imbecil*. Disponível em: <http://blogdoseleitos.blogspot.com/2011/05/letra-do-cordel-que-deixou-pedro-bial>. Acessado terça-feira, 17 de maio de 2011.

BARROS, João Antônio de. *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás*. São Paulo: Editora Luzeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Doutor! que faz em cordel?* Guarabira, PB: Tipografia da Folhetaria Pontes, s/d 8p.

BARROS, Leandro Gomes de. *O cachorro dos mortos*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *História de Roberto do Diabo*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Prisão de Oliveiros*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

\_\_\_\_\_. *História de Juvenal e o Dragão*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BERND, Zilá; UTÉZA, Francis. *Produção literária e identidades culturais: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



CABRAL, João Firmino. *Nascimento e morte do cangaceiro Zé Baiano*: Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2007.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1978.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *História da Literatura Brasileira: literatura oral*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1952.

\_\_\_\_\_. *Cinco Livros do Povo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1953.

\_\_\_\_\_. *Seleção*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1972.

\_\_\_\_\_. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. In *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Achiamé, 1980.

CATUNDA, Dalinha. *A Invasão do Alemão*. Disponível em <http://http://mundocordel.blogspot.com.br/2013/03/poesia-de-dalinha-catunda>. Acessado em 21/08/2012.

\_\_\_\_\_. *Seca e falta de vergonha*. Disponível em <http://http://mundocordel.blogspot.com.br/2013/03/poesia-de-dalinha-catunda.html>. Acessado em 21/03/2013.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento*. In MEYER, Marlyse Autores de Cordel: *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

CAVIGNAC, Julie Antoinette. *Destinos Migrantes: Representações Simbólicas, Histórias de Vida e Narrativas*. Disponível em: [ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/download/1569/2005](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/download/1569/2005). Acessado em 28/04/2011.

CIDADE NUENS, Plácido. *Patativa e o universo fascinante do sertão*. Fortaleza – Ceará: Fundação Edson Queiroz – Universidade de Fortaleza, 1995.

CORDEL, Abaeté do. *Jesuíno Brilhante, o cangaceiro do Rio Grande do Norte*. Editora (n/c), ano 2006.

CORDEL, Academia Brasileira de Literatura de. Disponível em [www.onordeste.com](http://www.onordeste.com). Acessado em 22 de outubro de 2014.

CORMIER, Hubert Jean-François. *O conceito de tradição em Josef Pieper*. Disponível em [periodicos.ufpb.br](http://periodicos.ufpb.br) > Capa > v. 7, n. 1 (2010) > Cormier. Universidade de Brasília – UNB, Acesso em 07 de janeiro de 2014.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

CUNHA, Eneida. *Literatura comparada e estudos culturais*. In Limiares Críticos, org. MARQUES, Reinaldo & BITTEENCOURT, Gilda Neves. Belo Horizonte: Autêntica editora, 1998.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

CURRAN, Mark J. *A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Retrato do Brasil em Cordel*. Cotia, São Paulo: Atelié Editorial, 2011.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A camponesa e o príncipe encantado*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os dois amigos leais*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2001.

DEBS, Sylvie. *Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste*. São Paulo: Hedra, 2007.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: MEC/DAC, Campanha Defesa do Folclore, 1976. 38 p. il. (Cadernos de folclore, 2)

\_\_\_\_\_. *Literatura Popular em Verso - Estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

DOURADO, Gustavo. *Cordel: do sertão à contemporaneidade*. Disponível em <http://www.cordelcampina.cgonline.com.br>. Acessado em 13 de outubro de 2012.

DURHAN, Eunice Ribeiro. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1973.

ESTADÃO.com.br. *Onde encontrar Literatura de Cordel em São Paulo*. Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/curiosidade/onde-encontrar-literatura-de-cordel-em-sao-paulo/>, 10/12/2011. Acessado em 18/12/2013.

FABRINI, Fábio; SALOMON Marta. *Líder peemedebista usou Dnocs para manter obra superfaturada no RN*. Brasília. Disponível em: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br). Acessado em 09 de fevereiro de 2012.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1980.

FARIAS, José Airton de. *Encontro de Padre Cícero com Lampião*, 1998. In Ceará em Fotos e Histórias. Disponível em <http://cearaemfotos.blogspot.com.br/2011/01/o-encontro-de-padre-cicero-com-lampiao>.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1979.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREIRE, Gilberto. *NORDESTE: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1951.

GALDINO, Carlisson. *Cordel do Software Livre*. Arapiraca, Alagoas. Disponível em: <http://arapiracalegal.wordpress.com/artistas-arapiraquenses/cordeis-carlisson-galdino/>. Acessado em 18 de junho de 2013.

GASPAR, Lúcia. *Literatura de Cordel*. Fundação Joaquim Nabuco: Disponível em [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=305&Itemid=191](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=305&Itemid=191). Acessado em 15/02/2013.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: editora Ática, 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro DP&A. 2004. p. 7-97.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Mirador Internacional - Companhia Melhoramentos, 1976.

KLÉVISSON VIANA, Antônio. *Cordel: introdução e seleção José Neumane*. São Paulo: Hedra, 2007.

LACLAU, Ernesto. *A política e os limites da modernidade*. In HOLLANDA, Heloísa B. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 127-149.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na Literatura de cordel*. São Paulo: Ed. Moderna, 1982. (1ª Edição 1973).

LIMA, Silvino Pirauá de. *História do capitão do navio*. In MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980).

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1926.

\_\_\_\_\_. *A voz dos Poetas*. Rio de Janeiro: FCRB, 1984. Literatura popular em verso.

LUYTEN, Joseph Maria. *A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. *O que é Literatura Popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Migração no Brasil: estórias de retirantes*. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD/article/view/281>. Cad. Est. Soc. v. 6, n. 2, P. 233-266, jutidez, 1990. Acessado em 19 de setembro de 2011.

MARANHÃO, Liedo. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1981.

MAXADO, Franklin *O cordel televisivo: Futuro, presente e passado da Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Editora Codecri Ltda, 1984.

\_\_\_\_\_. *Cordel*: Franklin Maxado. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

MEDEIROS, Walter. *Versos sofridos para um açude triste*. Disponível em <http://www.rnsites.com.br/cordeis-acude>. Acessado em 28 de maio de 2011.

MENDES, Simone de Paula dos Santos. *Um estudo da argumentação em cordéis midiáticos: da enunciação performática à construção discursiva da opinião*. Disponível em [www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/.../1058d.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/.../1058d.pdf), 2011. Acessado em 15 de março de 2012.

MENEZES, Djacir. *O Outro Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Artenova Ltda, 1970.

MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MONTEIRO, Manoel. *Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente*. Disponível em <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/litcord/litcord59624>. Acessado em 15 de abril de 2011.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. *Interfaces 5: Literatura de Cordel*. Disponível em: <http://www.viverasblogscidades.blogspot.com>. de 2010. Acessado em 02 de agosto de 2011.

NASCIMENTO, Varneci. *Visita de Lampião a Padre Cícero no céu*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2010.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em [ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919610-ARQ/919610\\_5](http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919610-ARQ/919610_5). PD. Acessado em 26 de setembro de 2007.

NETO, José Duda. *Todo Nordeste entristece quando há seca no sertão*. Rio de Janeiro: Centro de Literatura de Cordel da Casa de Cultura São Saruê-convênio com a Fundação Rio – Arte. (s/ d).

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A, 1981.

PEREGRINO, Umberto. *Literatura de Cordel em discussão*. Rio de Janeiro: Presença/ FJA, 1984.

PERON, João. *Ronaldo e os três travestis pense numa putaria...* Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u649778.shtml>. Acessado em 29 de outubro de 2012.

PINHEIRO, Henrique César. *Homenagem à pequena Isabela*. <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10698&cat=Cordel>. Acessado em 16/ 06/2008.

PINHEIRO, Luís da Costa. *História do boi mandingueiro e o cavalo misterioso*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

PIRAUÁ DE LIMA, Silviano. *História do capitão do navio*. In MEYER, M. *Autores de Cordel: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

*POÉTICAS DA ORALIDADE: estudos de literatura brasileira contemporânea* (org.) Brasília: Editora Horizonte, 2010.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os cangaceiros*. São Paulo: Livraria Duas Cidades Editora, 1977.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1982.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.

RESENDE, Viviane de Melo. *A representação da infância em situação de rua na literatura de cordel brasileira: uma análise discursiva crítica*. In *Discurso e Sociedad*, Vol. 1 (2), Universidade de Brasília: Copyright, disponível em [www.dissoc.org](http://www.dissoc.org), 2007. Acessado em 25 de outubro de 2007.

\_\_\_\_\_. *Literatura de Cordel: uma aproximação etnográfica ao gênero*. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/137.pdf>, Universidade de Brasília, 2008. Acessado em 02/12/2008.

REZENDE, José Camelo de Melo. *O Romance do Pavão Misterioso*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP: 2001.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Tradição e Modernidade*. Disponível em [bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-tradicao-modernidade](http://bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-tradicao-modernidade). Acessado em 05 de janeiro de 2014. Universidade Nova Lisboa, 1997.

ROMERO, Silvio. *Cantos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1954.

\_\_\_\_\_. *Cantos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1954.

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Secretaria da Educação e Cultura, 1977. (1ª Edição 1888)

SANTOS, Antonio Teodoro dos. *João Soldado, o valente praça eu meteu o diabo num saco*. São Paulo: Editora Prelúdio Limitada, 1960.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A moça que casou 14 vezes e continuou donzela*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1993.

SANTOS, Francisca Pereira dos. *Novas cartografias no cordel e na cantoria: desterritorialização de gênero nas poéticas da vozes*. Disponível em [www.cchla.ufpb.br/www.cchla.ufpb.br/posletras/images/teses2009/Fanka.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/www.cchla.ufpb.br/posletras/images/teses2009/Fanka.pdf). Acessado em 05/02/2012.

SANTOS, Gilvan de Melo. *Escrituras nômade do cangaço: o folheto de cordel como signo motivador do cinema nas décadas de 1950 e 1960*. [www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/teses/tese\\_gilvan\\_2009.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/www.cchla.ufpb.br/proling/pdf/teses/tese_gilvan_2009.pdf). Acessado em 02 de junho de 2011.

SANTOS, José João dos. *O trem da madrugada*. Disponível em <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/agosto93/es930811.asp>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. *Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento*, Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 35. Brasília de 2010, p. 77-91.

SANTOS, Manoel Camilo dos. *Um beato pistoleiro ou o aleijado da cruz*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

SILVA DUDA, José Galdino da. *A Triste Sorte de Jovelina*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

SILVA, Expedito Sebastião da. *As diabruras de Pedro Malazartes*. In 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

SILVA, Francisco José da. *Cordéis Encantados*. Disponível em [cordelparaiba.blogspot.com/2011/04/cordeis-encantados.html](http://cordelparaiba.blogspot.com/2011/04/cordeis-encantados.html). Acessado em 05 de 2012.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *A briga do rapa com o camelô*. Local: (n. disp.), editora (n. disp.), 2004.

\_\_\_\_\_. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: editora Milart, 2005.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2005.

\_\_\_\_\_. *Volta Seca: um menino no cangaço*. Rio de Janeiro: Ed. Tipografia da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2007.

\_\_\_\_\_. *100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

\_\_\_\_ *Língua Portuguesa: técnica de escrita, retórica, gramática: ano 8, nº 85*, www.revistalingua.com.br – editora Segmento, 2012.

SILVA, Marcos Mairton da. *Uma visita inesperada*. Disponível em: www.mundocordel.blogspot.com/p/cordéis. 13 de agosto de 2007. Acessado em 18 de fevereiro de 2011.

SILVA, Minelvino Francisco da. *História do Valente João Acaba-Mundo e a Serpente Negra*. São Paulo: editora Luzeiro Ltda, 1959.

SILVA, Paulo Márcio Bernardo da. *A vorta da caristia!* Disponível em <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10693&cat=Cordel.&vinda=S.16/06/2008>. Acessado em 30 de outubro de 2008.

SILVA, Severino Borges da. *O Romance da Princesa do Mar sem Fim*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira da Literatura de Cordel, 2008.

SILVA, Wilton. *Do passado ao presente*. Disponível em: <http://culturanordestina.blogspot.com/2011/08/do-passado-ao-presente>. Acessado em 16/01/2012

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 1968.

SOARES, Jô. *Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala*. São Paulo: Veja: Editora ABRIL, 28.11.90.

SOUZA, Itamar de; MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: Uma análise das secas do Nordeste*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1983.

\_\_\_\_ *A seca do Nordeste: um falso problema*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1988.

SOUZA, José Francisco de. *Camelot e marreteiro*. Guarabira, PB: tipografia Pontes, 1982.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da Literatura de Cordel*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

\_\_\_\_ *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

SOUZA, Magna Celi Meira de. *Misticismo e Fanatismo na Literatura de Cordel*. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1977.

VAINSENER, Semira Adler & LÓSSIO, Rúbia. *Santos católicos não-canônicos no Nordeste do Brasil*. Disponível em [www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.n.s.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6467&date=currentDate,19/06/2008](http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.n.s.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6467&date=currentDate,19/06/2008). Acessado em 05 de setembro de 2008.

VIEIRA, Guaipuan. *A chegada de Lampião no Céu*. Fortaleza: Centro Cultural dos Cordelistas – Cecordel, 2005.

ANEXO



## TEXTO 01: História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso (Luiz da Costa Pinheiro)

- 01 – No Rio Grande do Norte  
 02 – havia um fazendeiro  
 03 – era muito respeitado  
 04 – pela fama do dinheiro  
 05 – criava numa fazenda  
 06 – para qualquer encomenda  
 07 – um grande Boi Mandingueiro.
- 08 – Esse boi quando corria  
 09 – segundo diz o boato  
 10 – tinha equilíbrio no corpo  
 11 – com ligeireza de gato  
 12 – por meio de forte mandinga  
 13 – corria mais na caatinga  
 14 – do que veado no mato.
- 15 – Na carreira ele arrancava  
 16 – jucá velho de miolo  
 17 – sabiá e mororó  
 18 – levava tudo no rolo  
 19 – quebrava paus com as pontas  
 20 – espedaçando as vergôntes  
 21 – caindo longe o rebolo.
- 
- 22 – Pulava montes e pedras  
 23 – com dez palmos de altura  
 24 – saltava riachos fundos  
 25 – com 30 ou mais de fundura  
 26 – com asas de bacurau  
 27 – passava em galhos de pau  
 28 – com a carreira segura.
- 29 – Porém preciso dizer  
 30 – como foi seu nascimento  
 31 – para o leitor amigo  
 32 – ter melhor conhecimento  
 33 – sem afastar-se da verdade  
 34 – descrevo a fatalidade  
 35 – sem fantasia e aumento.
- 36 – Era o capitão Monteiro  
 37 – o dono do boi falado  
 38 – no Rio Grande do Norte  
 39 – era o mais respeitado  
 40 – tinha cinco mil cabeças  
 41 – além de outras remessas  
 42 – entre animais e gados.
- 
- 43 – Esse tinha uma vaca  
 44 – chamada Endiabrada  
 45 – a qual fez muito vaqueiro  
 46 – voltar de mala arrastada  
 47 – seu nome imortalizou  
 48 – morreu e nunca encontrou  
 49 – quem pegasse na rabada.
- 50 – Estava quase caduca  
 51 – e nunca tinha parido  
 52 – tanto que o fazendeiro  
 53 – vivia dela esquecido  
 54 – não fazendo conta dela  
 55 – talvez pensando que ela  
 56 – até tivesse morrido.
- 57 – Um dia o fazendeiro  
 58 – a dita vaca encontrou  
 59 – com o bucho muito grande  
 60 – admirado ficou  
 61 – vendo a vaca amojada  
 62 – com a pança muito inchada  
 63 – dela muito caçou.
- 
- 64 – Aí mandou um vaqueiro  
 65 – pegar a Endiabrada  
 66 – então mandou botar nela  
 67 – no cercado da Rajada  
 68 – e não se descuidasse dela:  
 69 – Tenha cuidado com ela  
 70 – daqui para a madrugada.
- 71 – Dissera então o vaqueiro:  
 72 – pegarei aquele cão  
 73 – que vaqueiro nunca teve  
 74 – o gosto de pôr-lhe a mão  
 75 – mas como essa danada  
 76 – está com a pança inchada  
 77 – talvez não faça ação.
- 78 – Adiante encontrou-a  
 79 – numa sombra descansando  
 80 – então botou-a na frente  
 81 – e ela saiu andando  
 82 – fingindo fazer afrontas  
 83 – cavando o chão com as pontas  
 84 – como novinho marrando.
- 
- 85 – Meditava o vaqueiro  
 86 – levando a Endiabrada  
 87 – dizendo no pensamento:  
 88 – o filho desta danada  
 89 – se ela não abortar  
 90 – se acaso se criar  
 91 – é pra fazer palhaçada.
- 92 – No outro dia seguinte  
 93 – a vaca tinha parido  
 94 – um bezerro muito gordo  
 95 – preto, retinto, nutrido  
 96 – porém a Endiabrada  
 97 – no chão morta estirada  
 98 – do parto tinha morrido.
- 99 – Quando o vaqueiro chegou  
 100 – encontrou ele mamando  
 101 – ela ali morta já dura  
 102 – e ele ainda puxando  
 103 – voltou então o vaqueiro  
 104 – como uma flecha, ligeiro  
 105 – a história foi contando.
- 
- 106 – O fazendeiro lhe disse:  
 107 – leve a vaca Lobisomem  
 108 – amamente o bezerrinho  
 109 – não deixe morrer de fome  
 110 – não vá descuidar-se dele  
 111 – tome cuidado com ele  
 112 – enquanto o bichinho come.
- 113 – Afinal levou a vaca  
 114 – o bezerrinho aceitou  
 115 – mamava nela, porém  
 116 – nunca a ela acompanhou  
 117 – com um mês amamentando  
 118 – por ser ele o culpado.  
 119 – a lobisomem o enjeitou.
- 120 – Ele berrava com fome  
 121 – sem ela deixar mamar  
 122 – revoltou-se contra ela  
 123 – fez ela a força deixar  
 124 – depois que ele mamou  
 125 – os peitos dela arrancou  
 126 – para melhor se vingar.
- 
- 127 – A vaca ficou doente  
 128 – ali de úbere inchado  
 129 – o bezerro foi embora  
 130 – daquele mesmo cercado  
 131 – o vaqueiro foi na batida  
 132 – achou o lugar da saída  
 133 – por onde tinha passado.
- 134 – O vaqueiro então contou  
 135 – a mesma verdade pura  
 136 – que ele pulou a cerca  
 137 – que era alta e segura  
 138 – somente pra botar bicho  
 139 – feita mesmo a capricho  
 140 – com 12 palmos de altura.
- 141 – O vaqueiro foi atrás  
 142 – mas nem o rastro encontrou  
 143 – parece que criou asas  
 144 – e neste dia voou  
 145 – diz o vaqueiro zangado:  
 146 – parece que o danado  
 147 – o demônio carregou.

- 148 – Um certo dia o vaqueiro  
 149 – andando a se distrair  
 150 – ouviu em uma floresta  
 151 – um grande touro mugir  
 152 – no meio do esquisito  
 153 – ele achou tão bonito  
 154 – que foi de perto ouvir.
- 155 – Adiante encontrou  
 156 – um touro preto e pontudo  
 157 – com as pontas amarelas  
 158 – pretinho como veludo  
 159 – de corpo agigantado  
 160 – nos quatro pés perfilado  
 161 – olhando bem carrancudo.
- 162 --Credo! Disse o vaqueiro  
 163 – sentindo uma comoção  
 164 – um touro desta espécie  
 165 – eu nunca vi no sertão  
 166 – com chifres descomunais!...  
 167 – Conheceu pelos sinais  
 168 – ser o mesmo barbatão.
- 169 – Assombrou-se quando viu  
 170 – aquele touro pontudo  
 171 – em cerca de 20 léguas  
 172 – ele conhecia tudo  
 173 – era impossível que houvesse  
 174 – fazendeiro que tivesse  
 175 – um só garrote orelhudo.
- 176 – Botou o cavalo nele  
 177 – para ver se o pegava  
 178 – desembestou a correr  
 179 – parecendo eu voada  
 180 – porém o Boi Mandingueiro  
 181 – tinha o corpo tão ligeiro  
 182 – que só o chôto ocupava.
- 183 – Pisava em cima de tudo  
 184 – nada lhe embarçava  
 185 – moitas grandes de mofumbo  
 186 – no peito ele levava  
 187 – pau darco e juazeiro  
 188 – jurema preta e pereiro  
 189 – com as pontas arrancava.
- 190 – Dando cem, duzentas braças  
 191 – de distância ao vaqueiro  
 192 – revirando paus e pedras  
 193 – com o corpo tão ligeiro  
 194 – parecendo Ferrabraz  
 195 – em vez dele, satanás  
 196 – correndo no tabuleiro.
- 197 – Volta o vaqueiro doente  
 198 – e o cavalo cansado  
 199 – foi dizer ao patrão  
 200 – o que tinha se passado  
 201 – disse o amo assim a ele:  
 202 – puxa a vaca mãe dele  
 203 – que soube dar o recado.
- 204 --Vá à fazenda Angico  
 205 – chamar Francisco Feitosa  
 206 – chame também Catarino  
 207 – e José Torres da Rosa  
 208 – diga a ele que me traga  
 209 – amanhã em hora vaga  
 210 – a bêsta velha velha gulosa.
- 211 – Prontos, chegaram todos  
 212 – cada qual mais afamado  
 213 – pra derribarem o boi  
 214 – vinham de plano formado  
 215 – disse ali o capitão:  
 216 – inda o boi sendo o cão  
 217 – eu quero vê-lo pegado.
- 218 – Quando chegaram no mato  
 219 – encontraram o Mandingueiro  
 220 – naquele mesmo lugar  
 221 – que encontrou o vaqueiro  
 222 – com a frente para o norte  
 223 – deu um mugido tão forte  
 224 – que zuou no tabuleiro
- 225 – Correndo no mesmo chôto  
 226 – dos vaqueiros caçoando  
 227 – duzentas, trezentas braças  
 228 – ia na frente deitando  
 229 – rompendo forte madeira  
 230 – depois só viram o poeira  
 231 – ele no meio pulando.
- 232 – Disse Francisco Feitosa:  
 233 – é asneira pelejar  
 234 – esse boi é o demônio  
 235 – que consegue nos tentar  
 236 – nada se pode fazer  
 237 – voltemos, vamos dizer  
 238 – que não podemos pegar.
- 239 – Voltaram então os vaqueiros  
 240 – e disseram ao patrão:  
 241 – o boi não há quem pegue  
 242 – parece uma maldição  
 243 – não corre, sai choteando  
 244 – dos vaqueiros caçoando  
 245 – faz a pintura do cão.
- 246 – Disse o vaqueiro Zé Torres:  
 247 – furei a bêsta Gulosa  
 248 – este saiu como um raio  
 249 – em noite tempestuosa  
 250 – porém o boi velho é osso  
 251 – correndo no mato grosso  
 252 – não é de graça nem prosa.
- 253 – Aquele nasceu dotado  
 254 – para no mato correr  
 255 – com tanta velocidade  
 256 – que nem a sombra se vê  
 257 – vaqueiro vai comer ruim  
 258 – cavalos bons terão fim  
 259 – se forem com ele mexer.
- 260 – Dissera o fazendeiro:  
 261 – vá à fazenda Ingá  
 262 – chamar Chico Vitorino  
 263 – Pedro José Carcará  
 264 – não é cousa de segredo  
 265 – diga que amanhã bem cedo  
 266 – com urgência venham cá.
- 267 – No outro dia chegaram  
 268 – na fazenda do patrão  
 269 – Prontos estamos, coronel  
 270 – à sua disposição;  
 271 – mandou-os logo o fazendeiro  
 272 – pegar o Boi Mandingueiro  
 273 – eles disseram: pois não.
- 274 – Enfim dos outros vaqueiros  
 275 – eles fizeram caçoada  
 276 – então murmuraram os outros:  
 277 – vão também na enxurrada  
 278 – o boi é onça no pasto  
 279 – vocês só pegam o rasto  
 280 – voltam de mala arrastada.
- 281 – Profere Chico Feitosa:  
 282 – há muito que sou vaqueiro  
 283 – tenho derrubado boi  
 284 – que dizem ser feiticeiro  
 285 – como aquele maioral  
 286 – eu nunca vi animal  
 287 – do mocotó tão ligeiro.
- 288 – Disse Pedro Carcará:  
 289 – vocês não campeam bem  
 290 – eu agora vou mostrar  
 291 – se o danado não vem  
 292 – pra isso não peço arrego  
 293 – meu cavalo Ferro-e-Fogo  
 294 – nunca respeitou ninguém.
- 295 – Meu cavalo Ferro-e-Fogo  
 302 – Com cem metros de carreira  
 309 – Quando chegaram no mato

- 296 – uma vez no tabuleiro  
 297 – eu vinha até descuidado  
 298 – encontrei um capoeiro  
 299 – naquele mesmo flagrante  
 300 – dei um grito de alevante  
 301 – já vi cavalo ligeiro!
- 303 – eu arrastei o veado  
 304 – matei o bicho de queda  
 305 – e fui comê-lo guisado  
 306 – para casa morto foi  
 307 – garanto que esse boi  
 308 – hoje mesmo vai pegado.
- 310 – o boi estava malhando  
 311 – debaixo duma jurema  
 312 – foi logo se levantando  
 313 – botaram o cavalo nele  
 314 – só viram o vulto dele  
 315 – quinhentos metros distando.
- 
- 316 – Carcará velho atrás dele  
 317 – desembestou a correr  
 318 – no cavalo Ferro-e-Fogo  
 319 – já vendo a hora morrer  
 320 – sem receio de desgraça  
 321 – escureceu de fumaça  
 322 – mas sem o fogo acender.
- 323 – De carreira enfiada  
 324 – horrivelmente corria  
 325 – no cavalo Ferro-e-Fogo  
 326 – que a terra estremecia  
 327 – naquela bruta carreira  
 328 – do boi só via a poeira  
 329 – subindo na ventania.
- 330 – Correu mais de duas léguas  
 331 – rompendo forte madeira  
 332 – vendo só na frente dele  
 333 – um redemoinho de poeira  
 334 – o boi danado correndo  
 335 – então ficou conhecendo  
 336 – que não era brincadeira.
- 
- 337 – Oh! Que boi endiabrado  
 338 – sai apenas choteando  
 339 – porém numa ligeireza  
 340 – que parece ir voando  
 341 – é o diabo que o segue  
 342 – este não há quem o pegue!...  
 343 – Volta o Carcará chorando.
- 344 – Volta Pedro Carcará  
 345 – o boi no mato ficou  
 346 – aí dos outros vaqueiros  
 347 – grande vaia ele levou  
 348 – porque era farofeiro  
 349 – ali mesmo o fazendeiro  
 350 – dele muito caçouou.
- 351 – Disse Pedro Carcará:  
 352 – a coisa assim não vai boa  
 353 – os senhores bem que sabem  
 354 – que não sou vaqueiro à tôa  
 355 – quem me conhece assegura  
 356 – que ele é boi em figura  
 357 – mas o diabo em pessoa.
- 
- 358 – Correu a fama no mundo  
 359 – desse boi endiabrado  
 360 – viera então da Bahia  
 361 – um vaqueiro afamado  
 362 – pegar o Boi Mandingueiro  
 363 – que era forte e ligeiro  
 364 – para ser patenteado.
- 365 – O vaqueiro era mulato  
 366 – moço e bem carrancudo  
 367 – de cabelos cacheados  
 368 – bigode grande e felpudo  
 369 – tendo na fala um defeito  
 370 – zarolho do olho direito  
 371 – era quase tartamudo.
- 372 – Quando o fazendeiro viu  
 373 – a figura do mulato  
 374 – disse: o boi agora vem  
 375 – este cabra não é pato  
 376 – este cabra é danado  
 377 – está acostumado  
 378 – derrubar gado no mato.
- 
- 379 – Outros diziam: este cabra  
 380 – parece ser feiticeiro  
 381 – pode ficar na certeza  
 382 – que este é verdadeiro  
 383 – nos mostra a experiência  
 384 – é só quem tem competência  
 385 – de pegar o Mandingueiro.
- 386 – Outros diziam ao contrario:  
 387 – O boi não e brincadeira  
 388 – ele vem rimar vergonha  
 389 – correndo na capoeira  
 390 – depois de correr no campo  
 391 – tem que voltar com sarampo  
 392 – e a sarna comedeira.
- 393 – Outro dizia sorrindo:  
 394 – ele é podre até de fala  
 395 – fala tartamudeando  
 396 – parece que se entala  
 397 – pois este ainda não foi  
 398 – pensará que pega o boi  
 399 – em vez dele pega a mala.
- 
- 400 – O cavalo era cardão  
 401 – tamanho demasiado  
 402 – grande corpo franzino  
 403 – forte e bem enrascado  
 404 – denominado “Relampo”  
 405 – era uma águia no campo  
 406 – na arte de pegar gado.
- 407 – Perguntaram: de onde vens?  
 408 – disse ele: da Bahia  
 409 – eu vim aqui porque soube  
 410 – que a vossa senhoria  
 411 – tem um boi agigantado  
 412 – que dizem ser endiabrado  
 413 – e que morre em demasia.
- 414 – Diz o capitão: sim senhor  
 415 – é um boi estuporado  
 416 – não corre, sai choteando  
 417 – em um chôto tão danado  
 418 – que o vaqueiro não pega  
 419 – quem corre atrás, arrenega  
 420 – traz tudo atormentado.
- 
- 421 – Amanhã muito cedinho  
 422 – o senhor pode mandar  
 423 – uma pessoa comigo  
 424 – pra esse boi me mostrar?  
 425 – Nesta vida não sou cego  
 426 – só creio que não o pego  
 427 – quando me desenganar.
- 428 – No outro dia certinho  
 429 – saíram com o vaqueiro  
 430 – adiante encontraram  
 431 – o Boi Mandingueiro  
 432 – disse o mulato em cochicho:  
 433 – parece que este bicho  
 434 – tem o mocotó ligeiro!
- 445 – O referido vaqueiro  
 446 – chamava-se Zé Tomás  
 447 – infeliz do barbatão  
 448 – que ele corresse atrás  
 449 – porque o cavalo dele  
 450 – correndo montado nele  
 451 – pegava até sataná.
- 
- 452 – No boi estava escrito  
 453 – eu sou o boi Urutuba  
 454 – para correr na floresta  
 455 – na caatinga sou cotuba  
 456 – todos conhecem este fato
- 459 – Aí numa desfilada  
 460 – desembestou a correr  
 461 – dentro da caatinga bruta  
 462 – fazendo a terra tremer  
 463 – em cima da pedra dura
- 466 – Pulando montes de pedra  
 467 – com descomunal altura  
 468 – passava em ganchos de pau  
 469 – sem reparar a grossura  
 470 – grande fumaça soltando

457 – o seu cavalo é um pato	464 – com a carreira segura	471 – quinhentos metros distando
458 – e você não me derruba.	465 – se ouvia o casco bater.	472 – ao vaqueiro ventura.
.....		
473 – Correu mais de duas léguas	480 – Zé Tomás deixou-morto	487 – Na casa do fazendeiro
474 – o cavalo enfraqueceu	481 – não quis trazer nem a sela	488 – ele a história contou
475 – ficou todo afrontado	482 – quase morto de cansado	489 – dormiu porém não comeu
476 – dessa carreira que deu	483 – batendo muito a moela	490 – no outro dia arribou
477 – quando apeou-se da sela	484 – para um vaqueiro afamado	491 – ficou com tanta vergonha
478 – estourou dentro a moela	485 – muito pegador de gado	492 – e esta foi tão medonha
479 – caiu no chão e morreu.	486 – cair em tal esparrela.	493 – que nunca mais campeou.
.....		
494 – Dia então o fazendeiro:	501 – Corre a notícia no mundo	508 – Gato, cachorro e urubu
495 – o vaqueiro que pegar	502 – e toca chegar vaqueiro	509 – chegavam todos encourados
496 – ganha dez contos de réis	503 – com o intuito de casar	510 – para pegar esse boi
497 – na espécie que desejar	504 – com a filha do fazendeiro	511 – chegavam todos animados
498 – terá mais a maravilha	505 – naquela vida risonha	512 – viúvos velhos dementes
499 – pois darei a minha filha	506 – só iam sofrer vergonha <sup>513</sup>	– que não tinham mais os dentes
500 – para com ele casar.	507 – correndo no tabuleiro.	514 – pela moça apaixonados.
.....		
515 – Tinha um tal Victoriano	522 – Meu cavalo Pensamento	529 – Disse Antonio Benvenuto:
516 – um cavalo alazão	523 – nunca botou boi no mato	530 – o meu cavalo rucinho
517 – vaqueiro velho de fama	524 – e nem precisou de esporas	531 – para correr na caatinga
518 – em todo aquele sertão	525 – ele é veloz como gato	532 – nunca temeu a espinho
519 – pegou contar pabulagem	526 – todos são conhecedores	534 – pra correr não dá cavaco
520 – mostrando grande vantagem	527 – que bois velhos corredores	535 – corre dentro de buraco
521 – ali presente ao patrão.	528 – nas unhas deles são patos	536 – como no meio do caminho.
.....		
537 – Respondeu José Brejeiro:	544 – Diz Pedro Sebastião:	551 – Disse Neco Bacurau:
538 – meu cavalo Bolandeira	545 – o meu cavalo Suvela	552 – o meu cavalo Visão
539 – nunca encontrou correndo	546 – corre dentro da caatinga	553 – corre dentro de buraco
540 – boi de canela ligeira	547 – sem arranhar a canela	554 – sem dar um só entropicão
541 – nada posso duvidar	548 – muitas vezes tem deixado	555 – boi bravo, vaca maninha
542 – inda posso encontrar	549 – boi velho estuporado	556 – tudo tem sorte mesquinha
543 – uma vez sendo a primeira.	550 – no chão fazendo barrela.	557 – derrubo e boto no chão.
.....		
558 – Horácio Raposa disse:	565 – Clemente Juriti disse:	572 – Benvindo de Souza disse:
559 – meu cavalo Capivara	566 – o meu cavalo Veado	573 – o meu cavalo Traíra
560 – tem o fiel da balança	567 – nunca foi ao campo	574 – nunca correu na caatinga
561 – que nunca roubou a tara	568 – para não dá o recado	575 – para me deixar na tira
562 – para correr está só	569 – barbatão de pé de serra	576 – se agachava como peba
563 – correndo, nunca um cipó	570 – na frente dele só berra	577 – corre dentro da cambeba
564 – pode arranhar minha cara.	571 – depois de está amarrado.	578 – chique-chique e macambira.
.....		
579 – Respondeu Martim Piaba:	586 – Anselmo Trajano:	593 – Diz Galdino Sanharão:
580 – meu cavalo Sarapó	587 – o meu cavalo Floresta	594 – o meu cavalo Corisco
581 – desgraçado é o boi	588 – quando corre atrás do gado	595 – se não fizer o que eu digo
582 – que ganhar-lhe o mocotó	589 – parece que desembesta	596 – a própria vida eu arrisco
583 – quando dou um arrastão	590 – inda o boi sendo brado	597 – pegou o boi furacão
584 – cai mais ligeiro no chão	591 – se eu pegar-lhe no rabo	598 – mesmo no pé do mourão
585 – do que preá no quichó.	592 – está comigo de testa.	599 – que morreu lá no aprisco.
.....		
600 – Murmurou Félix Pachêco:	607 – Disse Aleixo Pintado:	614 – Tudo contava vantagem
601 – o meu cavalo Urano	608 – meu cavalo Pirilampo	615 – ninguém por baixo ficava
602 – para pegar boi no mato	609 – é uma cobra bravia	616 – cada qual o mais esperto
603 – criou nos ossos tutano	610 – quando se estira no campo	617 – tudo ali se pabulava
604 – se houve gente que aguenta	611 – tem mais força que um mouro	618 – na filha do fazendeiro
605 – desembaraçadamente	612 – é um trovão de estouro	619 – e no grande Boi Mandingueiro
606 – na caatinga corre um ano.	613 – é fásca de relâmpago.	620 – só era em que se falava.
.....		

- 621 – Tudo chegava arrufando  
622 – com um gracejo risonho  
623 – querendo pegar o boi  
624 – naquela ilusão ou sonho  
625 – sempre chegavam sorrindo  
626 – e quando iam saindo  
627 – era um momento tristonho.
- 628 – A filha do fazendeiro  
629 – a formosa Leonor  
630 – era uma moça branca  
631 – mais linda que uma flor  
632 – tinha um primor profundo  
633 – abismava todo mundo  
634 – a filha desse senhor.
- 635 – Com 15 anos de idade  
636 – tendo formosa grossura  
637 – tranças louras, olhos azuis  
638 – de cor celeste bem pura  
639 – lábios finos bem corados  
640 – pequeninos nacarados  
641 – com sublime formosura.
- 
- 642 – Agora, ilustre amigos  
643 – deixemos o anjo formoso  
644 – vamos falar em Genésio  
645 – e no Cavalo Misterioso  
646 – mais veloz do que um gato  
647 – que para correr no mato  
648 – era também perigoso.
- 649 – Havia no Piauí  
650 – um velho também vaqueiro  
651 – a quem o povo chamava  
652 – o velho catimbozeiro  
653 – diziam que no sertão  
654 – pegava até barbatão  
655 – correndo no tabuleiro.
- 656 – Tinha uma bêsta velha  
657 – chamava Misteriosa  
658 – era em quem ele pegava  
659 – boi de fama espantosa  
660 – o cavalo de fiança  
661 – que correndo nunca cansa  
662 – em quem sustentava a prosa.
- 
- 663 – Estava quase caduca  
664 – e nunca tinha parido  
665 – o velho aposentou ela  
666 – vivia dela esquecido  
667 – cheia de mofo e gafeira  
668 – e a sarna roedeira  
669 – pensava já ter morrido.
- 670 – Um dia casualmente  
671 – encontrou a Misteriosa  
672 – com um bucho muito grande  
673 – gorda e muito formosa  
674 – ele era engraçado  
675 – ficando admirado  
676 – disse com ela uma prosa.
- 677 – No tempo da mocidade  
678 – nunca me deste um poldrinho  
679 – agora depois de velha  
680 – queres me dar um bichinho?  
681 – Só quero que seja esperto  
682 – e corra mais no deserto  
683 – do que mesmo passarinho.
- 
- 684 – Pegou a bêsta e levou  
685 – e botou-a no cercado  
686 – à meia-noite pariu  
687 – um poldro bem encascado  
688 – preto da cor de carvão  
689 – tenho um sino-salomão  
690 – no peito, bem encarnado.
- 691 – Com a crina amarela  
692 – a cauda da mesma cor  
693 – disse o vaqueiro sorrindo:  
694 – que animal de valor!  
695 – Não se vê uma costela  
696 – dá um cavalo de sela  
697 – que não há superior.
- 698 – O velho com muito gôsto  
699 – ensinou-o a campear  
700 – touro velho orelhudo  
701 – que não podiam pegar  
702 – davam a ele de meia  
703 – no barro duro ou na areia  
704 – não podia escapar.
- 
- 705 – O velho dava de graça  
706 – a pessoa que montasse  
707 – no cavalo Misterioso  
708 – a com espora furasse  
709 – e o bicho que correndo  
710 – no mato bruto tremendo  
711 – que com ele não pegasse.
- 712 – Por desventura, o velho  
713 – adoeceu de sezão  
714 – conhecendo que morria  
715 – chamou o filho atenção  
716 – ali soltando um gemido  
717 – disse: faça-te um pedido  
718 – filho do meu coração.
- 719 – -Você se acaso ficar  
720 – pobre e necessitado  
721 – venda a casa, venda a terra  
722 – se arrimeie com o gado  
723 – mas o cavalo não venda  
724 – pois ele é uma prenda  
725 – de valor mais sublimado.
- 
- 726 – -Não empreste a ninguém  
727 – o cavalo nem a sela  
728 – faça todo impossível  
729 – para não se dispor dela  
730 – ela em cima do cavalo  
731 – satanás se provocá-lo  
732 – você derruba com ela.
- 733 – -Esta sela eu herdei  
734 – do finado meu avô  
735 – que ele tinha herdado  
736 – do velho seu trisavô  
737 – junto da Boa Esperança  
738 – recebeu como esperança  
739 – dum tio do bisavô.
- 740 – -O velho meu trisavô  
741 – chamava-se Zé Tiúca  
742 – no dia que se danava  
743 – que bolia na combuca  
744 – ali quase ao pôr do sol  
745 – pegava alma de anzol  
746 – lobisomen de arapuca.
- 
- 747 – -O pai do meu trisavô  
748 – chamava-se Afonso Bojo  
749 – quando estava danado  
750 – levava tudo de arrojo  
751 – na terra e no espaço  
752 – pegava caipora de laço  
753 – mula de padre de fojo.
- 754 – -Foi feita mesmo a capricho  
755 – de couro de lobisomen  
756 – fantasma, mula de padre  
757 – bichos que vivem e não comem  
758 – é rainha da floresta  
759 – outra da espécie desta  
760 – não fará mais outro homem.
- 761 – Com esta sela o cavalo  
762 – corre mais do que o vento  
763 – se por acaso açoitá-lo  
764 – passa do regulamento  
765 – digo com sinceridade  
766 – tem tanta velocidade  
767 – que passa do pensamento.
- 
- 768 – -Quando você montar ele  
769 – precisa sempre ter medo  
770 – cuidado quando montar-se  
771 – pois não gosta de brinquedo
- 775 – -Além destas conseqüências  
776 – ele é cheio de mania  
777 – fica magro na espinha  
778 – da meia-noite pro dia
- 782 – Morreu o velho vaqueiro  
783 – então Genésio ficou  
784 – com o cavalo de campo  
785 – a alguém nunca emprestou

772 – ele é misterioso	779 – tanto que quem não conhece	786 – boi velho do Piauí
773 – além disso é perigoso	780 – vendo isto esmorece	787 – virou cágado jaboti
774 – carrega oculto o segredo.	781 – e muito até desconfia.	788 – nunca mais se pabulou.
.....		
789 – Na capa daquela sela	796 – Achou também uma cruz	803 – Um cordão de S. Francisco
790 – ele achou um Sto. Antônio	797 – inda de Frei Serafim	804 – em um pano embrulhado
791 – uma oração muito forte	798 – a qual tinha um leteiro	805 – e mais um rosário bento
792 – que espantava o demônio	799 – que se via escrito assim:	806 – tendo um crucificado
793 – um postal com 2 amantes	800 – “nesta foi onde morreu	807 – Genésio examinando
794 – ambos formosos e constantes	801 – e por nós muito sofreu	808 – disse depois suspirando:
795 – em ato de matrimônio.	802 – Nosso senhor do Bonfim”.	809 – o velho era preparado!
.....		
810 – Em casa do tal Genésio	817 – Quando o boiadeiro viu	824 – -Não senhor, é muito manso
811 – arranchou-se um boiadeiro	818 – o Cavallo Misterioso	825 – porém aqui no sertão
812 – do Rio Grande do Norte	819 – então disse assustado:	826 – boi que não foi ao curral
813 – homem sério e verdadeiro	820 – que animal valoroso!	827 – derrubo e boto no chão
814 – tendo o fato na memória	821 – Além de sua bondade	828 – se criar asas e voar
815 – lhe contou toda história	822 – demonstra a qualidade	829 – eu também subo no ar
816 – do dito Boi Mandingueiro.	823 – de ser muito perigoso.	830 – e vou com ele ao mourão.
.....		
831 – E por que você não foi	838 – Vaqueiro velho de fama	845 – Disse Genésio: de fato
832 – ao Rio Grande do Norte	839 – que é veloz como bala	846 – e esse boi é assim?
833 – pegar um boi que tem lá	840 – vai pegar o Mandingueiro	847 – Porém ele nunca viu
834 – bicho de canela forte?	841 – fica surdo e sem fala	848 – um cabra de volta ruim:
835 – Não há vaqueiro no mundo	842 – dá lá carreira medonha	849 – no mato sou revoltoso
836 – por mais que seja profundo	843 – sofre sempre a vergonha	850 – meu cavalo é perigoso
837 – para mudá-lo de sorte.	844 – arrasta por fim a mala.	851 – não há mandinga pra mim.
.....		
852 – Por hora, caros leitores	859 – Depois, no outro volume	
853 – vou fazer um paradeiro	860 – havemos de conhecer	
854 – vou descansar um pouquinho	861 – na pega do Mandingueiro	
855 – pra prosseguir no roteiro	862 – o que vai acontecer	
856 – de Genésio, o perigoso	863 – tristeza, angústia, massada	
857 – o Cavallo Misterioso	864 – prazer, amor e risada	
858 – e o grande Boi Mandingueiro.	865 – para a barriga doer.	

## TEXTO 02: O Romance da Princesa do Reino do Mar Sem Fim (Severino Borges)

- 01 – Santa musa, irmã de Apolo, 07 – A herdeira desse reino 13 – E, já por ser muito linda,  
 02 – manda um anjo querubim 08 – era uma linda donzela; 14 – um dia foi raptada  
 03 – trazer as setas poéticas 09 – chamava-se Elizabeth, 15 – da corte do seu reinado  
 04 – para auxiliar a mim, 10 – risonha, atraente e bela – 16 – por um bruxo e uma fada -  
 05 – que vou contar o romance 11 – por isso, todos os príncipes 17 – em num reino desabitado,  
 06 – do Reino do Mar-sem-Fim. 12 – queriam casar-se com ela. 18 – deixaram ela encantada.
- 
- 19 – Transformaram a linda jovem 25 – O rei, quando sentiu a falta 31 – E assim ficou o rei,  
 20 – num pé de rosa amarela 26 – de sua filha querida, 32 – neste tormento sem fim,  
 21 – no centro de um jardim, 27 – chorou copiosamente, 33 – chorando pela filhinha  
 22 – eles encantaram ela, 28 – ficou de alma abatida, 34 – o seu anjo querubim.  
 23 – pra que príncipe nenhum 29 – vendo a hora que perdia 35 – dizia ele, chorando:  
 24 – casasse com a donzela. 30 – o resto de sua vida. 36 – -Meu Deus, socorrei a mim!
- 
- 37 – Leitor, aqui deixo o rei 43 – O príncipe era forçoso, 49 – E, um dia, ele saiu,  
 38 – entregue ao desengano, 44 – valente, forte e guerreiro 50 – pra fazer uma caçada,  
 39 – para falar de um moço, 45 – e gostava de caçar 51 – porém dessa vez perdeu-se  
 40 – por nome de Adriano, 46 – por serra e despenhadeiro, 52 – numa montanha elevada -  
 41 – do Reino das Maravilhas, 47 – mas só caçava sozinho 53 – na mesma montanha havia  
 42 – filho do rei Herculano. 48 – não levava companheiro. 54 – uma cidade encantada.
- 
- 55 – Viu umas paredes velhas, 61 – Ele entrou por uma porta, 67 – Ele, que estava atacado  
 56 – como o muro dum reinado. 62 – com uma espada na mão. 68 – de fome, sede e fadiga,  
 57 – Ele, com este espetáculo, 63 – Adiante, viu uma mesa 69 – disse: -Primeiro, eu vou  
 58 – ficou atemorizado; 64 – que chamou sua atenção, 70 – botar comer na barriga -  
 59 – disse consigo:- Isto aqui, 65 – porque tinha o que quisesse 71 – depois de comer, estou pronto  
 60 – só sendo um reino encantado! 66 – pra fazer refeição. 72 – para enfrentar qualquer briga!
- 
- 73 – Quando acabou o jantar, 79 – Porém, avistou um quarto, 85 – Ele deitou-se e dormiu  
 74 – disse:- Agora eu vou também 80 – por detrás de uma cortina; 86 – naquela cama macia.  
 75 – percorrer o reino todo, 81 – no mesmo tinha uma cama 87 – quando dormia, sonhava  
 76 – para ver que gente tem! 82 – forrada com seda fina, 88 – que uma moça aparecia,  
 77 – percorreu canto por canto, 83 – com as taliscas de ouro 89 – chegava pertinho dele,  
 78 – mas não encontrou ninguém. 84 – e os espelhos de platina. 90 – por esta forma dizia:
- 
- 91 – -Oh príncipe! Por caridade, 97 – Aqui, existe um gigante 103 – Porque, matando o gigante,  
 92 – venha socorrer a mim, 98 – enviado pela fada - 104 – com a sua possante espada,  
 93 – que sou a princesa herdeira 99 – tem a minha sorte presa, 105 – verá cair uma caixa  
 94 – do Reino do Mar-sem-Fim 100 – numa caixinha guardada, 106 – de fita toda enrolada -  
 95 – porém, devido a uma fada, 101 – mas, você matando a ele, 107 – corte a fita e abra a caixa,  
 96 – estou encantada assim! 102 – eu fico desencantada! 108 – que fico desencantada.
- 
- 109 – Se você mata o gigante, 115 – E, daqui pra meia-noite, 121 – Então, o príncipe Adriano  
 110 – casar comigo eu garanto - 116 – ele chega sem demora - 122 – acordou no mesmo instante,  
 111 – e, caso não mate a ele, 117 – você se previna logo, 123 – parecendo ainda ouvir  
 112 – eu nunca me desencanto... 118 – para não passar da hora! 124 – aquela voz arrogante.  
 113 – Porém, você faça tudo 119 – E, nesse momento, a voz 125 – quando foi se levantando,  
 114 – para enxugar o meu pranto! 120 – despediu-se e foi embora. 126 – encontrou logo o gigante.
- 
- 127 – Disse o gigante:- O que faz 133 – Ali, puxou pela espada, 139 – Disse o gigante: -Bichinho,  
 128 – aqui, por este reinado? 134 – provando ser bom guerreiro, 140 – a minha volta é ruim -  
 129 – E a quem pediu licença 135 – e disse para o gigante: 141 – eu nunca encontrei um duro,  
 130 – para estar aqui deitado? 136 - -Quer ver se eu sou verdadeiro? 142 – paea eu não dar-lhe fim!  
 131 – O príncipe disse: - Gigante, 137 – bote pra cima de mim - 143 – Remexa a sua coragem,  
 132 – eu não converso fiado! 138 – vamos ver quem cai primeiro! 144 – bote pra cima de mim!
-

- 145 – O príncipe deu no gigante  
146 – um golpe tão acertado,  
147 – que o gigante não caiu,  
148 – mas ficou atarantado,  
149 – vendo lingüeta de fogo  
150 – correndo para todo o lado!
- 163 – Ele, matando o gigante,  
164 – procurou com esperteza  
165 – a caixinha e encontrou-a,  
166 – abriu-a com ligeireza -  
167 – quando abriu a dita caixa,  
168 – desencantou-se a princesa.
- 181 – Quando chegaram na praia,  
182 – sentaram-se num baixio,  
183 – debaixo de verdes ramos,  
184 – olhando pro mar bravio.  
185 – Com duas horas depois,  
186 – passou um grande navio.
- 199 – Quando o príncipe deu fé  
200 – que o navio tinha perdido,  
201 – ficou sozinho na praia  
202 – como um triste desvalido,  
203 – que anda de mundo a fora,  
204 – de sorte desprotegido.
- 217 – Ela, chegando no reino,  
218 – tomou a benção dos pais.  
219 – O rei abraçou, chorando,  
220 – com lágrimas sentimentais  
221 – e depois fez uma festa  
222 – que quase não finda mais.
- 235 – Dizia ele, chorando:  
236 - - Minha vida vai ruim,  
237 – pois eu aqui, nestes bosques,  
238 – as feras devoram a mim -  
239 – como é que chegarei  
240 – no Reino do Mar-sem-Fim?
- 253 – O moço disse consigo:  
254 - - Esta águia não é ruim!  
255 – Então, perguntou a ela,  
256 – por esta maneira assim,  
257 – se sabia aonde era  
258 – o Reino do Mar-sem-Fim.
- 271 – Adriano respondeu  
272 – à águia, nesse momento:  
273 - - Mas como é que eu posso  
274 – chegar na cada do vento?  
275 – O jeito é eu ficar aqui mesmo  
276 – nos braços do sofrimento!
- 289 – Ele falou com o vento,  
290 – com estas frases assim:  
291 - - Se o senhor conhecer,  
292 – por favor, ensine a mim
- 151 – Neste momento, o gigante  
152 – um golpe descarregou,  
153 – em cima de Adriano;  
154 – o príncipe se livrou,  
155 – e a espada do gigante  
156 – nesta hora se quebrou.
- 169 – O príncipe viu a princesa  
170 – bem no centro do jardim.  
171 – Ela chegou junto dele,  
172 – foi logo dizendo assim:  
173 - - Eu só me caso consigo  
174 – no Reino do mAr-sem-Fim!
- 187 – Eles então acenaram  
188 – e o navio encostou  
189 – perto do grande rochedo  
190 – e Elizabeth entrou  
191 – no barco. Então, Adriano  
192 - a princesa acompanhou.
- 205 – E saiu, de praia a fora,  
206 – sofrendo a maior tristeza,  
207 – atravessando o deserto  
208 – nas garras da incerteza,  
209 – só para ver se chegava  
210 – no reinado da princesa.
- 223 – Agora, vamos saber  
224 – da vida de Adriano,  
225 – que seguiu de praia a fora,  
226 – na costa do oceano,  
227 – sem saber para onde ia,  
228 – no mais cruel desengano.
- 241 – Assim, andou muitos meses,  
242 – sem descansar, noite e dia,  
243 – por dentro de grandes matas,  
244 – cordilheira e travessia,  
245 – atravessando até estreito,  
246 – ilha, golfo e serrania.
- 259 – A águia disse: - Não sei,  
260 – porém já ouvi falar  
261 – que esse reino é muito longe..  
262 – eu não posso lhe ensinar -  
263 – somente o vento é quem pode  
264 – uma explicação lhe dar.
- 277 – A águia, com pena dele,  
278 – disse: - Eu o levo, Adriano,  
279 – até a casa do vento -  
280 – nem que viaje um ano,  
281 – sem afastar-me da costa  
282 – das margens do oceano!
- 295 – O vento disse: - Eu conheço  
296 – esse reino de nobreza.  
297 – Lá agora está em festa,  
298 – que vai casar-se a princesa -
- 157 – O príncipe, muito ligeiro,  
158 – no corpo fez um volteio,  
159 – deu um golpe no gigante,  
160 – lascou-o de meio a meio -  
161 – eu creio que este foi  
162 – o golpe mais fundo e feio!
- 175 – Para chegar no meu reino,  
176 – viaja-se um ano inteiro!  
177 – Depois, foi ao quarto e trouxe  
178 – uma bolsa de dinheiro  
179 – e foram à praia procurar  
180 – algum navio passageiro.
- 193 – Adriano entrou no barco,  
194 – mas lembrou-se, nesta hora,  
195 – do dinheiro que ficou  
196 – e foi buscar sem demora -  
197 – mas, antes dele voltar,  
198 – o navio foi embora.
- 211 – E a princesa, também,  
212 – no barco dizia assim:  
213 - - Não vejo mais Adriano -  
214 – meu Deus, que será de mim?  
215 – Com um ano, ela chegou  
216 – no Reino do Mar-sem-Fim.
- 229 – Uma noite, ele estava  
230 – triste que quase desmaia.  
231 – A Lua estava muito fina,  
232 – branca que só a cambraia,  
233 – e Netuno enraivecido  
234 – quebrando a onda na praia,
- 247 – Mas, um dia, ele chegou  
248 – em uma praia esquisita.  
249 – Foi avistando uma águia  
250 – duma cor muito bonita,  
251 – que tinha escrito nas asas:  
252 – ESTA AQUÍ É TUA DITA!
- 265 – Pois o vento anda muito  
266 – e nunca fica parado -  
267 – você vá a casa dele  
268 – que será bem informado,  
269 – porque só ele é quem sabe  
270 – onde fica esse reinado.
- 283 – Ali, pegou o rapaz.  
284 – voou no mesmo momento  
285 – por cima do oceano,  
286 – abaixo do firmamento -  
287 – e, com um mês de viagem,  
288 – chegou na casa do vento.
- 301 – Inda ontem, às setes horas  
302 – da noite, passei por lá.  
303 – Admirar a sua festa,  
304 – tudo com prazer está,



- 293 – aonde ficam as terras      299 – chama-se Elizabeth,      305 – porque, daqui a três dias,  
294 – do Reino do Mar-sem-Fim!      300 – a rainha da beleza!      306 – a princesa casará.
- 
- 307 – Monta-te nas minhas costas,      313 – Nisto, Eolo, o rei do vento,      319 – Passaram a casa de Júpiter  
308 – que vou já, neste momento,      314 – levou o príncipe Adriano.      320 – e o reinado de Vênus,  
309 – deixar-te lá no reinado,      315 – Atravessou as montanhas      321 – viram as musas de Apolo -  
310 – pra veres o casamento -      316 – do Reinado de Vulcano;322 – com seis horas, mais ou menos,  
311 – porque, pra correr comigo,      317 – passou nas câs das ninfas,      323 – do Reino do Mar-sem-Fim,  
312 – só respeito o pensamento!      318 – as deusas do Oceano.      324 – foram avistando os terrenos.
- 
- 325 – O vento, então, disse ao príncipe:331 – O vento deixou o moço      337 – Estava barbudo e sujo,  
326 - - Eis aqui o tal reinado      332 – em cima de um gramado.      338 – que parecia um imundo;  
327 – que você vem à procura!      333 – Aí, Adriano ficou,      339 – a roupa toda rasgada,  
328 – aqui também têm chegado      334 – porém muito aperreado,      340 – como um triste vagabundo -  
329 – príncipes de outras nações,      335 – porque não tinha roupa      341 – só parecia um fantasma  
330 – para assistirem ao noivado.      336 – para assistir ao noivado.      342 – que saiu do outro mundo!
- 
- 343 – Tinha crescido dois palmos      349 – Porém, com tudo ele foi      355 – Ele saiu, percorrendo  
344 – a barba deste rapaz;      350 – direto para o reinado      356 – os bailes especiais,  
345 – o cabelo cresceu tanto,      351 – e, assim que lá chegou,      357 – pois apreciava muito  
346 – que dava cachos pra trás,      352 – ficou muito desconfiado,      358 – todos os portes musicais  
347 – nem mesmo a própria princesa353 – porque o povo em festa      359 – e além disso conhecia  
348 – não o conhecia mais.      354 – quase corria assombrado.      360 – sete artes liberais.
- 
- 361 – Até que chegou num baile      367 – Por crítica, lhe ofereceram      373 – Disse ele, na canção:  
362 – da mais alta realeza,      368 – um violão, nesta hora.      374 - - Senhores deste festim,  
363 – aonde estava sentada      369 – Ele, pegando no pinho,      375 – hoje aqui estão me vendo  
364 – Elizabeth, a princesa,      370 – disse: - Eu vou cantar agora      376 – barbudo e nojento assim -  
365 – se parecendo uma flor      371 – a canção de minha vida,      377 – foi para ver se chegava  
366 – do jardim da natureza.      372 – que o povo aqui ignora.      378 – no Reino do Mar-sem-Fim!
- 
- 379 – Há mais dum ano que eu      385 – Eu conheço, mas não digo,      391 – A princesa, quando ouviu  
380 – cheguei num reino encantado.386 – o nome dessa donzela...      392 – a canção de Adriano,  
381 – Lá, salvei uma donzela      387 – então, ela me jurou      393 – disse: - De fato que hoje  
382 – e por ela fui amado -      388 – que eu me casaria com ela      394 – é que completou um ano  
383 – porém ela foi-se embora      389 – e hoje completa um ano      395 – que eu te deixei sozinho  
384 – e deixou-me abandonado!      390 – que eu ando à procura dela!      396 – na beira do oceano!
- 
- 397 – Foste tu que me livraste      403 – Mas o noivo da princesa,      409 – Então, Adriano disse:  
398 – das mãos de um inimigo      404 – com isto ficou danado;      410 - -Faça lá sua defesa!  
399 – e também me arrancaste      405 – vendo que perdia a jovem,      411 – Vamos decidir nas armas,  
400 – dum tenebroso perigo -      406 – gritou, encolerizado:412 – que eu também sou de nobreza -  
401 – só posso pagar-te tudo      407 - - Ou eu caso coma princesa,      413 – o que ganhar o duelo  
402 – hoje casando contigo!      408 – ou acaba-se o reinado!      414 – casará com a princesa!
- 
- 415 – Disse a princesa: - Concordo421 – O noivo disse: - Eu aceito!      427 – Na grande luta, Adriano  
416 – esta boa opinião,      422 – Você, pra mim, não é nada!428 – gritava: - A princesa é minha!  
417 – pois do lado de Adriano      423 – Logo a princesa entregou      429 – Do jeito que venho agora,  
418 – é que está a razão -      424 – a cada príncipe a espada -      430 – brigo até com murrinha -  
419 – ele é que tem o direito      425 – então, travou-se entre eles      431 – já tomei o trem errado,  
420 – de ganhar meu coração!      426 – uma luta encarniçada.      432 – vou até o fim da linha!
- 
- 433 – O noivo disse: - Você      439 – Adriano disse: - Príncipe,      445 – Aí, deu-lhe um golpe falso,  
434 – pra mim é um moribundo!      440 – eu peso que só o trem      446 – ele caiu sem demora.  
435 – Eu enfrento até gigante -      441 – que, quando vai na carreira,      447 – Adriano ainda disse:  
436 – quanto mais um vagabundo?442 – mata e não pergunta quem -      448 - - Morreu o novo caipora!  
437 – Você vai ao fim da linha      443 – e da forma que ele faz      449 – Isto aqui é o Mar-sem-Fim,  
438 – e eu vou ao fim do mundo!      444 – eu quero fazer também!      450 – mas você findou-se agora!
- 
- 451 – A princesa, vendo isto,      457 – Da princesa Elizabeth      463 – Bom só foi para Adriano,

452 – ficou com muita alegria.      458 – o pai era o rei turpim,      464 – o príncipe que teve a dita:  
453 – mandou trajar Adriano      459 – que deu o trono a Adriano,      465 – resistiu, teve coragem,  
454 – com roupas de galhardia.      460 – perante o grande festim,      466 – ganhou princesa bonita -  
455 – Prolongou-se a grande festa,      461 – e disse: - Serás o dono      467 – Elizabeth gozou  
456 – casaram no outro dia.      462 – do Reino do Mar-sem-Fim!      468 – sua sorte tão bonita!

**TEXTO 03: História da escrava Guiomar (João Martins de Athayde)**

- 01 – Foi nos tempos do reinado  
02 – do grande Pedro Segundo  
03 – que passou-se esse episódio  
04 – de forte enredo profundo  
05 – talvez que igual a este  
06 – nunca existisse no mundo.
- 07 – Nesta época a escravidão  
08 – esta lei triste execrável  
09 – protegia sem temer  
10 – todo senhor miserável  
11 – o pobre escravo era um ser  
12 – sem prestígio, detestável.
- 13 – O senhor tinha o cativo  
14 – como uma propriedade  
15 – podia até o matar  
16 – assim tivesse vontade  
17 – viviam como animais  
18 – tratados sem piedade.
- 
- 19 – No município de Campos  
20 – havia grande fazenda  
21 – situada num vagêdo  
22 – com uma bela vivenda  
23 – era do grande senhor  
24 – Augusto Teles Varenda.
- 25 – O clarão do sol poente  
26 – todo edifício dourava  
27 – naquele grande silêncio  
28 – uma voz dolente cantava  
29 – e a triste melodia  
30 – em piano acompanhava.
- 31 – Esse som puro argentino  
32 – tão cheio de harmonia  
33 – o tom velado da cruz  
34 – a sua dor exprimia  
35 – eis as estrofes sonoras  
36 – que alguém cantando dizia:
- 
- 37 – “Como é triste viver  
38 – no jugo da escravidão  
39 – fui no lodo de arremessada  
40 – oh! Vida de maldição!  
41 – O meu duro sofrimento  
42 – tira-me até a razão.”
- 43 – “Os meus olhos são cativos  
44 – não podem de amor falar  
45 – nem a mim própria pertença  
46 – vivo num eterno penar  
47 – o meu coração escravo  
48 – não pode a ninguém amar.”
- 49 – “Antes as aves dos bosques  
50 – têm a sua liberdade  
51 – no ar livre das campinas  
52 – gorgeliam à sua vontade  
53 – só para a infeliz cativa  
54 – não existe felicidade.”
- 
- 55 – Pelas janelas abertas  
56 – aquela voz ecoava  
57 – num preludiar sublime  
58 – muito longe reboava  
59 – essa tristonha canção  
60 – era Guiomar quem cantava.
- 61 – Terminando a melodia  
62 – a jovem fica um momento  
63 – com as mãos sobre o teclado  
64 – a cismar seu pensamento  
65 – e parecia escutar  
66 – sua voz açoitada ao vento.
- 67 – A beleza da escrava  
68 – era de impressionar  
69 – dir-se-ia Vênus surgindo  
70 – dentre as espumas do mar  
71 – embora fosse singelo  
72 – o seu modesto trajar.
- 
- 73 – Olhos negros fascinantes  
74 – a tez fina e delicada  
75 – tinha a leve palidez  
76 – duma rosa desmaiada  
77 – e a escrava parecia  
78 – uma princesa encantada.
- 79 – O traje da linda escrava  
80 – era de extrema pobreza  
81 – embora fosse de chita  
82 – mas a graça e a singeleza  
83 – davam-lhe a bela altivez  
84 – duma filha da nobreza.
- 85 – Nesse momento a cortina  
86 – duma porta decerrou  
87 – e uma formosa dama  
88 – ali no salão chegou  
89 – bem perto de Guiomar  
90 – calmamente lhe falou:
- 
- 91 – -Guiomar, disse Firmina  
92 – por que estavas cantando?  
93 – E suas mãos delicadas  
94 – na jovem ela foi passando  
95 – Guiomar disse sorrindo:  
96 – a Sinhá estava escutando?
- 97 – -Não gosto, disse Firmina  
98 – que cantes essa toada  
99 – não de pensar que tu és  
100 – por teus senhores maltratada  
101 – entretanto, tens aqui  
102 – uma vida descansada.
- 103 – -És educada e formosa  
104 – pra isso Deus te ajudou  
105 – bem sabes que minha sogra  
106 – já à morte recomendou  
107 – a mim e a meu irmão  
108 – tua sorte confiou.
- 
- 109 – -Senhora, disse Guiomar  
110 – de que serve educação  
111 – e toda minha beleza  
112 – pra viver na escravidão?  
113 – São trastes de fino luxo  
114 – mas que não tem cotação.
- 115 – -Sim Guiomar, disse a moça  
116 – farei a tua vontade  
117 – eu vou falar com Augusto  
118 – pra dar tua liberdade  
119 – e alcançarás enfim  
120 – a tua felicidade.
- 121 – Nesse momento se ouviu  
122 – um tropel de cavaleiro  
123 – Firmina foi ver quem era  
124 – o que avistou primeiro  
125 – foi seu irmão Henrique  
126 – risonho e muito prazenteiro.
- 
- 127 – Henrique era estudante  
128 – e Augusto o convidou  
129 – pra ele viver na fazenda  
130 – e quando o rapaz chegou  
131 – sua irmã muito feliz  
132 – radiante o abraçou.
- 133 – No outro dia de manhã  
134 – Guiomar estava arranjando  
135 – a mobília do salão  
136 – muito baixinho cantando  
137 – e entretida não viu  
138 – que estavam lhe espreitando.
- 139 – Augusto e o belo Henrique  
140 – chegaram bem devagar  
141 – de pé ficaram algum tempo  
142 – calados a contemplar  
143 – a beleza fascinante  
144 – da cativa Guiomar.

- 145 – Augusto disse ao rapaz: 151 - -Escuta, disse o rapaz 157 - -Bravo! Disse rindo Augusto  
 146 - -Que achas dessa menina? 152 – falando para o cunhado 158 – és até inteligente  
 147 – Não parece uma andaluza? 153 – uma escrava linda assim 159 – não tenhas nisso cuidado  
 148 – Sua beleza fascina; 154 – nunca deu bom resultado 160 – tenho Guiomar somente  
 149 – Henrique disse sorrindo: 155 – periga muito a um lar 161 – como objeto de sala  
 150 - -É mais que um anjo, é divina! 156 – o deixa desmoronado. 162 – acho um adorno decente.
- 
- 163 – Nisso Firmina chegou 169 – A jovem esposa sorriu 175 – Firmina sai com Augusto  
 164 – e Henrique ficou calado 170 – e disse para o marido: 176 – muito brava conversando  
 165 – Augusto disse à esposa: 171 - -O que você prometeu 177 – Henrique se vendo só  
 166 - -Oh! Anjinho idolatrado 172 – hoje há de ser cumprido 178 – entrou na sala cantando  
 167 – sonhasse com o pássaro verde 173 – disse Augusto:-E o que foi? 179 – e foi ter com Guiomar  
 168 – do lindo bico dourado? 174 – Eu estou muito esquecido. 180 – que ainda estava arrumando.
- 
- 181 – Henrique que confiava 187– Guiomar, disse o rapaz 193 – Senhor Henrique, disse a moça  
 182 – na sua alta posição 188 – estou maravilhado 194 – no auge da impaciência  
 183 – e Guiomar sendo escrava 189 – tua figura de deusa 195 – precisa sair daqui  
 184 – tinhade dar-lhe atenção 190 – deixou-me desnordeado; 196 – deixe de tanta imprudência;  
 185 – com lábias de estudante 191 – Henrique dizia aquilo 197 – ele disse dá-me um beijo  
 186 – fez uma declaração. 192 – mas um pouco atrapalhado. 198 – anjinho da inocência.
- 
- 199 - -Guiomar! Falou Henrique 205 – Nesse momento se ouviu 211 - -Bravíssimo! Falou Augusto  
 200 – pegando na sua mão 206 – uma grande gargalhada 212 – não julguei que meu cunhado  
 201 – Solte-me! disse a escrava 207 – Henrique soltou a moça 213 – fosse assim na minha casa  
 202 – as seu esforço era em vão 208 – que estava de mão gelada 214 – um Don Juan refinado  
 203 – Henrique lhe abraçava 209 – Augusto disse com ódio: 215 – agora sei, não tem brio  
 204 – de encontro ao coração. 210 - -Achei boa esta parada! 216 – é um desmoralizado.
- 
- 217 - -Ah! Maldito, vil, imundo! 223 – Henrique se retirou 229 – Firmina estava sentada  
 218 – disse Henrique enraivecido 224 – cheio de ódio, indignado 230 – quando chegou seu irmão  
 219 – ia enfrentando o cunhado 225 – foi procurar a irmã 231 – vinha espumando de raiva  
 220 – mas recobrando o sentido 226 – dizendo consigo irado: 232 – com diferente feição  
 221 – viu que se assim procedesse 227 – vou contar tudo a Firmina 233 – a moça disse:-Que há?  
 222 – estava tudo perdido. 228 – quem é meu belo cunhado. 234 – Cheia de medo e aflição.
- 
- 235 –Minha irmã, disse o rapaz 241 – Firmina estava ofegante 247 – Pra afastar a Firmina  
 236 – é um vilão o teu marido 242 – todo corpo lhe tremia 248 – a fatal indiscrição  
 237 - -O que Henrique? Estás doido? 243 – Henrique compreendeu 249 – disse rindo:-O teu marido  
 238 – foste por ele ofendido? 244 – a desgraça que fazia 250 – é um grosseiro vilão  
 239 – Sabes o que se passou 245 – ia afastar os esposos 251 – eu quis te pregar um susto  
 240 – com aquele grande atrevido? 246 – da mais perfeita harmonia 252 – para ver tua emoção.
- 
- 253 – Mas que susto me pregaste! 259 – Depois que aquilo passou-se 265 – Henrique quando saiu  
 254 – Henrique disse: coitada; 260 – Henrique disse à irmã; 266 – blasfemando indignado  
 255 – Firmina riu, mas ficou 261 - -Firmina dê um passeio 267 – Augusto ficou sozinho  
 256 – bastante desconfiada 262 – está linda esta manhã; 268 – estava desesperado  
 257 – o veneno do ciúme 263 – ela disse:-Estou doente, 269 – foi perguntar a escrava  
 258 – feriu com sua dentada. 264 – e sentou-se no divã. 270 – o que tinha se passado.
- 
- 271 – Nada aqui aconteceu; 277 – Augusto dizia aquilo 283 - -Guiomar, minha querida!  
 272 – disse a escrava com temor 278 – dominado de paixão 284 – E avançou para a donzela  
 273 - -Olha Guiomar, diz Augusto 279 – a beleza da escrava 285 – és minha e de mais ninguém  
 274 – se traíres meu amor 280 – queimava-lhe o coração 286 – e bem junto da janela  
 275 – te mato sem piedade 281 – e ele ébrio de amor 287 – Augusto sustém a moça  
 276 – sacio assim meu furor. 282 – disse em terna inflexão: 288 – e ia beijando ela.
- 
- 289 – Nisto Firmina chegou 295 – Augusto viu a esposa 301 - -Ah! Meu irmão! Disse ela  
 290 – e toda cena assistiu 296 – e ficou desconcertado 302 – compreendi teu falar;  
 291 – ela vinha com Henrique 297 – e disse: isto é enredo 303 – seu coração parecia  
 292 – que do mesmo modo viu 298 – deste maldito cunhado! 304 - de dor querer estalar

- 293 – estava fria de ódio  
294 – no ombro do irmão caiu.
- 299 – E não podendo encará-lo  
300 – retirou-se atrapalhado.
- 305 – as lágrimas rolavam quentes  
306 – a ponto de sufocar.
- 
- 307 – Na hora da refeição  
308 – comeram sem conversar  
309 – todos os três desconfiados  
310 – sem um para o outro olhar  
311 – a discórdia começava  
312 – aos poucos se propagar.
- 313 – Terminada a refeição  
314 – disse Firmina ao marido:  
315 – Aquilo que lhe falei  
316 – vai hoje ser decidido;  
317 – disse Augusto: -Com prazer  
318 – farei qualquer um pedido.
- 319 – Firmina foi pro salão  
320 – e esperou bem sentada  
321 – a chegada do marido  
322 – nervosa e toda alterada  
323 – e quando Augusto chegou  
324 – ela disse indignada:
- 
- 325 - -Eu sei que para o senhor  
326 – isso não é novidade  
327 – pois há tempo prometeu  
328 – por sua livre vontade  
329 – à nossa escrava Guiomar  
330 – dar a sua liberdade.
- 331 - -Agora exijo que cumpras  
332 – (disse ela enraivecida)  
333 – não consigo no meu lar  
334 – eu ser vilmente traída  
335 – abandonarei a casa  
336 – se a escrava não for vendida.
- 337 - -Santo Deus! Minha querida  
338 – confesso, estou inocente!  
339 – (disse Augusto se fingindo)  
340 – a ti amo loucamente  
341 – ah! Se soubesse quem foi  
342 – que enredou covardemente!
- 
- 343 - -Bem sabes que meu desejo  
344 – é vender a Guiomar  
345 – isto eu não posso fazer  
346 – sem primeiro consultar  
347 – o meu pai, que é o senhor dela  
348 – amanhã irei falar.
- 349 – Que miserável desculpa  
350 – disse Firmina irritada  
351 – eu vi seu pai lhe dizer  
352 – que a quantia estipulada  
353 – eram dez contos de réis  
354 – ficava bem resgatada.
- 355 – É verdade, disse Augusto  
356 – estava um pouco esquecido  
357 – se alguém me der esta soma  
358 – está tudo resolvido  
359 – Firmina encarou contente  
360 – o rosto do seu marido.
- 
- 361 – Deixemos os dois esposos  
362 – bem calmos na discussão  
363 – e vamos ver Guiomar  
364 – que trêmula de emoção  
365 – conversa com seu pai  
366 – na janela do oitão
- 367 - -Meu pai, disse Guiomar  
368 – traz alguma novidade?  
369 - -Caluda! Disse Miguel  
370 – cheio de felicidade  
371 – trago dez contos de réis  
372 – para a tua liberdade.
- 373 – Disse Miguel: -Vou fazer  
374 – aos teus senhores ciente;  
375 - -Ah! Meu querido papai  
376 – disse a moça tristemente  
377 – são grandes as humilhações  
378 – que sua filha aqui sente!
- 
- 379 – Firmina ainda conversava  
380 – quando um criado chegou  
381 – e disse: aí tem um homem  
382 – Augusto logo gritou:  
383 – pode entrar sem cerimônia;  
384 – Miguel satisfeito entrou.
- 385 – Miguel entrou satisfeito  
386 – vinha com o chapéu na mão  
387 – cumprimentou todos os três  
388 – coma maior atenção  
389 – Augusto impalideceu  
390 – tal foi a sua emoção.
- 391 - -Eis aqui, disse Miguel  
392 – a tal quantia exigida  
393 – para dar a liberdade  
394 – a minha filha querida  
395 – foi preço que deu seu pai  
396 – para ela ser vendida.
- 
- 397 – Augusto olhou o dinheiro  
398 – disse um pouco embaraçado:  
399 – Folgo muito, senhor Miguel  
400 – o senhor ter arranjado  
401 – os seus dez contos de réis  
402 – e sair sem resultado.
- 403 - -E por que, senhor Augusto?  
404 – falou aflito Miguel  
405 – quer me deixar ir embora  
406 – nesta recusa cruel?  
407 – Coitada da minha filha  
408 – que horrível taça de fel!
- 409 - -Ainda pões o teu “não”  
410 – diz Firmina indignada  
411 – ante o olhar da esposa  
412 – como uma fera assanhada  
413 – Augusto inda quis falar  
414 – calou-se não disse nada.
- 
- 415 – Augusto pálido e sombrio  
416 – sentou-se e pôs-se a pensar  
417 – disse Firmina: -Ponderas  
418 – para a escrava libertar  
419 – pegue logo na caneta  
420 – cuide logo em assinar.
- 421 –Arre lá com mil demônios!...  
422 – disse Augusto enfurecido  
423 – eu vou falar com meu pai  
424 – amanhã neste sentido  
425 – guarde por hora o dinheiro  
426 – nada hoje é resolvido.
- 427 – Neste momento um criado  
428 – com uma carta foi entrando  
429 – entregou ela a Augusto  
430 – ele foi logo rasgando  
431 – ao ler as primeiras linhas  
432 – caiu no sofá chorando.
- 
- 433 – Augusto! Augusto que tens?  
434 – disse Firmina assustada  
435 – e logo tomou a carta  
436 – toda de luto tarjada  
437 – começou a ler tremendo  
438 – com a voz entrecortada.
- 439 – “Augusto”, dizia a carta  
440 – “o teu pai já não existe  
441 – sucumbiu de congestão  
442 – achei lamentável e triste  
443 – teu coração fraternal  
444 – este golpe não resiste.”
- 445 – Firmina não pôde ler  
446 – abraçou-se com o marido  
447 – misturando suas lágrimas  
448 – num pranto desensofrido  
449 – parecia que entre os dois  
450 – ali nada tinha havido.
- 
- 451 – Diante daquela cena  
457 – Miguel saiu muito triste  
463 – Era André, o jardineiro

- 452 – o velho se retirou  
 453 - -Oh! Meu pai, diz Guiomar  
 454 – quando Miguel regressou  
 455 – enfim tudo está perdido  
 456 – agora sim, piorou!
- 458 – Guiomar ficou chorando  
 459 – nisto a moça ouviu alguém  
 460 – perto de si gaguejando  
 461 – dizendo: Gui... Gui... omar  
 462 – o que é que estás pensando?
- 464 – figura feia, espantosa  
 465 – tinha as pernas como um arco  
 466 – era um gago cheio de prosa  
 467 – trazia um cêsto de flores  
 468 – na mão um botão de rosa.
- 
- 469 - -Minha deusa, disse André  
 470 – botando os joelhos no chão  
 471 – está aqui um teu escravo  
 472 – que implora o teu coração  
 473 – se não queres meu amor  
 474 – sei que morro de paixão.
- 475 - -Levante-se, diz Guiomar  
 476 – até o senhor também?  
 477 – Basta, não quero marido  
 478 – estou assim muito bem  
 479 – é melhor se retirar  
 480 – porque a Sinhá já vem.
- 481 – Vamos tratar de Augusto  
 482 – depois que seu pai morreu  
 483 – encerrou-se no seu quarto  
 484 – e não mais apareceu  
 485 – e sobre a escrava Guiomar  
 486 – Firmina fez que esqueceu.
- 
- 487 – Passados os dias, de novo  
 488 – Firmina disse ao marido:  
 489 - -Augusto, estás só  
 490 – podes fazer o pedido  
 491 – esse negócio há mais tempo  
 492 – havia de ser resolvido.
- 493 - -Que negócio? Disse Augusto  
 494 – dando mostra de enjoado  
 495 – a libertar a escrava  
 496 – disso não tenha cuidado  
 497 – pra isso não falta tempo  
 498 – estou bastante avisado.
- 499 – Firmina ouviu a resposta  
 500 – ficou como uma finada  
 501 – sentiu o sangue fugir-lhe  
 502 – e ficou de mão gelada  
 503 – as frases do seu marido  
 504 – valeu uma chicotada.
- 
- 505 - -Que dizes?! Gritou Firmina  
 506 – com amargura e desgosto  
 507 – aonde se desenhava  
 508 – a tragédia no seu rosto  
 509 – pra libertar a escrava  
 510 – sempre te vejo indisposto!
- 511 - -Augusto! Disse Firmina  
 512 – se tivesses sentimento  
 513 – libertavas Guiomar  
 514 – agora neste momento  
 515 – eu sei, gozas em me ver  
 516 – assim neste sofrimento.
- 517 – -Devias ter Guiomar  
 518 – como uma irmã verdadeira  
 519 – para tua santa mãe  
 520 – ele era filha primeira  
 521 – e muito recomendou  
 522 – na sua hora derradeira.
- 
- 523 – O que Firmina dizia  
 524 – era uma pura verdade  
 525 – Mariana a mãe de Augusto  
 526 – fora um anjo de bondade  
 527 – fez tudo pra Guiomar  
 528 – obter felicidade.
- 529 – O esposo de Mariana  
 530 – o velho comendador  
 531 – fora em sua mocidade  
 532 – um malvado sedutor  
 533 – aos leitores vou contar  
 534 – suas prosas de amor.
- 535 – A mãe da bela Guiomar  
 536 – teve uma infeliz dita  
 537 – por muito tempo ela foi  
 538 – quando era moça, bonita  
 539 – da senhora Mariana  
 540 – a escrava favorita.
- 
- 541 – O comendador nesse tempo  
 542 – era moço e atirado  
 543 – pela criada da esposa  
 544 – ficou logo apaixonado  
 545 – mas pela fiel escrava  
 546 – seu amor foi recusado.
- 547 – Luiza a mãe de Guiomar  
 548 – nesse tempo era solteira  
 549 – era uma linda moça  
 550 – olhos brilhantes e faceira  
 551 – e para sua senhora  
 552 – era firme e verdadeira.
- 553 – O esposo de Mariana  
 554 – com seu desejo brutal  
 555 – tanto fez que seduziu  
 556 – com sua trama chacal  
 557 – atirando a pobre escrava  
 558 – no mais negro lodaçal.
- 
- 559 – E para os olhos da esposa  
 560 – ele tornou-se inocente  
 561 – exilou a pobre escrava  
 562 – para a senzala indecente  
 563 – recomendando ao feitor  
 564 – castigá-la cruelmente.
- 565 – Era um português bonito  
 566 – honesto e bom feitor  
 567 – e em vez de ter cumprido  
 568 – as ordens ao seu senhor  
 569 – apaixonou-se de Luzia  
 570 – num terno e sagrado amor.
- 571 – E deste amor puro e santo  
 572 – nasceu a linda Guiomar  
 573 – mas quando o comendador  
 574 – de tudo ficou a par  
 575 – expulsou Miguel dizendo  
 576 – que não tornasse a voltar.
- 
- 577 – E para dar evasiva  
 578 – ao seu instinto malvado  
 579 – castigou a pobre moça  
 580 – em trabalho tão pesado  
 581 – que a pobre infeliz morreu  
 582 – deixando o ente estimado.
- 583 – Mas a boa Mariana  
 584 – mulher de comendador  
 585 – curvou-se sobre o bercinho  
 586 – daquele anjo de amor  
 587 – jurou criar Guiomar  
 588 – com todo mimo e fervor.
- 589 – Às vezes o comendador  
 590 – ficava um pouco intrigado  
 591 – e reclamava a esposa  
 592 – o seu mimo exagerado  
 593 – e dizia: ela é cativa  
 594 – não filha de potentado.
- 
- 595 – Mariana dizia assim:  
 596 - -Como o céu não quis me dar  
 597 – uma filha das entranhas  
 598 – deu-me esta para criar  
 599 – mas é filha de minh'alma
- 601 – Como a boa Mariana  
 602 – vivesse sempre sozinha  
 603 – pois Augusto era estudante  
 604 – na fazenda pouco vinha  
 605 – criou Guiomar estimada
- 607 – Por isso deu a menina  
 608 – esmerada educação  
 609 – mandou ensinar piano  
 610 – inglês, francês, alemão  
 611 – lapidando aquela jóia

- 600 – eu sempre hei de lhe amar. 606 – como uma terna filhinha. 612 – a flor do seu coração.
- 
- 613 – Miguel, o bom português 619 – Mariana adoeceu 625 – Mas não teve este prazer  
614 – às vezes ia escondido 620 – dum mal terrível sem cura 626 – aquela mulher honrada  
615 – visitar sua filhinha 621 – e queria libertar 627 – sómente à hora da morte  
616 – o seu anjinho querido 622 – o seu anjo de doçura 628 – chamou a nora estimada  
617 – e era por Mariana 623 – antes que o corpo baixasse 629 – e entregou Guiomar  
618 – sobejamente acolhido. 624 – à tristíssima sepultura. 630 – morrendo assim descansada.
- 
- 631 – Leitores, vamos tratar 637 - -Firmina, falou Augusto 643 - -Que miserável desculpa!  
632 – da conversa interrompida 638 – com a brandura simulada 644 – disse a esposa com desdém  
633 – vamos encontrar Firmina 639 – Guiomar é nessa casa 645 – na companhia do pai  
634 – indignada da vida 640 – por ventura maltratada? 646 – ela fica muito bem  
635 – em discussão com Augusto 641 – Minha mãe recomendou 647 – e fora de mim e você  
636 – no seu amor ofendida. 642 – que não lhe faltasse nada. 648 – é só de Miguel e mais ninguém.
- 
- 649 - -Pobre Miguel! disse Augusto 655 – Firmina achou o papel 661 – Firmina no outro dia  
650 – com desdenhoso sorriso 656 – de Augusto degradante 662 – cheiade resignação  
651 – ele de si não dá conta 657 – achando a situação 663 – partiu pra casa do pai  
652 – eu acho que era preciso 658 – pra ela muito humilhante 664 – com Henrique seu irmão  
653 – alguém para aconselhá-lo 659 – retirou-se pra seu quarto 665 – e não deu a seu marido  
654 – para ele ter mais juízo. 660 – com seu coração ofegante. 666 – a menor satisfação.
- 
- 667 – Augusto viu a esposa 673 – Mal o carro de Firmina 679 – Augusto foi encontrar  
668 – altivamente partir 674 – desapareceu na estrada 680 – em um recanto escondida  
669 – sem lhe dizer um adeus 675 – Augusto na louca ânsia 681 – a infeliz Guiomar  
670 – nem sequer se despedir 676 – duma paixão desalmada 682 – magoada e muito abatida  
671 – disse muito satisfeito: 677 – foi procurar sua vítima 683 – sua palidez mortal  
672 – agora sim, posso agir. 678 – a infeliz desgraçada. 684 – dir-se-ia estar sem vida.
- 
- 685 – A cena que se passou 691 – Mas vendo que Guiomar 697 – Guiomar não respondeu  
686 – foi cheia de sensação 692 – não curvava a seu amor 698 – se conservava calada  
687 – Augusto humilde implorou 693 – disse a ela cheio de ódio: 699 – mas naquele mesmo dia  
688 – da escrava o coração 694 - -Hás de ver o meu rancor 700 – pra senzala foi levada  
689 – revelou de joelhos em terra 695 – te botarei na senzala 701 – naquele impuro recinto  
690 – a sua grande paixão. 696 – acabo com o teu furor. 702 – sentiu-se mais confortada.
- 
- 703 – Naquele meio asqueroso 709 – Neste momento a sineta 715 – O feitor viu Guiomar  
704 – Guiomar se distinguia 710 – deu a hora para jantar 716 – ficar na sala fiando  
705 – parecendo que as escravas 711 – logo todas as escravas 717 – chegou bem perto e lhe disse:  
706 – faziam-lhe cortesia 712 – cuidaram de se retirar 718 - -Você está jejuando?  
707 – tal era seu belo porte 713 – Guiomar ficou sozinha 719 – É melhor ir almoçar  
708 – cheio de soberania. 714 – não querendo ir almoçar. 720 – do que ficar trabalhando.
- 
- 721 – Guiomar olhou para ele 727 - -Escuta, disse o feitor 733 – Naquele momento, Augusto  
722 – disse: não quero comer 728 – baixinho como espreitando 734 – entrou no grande salão  
723 - -Ora. Retorquiu Jacinto 729 – se alguém por ali estava 735 – Jacinto o viu, retirou-se  
724 – então que queres? Morrer? 730 – sua conversa escutando; 736 – fechando logo o portão  
725 – Uma jóia como tu 731 - -Eu te adoro, Guiomar: 737 – disse Augusto à Guiomar:  
726 – é necessário viver. 732 – há muito vivo te amando. 738 – que lhe disse esse intrujão?
- 
- 739 - -Nada! Responde a cativa 745 - -Hoje tua perdição 751 – Firmina me abandonou  
740 – gelada pelo terror 746 – ou tua felicidade 752 – com ciúmes, despeitada  
741 – Augusto disse:-Guiomar 747 – só depende unicamente 753 – ela sabe qu’eu te amo  
742 – hoje do jeito que for 748 - de tua própria vontade 754 – se viu desmoralizada  
743 – há de dar alguma prova 749 – os teus menores desejos 755 – e quero que ela veja  
744 – que sentes por mim amor. 750 – converto em realidade. 756 – quanto és por mim amada.
- 
- 757 - -Guiomar! Falou Augusto 763 - -Senhor, disse Guiomar 769 – O meu lar estar vazio  
758 – num arrego de paixão 764 – esqueça dessa desgraçada 770 – disse Augusto apaixonado

759 – és minha somente minha	765 – se lembre de sua esposa	771 – e hás de ir para ele
760 – é meu teu coração	766 – que é santa, pura e honrada	772 – ser o anjo abençoado
761 – nos teus braços encontrarei	767 – pela ruína desse lar	773 – não posso viver sem ti
762 – eterna consolação.	768 – não quero ser culpada!	774 – tristemente abandonado!
.....		
775 - -Minha mãe muito te amou	781 - -Oh! Senhor, disse Guiomar	787 – A tão severas palavras
776 – e eu te amo também	782 – perdoe a minha franqueza	788 – Augusto se rebelou
777 – no momento que su'alma	783 – seria muito infame	789 - -Cala-te, escrava insolente!
778 – despediu-se p'ro alem	784 – praticando essa baixeza	790 – Indignado bradou
779 – ela pediu-me chorando	785 – se meu corpo é cativo	791 – vou matar-te no pelorinho
780 – qu'eu não te desse a ninguém.	786 – mas minh'alma tem nobreza.	792 – ficas sabendo quem sou!
.....		
793 – Perdão senhor! Disse a escrava	799 - -Prefiro a morte, senhor	805 – Guiomar se vendo só
794 – aterrada e arrependida	800 – disse a escrava chorando	806 – botou os joelhos no chão
795 – disse Augusto: -Por que falas	801 – Augusto se retirou	807 – em pranto amargo implorou
796 – cheia de si, atrevida?	802 – cheio de ódio blasfemando	808 – à Virgem da Conceição
797 – Escolhe entre esses dois	803 – deixando a pobre escrava	809 – que a livrasse de Augusto
798 – meu amor ou tua vida!	804 – junto ao tear soluçando.	810 – a fera sem coração.
.....		
811 – Absorvida nas mágoas	817 – Guiomar disse a seu pai	823 - -Queres fugir, minha filha?
812 – não viu o pai que chegou	818 – tudo o que tinha passado	824 – disse Miguel sem ter medo
813 - Minha filha, disse ele	819 - -Que monstro! disse Miguel	825 - -Fujamos; falou a moça
814 – quem para aqui te mandou?	820 – há muito tinha notado	826 – a morte não é brinquedo
815 - -Ah! meu pai! Diz Guiomar	821 – ele é mestre igual ao pai	827 – mas sei que a nossa fuga
816 – até condenada estou.	822 – tem o instinto desgraçado.	828 – vai complicar o enredo.
.....		
829 – A meia-noite, Miguel	835 – Navegaram vinte dias	841 – A casa de moradia
830 – com sua filha fugiu	836 – chegaram noutro estado	842 – da chácara era imponente
831 – numa canoa de pesca	837 – Miguel saltou com a filha	843 – rodeada de jardim
832 – pra outra plaga seguiu	838 – tendo sigilo e cuidado	844 – um grande portão na frente
833 – e entre o mar e o céu	839 – e arrendou uma chácara	845 – se via que os moradores
834 – a barquinha se sumiu.	840 – ficando então descansado.	846 – era um pessoal decente.
.....		
847 – Guiomar nunca chegava	853 – A jovem colhia as flores	859 – Bem de frente um cavalheiro
848 – no jardim nem no portão	854 – e num cesto colocava	860 – cavalgando num alazão
849 – mas a tarde estava linda	855 – as suas negras madeixas	861 – vendo a beleza da moça
850 – palpitou-lhe o coração	856 – a brisa lenta açoitava	862 – parou em frente ao portão
851 – e ela foi colher flores	857 – Guiomar não viu alguém	863 – observando os seus gestos
852 – solfejando uma canção.	858 – que do portão lhe espreitava.	864 – com a maior atenção.
.....		
865 – Guiomar colheu as flores	871 - -Senhorita, disse o rapaz	877 – Enquanto dizia aquilo
866 – já ia se retirar	872 – com sorriso prazenteiro	878 – o rapaz firme a olhou
867 – quando ouviu lá do portão	873 – o lenço voou do bolso	879 – Guiomar ruborizada
868 – uma pessoa chamar	874 – e foi cair tão certo	880 – o lenço logo entregou
869 – ela ainda quis correr	875 – bem pro cima das florinhas	881 – ele agradeceu sorrindo
870 – mas teve enfim que voltar.	876 – desse lindo jardineiro.	882 – e da chácara se afastou.
.....		
883 – Leitores, esse rapaz	889 – Fernando era novo e belo	895 – Mas Guiomar fascinou
884 – era rico em demasia	890 – de simpática expressão	896 – com os seus olhos de fada
885 – chamava-se ele Fernando	891 – era órfão de seus pais	897 – o coração de fidalgo
886 – da mais alta fidalguia	892 – não tinha nem um irmão	898 – como flecha envenenada
887 – no tempo que no Brasil	893 – vivia só bem feliz	899 – fez ele ficar sonhando
888 – ainda o feudo existia.	894 – sem imagem no coração.	900 – coma princesa encantada.
.....		
901 – Fernando já era médico	907 – Mas no dia que Fernando	913 – Guiomar viu em Fernando
902 – e depois que se formou	908 – viu Guiomar no portão	914 – o belo príncipe sonhado
903 – nas capitais da Europa	909 – nunca mais o pobre médico	915 – o seu coração de virgem
904 – por onde ele passou	910 – descansou seu coração	916 – ergueu o primeiro brado
905 – viu muitas mulheres lindas	911 – de súbito ele ficou	917 – e a jovem sentiu por ele
906 – mas nenhuma o fascinou.	912 – preso com grande paixão.	918 – um amor firme e sagrado.



919 – Fernando vendo que a moça	925 – Guiomar disse a seu pai	931 – Naquela noite Fernando
920 – pra parte alguma saía	926 – o seu segredo de amor	932 – revelou sua paixão
921 – cada dia que passava	927 – Miguel ouvia calado	933 – Guiomar falou com ele
922 – mais paixão ele sentia	928 – e à noite quando o doutor	934 – sozinha no seu portão
923 – escreveu-lhe dizendo assim	929 – foi fazer sua visita	935 – Miguel de longe espreitava
924 – que à noite lhe aparecia.	930 – o velho era sabedor.	936 – cheio de satisfação.
937 – Guiomar negou o nome	943 - -Lindalva! disse o rapaz	949 – As palavras de Fernando
938 – quando o rapaz perguntou	944 – és minha deusa querida	950 – cheias de tanta ternura
939 – disse chamar-lhe Lindalva	945 – eu sinto que meu destino	951 – foi como um bálsamo celeste
940 – o do pai também negou	946 – no teu encontrou guarida	952 – para a pobre criatura
941 – botou o nome de Jorge	947 – serás sempre minha estrela	953 – e Guiomar sentiu o mel
942 – tudo o médico acreditou.	948 – nos caminhos desta vida.	954 – no seu viver de amargura.
955 – Como se fosse pela jovem	961 – E assim sem mais demora	967 – Fernando que era 1 homem
956 – seu amor correspondido	962 – Fernando a jovem falou	968 – da alta sociedade
957 – Fernando achou qu'era tempo	963 – pediu a mão de Lindalva	969 – quis mostrar aos seus amigos
958 – daquele anjo querido	964 – Miguel com gosto aprovou	970 – a sua linda deidade
959 – ser a noiva predileta	965 – e Guiomar com Fernando	971 – convidou a sua noiva
960 – o seu anjo estremecido.	966 – com regosijo noivou.	972 – ir a um baile na cidade.
973 – Lindalva disse que ia	979 – Meu pai, disse a pobre moça	985 - -Eu sei que é sacrifício
974 – pra não desgostar Fernando	980 – não agüento este viver	986 – (disse o velho a Guiomar)
975 – e quando o rapaz saiu	981 – Fernando vive enganado	987 – mas já disseste a teu noivo
976 – ela saiu soluçando	982 – não sabe o meu padecer	988 – que viesse te buscar
977 – se maldizendo da sorte	983 – não irei a esse baile	989 – entrega a Deus, minha filha
978 – o seu viver lastimando.	984 – jamais posso aparecer.	990 – que ele sabe te livrar.
991 – Guiomar ficou pensando	997 – Lindalva no grande baile	1003 – Dias depois Guiomar
992 – e depois de refletir	998 – deu nota de sensação	1004 – foi outra vez convidada
993 – disse ao pai: -Irei ao baile	999 – de braços com o noivo	1005 – para uma festa imponente
994 – tenho que me decidir;	1000 – todos lhe deram atenção	1006 – da viscondessa Geralda
995 – quando Fernando chegou	1001 – e ela levou do baile	1007 – ela foi contra a vontade
996 – já estava pronta pra ir.	1002 – uma ótima impressão.	1008 – devido ao noivo e mais nada.
1009 – Guiomar foi nessa festa	1015 – Era então muito comum	1021 – Fernando sentiu orgulho
1010 – fidalgamente acolhida	1016 – para desenfastiar	1022 – quando viu a sua amada
1011 – a viscondessa tratou-a	1017 – nos intervalos da dança	1023 – acompanhar o piano
1012 – como pessoa querida	1018 – alguma moça cantar	1024 – com os seus dedos de fada
1013 – e Guiomar com Fernando	1019 – Lindalva foi escolhida	1025 – uma linda canção francesa
1014 – não se lembrava da vida.	1020 – achou feio recusar.	1026 – muito bem interpretada.
1027 – Quando a moça terminou	1033 – Fernando levou Lindalva	1039 - -Nada temo, disse a moça
1028 – foi muito bem aplaudida	1034 – pra passear no jardim	1040 – olhava para seu amado
1029 – ela agradeceu sorrindo	1035 – ele disse: -Minha princesa	1041 – Fernando cheio de amor
1030 – e levantou-se abatida	1036 – nunca vi cantar assim	1042 – num transporte apaixonado
1031 – aqueles grandes aplausos	1037 – pareces que estás triste?	1043 – osculou as lindas faces
1032 – deixaram a pobre sentida.	1038 – Diz o que queres de mim.	1044 – do seu anjo idolatrado.
1045 – Fernando levou a noiva	1051 - -Cavalheiro! disse o homem	1057 - -E que quer com esta moça?
1046 – para dançar no salão	1052 – sinto muito interromper	1058 – disse Fernando irritado
1047 – os dois valsavam sorrindo	1053 – quero falar com esta moça	1059 - -Dr; falou o esbirro
1048 – na maior satisfação	1054 – tenho uma cousa a dizer	1060 – estou aqui a mandado
1049 – quando um homem muito alto	1055 – é um negócio de urgencia	1061 – venho buscar esta escrava
1050 – em Fernando pôs a mão.	1156 – que necessito saber.	1062 – que fugiu de outro estado.
1063 - -Alto lá, infame esbirro	1069 – Todo povo debandou	1075 - -Senhores!... disse Guiomar
1064 – Fernando alto falou	1070 – quando ele caiu no chão	1076 – com extrema palidez
1065 – a sua ira foi tanta	1071 – Guiomar estava pálida	1077 – confesso, sou uma escrava

- 1066 – que de ódio ele cegou      1072 – gelada pela aflição      1078 – a fatalidade me fez  
1067 – e partindo pro esbirro      1073 – o visconde e a viscondessa      1079 – chegar ao ínfimo degrau  
1068 – com um ponta-pé derrubou.      1074 – entraram enfim na questão.      1080 – da mais negra sordidez.
- 
- 1081 – Guiomar disse essas frases      1087 – Fernando levou a noiva      1093 – Fernando quando chegou  
1082 – o seu corpo desabou      1088 – nos braços desfalecida      1094 – que medicou Guiomar  
1083 – como uma estátua de marmore      1089 – botou ela no seu carro      1095 – o oficial de justiça  
1084 – que o furacão derrubou      1090 – sem dar um sinal de vida      1096 – pediu para lhe falar  
1085 – e os braços de Fernando      1091 – rodeada de senhoras      1097 – com ele vinha o esbirro  
1086 – da queda lhe amparou.      1092 – ela foi bem conduzida.      1098 – para a escrava levar.
- 
- 1099 – Fernando que era esperto      1105 – Guiomar se sentiu bem      1111 - -Fernando, disse Guiomar  
1100 – pôde comprar o tratante      1106 – vendo Fernando ao seu lado      1112 – perdoa essa desgraçada  
1101 – o oficial e o esbirro      1107 – o olhar do jovem médico      1113 – do teu amor não sou digna  
1102 – saíram no mesmo instante      1108 – era tão apaixonado      1114 – pois nasci escravizada  
1103 – o rapaz ficou com a noiva      1109 – que Guiomar esqueceu      1115 – ao jugo dos meu senhores  
1104 – satisfeito e confiante.      1110 – o que tinha se passado.      1116 – morrerei arremessada.
- 
- 1117 - -Não digas isto, Guiomar      1123 - -Obrigada, disse a moça      1129 - -Nunca, minha Guiomar  
1118 – tens a minha proteção      1124 – agora estou consolada      1130 – eu te abandonarei  
1119 – o meu amor é sincero      1125 – julguei que fosse por ti      1131 – minha vida, tudo enfim  
1120 – vives no meu coração      1126 – cruelmente desprezada      1132 – por ti sacrificarei  
1121 – de qualquer modo te arranco      1127 – quando soubesse da sorte      1133 – a justiça te negando  
1122 – dessa negra escravidão.      1128 – de tua infeliz amada.      1134 – com sangue resgatarei.
- 
- 1135 – No outro dia Fernando      1141 – Fernando impalideceu      1147 – Fernando olhou para Augusto  
1136 – fazia a combinação      1142 – quando o Augusto ele avistou      1148 – que altivamente o fitava  
1137 – pra casar com Guiomar      1143 – e trocadas saudações      1149 – e disse:-Senhor, abra o preço  
1138 – quando bateram no portão      1144 – Augusto altivo falou:      1150 – que comprarei a escrava;  
1139 – era Augusto que chegava      1145 -Venho buscar minha escrava      1151 – disse Augusto com cinismo:  
1140 – disposto para a questão.      1146 – que há três meses desertou.      1152 - -Por nenhum dinheiro eu dava.
- 
- 1153 – Disse Fernando:-É capricho      1159 - -Basta senhor, disse Augusto      1165 - -Algoz!-bradou o rapaz  
1154 – é muita perversidade      1160 – não vim aqui lhe aturar      1166 – cheio de ódio e espumando  
1155 – com a sua vilania      1161 – vim buscar minha cativa      1167 – pegando o queixo de Augusto  
1156 – seu gênio da crueldade      1162 – não pode isto negar      1168 – com ira foi abanando  
1157 – querer manchar a pureza      1163 – quem apóia escravo fugido      1169 – Augusto gritou dizendo:  
1158 – desse anjo de bondade.      1164 – pode até se processar.      1170 - -Este homem está me matando!
- 
- 1171 - -Devasso! disse o rapaz      1177 – Augusto quando chegou      1183 - -Infame! Rugiu Fernando  
1172 – miserável libertino      1178 – a moça corre assustada      1184 – cheio de ódio e desdem  
1173 – não sujarei minhas mãos      1179 – foi pra dentro do seu quarto      1185 – eia aí a tua vítima  
1174 – com o teu sangue assassino      1180 – mas vendo aquela zuada      1186 – agora te sentes bem?  
1175 – hei de mostrar-te quem sou      1181 – apresentou-se na sala      1187 – Mas esta será a ultima  
1176 – hás de ver o teu destino.      1182 – disposta pra ser levada.      1188 – não farás mais com ninguém.
- 
- 1189 - -Guiomar, disse Fernando      1195 – Guiomar olhou para Fernando      1201 – No outro dia Fernando  
1190 – siga, não tenha temor      1196 – e uma lágrima caiu      1202 – partiu pro Rio de Janeiro  
1191 – confie em mim, minha noiva      1197 – e ela com o seu pai      1203 – e no dia que chegou  
1192 – e no meu sincero amor      1198 – na carriola subiu      1204 – o seu cuidado primeiro  
1193 – prometo te arrancar      1199 – a um sinal de Augusto      1205 – foi indagar se Augusto  
1194 – das mãos desse traidor.      1200 – a carriola partiu.      1206 – era grande financeiro.
- 
- 1207 – Procurou informações      1213 – Fernando então procurou      1219 - Os credores concordaram  
1208 – e ficou bem informado      1214 – pra bem se certificar      1220 – pra eles foi um achado  
1209 – disseram:-Ele é falido      1215 – os credores de Augusto      1221 – saldarem assim suas contas  
1210 – está tudo hipotecado      1216 – e não tardou encontrar      1222 – em dinheiro bem contado  
1211 – deve oitocentos contos      1217 – e propôs a todos eles      1223 – e no prazo de três dias  
1212 – é um desmoralizado.      1218 – todas as contas pagar.      1224 – tudo ficou liquidado.
-

- 1225 – Senhor de todos os títulos 1231 – De forma que a fazenda 1237 – Leitores, vamos tratar  
 1226 – Fernando então descansou 1232 – onde Augusto residia 1238 – Augusto quando chegou  
 1227 – na tarde do mesmo dia 1233 – a casa, a terra, os escravos 1239 – o odio de Guiomar  
 1228 – uma caleche tomou 1234 – a Fernando pertencia 1240 – desta vez aumentou  
 1229 – para a fazenda de Augusto 1235 – Augusto estava um plebeu 1241 – em completa reclusão  
 1230 – Fernando se destinou. 1236 – e nada mais possuía. 1242 – a pobre escrava ficou.
- 
- 1243 – As palavras de Fernando 1249 – Concebeu Augusto um plano 1255 – Firmina já estava em casa  
 1244 – na hora da despedida 1250 – tratou de realizar 1256 – pois Augusto seu marido  
 1245 – fazia Augusto ficar 1251 – disse ele:vou casá-la 1257 – quando Guiomar fugiu  
 1246 – indignado da vida 1252 – e Firmina há de gostar 1258 – ele se fez de esquecido  
 1247 – sabia que Guiomar 1253 – a casarei com um criado 1259 – e foi buscá-la na corte  
 1248 – por Fernando era querida. 1254 – assim a possa gozar. 1260 – se fingindo arrependido.
- 
- 1261 – Quando Augusto pensou nisto 1267 – Disse Augusto:-Vou casá-la 1273 – Toda aquela humilhação  
 1262 – foi dizer logo a mulher 1268 – com André, o jardineiro 1274 – Miguel sofria calado  
 1263 – disse Firmina:-Concordo 1269 - -Ela quer, disse Firmina 1275 – o sofrimento da filha  
 1264 – faça bem o que quiser 1270 – aquele tipo rampeiro? 1276 – o deixava acabrunhado  
 1265 – quero vê-la libertada 1271 – Disse Augusto:-Por ser feio? 1277 – e dizia a Guiomar:  
 1266 – dê agora no que der. 1272 – Não tem nada, ele é solteiro. 1278 – Deus há de ver teu estado.
- 
- 1279 – E dentro de poucos dias 1285 – Eram dez horas do dia 1291 – Vinham o juiz e o Fernando  
 1280 – tudo ficou preparado 1286 – Augusto estava ordenando 1292 – também o tabelião  
 1281 – e todo enxoval da moça 1287 – para chamar o vigario 1293 – Augusto recebeu todos  
 1282 – por Firmina foi comprado 1288 – quando um carro foi chegando 1294 – com muita satisfação  
 1283 – afinal raiou o dia 1289 – vinha quatro cavalheiros 1295 – saudou Fernando sorrindo  
 1284 – daquele infeliz noivado. 1290 - Uma saltou, era Fernando. 1296 – com grande aperto de mão.
- 
- 1297 – Doutor, disse Augusto rindo 1303 - -E quem liberta a escrava? 1309- -Não me pertence a escrava?  
 1298 – nos honra a sua chegada 1304 – diz Fernando com ironia 1310 – disse Augusto com furor  
 1299 – pois hoje estamos de festa 1305 – -Eu! diz Augusto com ira 1311 – quer esbulhar-me os direitos  
 1300 – porque vai ser libertada 1306 – vou lhe dar hoje alforria 1312 – de seu legitimo senhor?  
 1301 – a minha escrava Guiomar 1307 - -Mas ela não lhe pertence 1313 – Dr. Fernando está louco  
 1302 – que também será casada. 1308 – julguei que o senhor sabia. 1314 – é alguém usurpador?
- 
- 1315 - -Provo, lhe disse Fernando 1321 – A um aceno de Fernando 1327 – Com todo esse barulho  
 1316 – falando com aspereza 1322 – chegou o tabelião 1328 – Guiomar foi confessada  
 1317 – o seu passivo excedeu 1323 – e apresentou a Augusto 1329 – Firmina a abraçou contente  
 1318 – a toda sua riqueza 1324 – a ordem de execução 1330 – e a moça sem dizer nada  
 1319 – estão aqui os papéis 1325 – Augusto leu o papel 1331 – foi para o quarto vestir-se  
 1320 – provando a sua pobreza. 1326 – e rugiu:-É maldição!?! 1332 – parecia uma finada.
- 
- 1333 – E sua extrema magreza 1339 – Firmina disse contente: 1345 – Mas antes de entrar na sala  
 1334 – tudo enfim denunciava 1340 - -Eu te dou este colar 1346 – Guiomar estremeceu  
 1335 – quanto Guiomar sofria 1341 – é o presente de noivado 1347 – a moça vendo Fernando  
 1336 – a amargura que passava 1342 – que quero te ofertar; 1348 – no umbral se escondeu  
 1337 – apesar de tudo isto 1343 – nisso Firmina ouviu vozes 1349 – não resistindo a saudade  
 1338 – a beleza realçava. 1344 – e desceu com Guiomar. 1350 – no salão apareceu.
- 
- 1351 – Guiomar! disse Fernando 1357 – Fernando, disse Guiomar 1363 --Perdão de q'è, minha noiva?  
 1352 – livre-te do traidor 1358 – chorando de emoção 1364 – disse Fernando amoroso  
 1353 – és a dona desta casa 1359 – que fiz para merecer 1365 – eu me julgo tão feliz  
 1354 – és minha, sublime amor 1360 – teu amor, teu coração? 1366 – um dos mortais mais ditoso  
 1355 – sou teu escravo, minha querida 1361 – És generoso, querido 1367 – em poder te ofertar  
 1356 – não posso ser teu senhor. 1362 – de joelho peça perdão. 1368 – a minha mão de esposo.
- 
- 1369 – Meu Deus! Meu Deus! que desgraça 1375 – Augusto vendo esta cena 1381- -Augusto, abre essa porta!  
 1370 – disse Firmina exclamando 1376 – correu louco desvairado 1382 – disse ela em aflição  
 1371 – que humilhação horrorosa 1377 – entrou no quarto da esposa 1383 – neste momento Firmina  
 1372 – que vergonha estou passando! 1378 – Firmina teve cuidado 1384 – ouviu tremenda explosão

- 1373 – Cobrindo o rosto com as mãos 1379 – saiu atrás do marido 1385 – um grito dilacerante  
 1374 – ela caiu soluçando. 1380 – que já estava trancado. 1386 – e um baque de alguém no chão.
- .....
- 1387 – Arrombaram então a porta 1393 – Depois de sessenta dias 1399 – Miguel muito satisfeito  
 1388 – Augusto estava caído 1394 – Fernando então se casou 1400 – viu a filha se casar  
 1389 – junto dele uma pistola 1395 – com sua esposa Guiomar 1401 – quando Fernando partiu  
 1390 – o peito todo ferido 1396 – para a Itália embarcou 1402 – deixou ele em seu lugar  
 1391 – seus olhos estavam cerrados 1397 – a sua lua de mel 1403 – Miguel ficou na fazenda  
 1392 – ele já tinha morrido. 1398 – em Veneza ele passou. 1404 – até o genro voltar.
- .....
- 1405 – Leitores, a inocência 1411 – Por causa da inocência  
 1406 – jamais será ultrajada 1412 – Guiomar firme venceu  
 1407 – seja onde for ela é pura 1413 – seu coração de criança  
 1408 – nunca pode ser manchada 1414 – como obstáculo se ergueu  
 1409 – Deus ofertou a inocência 1415 – defendendo-o heroicamente  
 1410 – uma divisão sagrada. 1416 – do traidor que morreu.

**TEXTO 04: A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento (Rodolfo Coelho Cavalcante)**

01-Quando Getúlio morreu	07-De manhã o sol não quis	13-Os homens aqui na terra
02-o manto da natureza	08-demonstrar o seu fulgor	14-perderam suas razões
03-tingiu-se todo de luto	09-o mar sereno gemia	15-em desespero gritavam
04-mostrando maior tristeza	10-num espetáculo de dor	16-como se fossem leões
05-soluçando pelo astro	11-e a lua no espaço	17-pela perda de seu Líder
06-que brilhou com mais grandeza	12-perdeu toda a sua cor.	18-amado pelas Nações.
.....		
19- Os operários diziam:	25- Enquanto isso o espaço	31- Estava Jesus na corte
20— Morreu o meu protetor	26- turbado na escuridão	32- do Celeste Paraíso
21- um outro Getúlio Vargas	27- de Marte, Saturno e Vênus	33- quando o Anjo São Miguel
22- não nos manda o Criador	28- Netuno, Capri, Plutão	34- deu-lhe o doloroso aviso:
23- rolavam em todas a faces	29- sentia a grande tragédia	35- – Matou-se Getúlio Vargas
24-o pranto do seu amor.	30-de Getúlio nosso irmão	36-as vossas ordens preciso!
.....		
37- – Eu mandei-te Miguel	43- – Senhor eu mandei os vossos	49- De qualquer maneira eu quero
38- livrá-lo da tirania	44- mais sublimes mensageiros	50- Getúlio no Paraíso
39- do deputado Lacerda	45- porém o ódio crescia	51- pois um sério julgamento
40- de Gregório e Companhia	46- pelos falsos brasileiros	52- com ele fazer preciso
41- por que o deixaste sozinho	47- para intrigarem Getúlio	53- corra, vá ligeiro à terra
42- sofrendo tanta agonia?	48- com os planos traiçoeiros!	54- com São Jorge e São Narciso
.....		
55- Vinte e quatro de agosto	61- A esposa de Getúlio	67- Oswaldo Aranha gritava:
56- daquele tristonho dia	62- chorava dilacerada	68- – Getúlio Vargas morreu!
57- com São Narciso e São Jorge	63-dona Alzira como filha	69- mataram meu grande amigo
58- São Miguel à terra descia	64-dizia penalizada:	70- que pelo povo sofreu
59- e no Catete chegaram	65- – Morreste papai, porém,	71-Lutero também chorava
60-numa hora mais sombria...	66- tua memória é honrada!	72- São Miguel se entristeceu.
.....		
73- Enquanto o corpo estendido	79- São Miguel chamou Getúlio	85- – Por que roubaste a vida
74- se achava no caixão	80- que estava tão aflito	86- que o Criador te deu?
75- o espírito de Getúlio	81-como se estivesse em sonho	87- perguntou-lhe São Miguel
76- estava em perturbação	82- deu ele um tristonho grito	88- Getúlio respondeu:
77-vagando no infinito	83- e ao ver os mensageiros	89- – Matei-me pelo meu povo
78- no vácuo da imensidão.	84-ajoelhou-se contrito.	90- que um dia me elegeu!
.....		
91- Mas não sabias que era	97- – Deixemos de discussão	103- Nos braços do Anjo foi
92- um crime muito maior	98- que isto não adianta	104- Getúlio Vargas levado
93- para salvar o teu povo	99- se prepare para ir	105- quando por Marte passaram
94- fazendo um ato pior	100- à Mansão Celeste Santa	106- foi ele homenageado
95- disse Getúlio: – Porém	101- onde Jesus lhe ouvirá!	107- em Vênus quarenta Deuses
96- foi o que achei melhor!	102- você aí se garanta!	108- cantaram: “MEU DOCE AMADO”.
.....		
109- Em Júpiter vinte segundos	115- Em Plutão disse Getúlio	121- Em “Capela” um ramalhete
110- Getúlio Vargas ficou	116-que ali não demorava	122- de flores celestiais
111-para receber a faixa	117-recusou todos os convites	123- recebeu Getúlio Vargas
112- “MAIOR ASTRO QUE BRILHO”	118-porque Hitler ali estava	124- por dois grandes marechais
113- em Saturno um grande almoço	119- trabalhando de mineiro	125- Deodoro e Floriano
114- a caravana aceitou.	120- pelo crime que pagava.	126- que se tornaram imortais.
.....		
127- Na “Região do Amor”	133- Estava a “ÁGUIA DE HAIA”	139- Na lua encontraram Adão
128- foi Getúlio recebido	134- ao lado de Salomão	140- Moisés, David e Elias

129- pelo grande Castro Alves      135- com Sócrates e Aristófanes      141- Daniel e o rei Saul  
 130- onde é muito querido      136- Hermes, Pitágoras, Platão      142- com Abraão e Isaías  
 131- no reino de Salomão      137- fizeram uma ode a Getúlio      143- recebeu Getúlio Vargas  
 132- também foi muito bem aplaudido!138- numa alegre saudação      144- o Diploma de Messias

145- Duas horas mais ou menos      151-Deixemos agora a terra      157- Estava Jesus no trono  
 146- viajou a caravana      152- num clima de confusão      158- já pronto para julgá-lo  
 147- enquanto a terra sofria      153- para falar de Getúlio      159- São Libório, o promotor  
 148- essa passagem tirana      154- na celestial mansão      160- começou a acusá-lo  
 149- Getúlio chegava ao céu      155- como foi seu julgamento      161- Enquanto a Virgem Santíssima  
 150- pela ajuda soberana      156- vamos dar a descrição      162- chegou para advogá-lo

163- Disse Libório: – Senhor      169- Nossa Senhora sorriu      175- Libório continuou:  
 164- Getúlio zombou demais      170- e disse: – Não acredito      176- – Se Lacerda o condenava  
 165- no tempo da Ditadura      171- quem governa leva a fama      177- tinha razão para isso  
 166- encarcerou generais      172- de tudo que é maldito      178- pois o Catete estava  
 167- prendeu gente e matou gente      173- o que fizera em seu nome      179- cercado de pistoleiros  
 168- como se fossem animais      174- jamais foi por ele escrito!      180- que Getúlio contratava

181- Defendeu Nossa Senhora      187- – Mesmo assim, por que Getúlio193- – Não acuse desta forma  
 182- dizendo: – Nunca Libório      188- de uma vez que não devia      194- Libório, que não convém  
 183- Getúlio de confiava      189- não aguardou o Julgamento      195- Getúlio Vargas sofreu  
 184- isto já está notório      190- que a oposição queria?      196- como meu filho também  
 185- de toda sua tragédia      191- seu suicídio provou      197- para salvar os humildes  
 186- o culpado foi Gregório!      192- qu'ele culpado sentia.      198- sem ter ódio de ninguém.

199-Nisto Jesus ordenou      205- Disse Getúlio: – Senhor      211- – Não sabes que ninguém pode  
 200-que Getúlio demonstrasse      206- eu não sei vos descrever      212- sua própria vida tirar?  
 201- as razões do suicídio      207- a vergonha que sofri      213- não vistes como sofri  
 202- se de fato não provasse      208- sem cousa alguma dever      214- todo martírio sem par  
 203- seria expulso do Céu      209- vós que desceste à terra      215- mas não roubei minha vida?  
 204- antes que o dia findasse.      210- deveis melhor saber.      216- tu devias me imitar!

217- – Eu reconheço Senhor      223- – Eu te perdô Getúlio      229- Se não fosse o suicídio  
 218- do erro que cometi      224- porque foste generoso      230- isto não acontecia  
 219- mas uma maldade humana      225- lembraste dos pequeninos      231- hoje o povo brasileiro  
 220- como essa nunca vi      226- com teu modo caridoso      232- sofre a maior agonia  
 221- indo até o sacrifício      227-mas voltarás ao Brasil      233- e só tu podes livrá-lo  
 222- pelo meu povo morri.      228- por ordem do Poderoso.      234- com melhor sabedoria.

235- Assim Getúlio foi salvo  
 236- do seu gesto delirante  
 237- e breve virá à Terra  
 238- como um chefe triunfante  
 239- para ajudar o poeta  
 240- RODOLFO C. CAVALCANTE.

**TEXTO 05: Romance do Pavão Misterioso (José Camelo de Melo Resende)**

01-Eu vou contar uma história	07-Residia na Turquia	13-O velho turco era dono
02-dum pavão misterioso	08-um viúvo capitalista	14-d'uma fábrica de tecidos
03-que levantou vôo da Grécia	09-pai de dois filhos solteiros	15-com largas propriedades
04-com um rapaz corajoso	10-o mais velho João Batista	16-dinheiro e bons possuídos
05-raptando uma condessa	11-então o filho mais moço	17-deu de herança a seus filhos
06-filha d'um conde orgulhoso.	12-se chamava Evangelista.	18-porque eram bem unidos.
.....		
19-Depois que o velho morreu	25-Um dia João Batista	31-Olha que nossa riqueza
20-fizeram combinação	26-pensou pela vaidade	32-se acha muito aumentada
21-porque o tal João Batista	27-e disse a Evangelista:	33-e dessa nossa fortuna
22-concordou com seu irmão	28-Meu mano, eu tenho vontade	34-ainda não gozei nada
23-e foram negociar	29-de visitar o estrangeiro	35-portanto convém qu'eu passe
24-na mais perfeita união.	30-se não te deixar saudade.	36-um ano em terra afastada.
.....		
37-Respondeu Evangelista:	43-Quero fazer-lhe um pedido	49-João Batista prometeu
38- Vai que aqui ficarei	44-procure no estrangeiro	50-com muito boa atenção
39-regendo os nossos negócios	45-um objeto bonito	51-de comprar um objeto
40-como sempre trabalhei	46-só para rapaz solteiro	52-do gosto do seu irmão
41-garanto que nossos bens	47-traz para mim de presente	53-então tomou um pacote
42-com cuidado os zelarei.	48-embora custe dinheiro.	54-e seguiu para o Japão.
.....		
55-João batista no Japão	61-João Batista entrou na Grécia	67-João batista interrogou:
56-esteve seis meses somente	62-divertiu-se em passear	68-Amigo fale a verdade
57-gozando naquele império	63-comprou passagem de bordo	69-por qual motivo o senhor
58-percorreu o Oriente	64-e quando ia embarcar	70-manda eu ficar na cidade?
59-depois voltou para a Grécia	65-ouviu um negro dizer:	71-Disse o negro: - Vai haver
60-outro país diferente.	66- Acho bom se demorar.	72-uma grande novidade.
.....		
73- Mora aqui nesta cidade	79-E a moça em que eu falo	85- De ano em ano essa moça
74-um conde muito valente	80-filha do tal potentado	86-bota a cabeça de fora
75-mais soberbo do que Nero	81-o pai tem ela escondida	87-para o povo adorá-la
76-pai de uma filha somente	82-em um quarto do sobrado	88-no espaço d'uma hora
77-é a moça mais bonita	83-chama-se Creuza e criou-se	89-para ser vista outra vez
78-que há no tempo presente.	84-sem nunca ter passeado.	90-tem ano de demora.
.....		
91- O conde não consentiu	97-Os estrangeiros têm vindo	103-Então disse João Batista:
92-outro homem educá-la	98-tomarem conhecimento	104- Agora vou demorar
93-só ele como pai dela	99-amanhã ela aparece	105-para ver essa condessa
94-teve o poder de ensiná-la	100-ao grande ajuntamento	106-estrela deste lugar
95-e será morto o criado	101-é proibido pedir-se	107-quando eu chegar na Turquia
96-que dela escutar a fala.	102-a mão dela em casamento.	108-tenho muito o que contar.
.....		
109-Logo no segundo dia	115-João Batista viu depois	121-O fotógrafo respondeu:
110-Creuza saiu à janela	116-um retratista vendendo	122-Lhe custa um conto de réis
111-os fotografos se vexaram	117-alguns retratos de Creuza	123-João Batista ainda disse:
112-tirando retrato dela	118-vexou-se e foi lhe dizendo:	124-Eu comprava até por dez
113-quando inteirou uma hora	119-Quanto quer pelo retrato?	125-se o dinheiro fosse pouco,
114-desapareceu a donzela.	120-Porque comprá-lo pretendo.	126-empenharia os anéis.
.....		
127-João Batista voltou	133-Então disse Evangelista	139-Respondeu João Batista
128-da Grécia para a Turquia	134- Meu mano vá me contando	140-Para ti trouxe um retrato
129-e quando chegou em Meca	135-se visse coisas bonitas	141-d'uma condessa da Grécia
130-cidade em que residia	136-onde andastes passeando	142-moça que tem fino trato
131-seu mano Evangelista	137-o que me traz de presente	144-custou-me um conto de réis
132-banqueteou o seu dia.	138-vá logo me entregando.	145-Inda achei muito barato.

146-Respondeu Evangelista	152-Sei que tem muito retrato	158-João Batista retirou
147-depois d'uma gargalhada:	153-mas como que trouxe não	159-o retrato de uma mala
148- -Nesse caso meu irmão	154-vais agora examiná-lo	160-e o entregou ao rapaz
149-para mim não trouxe nada	155-entrego em tua mão	161-que estava em pé na sala
150-pois retrato de mulher	156-quando vires a beleza	162-quando ele viu o retrato
151-é cousa bastante usada:	157-mudarás de opinião.	163-quis falar tremeu a fala.
164-Evangelista voltou	170-Respondeu João Batista:	176-João Batista perguntou,
165-com o retrato na mão	171-Creuzá é muito mais formosa	177-fazendo um ar de riso
166-tremendo quase assustado	172-do que o retrato dela	178-Que é isto meu irmão
167-perguntou ao seu irmão	173-em beleza é preciosa	179-queres perder o juízo?
168-se a moça do retrato	174-tem o corpo desenhado	180-Já vi que este retrato
169-tinha aquela perfeição.	175-por u'a mão milagrosa.	181-vai te causar prejuízo.
182-Respondeu Evangelista:	188-João Batista falou sério:	194-Teu conselho não me serve
183-Pois meu irmão eu te digo	189- Precipício não convém	195-estou impressionado
184-vou sair do meu país	190-de que te serve ir embora	196-rapaz sem moça bonita
185-não posso ficar contigo	191-por este mundo além	197-é um desafortunado
186-pois a moça do retrato	192-em procura de u'a moça	198-se eu não casar com Cruzá
187-deixou-me a vida em perigo!	193-que não casa com ninguém!	199-findo meus dias enforcado.
200-Vamos partir a riqueza	206-Deram balanço no dinheiro	212-Despediu-se Evangelista
201-que tenho necessidade	207-só três milhões encontraram	213-abraçou o seu irmão
202-dar balanço no dinheiro	208-tocou dois a Evangelista	214-chorando um pelo outro
203-porque eu quero a metade	209-conforme se combinaram	215-na triste separação
204-o que não posso levar	210-com relação a negócio	216-seguindo um para Grécia
205-dou-te de boa vontade.	211-da firma se desligaram.	217-em uma embarcação.
218-Logo que chegou na Grécia	224-Ali passou oito meses	230-Os hotéis já se achavam
219-hospedou-se Evangelista	225-sem se dar a conhecer	231-repletos de passageiros
220-em um hotel dos mais pobres	226-sempre andando disfarçado	232-passeavam pelas praças
221-negando assim sua pista	227-só para ninguém saber	233-os grupos de cavalheiros
222-só para ninguém saber	228-até que chegou o dia	234-havia muitos fidalgos
223-que era um capitalista.	229-da moça aparecer.	235-chegando dos estrangeiros.
236-Às duas horas da tarde	242-Quando Evangelista viu	248-Evangelista voltou
237-creuzá saiu à janela	243-o brilho da boniteza	249-aonde estava hospedado,
238-mostrando a sua beleza	244-disse: – Vejo que meu mano	250-come não falou com a moça
239-entre o conde e a mãe dela	245-quis me falar com franqueza	251-estava contrariado
240-todos tiraram o chapéu	246-pois esta gentil donzela	252-foi inventar uma idéia
241-em continência à donzela.	247-é rainha da beleza.	253-que lhe desse resultado.
254-No outro dia saiu	260-Respondeu o jornalista:	266-Evangelista entrou
255-passeando Evangelista	261- Tem o doutor Edmundo	267-na casa do engenheiro
256-encontrou-se na cidade	262-na rua dos Operários	268-falando em língua grega
257-com um moço jornalista.	263-é engenheiro profundo	269-negando ser estrangeiro
258-Perguntou se não havia	264-para inventar maquinismo,	270-lhe propôs um bom negócio
259-na praça algum artista.	265-é ele o maior do mundo.	271-lhe oferecendo dinheiro.
272-Movido a motor elétrico	278-Tinha cauda como leque	284-Quando Edmundo findou
273-depósito de gasolina	279-e asas como um pavão	285-disse-lhe Evangelista:
274-com locomoção macia	280-pescoço, cabeça e bico	286- Sua obra está perfeita
275-que não fazia buzina	281-alavanca, chave e botão	287-ficou com bonita vista
276-a obra mais importante	282-voava igual ao vento	288-o senhor tem de saber
277-que fez em sua oficina.	283-para qualquer direção.	289-que Edmundo é artista!



290-Eu fiz um aeroplano	296-Foram experimentar	302-O pavão de asas abertas
291-da forma de um pavão	297-se tinha jeito o pavão	303-partiu com velocidade
292-que se arma e se desarma	298-abriram alavanca a chave	304-cortando todo o espaço
293-comprimindo em um botão	299-encarnaram num botão	305-muito acima da cidade
294-e carrega doze arrobas	300-o monstro girou suspenso	306-como era meia-noite
295-três léguas acima do chão.	301-maneiro como um balão.	307-voaram mesmo à vontade.
.....		
308-Então disse o engenheiro:	314-Perguntou Evangelista:	320-Edmundo ainda deu-lhe
309- Já provei minha invenção,	315- Quanto custa seu invento?	321-mais uma serra azougada
310-fizemos a experiência	316- Dê-me cem contos de réis	322-que serrava caibro e ripa
311-tome conta do pavão	317-achas caro o pagamento?	323-e não fazia zoadá
312-agora o senhor me paga	318-O rapaz lhe respondeu:	324-tinha os dentes igual navalha
313-sem promover discussão.	319- Acho pouco dou duzentos.	325-de gume bem afiada.
.....		
326-Deu um lenço enigmático	332-Então disse o jovem turco:	338-À meia-noite o pavão
327-que quando Creuza gritava	333- Muito obrigado fiquei,	339-do muro se levantou
328-chamando pelo pai dela	334-do pavão e dos presentes	340-com as lâmpadas apagadas
329-então o moço passava	335-para lutar me arrei	341-como uma flecha voou
330-ele no nariz da moça	336-amanhã à meia-noite	342-bem no sobrado do conde,
331-com isso ela desmaiava.	337-com Creuza conversarei.	343-na cumieira pousou.
.....		
344-Evangelista em silêncio	350-Chegou ao quarto de Creuza	356-A moça estremeceu
345-cinco telhas arredou	351-onde dormia a donzela,	357-acordou no momento instante
346-um buraco de dois palmos	352-debaixo d'um cortinado	358-e viu um rapaz estranho
347-caibros e ripas serrou	353-feito de seda amarela	359-de rosto muito elegante
348-e pendurando uma corda	354-e ele para acordá-la	360-que sorria para ela
349-por ela se escorregou.	355-pôs a mão na testa dela.	361-com um olhar fascinante.
.....		
362-Então Creuza deu um grito:	368-O rapaz lhe disse: – Moça,	374-O jovem puxou o lenço
363- Papai, um desconhecido	369-entre nós não há perigo	375-no nariz dela encostou
364-entrou aqui no meu quarto	370-estou pronto a defendê-la	376-deu uma vertigem na moça
365-sujeito muito atrevido	371-como verdadeiro amigo	377-de repente desmaiou
366-venha depressa, papai	372-venho é saber da senhora	378-e ele subiu na corda
367-pode ser algum bandido.	373-se quer se casar comigo.	379-chegando em cima tirou.
.....		
380-Ajeitou caibros e ripas	386-O conde acordou aflito	392-Percorreu todos os cantos
381-e consertou o telhado	387-quando ouviu a zoadá	393-com a espada na mão
382-e montando em seu pavão	388-entrou no quarto da filha	394-berrando e saltando praga
383-voou bastante vexado	389-desembainhou a espada	395-colérico como um leão
384-veio esconder o aparelho	390-encontrou-a sem sentido	396-dizendo: – Aonde encontrá-lo
385-aonde foi fabricado.	391-dez minutos desmaiada.	397-eu mato esse ladrão.
.....		
398-Creuza disse-lhe: – Meu pai	404-Disse o conde: - Neste caso	410-Evangelista voltou
399- pois eu vi neste momento	405-tu já estás a sonhar,	411-às duas da madrugada
400-um jovem rico e elegante	406-moça de dezoito anos	412-assentou o seu pavão
402-não vi quando ele encantou-se	408-se aparecer casamentos	414-desceu pela mesma trilha
403-porque deu-me um passamento.	409-eu saberei desmanchar.	415-na corda dependurada.
.....		
416-E Creuza estava deitada	422-O rapaz muito sutil	428-A moça interrogou-o:
417-dormindo o sono inocente.	423-foi pegando na mão dela	429-Disse:– Quem é senhor?
418-Seus cabelos como um véu	424-então a moça assustou-se	430-Disse ele: –Sou estrangeiro
419-que enfeitava puramente	425-ele garantiu a ela	431-lhe consagrei muito amor
420-como um anjo terreal	426-que não era malfazejo:	432-se não fores minha esposa
421-que tem lábio sorridente.	427- Não tenhas medo, donzela.	433-a vida não tem valor.
.....		

434-Mas Creuza achou impossível	440- -Como eu lhe tenho amizade	446-Ele aí passou o lenço
435-o moço entrar no sobrado	441-me arrisco fora de hora	447-ela caiu sem sentido
436-então perguntou a ele	442-moça não me negue o sim	448-então subiu pela corda
437-de que jeito tinha entrado	443-a quem tanto lhe adora	449-por onde tinha descido
438-e disse: –Vais me dizendo	444-Creuza aí gritou:– Papai	450-chegou em cima e disse:
439-se és vivo ou encantado.	445-venha ver o homem agora.	451- O conde será vencido.
.....		
452-Ouviu-se tocar corneta	458-Até que a moça tornou	464- Minha filha eu já pensei
453-e o brado da sentinela	459-disse o conde: –É um caso sério	465-em um plano bem sagaz
454-o conde se dirigiu	460-sou um fidalgo tão rico	466-passe essa banha amarela
455-para o quarto da donzela	461-atentado em meu critério	467-na cabeça desse audaz
456-viu a filha desmaiada	462-mas nós vamos descobrir	468-só assim descobriremos
457-não pôde falar com ela.	463-o autor desse mistério	469-esse anjo ou satanás.
.....		
470- Só vendo uma visão	476-Evangelista também	482-Depois de sessenta dias
471-que entra neste sobrado,	477-desarmou o seu pavão	483-alta noite em nevoeiro
472-só chega à meia-noite	478-a cauda, a capota, o bico	484-Evangelista chegou
473-entra e sai sem ser notado	479-diminuiu a armação	485-no seu pavão bem maneiro
474-se é gente deste mundo	480-escondeu o seu motor	486-desceu no quarto da moça
475-usa feitiço encantado.	481-em um pequeno caixão	487-a seu modo costumeiro
.....		
488-Já era a terceira vez	494-Com pouco a moça acordou,	500-Evangelista sentou-se
489-que Evangelista entrava	495-foi logo dizendo assim:	501-pôs-se a conversar com ela
490-no quarto que a condessa	496- Tu tens dito que me amas	502-trocando riso esperava
491-à noite se agasalhava	497-com um bem-querer sem fim	503-a resposta da donzela
492-pela força do amor	498-se me amas com respeito	504-ela pôs-lhe a mão na cabeça
493-o rapaz se arriscava.	499-te sentas junto de mim.	505-untando a banha amarela.
.....		
506-Depois Creuza levantou-se	512-E logo Evangelista	518-Creuza então passou o resto
507-com vontade de gritar	513-voando da cumieira	519-da noite, mal sossegada
508-o rapaz tocou-lhe o lenço	514-foi esconder seu pavão	520-acordou pela manhã
509-sentiu ela desmaiar	515-nas folhas d'uma palmeira.	521-meditava e cismada
510-deixou-a com uma síncope,	516-Disse: – Na quarta viagem	522-se o pai não perguntasse
511-tratou de se retirar.	517-levo a condessa estrangeira.	523-ela não dizia nada
.....		
524-Disse o conde: – minha filha	530-E Creuza disse: – Papai	536-O conde disse aos soldados
525-parece que estás doente!	531-eu cumpri o seu mandado	537-que a cidade patrulhassem
526-Sofreste algum acesso	532-o rapaz apareceu-me	538-tomassem os chapéus dos homens
527-porque teu olhar não mente	533-mas achei-o delicado	539-que na rua encontrassem
528-o tal rapaz encantado	534-passei-lhe a banha amarela	540-um de cabelo amarelo
529-te apareceu certamente	535-e ele saiu marcado.	541-ou rico ou pobre pegassem.
.....		
542-Evangelista vestiu-se	548-Os soldados lhe disseram:	554- Você hoje vai provar
543-com roupa de um alugado	549- Cidadão não estremeça	555-por sua vida responde
544-encontrou-se com a patrulha	550-está preso é ordem do conde	556-como é que tem falado
545-o seu chapéu foi tirado	551-é bom que não se cresça	557-com a filha do nosso conde
546-viram de cabelo amarelo	552-vai à presença do grande	558-quando lhe procura
547-gritaram: – Esteja intimado.	553-se é homem não esmoreça.	559-onde é que você se esconde
.....		
560-Respondeu Evangelista:	566-Disseram: – Pode mudar	572-Seguiu logo Evangelista
561- Também me faça um favor	567-sua roupa de nobreza	573-conversando com o guarda
562-enquanto eu vou vestir	568-a moça bem que dizia	574-até que se aproximaram
563-minha roupa superior	569-que o rapaz tinha riqueza	575-d'uma palmeira copada.
564-na classe de homem rico	570-vamos ganhar uma luva	576-Então disse Evangelista:
565-ninguém pisa meu valor!	571-e o conde uma surpresa.	577- Minha roupa está trepada.
.....		

578-E os soldados olharam 579-em cima viram um caixão 580-mandaram ele subir 581-e ficaram de prontidão 582-pegaram a conversar 583-prestando pouca atenção.	584-Evangelista subiu 585-pôs o dedo n'um botão 586-seu pavão de alumínio 587-ergueu logo a armação 588-dali foi se levantando 589-seguiu voando o pavão.	590-E os soldados gritaram: 591- Amigo, o senhor desça 592-Deixe de tanta demora 593-É bom que não aborreça, 594-Senão com pouco uma bala 595-Visita a sua cabeça!
596-Então mandaram subir 597-um soldado de coragem 598-disseram: - Pegue na arma 599-arraste com a folhagem 600-está passando da hora 601-de voltamos da viagem.	602-Quando o soldado subiu 603-gritou:- Perdemos a ação 604-fugiu o moço voando 605-de longe vejo um pavão 606-zombou de nossa patrulha 607-aquele moço é o "Cão".	608-Voltaram e disseram ao conde 609-que o rapaz tinham encontrado 610-mas do olho d'uma palmeira 611-o moço tinha voado 612-disse o conde: - Pois é o "cão" 613-que com Creuza tem falado.
614-Creuzasabendo da história 615-chorava de arrependida 616-por ter marcado o rapaz 617-com a banha desconhecida 618-Disse: - nunca mais terei 619-sossego na minha vida.	620-Disse Creuza: - Ora papai 621-me priva da liberdade 622-não consente que eu goze 623-a distração da cidade 624-vivo como criminoso 625-sem gozar a mocidade	626- Aqui não tenho direito 627-de falar com um criado 628-um rapaz para me ver 629-precisa ser encantado 630-mas talvez ainda eu fuja 631-deste maldito sobrado.
632- O rapaz que me amou 633-só queria vê-lo agora 634-para cair nos seus pés 635-como uma infeliz que chora 636-embora que eu depois 637-morresse na mesma hora.	638- Eu sei bem que para ele 639-não mereço confiança 640-enquanto ele vinha aqui 641-ainda eu tinha esperança 642-de sair desta prisão 643-onde estou desde criança.	644-Às quatro da madrugada 645-Evangelista desceu 646-Creuzas estava acordada 647-nunca mais adormeceu 648-a moça estava chorando 649-o rapaz lhe apareceu.
650-O jovem cumprimentou-a 651-deu-lhe um aperto de mão 652-a condessa ajoelhou-se 653-para pedir-lhe perdão 654-disse: - Meu pai mandou-me 655-eu fazer-lhe uma traição.	656-O rapaz disse: - Menina 657-a mim não fizeste mal 658-toda moça é inocente, 659-tem seu papel virginal 660-cerimônia de donzela 661-é uma coisa natural.	662- Todo o meu sonho dourado 663-é fazer-te minha senhora 664-se queres casar comigo 665-te arrumas e vamos embora 666-se não o dia amanhece 667-e se perde a nossa hora!
668- Se o senhor é homem rico 669-e comigo quer casar 670-pois tome conta de mim 671-aqui não quero ficar 672-se eu falar em casamento, 673-meu pai manda me matar.	674- Que importa que ele mande 675-Tropa e navios pelos mares 676-minha viagem é aérea 677-meu cavalo anda nos ares 678-nós vamos sair daqui 679-casar em outros lugares.	680-Creuzas estava empacotando 681-o vestido mais elegante 682-o conde entrou no quarto 683-e dando um berro vibrante 684-gritando: - Filha maldita 685-vais morrer com teu amante.
686-O conde rangendo os dentes 687-avançou com passo extenso 688-deu um pontapé na filha 689-dizendo: - Eu sou quem venço 690-logo no nariz do conde 691- o rapaz passou o lenço.	692-Ouviu-se o baque do conde 693-porque rolou desmaiado 694-a última cena do lenço 695-deixou-o magnetizado. 696-disse o moço: -Tem dez minutos 697-pra sairmos do sobrado.	698-Creuzas disse: - Estou pronta 699-já podemos ir embora 700-e subiram pela corda 701-até que saíram fora 702-se aproximava a alvorada 703-pela cortina de aurora.
704-Com pouco o conde acordou 705-viu a corda pendurada 706-na coberta do sobrado 707-distinguiu uma zoada 708-e as lâmpadas do aparelho 709-mostrando luz variada.	710-E a gaita do pavão 711-tocando uma rouca voz 712-o monstro de olhos de fogo 713-projetando os seus faróis 714-o conde mandando pragas 715-disse a moça: - É contra nós.	716-Os soldados da patrulha 717-estavam de prontidão 718-disseram: - Vem ver, Fulano 719-aí vai passando o pavão 720-o monstro fez uma curva 721-para tomar direção

722-Então dizia um soldado:	728-O conde olhou para a corda	734-O jovem Evangelista
723- Orgulho é uma ilusão	729-e o buraco no telhado	735-foi chegando na Turquia
724-um pai governa uma filha	730-como tinha sido vencido	736-com a condessa da Grécia
725-mas não manda no coração	731- como tinha atilado	737-fidalga da monarquia,
726-pois agora a condessinha	732- adoeceu só de raiva	738-em casa do seu irmão
727-vai fugindo no pavão.	733- morreu por não ser vingado.	739-casaram no mesmo dia.
.....		
740-Em casa de João Batista	746-Enquanto Evangelista	752-Dizia o telegrama:
741-deu-se grande ajuntamento	747-gozava imensa alegria,	753-Creuzas vem com teu marido
742-dando vivas ao noivado	748-chegava um telegrama	754-receber tua herança
743-parabéns ao casamento	749-da Grécia para Turquia	755-o conde é falecido
744-à noite teve retreta,	750-chamando a condessa Creuzas	756-tua mãe deseja ver
745-com visita e cumprimento.	751-pelo motivo que havia.	757-o genro reconhecido.
.....		
758-A condessa estava lendo	764-De manhã quando os noivos	770-Diziam os convidados:
759-com o telegrama na mão	765-acabaram de almoçar	771- A condessa é tão mocinha
760-entregou a Evangelista	766-e Creuzas em traje de noiva	772-mas vestida como noiva
761-que mostrou a seu irmão	767-pronta para viajar	773-torna-se mais bonitinha
762-dizendo: – Vamos voltar	768-de palma, véu e capela	774-está com um buquê de flor
763-por uma justa razão.	769-pois só vieram casar.	775-seria como uma rainha.
.....		
776-Os noivos tomaram assento	782-Na cidade de Atenas	788-Na tarde do mesmo dia
777-no pavão de alumínio	783-estava a população	789-que o pavão foi chegando
778-e o monstro levantou-se	784-esperando pela volta	790-em casa de Edmundo
779-foi ficando pequenino	785-do aeroplano-pavão	791-ficou o noivo hospedado
780-continuou o seu vôo	786-ou cavalo do espaço	792-seu amigo de confiança
781-no rumo de seu destino.	787-que imita o avião.	793-que foi bem recompensado.
.....		
794-E também a mãe de Creuzas	800-Disse a velha: – minha filha	
795-já esperava vexada	801-saíste do cativo	
796-a filha mais tarde entra	802-fizeste bem em fugir	
797-muito bem acompanhada	803-e casar no estrangeiro	
798-de braços com seu noivo	804-tomem conta da herança	
799-disse: – Mamãe estou casada.	805-meu genro é meu herdeiro.	

**TEXTO 06: As Diabruras de Pedro Malazartes (Expedito Sebastião da Silva)**

- 01 – Das histórias de proezas  
02 – lidas em todas as partes  
03 – talvez não haja nenhuma  
04 – jocosa e cheia de artes  
05 – que chegue a se comparar  
06 – a de Pedro Malazartes.
- 07 – O Pedro enquanto criança  
08 – foi cheio de diabruras  
09 – devido a isso tornou-se  
10 – campeão das travessuras  
11 – foi um ente absoluto  
12 – entre todas criaturas.
- 13 – Tinha ele a venta chata  
14 – lábios finos e descorados  
15 – o rosto comprido e sêco  
16 – cabelos avermelhados  
17 – branco, de alta estatura  
18 – olhos verdes e vexados.
- 
- 19 – Quando tornou-se rapaz  
20 – só vivia a vadiar  
21 – se deitava numa rêde  
22 – se balançando a cantar  
23 – dizendo: não sou jumento  
24 – pra morrer de trabalhar.
- 25 – O pai dele já idoso  
26 – logo que rompia o dia  
27 – com João o outro filho  
28 – para o roçado seguia  
29 – e só à noite voltavam  
30 – depois que escurecia.
- 31 – O João nem parecia  
32 – a ser de Pedro parente  
33 – pois era trabalhador  
34 – mais velho um ano somente  
35 – então dos sistemas dêle  
36 – era muito diferente.
- 
- 37 – Certo dia o pai de Pedro  
38 – disse: cuida em trabalhar  
39 – eu já estou muito velho  
40 – não posso mais sustentar  
41 – a um malandro robusto  
42 – que só vive a vadiar.
- 43 – Disse Pedro: essa não!  
44 – pois se Deus me fez nascer  
45 – por certo me dar sustento  
46 – pra eu no mundo viver  
47 – portanto é uma loucura  
48 – trabalhar para comer.
- 49 – O senhor desde criança  
50 – vive num duro tormento  
51 – trabalhando dia e noite  
52 – por um mirrado sustento  
53 – o que tem é eu e João  
54 – e um caduco jumento.
- 
- 55 – Se o senhor mais João  
56 – tomassem os conselhos meus  
57 – deixavam de trabalhar  
58 – e esperavam por Deus  
59 – ele como pai nos manda  
60 – porque somos filhos seus.
- 61 – Por isso que vivo tranqüilo  
62 – deitado na minha rêde  
63 – comendo frutos silvestres  
64 – nos rios matando a sêde  
65 – dormindo às sombras das árvores  
66 – ou de alguma parede.
- 67 – Afinal eu neste mundo  
68 – o que é que quero mais?  
69 – Pois se confio naquele  
70 – que diz ser o pai dos pais  
71 – o qual a nenhum dos filhos  
72 – não desprezará jamais.
- 
- 73 – Disse o velho: inda hoje  
74 – João seguirá viagem  
75 – pra trabalhar a um turco  
76 – que mora noutra paragem  
77 – só não acompanho ele  
78 – porque não tenho coragem.
- 79 – Pedro disse a João:  
80 – meu irmão, não faça isso!  
81 – Não há loucura maior  
82 – do que procurar serviço  
83 – é tal como o feiticeiro  
84 – andar atrás de feitiço.
- 85 – Fiques aí, disse João  
86 – você só quer é brincar  
87 – eu irei ganhar dinheiro  
88 – para a meu pai sustentar!  
89 – Disse Pedro: está certo,  
90 – depois não chegue a chorar.
- 
- 91 – Êsse turco a quem João  
92 – foi trabalhar alugado  
93 – não tinha temor de Deus  
94 – era cruel e malvado  
95 – das costas de muitos pobres  
96 – já tinha o couro tirado.
- 97 – Chegando João na fazenda  
98 – falou para trabalhar  
99 – o turco disse: pois não  
100 – você pode ficar aqui  
101 – porém é nas condições  
102 – que vou lhe apresentar.
- 103 – Aqui quem não suportar  
104 – os meus tolos sisteminhas  
105 – eu tiro couro das costas  
106 – e penduro minhas linhas  
107 – se eu não o aguentar  
108 – poderá tirar das minhas.
- 
- 109 – João ciente de tudo  
110 – dormiu numa rancharia  
111 – o turco acordou-lhe cedo  
112 – na manhã do outro dia  
113 – uma cadela pelada  
114 – trouxe em sua companhia.
- 115 – Disse o turco: esta cachorra  
116 – irá consigo ensinar  
117 – o lugar que o senhor  
118 – irá hoje trabalhar  
119 – para o almoço só venha  
120 – na hora qu'ela voltar.
- 121 – A cachorra aí seguiu  
122 – João lhe acompanhou  
123 – quando numa grande roça  
124 – chegaram, ela parou  
125 – logo depois numa sombra  
126 – ela foi e se deitou.
- 
- 127 – João pegou no serviço  
128 – com toda sua energia  
129 – deu nove, dez, onze horas  
130 – finalmente meio-dia  
131 – a cadela lá deitada  
132 – dormindo nem se bolia.
- 133 – Afinal às 4 horas  
134 – a cadela se acordou  
135 – então inda sonolenta  
136 – para a fazenda marchou  
137 – João passado de fome  
138 – tombando lhe acompanhou.
- 139 – Na fazenda o almoço  
140 – que veio para João  
141 – foi um pires de arroz  
142 – uma concha de feijão  
143 – uma banda de um ovo  
144 – e um pedaço de pão.

145 – Aquele almoço mesquinho	151 – João não podendo mais	157 – João voltando para casa
146 – João ligeiro comeu	152 – ao turco declarou	158 – chegou na porta caiu
147 – quando foi no outro dia	153 – êsse sem ter mais conversa	159 – e quando seu velho pai
148 – do mesmo jeito se deu	154 – pegou ele e amarrou	160 – naquele estado lhe viu
149 – desta forma com 3 dias	155 – depois o couro das costas	161 – pondo a mão no coração
150 – o rapaz esmoreceu.	156 – sem compaixão lhe tirou.	162 – caindo se concluiu.
163 – Êsse transe inesperado	169 – Quando João ficou bom	175 – Botando a maca nas costas
164 – Pedro firme suportou	170 – que se restabeleceu	176 – de João se despediu
165 – sem lamento e sem chôro	171 – Pedro disse para ele:	177 – para a fazenda do turco
166 – seu velho pai sepultou	172 – meu destino enegreceu	178 – sem mais demora partiu
167 – depois tratou de João	173 – agora com êsse turco	179 – no mesmo dia à tardinha
168 – até que ele sarou.	174 – quem vai trabalhar sou eu.	180 – na tal fazenda se viu.
181 – Chegando pediu serviço	187 – Disse Pedro: está certo	193 – E Pedro foi para o rancho
182 – o turco não hesitou	188 – eu só não quero é brincar	194 – que tinha João se arranchado
183 – lhe deu serviço na hora	189 – agora o senhor me diga	195 – de manhã o turco veio
184 – e quando tudo acertou	190 – onde vou me arranchar	196 – já o achou acordado
185 – a infeliz condição	191 – porque quero dormir cedo	197 – o qual trazia consigo e
186 – ele a Pedro apresentou.	192 – para cedo me acordar.	198 – a tal cadela de lado.
199 – Disse o turco: a cadela	205 – A cadela aí correndo	211 – Pedro pegou no serviço
200 – desde já pode seguir	206 – na frente dele marchou	212 – e com menos de uma hora
201 – ela lhe mostra o trabalho	207 – Pedro seguiu atrás dela	213 – começou a sentir fome
202 – onde você vai agir	208 – quando na roça chegou	214 – disse consigo: eu agora
203 – porém só venha almoçar	209 – a cachorra procurando	215 – quero ver se esta bicha
204 – na hora que ela vir.	210 – uma sombra se deitou.	216 – não vai já daqui embora.
217 – Com um chicote ensebado	223 – E Pedro deu na cadela	229 – Quando a cadela chegou
218 – que já tinha ele feito	224 – até que sentiu canseira	230 – ficou o turco espantado
219 – foi onde estava a cadela	225 – assim que ele soltou-a	231 – ele ainda quis voltá-la
220 – e a pegou a seu jeito	226 – ela saiu na carreira	232 – mas não teve resultado
221 – mandou-lhe o relho no lombo	227 – para o lado da fazenda	233 – nisso viu Pedro chegar
222 – foi a torto e a direito.	228 – que só se via a poeira.	234 – andando bem moderado.
235 – Mas Pedro o que foi que houve	241 – O turco mandou botar	247 – Chegando, foi as panelas
236 – na roça com a cadela?	242 – para Pedro a refeição	248 – e ninguém pôde dar jeito
237 – Disse Pedro: e eu sei	243 – quando chegou a comida	249 – então de várias comidas
238 – se há algo errado nela!	244 – ele com indignação	250 – fez ele um prato bem feito
239 – O que fiz foi só voltar	245 – pegou um prato bem grande	251 – depois sentou-se e comeu
240 – para o almoço atrás dela.	246 – e foi até o fogão.	252 – que ficou bem satisfeito.
253 – O turco ficou danado	259 – Amanhã muito cedinho	265 – Pedro lhe disse: está bem;
254 – como um leão voraz	260 – você vai buscar pra mim	266 – quando foi no outro dia
255 – porém se fingindo calmo	261 – uma carrada de lenha	267 – ele num carro de boi
256 – disse: hoje, meu rapaz	262 – lá na baixa do capim	268 – com disposição seguia
257 – para a roça onde foste	263 – mas quero-a cheia de nós	269 – para um canavial
258 – não precisava voltar mais.	264 – só me serve sendo assim.	270 – que ao turco pertencia.
271 – Quando ele ali chegou	277 – E tocou para a fazenda	283 – Meu amigo, isto é cana
272 – entrou foi ficar no meio	278 – então quando lá chegou	284 – e cana de alto preço!
273 – e danou-se a cortar cana	279 – o turco quase desmaia	285 – Disse Pedro: me perdoe
274 – o estandarte era feio	280 – quando o carro ali parou	286 – doutra vez não me esqueço
275 – com menos de uma hora	281 – aí com ar de loucura	287 – mas a lenha de mais nós
276 – se achava o carro cheio.	282 – fitando Pedro bradou:	288 – é esta que eu conheço.
289 – Disse o turco: te perdôo	295 – Pedro com disposição	301 – Chegando ele no sítio
290 – tôdas as culpas são minhas;	296 – na manhã do outro dia	302 – pôs-se a cortar bananeiras
291 – mas veja, amanhã eu quero	297 – num grande carro de boi	303 – ele cortando dizia:

- 292 – uma carrada de linhas      298 – cantando se dirigia      304 – oh! Que linhas verdadeiras!  
 293 – para botar numa casa      299 – para um bananeiral      305 – Nelas não se vê um nó  
 294 – tôdas sem nós, bem lisinhas. 300 – que ao turco pertencia.      306 – além disso tão linheiras!
- 
- 307 – Logo que encheu o carro      313 – Pedro, você é um louco?      319 – O turco embocou em casa  
 308 – para a fazenda partiu      314 – Responda por caridade!      320 – deixando Pedro cá fora  
 309 – o turco estava sentado      315 – Disse Pedro: senhor turco      321 – numa sala se sentou  
 310 – no alpendre quando viu      316 – falo com sinceridade      322 – e pensou mais duma hora  
 311 – aquela enorme carrada      317 – linhas sem haver nó      323 – o jeito que faria  
 312 – indignado rugiu:      318 – só há desta qualidade.      324 – para Pedro ir embora.
- 
- 325 – Êsse turco tinha mãe      331 – Depois de tudo está certo      337 – O seu nome é cotovia  
 326 – também muito desgraçada      332 – foi com Pedro conversar      338 – e é fera traiçoeira  
 327 – então o turco com ela      333 – então calmo disse: Pedro      339 – pois ela sempre aparece  
 328 – projetou uma cilada      334 – eu quero lhe avisar      340 – no pé daquela mangueira  
 329 – pra fazer Pedro sair      335 – que está aparecendo      341 – ali mesmo certo dia  
 330 – correndo de madrugada.      336 – um bicho neste lugar.      342 – já acharam uma caveira.
- 
- 343 – Vendo eu que você dorme      349 – Obrigado, disse Pedro      355 – Pegou ele o bacamarte  
 344 – naquele rancho isolado      350 – e pra seu rancho voltou      356 – com bem cuidado limpou  
 345 – o qual não tem uma porta      351 – ali por felicidade      357 – então com ferro e com pedra  
 346 – que lhe deixe bem guardado      352 – Pedro sem querer achou      358 – como quis o carregou  
 347 – eu vim aqui avisar      353 – uma antigo bacamarte      359 – depois guardou-o no rancho  
 348 – para você ter cuidado.      354 – que muito lhe alegrou.      360 – e pela noite esperou.
- 
- 361 – Pedro à noite não deitou-se      367 – Pedro chegou-se pra perto      373 – Pedro segurou a arma  
 362 – ficou ali de plantão      368 – com a arma carregada      374 – apontou em direção  
 363 – lá para às tantas de noite      369 – porem logo ele ouviu      375 – de onde lhe veio a voz  
 364 – na maior escuridão      370 – uma voz mui arrastada      376 – embora na escuridão  
 365 – para o lado da mangueira      371 – que dizia: cotovia      377 – quando puxou o gatilho  
 366 – ouviu uma confusão.      372 – vem sangrar um camarada!      378 – ouviu-se um baque no chão.
- 
- 379 – Pedro naquele momento      385 – O turco ouvindo esta voz      391 – Pedro disse: senhor turco  
 380 – sem demonstrar covardia      386 – correu de dentro pra fora      392 – para que tanta agonia?  
 381 – foi acordar logo o turco      387 – perguntou: Pedro, é verdade?      393 – Eu não matei sua mãe  
 382 – ele o chamando dizia:      388 – valei-me, Nossa Senhora!      394 – matei sim, a cotovia  
 383 – se acorde, meu patrão      389 – Você matou minha mãe!...      395 – e se ela era o bicho  
 384 – eu matei a cotovia.      390 – meu Deus o que faço agora?!      396 – lhe juro que não sabia.
- 
- 397 – O turco saiu correndo      403 – Disse o turco para Pedro:      409 – O turco se sujeitou  
 398 – fazendo um grande alarido      404 – pode procurar seu giro!      410 – Pedro sem ter compaixão  
 399 – quando chegou na mangueira      405 – Pedro calmo respondeu:      411 – tirou-lhe o couro das costas  
 400 – ele soltou um gemido      406 – desde já eu me retiro      412 – em toda sua extensão  
 401 – olhando o corpo da mãe      407 – mas antes de ir, o couro      413 – do jeito que ele fez  
 402 – morto no chão estendido.      408 – das suas costas eu tiro.      414 – com o seu irmão João.
- 
- 415 – E Pedro chegando em casa      421 – Com poucos dias depois      427 – Vamos matar o jumento  
 416 – entregou logo a João      422 – Pedro pra João falou:      428 – e a partilha fazer  
 417 – as duas tiras de couro      423 – vamos partir a herança      429 – disse João: matar o jegue?!  
 418 – disse: toma bestalhão      424 – que o meu pai nos deixou      430 – Isso não poderá ser!  
 419 – o turco do seu instinto      425 – vou embora e por isso      431 – Disse Pedro: é o meio  
 420 – ganhou a compensação.      426 – eu quero o que me tocou.      432 – que eu posso resolver.
- 
- 433 – Aí João disse: eu compro      439 – Pedro pegou o jumento      445 – Quando bateu meio-dia  
 434 – a banda que te pertence      440 – passou o pau e matou      446 – Pedro com ar fadigante  
 435 – disse Pedro: a minha parte      441 – deu a banda de João      447 – arranchou-se numa sombra  
 436 – se quer comprá-la, nem pense      442 – e com a sua ficou      448 – duma árvore verdejante  
 437 – eu quero a banda do jegue      443 – depois com ela nas costas      449 – pegou a banda do jegue  
 438 – e você não me convence.      444 – pelo mundo viajou.      450 – de si botou bem distante.
-

- 451 – Depois na sombra deitou-se  
452 – e ficou a vigiar  
453 – nisso um bando de urubus  
454 – viu na carniça posar  
455 – e tôda banda do jegue  
456 – começaram a estraçalhar.
- 457 – Aí Pedro fez um laço  
458 – foi na carniça e deixou  
459 – então voltou para sombra  
460 – escondido se deitou  
461 – uma das pontas do laço  
462 – com uma mão segurou.
- 463 – Logo um dos urubus  
464 – foi laçado por um pé  
465 – Pedro ligeiro pegou-o  
466 – dizendo: em Deus tenho fé  
467 – que com esta ave irei  
468 – ver minha sorte qual é.
- 
- 469 – Botou debaixo do braço  
470 – o urubu saiu  
471 – andou o resto da tarde  
472 – e quando a noite caiu  
473 – sem esperar em um páteo  
474 – duma fazenda se viu.
- 475 – Pedro ficou no oitão  
476 – da casa de moradia  
477 – de forma que a presença  
478 – dêle ninguém pressentia  
479 – o que diziam na casa  
480 – ele de cá tudo ouvia.
- 481 – Ouvia a dona da casa  
482 – dizendo para a criada:  
483 – cuida logo nesse bife  
484 – e na carne preparada  
485 – põe tempêro na galinha  
486 – e apronte a malassada.
- 
- 487 – Depois esconda no quarto  
488 – e tenha todo cuidado  
489 – que é pra jantarmos juntas  
490 – com o meu vaqueiro amado  
491 – para meu marido bote  
492 – feijão com toucinho assado.
- 493 – Pedro nisso viu chegar  
494 – um vistoso cidadão  
495 – era o dono da fazenda  
496 – o qual com satisfação  
497 – pegando Pedro no braço  
498 – chamou-o pra refeição.
- 499 – Quando chegaram na mesa  
500 – Pedro ligeiro botou  
501 – debaixo dela o urubu  
502 – logo depois se sentou  
503 – e quando a comida veio  
504 – ele calado estranhou.
- 
- 505 – E com o pé catucou  
506 – o urubu bem ligeiro  
507 – o dito alto fungando  
508 – Pedro disse: enredeiro  
509 – tudo que ver quer contar!  
510 – Oh! Que bicho fuchiqueiro!
- 511 – Perguntou o fazendeiro:  
512 – o que ele diz, amigo?  
513 – Disse Pedro: esse pássaro  
514 – tem um defeito consigo  
515 – o que sabe quer contar;  
516 – é um horrível perigo!
- 517 – Ele diz que lá no quarto  
518 – tem comida preparada  
519 – galinha cheia e bife  
520 – e muita carne guisada  
521 – macarrão bem cozinhado  
522 – e gostosa malassada.
- 
- 523 – A mulher ouvindo isso  
524 – disse danada da vida:  
525 – criada, tu não botasses  
526 – na mesa toda comida?  
527 – Disse ela: oh! Meu Deus  
528 – como eu sou esquecida!
- 529 – Tôda comida guardada  
530 – a criada foi buscar  
531 – botou na mesa com raiva  
532 – mas sem o homem notar  
533 – ali tranqüilo com Pedro  
534 – comeu até se fartar.
- 535 – O fazendeiro depois  
536 – que acabou de comer  
537 – disse: amigo, esta ave  
538 – responda se quer vender?  
539 – Uma ave como esta  
540 – é bom em casa se ter.
- 
- 541 – Disse Pedro: esta ave  
542 – só poderá ser vendida  
543 – por uma soma que dê  
544 – pra eu melhorar a vida;  
545 – pergunta o homem: qual é  
546 – sua quantia exigida?
- 547 – Diz Pedro: para o senhor  
548 – que é um homem de bem  
549 – lhe custa quinhentos contos  
550 – por menos de um vintém;  
551 – disse o homem: ela é minha  
552 – porque muito me convém.
- 553 – Pedro recebendo o cobre  
554 – disse: vou lhe avisar  
555 – na cabeça dêste pássaro  
556 – não deixe ninguém mijar  
557 – pois fazendo isto, ele  
558 – deixa de adivinhar.
- 
- 559 – A mulher que se achava  
560 – escutando ali de lado  
561 – consigo disse: diabo  
562 – o teu chá está preparado  
563 – vás pagar o que fizeste  
564 – pra não seres desgraçado!
- 565 – Então Pedro na fazenda  
566 – naquela noite dormiu  
567 – quando o dia amanheceu  
568 – ele escondido partiu  
569 – o fazendeiro cedinho  
570 – para o trabalho seguiu.
- 571 – As nove horas do dia  
572 – o tal vaqueiro chegou  
573 – a mulher do fazendeiro  
574 – com ele se abraçou  
575 – Depois o caso do pássaro  
576 – A ele tudo contou
- 
- 577 – Disse a mulher: Para ele  
578 – Nunca mais adivinhar  
579 – Vamos levá-lo pro quarto  
580 – Pra com ele nos trancar  
581 – Depois na cabeça dele  
582 – Cada de nós urinar
- 583 – No quarto foi a mulher  
584 – Que foi primeiro urinar  
585 – Na cabeça do urubu  
586 – Mas ele pôde pegar  
587 – Nela num lugar que eu  
588 – Aqui não posso contar
- 589 – Me valham! Disse a mulher  
590 – por nosso Deus verdadeiro!  
591 – mas com as unhas dum pé  
592 – segurou ele o vaqueiro  
593 – com as do outro a criada  
594 – ficaram os três num berreiro.
- 
- 589 – O fazendeiro na roça  
590 – trabalhando não sabia  
591 – que a esposa que tinha  
592 – com o vaqueiro o traía
- 595 – Como era perto da roça  
596 – onde estava o fazendeiro  
597 – ele de lá pôde ouvir  
598 – aquele grande berreiro
- 601 – O homem veio correndo  
602 – devido aquela zuada  
603 – em casa achou a mulher  
604 – pelo urubu atracada



593 – mas a falsidade dela	599 – de vozes lá na fazenda	605 – da mesma forma encontrou
594 – descobriu-se nesse dia.	600 – num completo desespero.	606 – o vaqueiro e a criada.
.....		
607 – O homem saiu correndo	613 – Mas Pedro desconfiado	619 – Pedro aí se empregou
608 – atrás de Pedro ligeiro	614 – disse: eu não faço asneira;	620 – com um rico fazendeiro
609 – adiante encontrou ele	615 – passou sebo nas cadelas	621 – para tratar de uns porcos
610 – gritou alto: cavalheiro	616 – e partiu em tal carreira	622 – que havia num chiqueiro
611 – espere um pouquinho aí	617 – que foi parar com 6 léguas	623 – ganhando apenas a bóia
612 – quero dar-lhe mais dinheiro.	618 – além em outra ribeira.	624 – sem ter direito a dinheiro.
.....		
625 – Pedro depois de um mês	631 – Ele com toda cautela	637 – Certo dia Pedro estava
626 – começou com safadeza	632 – cada porco que matava	638 – muito longe de pensar
627 – se danou a matar o porco	633 – no lamaçal do chiqueiro	639 – que o fazendeiro fosse
628 – e vender na redondeza	634 – do dito o rabo enterrava	640 – para seus porcos olhar
629 – o patrão sem pressentir	635 – então em cima da lama	641 – ficou mais do que surpreso
630 – aquela grande esperteza.	636 – uma pontinha deixava.	642 – quando viu ele chegar.
.....		
643 – Seu Pedro, passe bom dia	649 – O homem olhou o chiqueiro	655 – Meu patrão há certas coisas
644 – [assim disse o fazendeiro]	650 – mas não vendo um pouco ali	656 – que são cheias de caipora
645 – ele respondeu: bom-dia	651 – então perguntou: seu Pedro	657 – vi seus porcos se sumir
646 – e ficou em desespero	652 – quede os porcos daqui?	658 – nesta lama inda agora
647 – quando viu que o patrão	653 – Disse Pedro: eles estão	659 – por prova disso ficaram
648 – se dirigia ao chiqueiro.	654 – todos enterrados aí.	660 – só com os rabos de fora.
.....		
661 – O homem pegou num rabo	667 – Disse o homem: sendo assim	673 – O homem tinha três filhas
662 – com toda força arrancou	668 – vá lá em casa buscar	674 – duma beleza sem fim
663 – Pedro disse: meu patrão	669 – u’a pá e dois picaretas	675 – eram três rosas mimosas
664 – êste o senhor desmarcou	670 – para os porcos arrancar	676 – num verdecido jardim
665 – porque arrancou o rabo	671 – me traga as três ferramentas	677 – Pedro quando lá chegou
666 – e o porco dentro ficou.	672 – não se faça demorar.	678 – lhes deu o recado assim:
.....		
679 – Manda dizer vosso pai	685 – Disse Pedro: portador	691 – O fazendeiro que era
680 – que fôssem embora comigo	686 – não merece cinturão	692 – cheio de estupidez
681 – se não lhe obedecessem	687 – eu daqui vou perguntar	693 – disse: era o que faltava
682 – as matava num castigo;	688 – escutem se é ou não;	694 – que tolíce de vocês!
683 – disse uma: que mentira!	689 – Pedro de cá perguntou:	695 – De cá gritou confirmando:
684 – êste recado eu nem ligo.	690 – não são três, meu patrão?	696 – sim, meninas, tôdas três.
.....		
697 – As 3 moças quando ouviram	703 – Depois de cinco ou seis dias	709 – Mas Pedro depois temendo
698 – o que o pai respondeu	704 – que Pedro estava com elas	710 – que o rico fazendeiro
699 – a Pedro se entregaram	705 – ele resolveu consigo	711 – podia vir procurá-lo
700 – ele calmo as recebeu	706 – se desfazer das donzelas	712 – por ali com cangaceiro
701 – então com elas nas matas	707 – então fez elas voltar	713 – embrenhou-se pelas matas
702 – dali desapareceu.	708 – para casa do pai delas.	714 – sem direção nem roteiro.
.....		
715 – Naquelas matas seguiu	721 – Depois de uma semana	727 – Era uma praia deserta
716 – sem saber por onde ir	722 – que’le andava a errar	728 – como se fosse um degredo
717 – não achou uma vereda	723 – naquelas matas funestas	729 – Pedro olhou para os lados
718 – pra melhor se dirigir	724 – sem uma saída achar	730 – só viu água e um rochedo
719 – de vez em quando nas furnas	725 – numa manhã sem querer	721 – ele aí seguiu andando
720 – ouvia as feras rugir.	726 – saiu numa beira-mar.	722 – sentindo bastante mêdo.
.....		
723 – Adiante se sentou	729 – Ele botou-se pra lá	735 – Pedro retirou a caixa
724 – das forças já abatido	730 – chegando viu estrada	736 – e abriu ligeiramente
725 – correndo os olhos na praia	731 – uma freira que no mar	737 – dentro viu um crucifixo
726 – avistou surpreendido	732 – talvez morreu afogada	738 – e uma linda corrente
727 – o corpo dum ser humano	733 – então na mão dela tinha	739 – também achou uma carta
728 – morto na areia estendido.	734 – uma caixinha fechada.	740 – com uma data recente.
.....		
741 – Pedro com toda atenção	747 – “Pode nela confiar	753 – Aí as vestes da freira

- 742 – leu a carta que dizia:  
743 – “Aí segue, sua alteza  
744 – a querida irmã Luzia  
745 – que irá ser guardiã  
746 – da princesinha Maria”.
- 748 – como fiel protetora  
749 – da vossa satisfação  
750 – eu quero ser sabedora  
751 – aqui aguardo resposta  
752 – Thelma, madre diretora”.
- 754 – Pedro tirou e vestiu  
755 – pegando o cadáver nu  
756 – dentro do mar sacudiu  
757 – consigo guardou a carta  
758 – e pela praia seguiu.
- 
- 759 – Pouco distante dali  
760 – ele por sorte avistou  
761 – um navio passageiro  
762 – ele de cá acenou  
763 – de lá quando avistaram  
764 – o barco logo parou.
- 765 – Um bote com 2 marujos  
766 – na mesma hora mandaram  
767 – êsses chegaram na praia  
768 – pegaram ele e levaram  
769 – chegando lá no navio  
770 – ao capitão entregaram.
- 771 – Pedro lhe mostrou a carta  
772 – que consigo conduzia  
773 – o capitão quando leu-a  
774 – lhe falou: irmã Luzia  
775 – êste barco vai direto  
776 – pra onde a senhoria ia.
- 
- 777 – Disse o capitão: o rei  
778 – se acha preocupado  
779 – porque espera um navio  
780 – e êsse não foi chegado  
781 – todos na côrte já julgam  
782 – ter ele se naufragado.
- 783 – Pedro como freira disse:  
784 – afundou-se de verdade  
785 – lá no alto mar, devido  
786 – uma grande tempestade  
787 – somente eu escapei  
788 – por uma felicidade.
- 789 – No outro dia cedinho  
790 – no grande reino chegaram  
791 – quando saltaram, a freira  
792 – para o reinado levaram  
793 – ali chegando com ela  
794 – nas mãos do rei entregaram.
- 
- 795 – E Pedro pegou a carta  
796 – ao monarca entregou  
797 – êsse quando leu a carta  
798 – a mão de Pedro beijou  
799 – e ele bancando a freira  
800 – o naufrágio lhe contou.
- 801 – O rei levou-o pro quarto  
802 – da princesinha Maria  
803 – apresentou-o dizendo:  
804 – é esta a irmã Luzia  
805 – que irá dormir contigo  
806 – te fazendo companhia.
- 807 – A princesinha fitou-o  
808 – com um olhar inocente  
809 – Pedro quando contemplou-a  
810 – se apaixonou de repente  
811 – a princesa lhe abraçou  
812 – disse: estou muito contente.
- 
- 813 – Disse o rei: irmã Luzia  
814 – tome conta da donzela  
815 – quer de noite, quer de dia  
816 – viva sempre a guarda dela  
817 – pois uma sina fatal  
818 – está reservada a ela.
- 819 – Um sábio leu a mão dela  
820 – e disse com sapiência  
821 – que quando ela inteirasse  
822 – treze anos de existência  
823 – por um infame seria  
824 – manchada a sua inocência.
- 825 – E Pedro bem disfarçado  
826 – tôda conversa escutou  
827 – como freira guardiã  
828 – com a princesa ficou  
829 – de formas que no reinado  
830 – ninguém não desconfiou.
- 
- 831 – Pedro como boa freira  
832 – a princesinha servia  
833 – sempre acompanhava ela  
834 – pra tôda parte que ia  
835 – à noite juntinho dela  
836 – numa só cama dormia.
- 837 – Com dois meses a princesa  
838 – transformou-se de repente  
839 – se abusava com tudo  
840 – que via na sua frente  
841 – e todo dia exigia  
842 – a comida diferente.
- 843 – O rei notando a mudança  
844 – da princesinha Maria  
845 – mandou buscar um doutor  
846 – dos melhores que havia  
847 – para descobrir o mal  
848 – que sua filha sentia.
- 
- 849 – Na princesinha o doutor  
850 – um exame sério fez  
851 – disse para o rei depois:  
852 – declaro por minha vez  
853 – o mal da princesa é  
854 – sintomas de gravidez.
- 855 – O rei ouvindo a conversa  
856 – teve um susto de morrer  
857 – disse: doutor, eu não posso  
858 – com isso me convencer  
859 – no seu quarto não vai homem  
860 – como é que pode ser?
- 861 – Disse o doutor: algo estranho  
862 – acontece neste império  
863 – o senhor deve chamá-la  
864 – e interrogá-la sério  
865 – pois somente ela sabe  
866 – desvendar este mistério.
- 
- 867 – O rei chamou a princesa  
868 – em particularidade  
869 – lhe perguntou se o médico  
870 – falou com sinceridade  
871 – ela respondeu: papai  
872 – o doutor disse a verdade.
- 873 – A verdade irei contar  
874 – dê o caso no que der  
875 – depois que o senhor ouvir  
876 – acredite se quiser  
877 – minha freira guardiã  
878 – é homem, não mulher.
- 879 – O rei mandou ver a freira  
880 – para ficar convencido  
881 – quando a roupa lhe tiraram  
882 – viu foi um homem despido  
883 – o rei chegou-se para ele  
884 – e bradou enfurecido!
- 
- 885 – De qual inferno vieste?  
886 – Diz-me como és chamado!  
887 – Pedro olhando para o rei  
888 – disse num tom moderado  
889 – eu sou Pedro Malasartes
- 891 – O rei disse: sem-vergonha  
892 – vai logo se aprontar  
893 – para com a minha filha  
894 – daqui a pouco se casar!  
895 – Disse Pedro: majestade
- 897 – O que?! Exclamou o rei  
898 – já num desapontamento  
899 – ali mandou ver o padre  
900 – então no mesmo momento  
901 – mandou de Pedro e da filha

- 890 – o vosso humilde criado.      896 – quero solteiro ficar.      902 – celebrar o casamento.
- .....
- |                                |                                 |                                |
|--------------------------------|---------------------------------|--------------------------------|
| 903 – Pedro depois de casado   | 909 – Pedro depois de casado    | 915 – Depois dum ano o monarca |
| 904 – com a princesa Maria     | 910 – deixou de ser presepeiro  | 916 – desse reino faleceu      |
| 905 – num mar de felicidade    | 911 – tornou-se um homem pacato | 917 – Pedro como seu herdeiro  |
| 906 – muito feliz se sentia    | 912 – inteligente e ordeiro     | 918 – a coroa recebeu          |
| 907 – por saber que a princesa | 913 – o rei por isso lhe fez    | 919 – então de um grande rei   |
| 908 – também muito lhe queria. | 914 – da sua coroa herdeiro.    | 920 – o maior exemplo deu.     |
- .....
- |                                |                                 |
|--------------------------------|---------------------------------|
| 921 – Pedro com a sua espôsa   | 927 – Pedro não se esqueceu     |
| 922 – foi viver muito feliz    | 928 – pois tinha um bom coração |
| 923 – tiveram somente um filho | 929 – mandou um grande cortejo  |
| 924 – pois o Senhor assim quis | 930 – buscar seu irmão João     |
| 925 - que foi o futuro rei     | 931 – para vir morar consigo    |
| 926 – daquele grande país      |                                 |

## TEXTO 07: História do Capitão do navio (Silviano Pirauá de Lima)

- 01-Vou narrar uma história  
02-do tempo da inocência  
03-de um homem que sofreu  
04-uma horrenda inclemência  
05-sem se maldizer da sorte  
06-sem faltar-lhe a paciência.
- 07-Num dia de sexta-feira  
08-ouviu uma voz perguntar:  
09-“Queres passar bem em moço  
10-ou quando velho ficar?”  
11-quando foi no outro dia  
12-a voz tornou-lhe a falar.
- 13-Ele chamou a mulher  
14-pegou então a contar:  
15- Há três noites desta parte  
16- ouço uma voz perguntar  
17-se quero ser pobre em moço  
18-ou quando velho ficar.
- 
- 19-Então lhe disse a mulher:  
20- Tenho um conselho pra dar  
21-queira padecer em moço  
22-antes de velho ficar  
23-você enquanto for moço  
24-tem força pra trabalhar.
- 25-Quando foi no outro dia  
26-a mesma voz lhe falou  
27-ele então respondeu  
28-como a mulher ensinou  
29-no outro dia seguinte  
30-a desgraça começou.
- 31-Animais que possuía  
32-morreram e se sumiram  
33-morreu a escravatura  
34-os que ficaram fugiram  
35-vendeu a propriedade  
36-e os bens se consumiram.
- 
- 37-Se acabou a riqueza  
38-ficou ele pobrezinho  
39-foi trabalhar de alugado  
40-para sustentar os filhinhos  
41-só não morreu na miséria  
42-por Jesus ser seu padrinho.
- 43-Ganhava no alugado  
44-de conhecido ou estranho  
45-a sua mulher no rio  
46-lavava roupa de ganho  
47-as injúrias para ela  
48-eram de todo tamanho.
- 49-Foi um dia pro serviço  
50-cumprir assim seu mister  
51-às nove horas do mesmo  
52-saiu de casa a mulher  
53-para o rio lavar roupa  
54-lá em um porto qualquer.
- 
- 55-Nessa mesma ocasião  
56-chegou um navio no porto  
57-o capitão do navio  
58-viu a mulher, ficou morto  
59-fez logo um mau juízo  
60-para fazer mal ao outro.
- 61-Chamou logo os empregados  
62-botaram n'água o escaler  
63-o capitão do navio  
64-saltou na barra de pé  
65-mandou uma meretriz  
66-para iludir a mulher.
- 67-A meretriz chamou ela:  
68- Mulher, conversa comigo  
69-É TUA FELICIDADE  
70-se fizeres o que eu te digo  
71-que de agora por diante  
72-eu terei gosto contigo.
- 
- 73-Então a mulher lhe disse:  
74- Pois diz para eu ouvir  
75-A meretriz respondeu:  
76- O que me traz por aqui  
77-é só trazer um recado  
78-de muito bom para ti.
- 79- O capitão do navio  
80-é um homem de posição  
81-ficou muito apaixonado  
82- por tua linda feição  
83-e te manda oferecer  
84-alma, vida e coração.
- 85-Aí a mulher zangou-se  
86-tratou de a repelir:  
87- Mudemos esta conversa  
88-Pois eu não a quero ouvir  
89-tu sabes que sou casada  
90-para que vens me iludir?
- 
- 91- Não seas tola, mulher  
92-eu iludo para o bem  
93-porque teu marido é pobre  
94-não possui um só vintém  
95-o capitão do navio  
96-nada falta, tudo tem.
- 97- Mulher, saia-se daqui  
98-não quero conselho teu  
99-meu marido já foi rico  
100-tudo que tinha perdeu  
101-hoje me vejo em pobreza;  
102-louzado seja, meu Deus.
- 103- Você com o capitão  
104-vive limpa e asseada  
105-anda de meia e sapato  
106-de ouro e pedra esmeralda  
107-pra lhe servir toda vida  
108-nunca lhe falta criada.
- 
- 109- Vaidosa iludideira  
110-tudo isso eu tenho tido  
111-hoje me acho em pobreza  
112-que só possui um vestido  
113-honrarei até a morte  
114-a barba do meu marido.
- 115-O que fez a meretriz  
116-iludindo a pobrezinha:  
117- Eu não estou iludindo  
118-isso é caçoada minha  
119-se fosse para iludi-la  
120-por dinheiro eu cá não vinha.
- 121-Depois disse a meretriz:  
122- Mulher me faça um favor  
123-meu marido neste instante  
124-lá de dentro me chamou  
125-você vai junto comigo  
126-que eu sozinha não vou.
- 
- 127-A mulher lhe perguntou:  
128- Você também é casada?
- 133-A meretriz conversava  
134-com respeito e educação
- 139-A meretriz entrou logo  
140-e a outra ficou fora

129-disse a meretriz: – Eu sou...	135-a fim de botar a outra	141-disse ela à traiçoeira:
130-A outra ficou calada	136-na vala da perdição	142- –Tarde pouco, vamos embora;
131-Até que se levantou	137-até que pôde chegar	143-diz baixinho a meretriz:
132-e seguiu de camarada.	138-na porta da embarcação	144- – Seu capitão, é agora.
.....		
145-A meretriz chamou ela	151-Aí veio o capitão	157-A mulher triste chorosa
146-com muita delicadeza:	152-fazendo muita gracinha:	158-lhe respondeu com franqueza:
147- – Senhora, entre sem medo	153- –Venha a meus braços, mimosa	159- –Seu capitão do navio
148-Venha ver que boniteza!	154-quero dar-te uma buquinha	160-reconheço que estou presa
149-afinal tanto iludiu	155-meu coração, minha vida	161-porém guardo até a morte
150-que pôde deixá-la presa.	156-agora és toda minha.	162-ao meu marido firmeza.
.....		
163- –Reconheço que estou presa	169-Vamos tratar sobre o homem	175-Assim que ele foi chegando
164-nas ondas do mar perdida	170-quando da roça voltou	176-estavam os filhos dando ai
165-já hoje me considero	171-diziam os filhos chorando:	177-disse: – Quedê a tua mãe?
166-uma infeliz desvalida	172- –Mamãe ainda não chegou!...	178- –Nós não sabemos, papai
167-a barba do meu marido	173-podem bem imaginar	179-foi ao rio lavar roupa
168-hei de honrar toda vida.	174-como esse homem ficou	180-até aqui não voltou mais.
.....		
181-Saiu ele à procura	187-Voltou o homem tristonho	193-Com dois dias de viagem
182-vagando como judeu	188-sem ter nenhuma demora	194-encontrou um rio de nado
183-perguntava a todo mundo	189-percorreu a vizinhança	195-pegou o filho mais velho
184-ninguém notícia lhe deu:	190-no espaço duma hora	196-foi botar do outro lado
185- –Ninguém sabe ninguém viu	191-botou os filhos na frente	197-deixando o outro mais novo
186-aqui não apareceu.	192-seguiu por ali afora.	198-em um cantinho sentado.
.....		
199-Chegou sentou o filho	205-Aí disse o pobre homem:	211-Saiu por ali afora
200-voltou de cabeça baixa	206- –Ai meu Deus, fiquei sozinho	212-em um reinado chegou
201-chegando não acha o outro?	207-já fiquei sem a mulher	213-aí falou com o rei
202-para o outro lado marcha	208-agora sem meus filhinhos!	214-pra ser seu trabalhador
203-chegou lá do outro lado	209-só quero que Deus me seja	215-ficou o homem tratando
204-procura o outro não acha.	210-protetor, pai e padrinho.	216-de uma horta de flor.
.....		
217-Estando ele há quatro anos	223-Passando mais quatro anos	229- – Senhor, me acho doente
218-nesse serviço grosseiro	224-esse rei caiu doente	230-não acho quem se condoa
219-como era muito sabido	225-por não ter uma pessoa	231-passo-lhe um testamento
220-certo, fiel, verdadeiro	226-nem no reino um parente	232-dou de presente a coroa
221-foi tirado pelo rei	227-chamou esse cujo homem	233-tome conta do reinado
222-para ser seu conselheiro.	228-da coroa fez presente.	234-para não ficar à toa.
.....		
235-Passou-lhe um testamento	241-Quando foi no outro dia	247-O capitão do navio
236-pegou a coroa e lhe deu	242-viu dois rapazes chegar	248-pedi ao rei dois soldados
237-esse rei quando fez isso	243-pedindo pra sentar praça	249-pra garantir o navio
238-no outro dia morreu	244-na guarda nacional;	250-com medo de ser roubado
239-ficou ele como dono	245-chegando um navio no porto	251-foram os dois soldados novos
240-e o reinado como seu.	246-fez ponto na beira-mar.	252-que tinham praça sentado.
.....		
253-Um soldado disse ao outro:	259-Quando ele disse isto	265- – Meu pai era um homem rico
254- – Homem, não sei o que faça	260-o outro disse entre ais:	266-e depois empobreceu
255-vivo no mundo sozinho	261- – Então você é como eu	267-animais, terra e gado
256-chorando minha desgraça	262-que também perdi meus pais	268-tudo o que tinha perdeu
257-se eu tivesse pai e mãe	263-os tormentos meus são tantos	269-ficou com minha mãe
258-não tinha sentado praça!	264-que quase não falo mais.	270-comigo e um irmão meu.
.....		
271- – Foi um dia pro serviço	277- –Meu pai saiu à procura	283- – Voltou meu pai para casa
272-o seu dinheiro ganhar	278-mamãe não apareceu	284-consigo mesmo dizia:
273-minha mãe foi lavar roupa	279-ele a todos perguntava	285- – Não posso mais suportar
274-em um porto à beira-mar	280-ninguém notícia lhe deu	286-essa horrenda tirania!...

275-deu a tarde, o sol se pôs	281-talvez ela caiu n'água	287-ele com esse desgosto
276-e nada dela chegar	282-e o peixe grande comeu.	288-mudou-se da freguesia.
.....		
289- – Com dois dias de viagem	295- –Esperei muito por ele	301-A mulher de dentro ouvindo
290-encontrou um rio de nado	296-até que não pude mais	302-quando a história acabou-se
291-me deixou em uma margem	297-nada dele vir me ver	303-veio olhar para os soldados
292-em um cantinho sentado	298-eu só, fiquei dando ai	304-rindo com maneira doce
293-pegou meu irmão mais velho	299-sem parente nem aderente	305-aí eles imaginaram
294-foi deixar no outro lado.	300-sem irmão, sem lar, sem pai.	306-que com mau sentido fosse.
.....		
307-A mulher voltou ligeira	313-Respondeu o capitão:	319-A mulher seguiu pensando
308-falou para o capitão:	314- –Eu pra lograr teus carinhos	320-o que tinha no sentido
309- –Doze anos dessa parte	315-te levo em qualquer lugar	321-o capitão do navio
310-que vivo nesta prisão	316-meu coração, meu benzinho	322-foi muito bem recebido
311-se me levas ao palácio	317-só não te levo ao céu	323-quando a mulher foi chegando
312-te darei meu coração.	318-porque não sei o caminho.	324-foi conhecendo o marido.
.....		
325-Antes dela se sentar	331-Levantou-se o capitão	337-Aí respondeu a mulher:
326-disse para o rei primeiro	332-falando de um certo jeito:	338- –Senhor capitão, eu sei
327-mande chamar os soldados	333- – Soldados não vêm à Corte	339-soldado não tem respeito
328-que o navio guarneceram	334-porque nem um tem respeito	340-falo em presença do rei
329-para contar uma história	335-não é possível, senhora	341-se não houvesse soldado
330-perante seus conselheiros.	336-o seu pedido ser feito.	342-também não havia lei.
.....		
343-Disseram os conselheiros:	349-Quando os soldados chegaram	355- –Senhora, nós conversamos
344- – Está muito bem apoiado;	350-ficaram ambos defronte	356-relativo à criação
345-mandaram um portador	351-foi a mulher e lhes disse:	357-até que depois soubemos
346-para chamar os soldados	352- – Soldados, quero que contem	358-que nós dois somos irmãos
347-o capitão ficou logo	353-aquela história passada	359-foi essa nossa conversa
348-um pouco desconfiado.	354-que vocês contaram ontem.	360-outra não contamos não.
.....		
361-Lhes reponde a mulher:	367-Um soldado disse ao outro:	373- – Meu pai era um homem rico
362- –Foi essa que eu bem sei	368- – Sei que estamos enrascados	374-e depois empobreceu
363-eu quero ela contada	369-só relato esse segredo	375-animais, terra e gado
364-é na presença do rei	370-porque me vejo obrigado	376-tudo que tinha perdeu
365-para ele escutá-la	371-ele aí contou o caso	377-ficou com minha mãe
366-pelo artigo da lei.	372-do que jeito que foi passado.	378-comigo e um irmão meu.
.....		
379- –Um dia foi pro serviço	385- – Meu pai saiu à procura	391- – Voltou meu pai para casa
380-o seu dinheiro ganhar	386-mamãe não apareceu	392-consigo mesmo dizia:
381-minha mãe foi lavar roupa	387-ele a todos perguntava	393- –Não posso mais suportar
382-em um porto à beira-mar	388-ninguém notícia lhe deu	394-esta horrenda tirania;
383-deu à tarde, o sol se pôs	289-talvez ela caiu n'água	395-ele com esse desgosto
384-e nada dela voltar.	390-e o grande peixe comeu.	396-mudou-se de freguesia .
.....		
397- – Com dois dias de viagem	403- –Esperei muito por ele	409-O rei conheceu os filhos
398-encontrou um rio de nado	404-até que não pude mais	410-pegou eles pela mão
399-me deixou em uma margem	405-nada dele vir me ver	411-mandou trajá-los de príncipes
400-em um cantinho sentado	406-fiquei sozinho dando ai	412-na mesma ocasião
401-pegou meu irmão mais velho	407-sem parente nem aderente	413-a mulher sempre com medo
402-foi botá-lo no outro lado.	408-sem irmão, sem lar, sem pai.	414-que não tivesse o perdão.
.....		
415-A mulher triste e chorosa	421-Disse o rei ao capitão:	427- – Doze anos que andaste
416-dando suspiro e gemido	422- –Com toda força que tinha	428-dentro do mar degredada
417-contou logo ao esposo	423-consigo eu logo converso	429-levando descomposturas
418-tudo o que tinha sofrido	424-esta mulher é minha;	430-sendo muito maltratada
419-por todos foi apoiada	425-deu-lhe honra competente	431-sem ser falsa a seu marido
420-teve o perdão do marido.	426-trajou-a como rainha.	432-merece ser perdoada.
.....		
433-Os filhos foram exaltados	439-Pegaram o capitão	445-Hoje os filhos são príncipes

434-foi perdoada a mulher  
435-o capitão morreu logo  
436-tentado por Lucifer;  
437-fiquem todos na certeza  
438-Deus protege a quem quer.

440-não o quiseram matar  
441-fizeram uma fogueira  
442-vivo o mandaram queimar  
443-pegaram a cinza dele  
444-voaram dentro do mar.

446-ele é o rei majestade  
447-sua mulher é rainha  
448-de alta dignidade;  
449-Deus dê a quem contou esta  
450-saúde e felicidade.

**TEXTO 08: O escravo do Diabo ou o afilhado de Santo Antônio (Firmino Teixeira do Amaral)**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| 01- Quem tiver fraco o juízo,<br>02- muito frágil o coração,<br>03- reúna toda a coragem<br>04- e fique de promptidão,<br>05- que a isto descrever<br>06- me foge a penna da mão              | 07- Neste caso nós veremos<br>08- a embriaguez o que faz,<br>09- o mesmo serve de exemplo<br>10- a quantos que são capaz<br>11- de dizer que o beber<br>12- é vício que satisfaz             | 13- Vemos um jovem bondoso<br>14- transformar-se num leão<br>15- praticar horrendos crimes<br>16- sem a leve alteração,<br>17- por instinto do Demônio<br>18- e sua perseguição                            |
| 19- Era chamado João<br>20- e filho de um pescador,<br>21- creado n'uma aldeiola<br>22- de tudo conhecedor,<br>23- com dez annos abraçou<br>24- a vida de Lenhador.                           | 25- Tinha elle uma irmanzinha<br>26- que se chamava Maria<br>27- mas como Mariazinha<br>28- é que o povo a conhecia<br>29- era a menina mais linda<br>30- que nessa aldeia existia           | 31- De todos era estimada,<br>32- bem assim como João,<br>33- não havia quem não dissesse<br>34- achar bonita a união<br>35- porque saber de unir<br>36- não é dado a qualquer irmão.                      |
| 37- Há irmão que com irmã<br>38- é como cachorro com gato,<br>39- é como barata e galinha<br>40- ou como gato com rato<br>41- é raro se ver brincando,<br>42- formam sempre desacato.         | 43- Mas João era ao contrário,<br>44- com Maria sempre andava,<br>45- aonde fosse João<br>46- Maria também estava,<br>47- era um jardim de amor:<br>48- um ao outro idolatrava.              | 49- Quando João foi crescido,<br>50- já tinha que trabalhar,<br>51- Mariazinha também<br>52- tinha em que se occupar,<br>53- vivia a casa arrumando<br>54- e seu pai ia pescar.                            |
| 55- Sua mãe tinha morrido<br>56- nenhum dos dois conheciam,<br>57- somente com o amor do pae<br>58- muito alegre elles viviam,<br>59- embora que fossem pobres<br>60- da sorte não maldiziam. | 61- Às vezes ia com o pae<br>62- também par a pescaria,<br>63- era adestrado no laço,<br>64- tinha boa pontaria,<br>65- olhava um bicho voando<br>66- atirava, elle caía.                    | 67- Só tinha um caso ruim<br>68- do qual não era avisado<br>69- já tinha dezoito annos<br>70- e não era baptisado,<br>71- se acaso isso soubesse<br>72- pagão não tinha ficado.                            |
| 73- Porém como não sabia,<br>74- seu viver era feliz<br>75- gostava de ver as nuvens<br>76- da verde relva o matiz<br>77- finalmente amava tudo<br>78- que a natureza prediz.                 | 79- Trabalhava todo o dia<br>80- seu descanço era pescar,<br>81- era difícil encontral-o<br>82- vagamente a passear,<br>83- vivia cortando lenha<br>84- ou seu pae indo ajudar.              | 85- Até que um dia João<br>86- sentiu no peito a tristeza<br>87- o céu não tinha mais brilho<br>88- não tinha a relva a belleza,<br>89- só descantava agonia<br>90- achou rude a natureza.                 |
| 91- Aquelle mar de outr'ora<br>92- não tinha mais um encanto,<br>93- dos pássaros aborrecia<br>94- o seu mavioso canto,<br>95- sentia o peito oprimido<br>96- nos amargores de um pranto.     | 97- O dia rompera bello<br>98- numa linda sexta-feira,<br>99- mas p'ra João era tristeza,<br>100- não era manhã fagueira,<br>101- o pae foi surpreendel-o<br>102- sentado sobre a soleira.   | 103- Vendo João muito triste<br>104- perguntou: filho o que tem?...<br>105- ele disse: nada... papae...<br>106- não me sinto muito bem,<br>107- é tarde, vou p'ró trabalho,<br>108- que o dia alto já vem. |
| 109- Seguiu João para a matta<br>110- como era de costume,<br>111- sentia nelle prazer<br>112- como ao carvão sente o lume,<br>113- como a água sente ao rio<br>114- e o amôr sente ao ciúme. | 115- Ali João conhecia<br>116- por todo lado e recanto,<br>117- reconhecia as madeiras,<br>118- dos pássaros o lindo canto,<br>119- era o matto um céu aberto<br>120- ou paraízo de encanto. | 121- Mas neste dia este céu,<br>122- lhe era muito mudado<br>123- os cantos que lhe alegravam<br>124- lhe eram mal entoado,<br>125- estava o céu de belleza<br>126- em solidão transformado.               |



127- Podiam ser nove horas	133-João em vez de zangar-se,	139- Julgando ser uma onça
128- quando João lá chegou	134- ao contrário até sorriu	140- n'um galho logo trepou,
129- somente às dez e meia	135- dizendo: até fui feliz...	141- quando viu um bicho negro
130- seu trabalho começou,	136- que o golpe não me feriu...	142- a carabina apontou,
131- no primeiro golpe que deu	137- mal isto pronunciava	143- dez vezes premiu o gatilho
132- o seu machado quebrou.	138- um grande barulho ouviu	144- todas dez vezes negou.

---

145- Era um bicho negro e baixo,	151- Quando o bicho viu João,	157- Andou elle alguns minutos
146- venta e pata de Cavallo,	152- sahiu d'ali a correr,	158- para esse bicho pegar,
147- seis chifres e um olho só,	153- este ao descer da arvore	159- vendo que era difícil
148- penna e christa como gallo,	154- sentiu a terra tremer,	160- resolveu ir atalhar,
149- João fiado em sua força	155- de onze para onze e meia	161- com o espaço de meia hora
150- descéu disposto a pegal-o.	156- era o que podia ser.	162- ouviu o bruto berrar.

---

163- Ahi então João parou,	169- Momentos elle grunia,	175- Fez então a pontaria
164- prestando muita atenção,	170- ou miava como gato,	176- para no bicho atirar,
165- o bicho emitava o gallo,	171- outras vezes assobiava	177- sentiu o corpo gelar-se
166- urrava como leão,	172- ou chiava como rato,	178- ouviu como que chorar,
167- latia como cachorro,	173- estalava dentes e ossos	179- lembrou-se de sua irmã
168- fazendo uma confusão.	174- como queixada no matto.	180- que estava a lhe esperar.

---

181- Lembrou-se também do pae	187- Firmou a arma no peito	193- Perdeu então os sentidos
182- que no mar estava pescando,	188- e novamente apontou	194- não soube o que se passou
183- das palavras proferidas,	189- desta vez sahiu o tiro	195- estava dando meio-dia
184- quando o estava aconselhando,	190-mas ao bicho não pegou,	196- quando ao estado voltou,
185- nisto... levantou a vista	191- o cano da carabina	197- desconhecéu onde estava
186- o bicho lhe estava olhando.	192- em três pedaços ficou.	198- e o bicho não encontrou.

---

199- Quiz levantar-se, não poude,	205- O negro foi lhe dizendo:	211- Eu sou rei aqui da terra
200- estava seguro no chão,	206- – Me escute com atenção,	212- p'ra tudo tenho poder,
201- sentiu a terra tremer,	207- conheço-o desde pequeno	213- você não é baptisado
202- abriu-se um grande vulcão,	208- sei que seu nome é João,	214- meu escravo tem que ser,
203- depois viu sahir do fogo	209- conheço seu pae e irmã,	215- só o deixo sahir d'aqui
204- um negro que era o cão.	210- a qual está em aflicção.	216- se jurar me obedecer.

---

217- Se não fizer como digo	223- João tremeu quando soube,	229- Então o Diabo lhe disse:
218- o deixo sempre vagando,	224- que não era baptisado,	230- três coisas vou lhe dizer,
219- em vez de sahir da matta	225- perguntou elle ao Diabo	231- e você como jurou
220- cada vez vae mais entrando,	226- o que lhe era mandado	232- uma ao menos tem que fazer,
221- acaba paralisado	227- promettendo fazer tudo,	233- se não fizer se arrepende
222- em árvore se transformando.	228- servir-lhe como reado.	234- commigo tem que se haver.

---

235- A primeira das três coisas,	241- Então escuta a segunda:	247- Escute a terceira e última,
236- é para seu pae matar.	242- – Esbordôe sua irmã.	248- não posso mais attender
237- Oh! Não! lhe disse João	243- Oh! céus! veja quanto soffre,	249- já duas coisas propuz
238- antes perdido ficar	244- uma alma por ser pagã..	250- não quiz nenhuma fazer,
239- morrer a míngua soffrendo	245- antes ser marco da matta	251- a terceira é muito fácil:
240- ou em árvore me transformar.	246- do que acção tão vilã.	252- dar-se ao vício de beber.

---

253- João lhe disse que sim	259- As árvores não se mexiam	265- O Diabo se sumiu
254- mas com dôr no coração,	260- nem mesmo vento soprava,	266- e João ficou chorando,

- 255- ouviu as aves chorar  
256- as folhas cair no chão,  
257- o céu tornou-se negro,  
258- mais negro do que carvão.
- 261- não se via um só insecto  
262- nem um secco galho estalava,  
263- fugia a terra dos pés  
264- no lugar onde passava.
- 267- de repente ouviu uma voz  
268- que lhe estava chamando,  
269- disse então: póde fallar  
270- que eu estou escutando.
- 
- 271- A voz lhe disse: teu pae  
272- só é o único culpado  
273- de tudo quanto fizeres  
274- e de seres desgraçado,  
275- deixar-te crescer assim  
276- sem nunca ser baptisado.
- 277- Teu viver de hora em diante  
278- será de um animal,  
279- viverás peor que um bicho  
280- tendo por pouzo um chacal,  
281- do gênio bondoso e santo  
282- terás em troca um brutal.
- 283- O grande Deus poderoso  
284- nada pode te fazer  
285- por não seres baptisado  
286- não lhes pode pertencer,  
287- ficastes de parte opposta  
288- tens que ao demo obedecer.
- 
- 289- Estas palavras a João  
290- feriram como espinho  
291- perdeu de novo os sentidos  
292- naquele estado mesquinho,  
293- quando accordou já estava  
294- deitado sobre o caminho.
- 295- Muito triste foi a casa  
296- e esta noite não dormio,  
297- no outro dia muito cedo  
298- para a rua elle sahio,  
299- bebeu tanto nesse dia  
300- que finalmente cahio.
- 301- E assim foi continuando  
302- era este o seu prazer  
303- só passava noite em casa  
304- se o viessem trazer  
305- ninguém sabia o motivo,  
306- de mudar seu proceder.
- 
- 307- O seu pae tornou-se triste  
308- ao vel-o assim reduzido  
309- a sua irmã era feia  
310- tinha a belleza perdido,  
311- finalmente a decadência  
312- tinha seu lar invadido.
- 313- Aquelle lar tão feliz  
314- era agora transformado  
315- a um antro de compaixão  
316- podia ser comparado,  
317- João o jovem querido  
318- já se tornava odiado.
- 319- Um dia chegou à casa  
320- encontrou se pae fallando,  
321- dando conselhos p'ra filha  
322- que estava soluçando,  
323- João em vez de calar-se  
324- foi pae e irmã insultando.
- 
- 325- Disse à irmã que se calasse,  
326- e seu pae nada dissesse,  
327- que alli elle mandava  
328- fazia o que bem quizesse  
329- o pai ralhou, elle disse  
330- que o matava se viesse.
- 331- A irmã mettu-se no meio,  
332- elle um empurrão lhe deu,  
333- arrancou por uma faca  
334- e para o pae suspendeu,  
335- pore... ficou como preso  
336- o seu braço não descéu.
- 337- A faca saltou da mão  
338- e contra o chão se partio  
339- quis João sahir d'alli  
340- porém o não conseguiu  
341- neste momento uma voz  
342- claramente se ouviu.
- 
- 343- – Que fazes João? não vês!...  
344- que queres matar teu pae...  
345- contem a ira!... contem...  
346- no que te digo attentae:  
347- se fizeres tal vileza  
348- no cymo abysmo tu cae!...
- 349- – Sou tua mãe e vim de Deus!  
350- somente para ti salvar  
351- bem sei que não és culpado  
352- em tal acção praticar  
353- maior culpa tem teu pae!  
354- Em nunca te baptisar.
- 355- Manda Deus que te ordene  
356- que nunca deves beber!...  
357- – E tu, Nestor, amanhã,  
358- deve o baptismo fazer  
359- que depois disto feito  
360- torna a paz a reaver...
- 
- 361- disse só estas palavras  
362- que por todos foi ouvido  
363- e Nestor, que era o velho  
364- ficou muito commovido  
365- lembrou-se que era culpado  
366- confessou-se arrependido.
- 367- No outro dia Nestor  
368- o baptisado fazia,  
369- padrinho foi Santo Antônio  
370- madrinha a Virgem Maria,  
371- também um grande accidente  
372- nesta hora acontecia
- 373- Ouviu-se um grande estudo  
374- como se fosse um canhão,  
375- veio um vento muito forte  
376- mais forte que um tufão,  
377- era o Diabo damnado  
378- por ter perdido João.
- 
- 379- Fedeu a chifre queimado  
380- todo o terreno tremeu,  
381- o padre fez o signal  
382- João também se benzeu,  
383- então foi quando contou  
384- o que na matta appareceu.
- 385- Pedeu perdão a seu pae,  
386- este logo o perdoou,  
387- tomou a bênção e depois  
388- a sua irmã beijou.  
389- O lar tornou-se feliz  
390- a antiga vida voltou.
- 391- Tudo ali era alegria  
392- não se via mais tristeza,  
393- Mariazinha tomou  
394- a ser a flôr da belleza.  
395- – Pois mais é a união  
396- do que do mundo a riqueza.
-

397- João tornou-se sadio,  
 398- não quiz ser mais lenhador,  
 399- o seu pae já muito velho  
 400- elle foi ser pescador,  
 401- casou-se teve um filhinho  
 402- o fructo do seu amor.

.....

403- **F**oi depois por bem dizer  
 404- **I**rmão de confiança  
 405- **R**egente dos pescadores,  
 406- **M**ais tarde teve abastança  
 407- **I**mitou sempre a bondade  
 408- **N**o seu modo era igualdade  
 409- **O** fiel de uma balança.

.....

410- **A**qui temos um exemplo,  
 410- **M**uito fácil de se ver  
 411- **A**s pessoas que se mostram  
 412- **R**isonhas para beber  
 413- **A**o depois de estar perdidas  
 414- **L**amentam seu padecer.

**TEXTO 09: Um beato pistoleiro ou o alejado da cruz (Manoel Camilo dos Santos)**

01-Deus eterno Onipotente	07-Nos confins do Maranhão	13-Lá pelos anos vinte
02-dai-me pensamento e luz	08-junto a cidade Caxias	14-segundo fui informado
03-pra eu versar um passado	09-perto de Itapicurú	15-apareceu nas estradas
04-donde o título se deduz	10-berço de Gonçalves Dias	16-um beato e alejado
05-‘Um beato pistoleiro	11-deu-se esse caso horroroso	17-que conduzia uma cruz
06-Ou o alejado da cruz’.	12-que descrevo em poesias.	18-andando nela escorado.
.....		
19-Distante um quarto de légua	25-O sr. Jorge Travasso	31-Então aquela fazenda
20-da cidade residia	26-era muito caprichoso	32-se chamava Bom-jardim
21-o senhor Jorge Travasso	27-honesto e trabalhador	33-tendo por limite a estrada
22-e este ali possuía	28-justiceiro e caridoso	34-de Itapicurú Mirim
23-uma belíssima fazenda	29-amava a Deus e ao próximo	35-onda havia uma porteira
24-e muito feliz vivia.	30-bom patrão e bom espôso.	36-com entrada a Mearim.
.....		
37-Então naquela porteira	43-O sr. Jorge Travasso	49-Porque aquele alejado
38-por ser ponto transitado	44-tôda fez que alí passava	50-chamava tudo atenção
39-todos os dias de feira	45-não deixava de pairar	51-escorado numa cruz
40-ali estava o alejado	46-e bôa esmola lhe dava	52-e vestido num roupão
41-pedindo esmola aos feirantes	47-conversava com o mesmo	53-escuro e muito comprido
42-em uma cruz escorado.	48-e muito lhe admirava.	54-que arrastava pelo chão.
.....		
55-Além daquele roupão	61-Quando via uma pessoa	67-Saltando em um dos pés
56-a cruz coberta de fita	62-dêle se aproximando	68-da cruz fazia mulêta
57-um rosário no pescoço	63-êle beijava o rosário	69-pondo em um dos suvacos
58-assim como que imita	64-e começava resando	70-um dos braços da cruz prêta
59-um beato penitente	65-para o lado da pessoa	71-sua resa era um resmungo
60-da ordem dos ‘Carmelita’.	66-saía num pé saltando.	72-e o riso uma careta.
.....		
73-E Jorge Travasso tinha	80-Chamou-o pra sua fazenda	86-Chamou os filhos e a espôsa
74-pena daquele alejado	81-e levou-o em companhia	87-e disse com atenção
75-devido viver sozinho	82-lá entregou-lhe uma casa	88-considerem este alejado
76-ali tão desamparado	83-para sua moradia	89-como filho e como irmão
78-entendeu de protejê-lo	84-e ficou dando ao mesmo	90-é um pobre penitente
79-com um viver mais confortado.	85-tudo quanto carecia.	91-e digno de compaixão.
.....		
92-Então disse o alejado	98-Ali deixou de pedir	104-E tinha todo direito
93-que chamava João	99-tendo tudo que queria	105-de qualquer fruto colher
94-alejado de nascença	100-bôa cama para dormir	106-pra sua alimentação
95-e beato por devoção	101-então a comedoria	107-só não podia vender
96-natural de São Luiz	102-já vinha feita pra ele	108-podendo até exigir
97-sem pai, sem mãe, sem irmão.	103-três, quatro vezes por dia.	109-o que quizesse comer.
.....		
110-Ali ficou o beato	116-Pelo lado do oriente	122-Pedro Crispim era mau
111-sem precisar pedir mais	117-a fazenda Bom-jardim	123-e tinha anciedade
112-o fazendeiro com os seus	118-se dividia com as terras	124-de ser rico em demasia
113-o estimavam de mais	119-dum tal de Pedro Crispim	125-e começou com maldade
114-sem saberem que êle era	120-um sujeito ambicioso	126-invadindo os limites
115-um falso, um monstro, um voraz.	121-do instinto de Caim.	127-da outra propriedade.
.....		
128-Até que um dia mandou	134-Jorge Travasso mandou	140-Pedro Crispim disse: eu sei
129-avançar pro outro lado	135-dizer a Pedro Crispim	141-mas eu quero a divisão
130-uma cerca divisória	136-que aquilo estava errado	142-aqui por este lugar
131-ficando assim apossado	137-e mesmo não era assim	143-quer você queira quer não
132-de uma trincha de terra	138-que resava a escritura	144-e se acaso achar ruim
133-do Jorge, sem ter comprado.	139-da fazenda Bom-jardim	145-vamos entrar em questão.
.....		

146-Jorge Travasso aí veio	152-E certa vez êle estando	158-Porque êle pagaria
147-com um bom advogado	153-em uma mercearia	159-bem caro a um pistoleiro
148-ganhou a questão porém	154-que havia ali bem perto	160-pra matar Jorge Travasso
149-teve um péssimo resultado	155-muito zangado dizia	161-e por isto o seu dinheiro
150-porque o Pedro Crispim	156-que só queria saber	162-já estava preparado
151-ficou muito indignado.	157-onde um pistoleiro havia.	163-só faltava o empleiteiro.
.....		
164-O tal beato alejado	170-Saiu e mais adiante	176-Confiar em si pra que?
165-nessa mesma ocasião	171-esperou Pedro Crispim	177-disse-lhe o alejado:
166-estava também ali	172-lá na volta do caminho	178-pra matar seu inimigo
167-ouvindo a conversação	173-e foi lhe dizendo assim:	179-tem as ordens um seu criado
168-e disse consigo: eu vou	174-se seu Pedro tem dinheiro	180-pra ganhar dinheiro assim
169-ganhar êste dinheirão.	175-pode confiar em mim.	181-vivo sempre preparado.
.....		
182-Pedro Crispim disse a êle	188-Qual beato qual lá nada	194-Aí deu uns 4 pulos
183-deixe de tapiação	189-eu sou é um pistoleiro	195-jogou a cruz para um lado
184-como é que você pode	190-acostumado a matar	196-Pedro disse muito bem,
185-matar seu próprio patrão	191-e ganhar muito dinheiro	197-pois esteja contratado
186-que além de alejado	192-eu nunca fui alejado	198-mate o Jorge e pode vir
187-é beato; e como então?	193-meu lême é êste cruzeiro	199-que o dinheiro está guardado.
.....		
200-E ali entre êles dois	206-Daí ficou o bandido	212-Achou que o melhor ponto
201-foi fixado o contrato	207-mostro, cruel, traidor	213-era lá junto a porteira
202-por 15 contos de réis	208-procurando ocasião	214-no dia que o sr. Jorge
203-aquele falso beato	209-pra matar seu bemfeitor	215-viesse vindo da feira
204-ia matar o patrão	210-e ganhar êsse dinheiro	216-êle por traz lhe atirava
205-um homem bom e pacato.	211-sem remorço e sem temor.	217-e era queda certa.
.....		
218-E assim tendo pensado	224-Se escondeu em uma moita	230-O infame aí correu
219-aquele monstro chacal	225-e ali ficou esperando	231-rompendo a escuridão
220-colocara duas balas	226-a noitinha o sr. Jorge	232-chegou em casa ocultou-se
221-numa pistola central	227-na porteira foi passando	233-tomou sua posição
222-calibre quarenta e quatro	228-êle atirou-lhe nas costas	234-de beato e alejado
223-e se escondeu no local.	229-o qual caiu se ultimando.	235-e não deu demonstração.
.....		
236-Às 7 horas da noite	242-Logo alguém saiu correndo	248-E chegando na fazenda
237-o cavalo foi chegado	243-pela estrada da feira	249-relatou o sucedido
238-na fazenda com a sela	244-e logo assim que foi chegando	250-nisto a mulher e os filhos
239-nisto foi observado	245-bem encostado a porteira	251-fizeram grande alarido
240-manchas de sangue na sela	246-encontrou o homem morto	252-vem chegando alejado
241-o que teria se dado?!....	247-aí voltou na carreira.	253-lhe contaram o ocorrido.
.....		
254-O alejado caiu	260-Esta tristeza mais nunca	266-O consolaram dizendo:
255-com as mãos cobrindo o rosto	261-do meu coração não sai	267-se conforme seu João
256-chorando dizia: óh Deus	262-em matarem meu patrão	268-o sr. daqui não sai
257-que tristeza! Que desgosto	263-meu protetor meu bom pai	269-vai ser como nosso irmão
258-mataram meu protetor	264-êste pobre penitente	270-o que papai lhe fazia
259-de viver perdi o gosto.	265-agora pra onde vai?!....	271-nós lhe faremos, pois não.
.....		
272-Trouxeram o morto pra casa	278-Por que alguém correu logo	284-O delegado chegou
273-e quando êste chegou	279-e deu parte ao delegado	285-fazendo averiguação
274-aumentou o alarido	280-Pedro Crispim quando soube	286-perguntando aos presentes
275-o alejado chorou	281-correu pra não ser pegado	287-mas sem ter informação
276-mais do que tôda família	282-foi embora e nem sequer	288-e o alejado chorando
277-nisto a polfícia encostou.	283-pagou ao falso alejado.	289-viu num canto do salão.
.....		
290-Chorava com alarido	296-Perguntou-lhe qual seu nome	302-Deixe-me ver esta cruz

291-em sua cruz escorado	297-e a sua procedência	303-disse o alejado: não
292-com as mãos cobrindo o rosto	298-pra que lhe serve esta cruz	304-foi afastando e foi dizendo
293-não fitava o delegado	299-perguntou com insistência	305-nesta ninguém toca a mão
294-o qual muito experiente	300-sou um beato alejado	306-dê-me a cruz disse o tenente
295-ficou um tanto cismado.	301-que vivo de penitência.	307-deixe de cavilação.
.....		
308-Disse o alejado: não	314-Mas aí o alejado	320-Quem partir pra mim já sabe
309-nisto o tenente investiu	315-dum pulo se levantou	321-com certeza vai morrer
310-tomou-lhe a cruz e o monstro	316-puxou um braço da cruz	322-quem não quizer se acabar
311-fez que tombou e caiu	317-e com êste se armou	323-procure se defender
312-não faça isto tenente	318-cujo braço era um punhal	324-e quem não quizer brigar
313-o povo todo acudiu.	319-e pra fôrça assim gritou:	325-trate logo de correr.
.....		
326-E partiu pro delegado	332-O povo se assombrou	338-Lutaram quase uma hora
327-com a fúria dum leão	333-e saíra na carreira	339-até em pleno salão
328-os soldados avançaram	334-a polícia e o monstro	340-virando tudo e quebrando
329-para pegá-lo de mão	335-de faca, pau e peixeira	341-foi a maior confusão
330-mas o monstro era ligeiro	336-até dentro do salão	342-até o caixão do morto
331-e valente como um cão	337-foi a maior bagaceira.	343-caiu rolou pelo chão.
.....		
344-Por fim agarraram o monstro	350-O seu roupão de beato	356-Aí amarraram o monstro
345-e lhe tomaram o punhal	351-ficara todo rasgado	357-o povo pôs-se a olhar
346-amarrem êle de corda	352-o rosário espatifou-se	358-ageitaram o caixão
347-disse o oficial	353-foi contas pra todo lado	359-que não chegaram a quebrar
348-pois quero levá-lo vivo	354-a cruz caída pra um canto	360-e aí o delegado
349-pras barras do tribunal.	355-já com um braço arrancado.	361-foi a cruz examinar.
.....		
362-Retirou tôdas as fitas	369-A cruz era tôda oca	375-A parte maior da central
363-que a dita cruz cobria	370-num braço tinha um punhal	376-era cheia de dinheiro
364-viu que era emendada	371-no outro uma grande faca	377-de cédulas, disse o tenente:
365-em 4 partes se via	372-e na parte principal	378-êste monstro é pistoleiro
367-que se puxando com fôrça	373-de cima, êle encontrou	379-e foi êle quem matou
368-cada uma parte saía.	374-uma pistola central.	380-Jorge o nobre fazendeiro.
.....		
381-Alí mesmo no castigo	387-Aí o levaram prêso	393-Pôsto a interrogatório
382-o infame descobriu	388-como beato, algemado	394-o monstro nada dizia
383-que tinha morto o patrão	389-com a cruz atada as costas	395-começaram lhe arrancar
384-o povo se reuniu	390-pra ser interrogado	396-as unhas, com tirania
385-pra linchá-lo, mas a fôrça	391-e descobrir tudo quanto	397-cada unha era um crime
386-de polícia o garantiu	392-já havia praticado.	398-que o monstro descobria.
.....		
399-Primeiro disse que era	405-Lhe perguntaram e porque	411-Até aí já três unhas
400-natural de Alagôas	406-matou seus pais e irmão?	412-alguém lhe tinha arrancado
401-e que seu primeiro crime	407-Disse êle pra roubar	413-mais outra unha, outro crime
402-fôra matar três pessoas	408-duas sacas de algodão:	414-pelo mesmo relatado
403-o pai, a mãe e um irmão	409-foi prêso? Lhe perguntaram	415-assim foram vinte unhas
404-tôdas três honestas e boas.	410-êle respondeu que não	415-e vinte crimes confessado.
.....		
416-Contou que matou a avó	422-Contou que em uma casa	428-E contou que tinha andado
417-que o havia criado	423-lá perto de Vila-Béla	429-em seis estados do Norte
418-matou cinco em uma casa	424-entrou e matou dormindo	430-sempre, sempre desfalsado
419-aonde foi hospedado	425-um casal e uma donzela	431-mudando de nome e porte
420-roubou-os e tocou fogo	426-roubou tudo e depois	432-como cego ou alejado
421-deixando tudo queimado.	427-fez o que bem quiz com ela.	433-e matar era seu esporte.
.....		
434-Contou dez mortes que fez	440-Contou que numa igreja	446-Contou que em outra igreja

435-em político e fazendeiro	441-nos confins de Alagôas	447-assassinou um vigário
436-a 15 e a 20 contos	442-entrou e quebrou 3 imagens	448-que se achava resando
437-então todo êsse dinheiro	443-e carregou-lhe as coroas	449-dentro dum confissionário
438-guardava dentro da cruz	444-quebrou-as e como ouro velho	450-roubou um cálix de ouro
439-por ser um canto certo.	445-noutro lugar apurou-as.	451-e rebentou o sacrário.
.....		
452-Mais ainda outros crimes	458-Com boas cordas de ouro	464-Senhores isto é exemplo
453-Aquele monstro inda fez	459-Amarraram o miserável	465-Apliquem vossos cuidados
454-Nas donzelas e crianças	460-Mesmo na cauda dum burro	466-Não confiem nesses beatos
455-O monstro por sua vez	461-Impetuoso implacável	467-Taciturnos ou exagerados
456-Era um loubro de existência	462-Levou-o aos pulos e matou	468-Os quais vivem pelo mundo
457-Ladrão da santa honradez.	463-O monstro, vil detestável.	469-Sempre lesando os honrados.

## VOLTA SECA - Um menino no Cangaço (Gonçalo Ferreira da Silva)

- 01 – Em mil novecentos e  
02 – dezoito, um fim de semana,  
03 – dia dezoito de março  
04 – nascia em Itabaiana  
05 – o futuro Volta Seca  
06 – na região sergipana
- 07 – Levando uma franga virgem  
08 – debaixo do esquerdo braço,  
09 – com onze anos apenas  
10 – porém com desembaraço  
11 – o falante Volta Seca  
12 – fez carreira no cangaço
- 13 – Por conduzir sob o braço  
14 – aquela franga distinta  
15 – Lampião o recusou  
16 – mas alguém disse: - Consinta  
17 – que fique no nosso grupo  
18 – o jovem Antônio da Pinta.
- 
- 19 – Lampião disse: - Está certo,  
20 – apenas fará mandados  
21 – do tipo varrer o chão,  
22 – lavar animais suados,  
23 – fazer serviços diversos,  
24 – levar e trazer recados.
- 25 – Agora Antonio dos Santos  
26 – seria imortalizado  
27 – com o nome de Volta Seca  
28 – que o chefe havia lhe dado  
29 – o nome Antonio dos Santos  
30 – pertenceria ao passado.
- 31 – Logo nos primeiros dias  
32 – do cangaço nas entranhas,  
33 – antes de pegar no sono  
34 – ouvia histórias estranhas  
35 – dos bandoleiros contando  
36 – as derradeiras façanhas.
- 
- 37 – Dormindo em rede precária  
38 – ao som de irritantes grilos  
39 – o sono dos cangaceiros  
40 – não passava de cochilos:  
41 – dificilmente os macacos  
42 – deixavam os cabras tranqüilos.
- 43 – Com dois anos já estava  
44 – totalmente acostumado,  
45 – com treze anos, portanto,  
46 – fazia qualquer mandado,  
47 – cumpria qualquer missão  
48 – que fosse designado.
- 49 – No bando, medo, respeito  
50 – e outros tipos de emoções,  
51 – respeito, principalmente,  
52 – com as gesticulações  
53 – que Lampião exibia  
54 – nos momentos de orações.
- 
- 55 – Era uma maneira antiga  
56 – de impor respeito ao bando  
57 – que Lampião, normalmente  
58 – orava gesticulando  
59 – botando os próprios espíritos  
60 – debaixo do seu comando.
- 61 – Com oração ou sem ela  
62 – o fato é que certo dia  
63 – Volta Seca apreciou  
64 – um ato de covardia  
65 – que se ficasse calado  
66 – nunca se perdoaria.
- 67 – Lampião disse a um cabra  
68 – Moleque, você vá já  
69 – com a rapidez felina  
70 – do gato marajá  
71 – pegar um conto de reis  
72 – com um amigo em Ingá.
- 
- 73 – Quando Lampião deu fé  
74 – o cabra já tinha ido  
75 – mas voltou depois de longo  
76 – tempo desaparecido  
77 – e muito pior ainda  
78 – sem o dinheiro exigido.
- 79 – Diante do próprio grupo  
80 – Lampião no mesmo instante  
81 – deu na cara do bandido  
82 – soco desmoralizante.  
83 – Volta Seca achou aquilo  
84 – terrivelmente chocante.
- 85 – Houve um silencio mortal  
86 – dos cabras obedientes,  
87 – mas Volta Seca avançou  
88 – e disse rangendo os dentes  
89 – para infinita surpresa  
90 – dos bandoleiros presentes:
- 
- 91 – Não posso ver em silêncio  
92 – tamanha indignidade,  
93 – quem bater na minha cara,  
94 – digo com sinceridade  
95 – estará plantando vento  
96 – para colher tempestade.
- 97 – Lampião ouvindo aquilo  
98 – disse: - Deixem que me incumbo  
99 – de matar este pixote  
100 – aqui dentro do mufumbo,  
101 – comigo quem planta insulto  
102 – haverá de colher chumbo.
- 103 – Porém Maria Bonita  
104 – intercedeu a favor  
105 – do destemido garoto  
106 – por ter mostrado valor  
107 – falando a verdade sem  
108 – ferir seu superior.
- 
- 109 – Nessa altura Volta Seca  
110 – tinha apenas treze anos,  
111 – somente dois no cangaço  
112 – e povoado de planos  
113 – para reunir dinheiro  
114 – e ajudar os seus manos.
- 115 – Todavia, o episódio  
116 – causou admiração  
117 – no grupo, e secretamente  
118 – até mesmo em Lampião  
119 – revelada à sua amada  
120 – sentado em trempe no chão.
- 121 – Depois daquele episódio  
122 – dizia o rei do cangaço:  
123 – Volta Seca seja forte  
124 – porém não avance um passo  
125 – na zona de eficácia  
126 – do meu poderoso braço.
- 
- 127 – Lampião dava ao garoto  
128 – ensinamento paterno,  
129 – como conviver com o grupo,  
130 – como ser forte e fraterno,  
131 – como sentir-se no céu  
132 – mesmo vivendo no inferno.
- 133 – Conselhos e ensinamentos  
134 – transmitidos sem rodeio,  
135 – ausência total de medo,  
136 – de covardia ou receio  
137 – duraram somente até  
138 – o primeiro tiro.
- 139 – Um cabra invejoso foi  
140 – ao Lampião avisar  
141 – que Volta Seca ensinava  
142 – as volantes a atirar  
143 – e estratégia de guerra  
144 – para o bando derrotar.



- 145 – Lampião ao saber disse  
 146 – com fúria e com ironia:  
 147 - - Comunique a Volta Seca  
 148 – o fim de sua alegria  
 149 – porque eu vou fuzilá-lo  
 150 – ainda com a luz do dia.
- 151 – Quando o jovem Volta Seca  
 152 – inteirou-se do recado  
 153 – por precaução preferiu  
 154 – ser da prudência aliado  
 155 – e antes que o Sol caísse  
 156 – saiu do grupo, apressado.
- 157 – Perambulando com fome  
 158 – sem um só acompanhante  
 159 – teve que bater de frente  
 160 – com decidida volante  
 161 – enfrentando vinte homens  
 162 – de modo impressionante.
- 163 – acabou pela volante  
 164 – tornando-se escravizado  
 165 – por um juiz rigoroso  
 166 – sumariamente julgado,  
 167 – por cento e quarenta e cinco  
 168 – anos sendo condenado.
- 169 – Quando Getúlio assumiu  
 170 – como chefe da Nação  
 171 – concedeu a Volta Seca  
 172 – presidencial perdão  
 173 – e teve a felicidade  
 174 – de se livrar da prisão.
- 175 – Aos oitenta e quatro anos  
 176 – Volta Seca agora busca  
 177 – ao lado da esposa Isaura  
 178 – depois de batalha brusca  
 179 – recurso que lhe permita  
 180 – a aquisição de um fusca.
- 181 – Mora na Zona da Mata  
 182 – no grande Minas Gerais  
 183 – com a esposa somente  
 184 – pois parentes não tem mais  
 185 – na cidade Estrela Dalva  
 186 – vive seus dias finais.

**TEXTO 10: Versos sofridos para um açude triste (Walter Medeiros)**

01-A minha inspiração	08-A vida do interior,	15-Homens de sabedoria
02-Que rogo nesse instante	09-De plantação e de gado,	16-Não se cansam de dizer
03-Para falar da jusante	10-De rebanhos, de roçado.	17-Que é preciso entender
04-Dum açude do sertão	11-Para mim muito mudou;	18-Coisas de economia;
05-Traz algo interessante	12-Agora é tudo atrelado	19-Pois temos mesmo que ver
06-Também sobre a montante	13-Ao moderno exagerado	20-aonde foi se meter
07-E até de aluvião.	14-Que tudo contaminou.	21-o povo que antes havia.
.....		
22-O povo que antigamente	29-Mas quem no campo ficou,	36-Aqui, da minha cidade,
23-Era da zona rural	30-Coisa de trinta por cento,	37-Fico pensando na roça:
24-Mudou-se prá capital	31-Inda tira seu sustento	38-Na casa e na palhoça,
25-Ou cidades diferentes;	32-Das coisas do interior;	39-Salatiel, Piedade,
26-Agora é fato real	33-De carro ou de jumento,	40-Vez por outra alvoroça,
27-Em nosso campo local	34-Abrigado ou no relento,	41-Corro sem medo e sem bossa
28-Temos muito menos gente.	35-A tarefa continuou.	42-Prá ver a calamidade.
.....		
43-Foi assim um certo dia,	50-Como o tempo é engraçado,	57-Naquela linda fazenda
44-No primeiro de abril,	51-Pode ser até cruel,	58-Que ficava bem no alto,
45-Que a barragem ruiu,	52-Outra mudança no Céu,	59-Onde a onça dava salto,
46-Levando tudo que havia;	53-Logo ali do outro lado;	60-Se eu mentir Deus me defenda,
47-O povo todo sentiu,	54-Anos depois o papel	61-Logo ao lado do asfalto,
48-Pois para todo o Brasil	55-Que já falava de mel	62-Segundo outro arauto,
49-A informação seguia.	56-Era de novo malvado.	63-Mandava nova legenda.
.....		
64-Nem parece que faz anos,	71-Mas a vida continua	78-Eu vim saber por acaso,
65-Sentava lá no terraço,	72-E o tempo se passou;	79-Pois tive de viajar
66-Chovia pelo regaço,	73-Longe do interior,	80-E pela estrada passar,
67-Tinha até uns bichanos;	74-Vivendo as coisas da rua,	81-Foi quando vi algo raso;
68-E nem apressava o passo	75-Ninguém a mim informou	82-Nada mais vai arrasar
69-Na aquele belo espaço	76-Um sentimento de dor	83-A gente lá do lugar
70-De modo interiorano.	77-Que matou até perua.	84-Do que aquele triste caso.
.....		
85-O açude tão bonito	92-Oh! Deus, que imagem triste!	99-Açude seco, terreno,
86-Cheio de água limpinha	93-Eu nunca ia pensar	100-Só mesmo quem te conhece
87-Perdeu a água que tinha,	94-De um dia enxergar,	101-Pensa em fazer uma prece
88-Quase que não acredito;	95-Mas agora sei que existe;	102-Prá que o sol fique ameno;
89-Pois eu vi pela tardinha	96-A terra desse lugar	103-E a chuva que abastece
90-Aquela terra sequinha	97-Agora poder pegar	104-Ver se logo em ti desce
91-E não segurei meu grito.	98-Por quê não me advertiste?	105-Este é o melhor aceno.
.....		
106-Aquele cena chocante	113-Ali não me conformei:	120-Sem água nem prá beber
107-Ficou em meu pensamento,	114-Fui ver o povo da terra	121-Ela conseguiu passar
108-Não esqueço o momento	115-Onde o bode tanto berra	122-Trazendo num caçuá
109-Em que olhei delirante	116-E de Rosa indaguei;	123-Pouco para se manter;
110-Um homem com um jumento	117-Ela disse - Nem na guerra	124-E me chamou prá olhar
111-Passar com seu passo lento	118-Tanta coisa se emperra	125-Coisa de arrepiar
112-Açude adentro, adiante.	119-E passa o que eu passei.	126-Uma vida de sofrer.
.....		
127-Como dizia um Ramos,	134-Paro com essas lembranças,	
128-Que nordestino é forte,	135-Mesmo que sejam recentes,	
129-Acreditamos na sorte	136-Pois agora em minha mente	
130-E da seca nos salvamos;	137-Só quero ter esperanças;	
131-Sem ir pro sul nem pro norte	138-De que esse povo decente	
132-Fazemos até esporte	139-Tenha um tempo diferente	
133-E hoje nos destacamos.	140-De prazer e de bonança.	

**TEXTO 11: Uma visita inesperada (Marcos Mairton da Silva)**

1-Sou um poeta urbano	11-Pois os grandes cordelistas	21-Sendo assim, pensava eu,
2-Nascido na capital	12-Dentre os quais eu conhecia	22-Como é que eu vou fazer
3-Cresci na cidade grande	13-Adotavam como tema	23-Poesia de cordel
4-Me criei no litoral	14-Para sua poesia	24-Sem sequer eu conhecer
5-E isso me trouxe um problema	15-As coisas lá do sertão	25-Uma casa de farinha
6-Na verdade um dilema	16-Cangalha, sela, gibão,	26-O ninho d'uma rolinha
7-Que custei a resolver:	17-A vida do sertanejo,	27-Uma jumenta amojada
8-Sempre quis fazer cordel	18-Todas coisas que, em verdade,	28-Uma cabaça, uma tramelas,
9-Mas diante do papel	19-Morando aqui na cidade	29-Água de pote, gamela,
10-Não sabia o que escrever.	20-Eu não encontro nem vejo.	30-Uma galinha deitada?
.....		
31-Eu sei que o cordel existe	41-Mas aqui neste Brasil	51-Patativa já dizia,
32-Desde as antiguidades	42-É um fato incontestado	52-Com muita propriedade,
33-Divulgando as notícias	43-Que o cordel cresceu mesmo	53-Pra não cantar o sertão
34-Espalhando novidades	44-Foi na Região Nordeste.	54-O poeta da cidade.
35-Num tempo em que não havia	45-Falando de cangaceiros,	55-E falava abertamente,
36-Como existe hoje em dia	46-Cantadores, boiadeiros,	56-Do seu jeito eloqüente:
37-Rádio nem televisão	47-Sua vida e sua luta,	57-“Vosmicê, da capitã,
38-E os poetas se inspiravam	48-Os folhetos no cordão	58-Pode cantã, seu dotô,
39-Com tudo que encontravam	49-São a melhor expressão	59-Mas faça a mim um favô,
40-Na cidade ou no sertão.	50-Da poesia matuta.	60-Cante lá que eu canto cá”.
.....		
61-Por isso, o homem letrado,	71-Mas um dia aconteceu	81-Era uma noite de chuva
62-Que aos poucos passei a ser,	72-Um fato surpreendente	82-E eu me deitei para ler
63-Ficava meio acanhado	73-Que fez toda essa história	83-Mas foi só pegar no livro
64-Quando queria escrever	74-Ter um rumo diferente.	84-Para logo adormecer.
65-A poesia simplória	75-Despertando a poesia	85-Dormia profundamente
66-Que tão bem conta a história	76-Que eu comigo trazia	86-Quando uma voz insistente
67-Desse povo nordestino,	77-Mas estava adormecida,	87-Pelo meu nome chamava
68-Pois estava habituado	78-Ou talvez aprisionada,	88-E foi tanta a insistência
69-Ao falar sofisticado	79-E, uma vez libertada,	89-Que mesmo com resistência
70-Que aprendi desde menino.	80-Mudaria minha vida.	90-Aos poucos eu acordava.
.....		
91-Então pensei: – Quem será?	101-E fui abrindo meus olhos	111-Eu não entendi aquilo
92-Quem é que está me chamando?	102-Assim, meio chateado,	112-Fiquei até assustado
93-Que não respeita meu sono	103-E me sentando na rede	113-Mas tentei me acalmar
94-Quando eu estou descansando?	104-Onde eu estava deitado,	114-E não ser mal educado.
95-O que há de tão urgente	105-Quando vi ali presente	115-Então fui me levantando
96-Que não pode esse vivente	106-Uma multidão de gente	116-A todos cumprimentando
97-Esperar eu acordar?	107-Que estava ali comigo	117-Acenando com a mão
98-Haverá necessidade	108-Gente que eu não conhecia	118-Esperando que alguém
99-De a minha tranquilidade	109-Mas todo mundo sorria	119-Cumprimentasse também
100-Alguém vir atrapalhar?	110-Como se fosse amigo.	120-E me desse explicação.
.....		
121-Afinal, naquela noite,	131-Mas antes que eu perguntasse	141-Tem tanta história boa
122-Por ninguém eu esperava.	132-O que estava acontecendo	142-Que você tem pra contar,
123-Nem parente, nem amigo.	133-Um senhor de meia-idade	143-Tanto caso interessante
124-Nem mulher eu aguardava.	134-Já foi logo me dizendo:	144-Pra você compartilhar.
125-Imagine então pessoas	135— Fique tranquilo, rapaz,	145-Não é justo esconder
126-Que até pareciam boas	136-Nossa visita é de paz,	146-O quanto tem a dizer
127-Mas que eu não conhecia	137-Viemos só lhe dizer	147-É melhor começar, já!
128-Chegando assim, de repente,	138-Da emoção e alegria	148-Não seja tão egoísta
129-Surgindo na minha frente	139--Que a muitos você daria	149-Você sabe que o artista
130-NAQUELA HORA TARDIA.	140-Começando a escrever!	150-Vai aonde o povo está!
.....		

151-Perguntei: – Quem é você?	161-Enquanto eu perguntava	171-Pois nós aqui já vivemos,
152-Sobre o que está falando?	162-O homem sorriu pra mim	172-Como poetas também
153-E quem são essas pessoas	163-E me disse: – Nos desculpe,	173-Até que fomos chamados
154-Que estão lhe acompanhando?	164-Não se aborreça assim!	174-Para cantar no além.
155-É alguma brincadeira	165-Não foi para lhe irritar	175-Mas lá ficamos sabendo
156-Que assim, dessa maneira,	166-Nem tampouco pra brincar	176-Do que estava acontecendo,
157-Vocês chegaram fazendo?	167-Que até aqui nós viemos.	177-Da sua dificuldade,
158-É melhor esclarecer	168-Queremos ver libertado	178-Para fazer poesia
159-Pra que eu possa entender	169-O poeta aprisionado	179-Achando que só sabia
160-O que está acontecendo.	170-Que até hoje conhecemos!	180-Cantar coisas da cidade.
.....		
181-Meu amigo, deixe disso!	191-Cante as coisas da cidade!	201-É essa a grande mensagem
182-Por que a preocupação?	192-Cante as coisas do sertão!	202-Que viemos lhe trazer
183-A fonte da poesia	193-O amor pela mulher,	203-E não esqueça os amigos
184-Brota é do seu coração!	194-O amor pelo irmão	204-Que acaba de conhecer:
185-No sertão ou na cidade	195-O prazer, o sofrimento,	205-Expedito Sebastião,
186-Sua sensibilidade	196-A alegria, o lamento,	206-Que de Cícero Romão
187-Responde do mesmo jeito.	197-Cante tudo o que encontrar	207-Foi um grande defensor,
188-E pra sua poesia	198--Pois tudo o que se aproxima	208--João Ferreira, com estilo,
189-Seja a noite, seja o dia	199-É uma fonte de rima	209-Das “Proezas de João Grilo”
190-Tudo faz o mesmo efeito!	200-Para quem sabe rimar!	210-Foi o verdadeiro autor.
.....		
211-Estão também Apolônio,	221-Enquanto ele falava	231-Hoje, quando eu me lembro
212-Zé Camelo e Aderaldo,	222-Eu chorava emocionado	232-De todo aquele ocorrido
213-Que eu nem preciso dizer	223-Agradecendo a Deus	233-Fico até me perguntando
214-Da sua fama e respaldo.	224-Por ser tão abençoado.	234-Terá mesmo acontecido?
215-João Melchíades, o famoso,	225-E eles, sempre sorrindo,	235-Ou será que foi um sonho
216-Do “Pavão Mysteriozo”,	226-Aos poucos foram saindo,	236-Aquele povo risonho
217-E, dentre esses grandes nomes,	227-Me deixando ali sozinho	237-Ter ido me visitar?
218-Este, que lhe fala agora,	228-E foi desde aquele dia	238-Eu na verdade não sei
219-Mas já precisa ir embora,	229-Que a minha poesia	239--Mas o fato é que passei
220-Seu servo, Leandro Gomes.	230-Tomou um outro caminho.	240-A qualquer coisa cantar.
.....		
241-Os barulhos da cidade,	251-Se estou dentro de casa	261-Para fazer os meus versos
242-Fumaça, poluição,	252-Tem o ar-condicionado	262-Não falta matéria prima
243-Menino pedindo esmola	253-O forno de micro-ondas	263-Um elevador que desce
244-Polícia atrás de ladrão	254-Um computador ligado	264-Um outro que vai pra cima
245-Buzina, medo de assalto,	255-Lá fora é academia	265-Uma van que vai parando
246-Mulher de sapato alto,	256-Shopping-center, gritaria,	266-E nela alguém vai chegando
247-Gente apressada correndo.	257-Um prédio em construção	267-Atrasado pro trabalho.
248-Tudo vira poesia	258-É bombeiro, é ambulância	268-Numa mesa improvisada,
249-Desde quando nasce o dia	259-E lá se vai a infância	269-Alguém vende, na calçada,
250-Nos versos que vou fazendo.	260-No meio da agitação.	270-Caneta, isqueiro e baralho.
.....		
271-É assim que vou cantando	281-Já fiz verso até julgando	291-Foi assim, caros amigos,
272-As coisas da capital.	282-Um caso mesmo real.	292-Como tudo começou
273-Canto os engarrafamentos	283-Depois contei a história	293--Quando de uma vez por todas
274-Os artistas do sinal.	284-Da Justiça Federal.	294-A poesia passou
275-Até na universidade	285-Cheguei também a narrar	295-A ser minha companheira.
276-E em muita solenidade	286-Uma briga em um bar	296-E pela vida inteira
277-Acabei achando um jeito,	287-Quando enfrentei o cão	297-Há de me acompanhar
278-De apresentar bem rimado	288--E uma bengala encantada	298--E assim eu vou cantando
279-O tema que era estudado	289-Que me foi presenteada	299-Divertindo e alegrando
280-Na Ciência do Direito.	290-Me tirou da aflição.	300-Quem quiser me escutar.

(Autor: Marcos Mairton da Silva)

(Do Livro "Uma sentença, uma aventura e uma vergonha; e outras poesias de cordel").

**TEXTO 12: Do passado ao presente (Wilton Silva)**

1-Não a certo sem errado	11-Mas o tempo vai passando	21-Então vamos de demonstrar
2-futuro sem precedente	12-e tudo se modifica	22-de uma forma diferente
3-nem passado sem presente	13-tem o pobre que enrica	23-no passado e no presente
4-nem forte sem fracassado	14-rico que entra no cano	24-cada coisa a se falar
5-nem tudo que é contado	15-tem quem cai no desengano	25-então queiram escutar
6-pode ser mesmo verdade	16-e quem atinge a fama	26-pois é uma realidade
7-nem velho de pouca idade	17-mas dessa para a lama	27-a grande diversidade
8-nem mentira verdadeira	18-é um passo bem pequeno	28-desse mundão hoje em dia
9-nem sério sem brincadeira	19-cada qual fique sabeno	29-diferente de um dia
10-essa é a realidade	20-que o tempo a ninguém ama	30-que o passado faz saudade
.....		
31-O ladrão de antigamente	41-Hoje ladrão rouba banco	51-No passado a amizade
32-roubava uma galinha	42-ou ganha para roubar	52-era muito diferente
33-do quintal da vizinha	43-tem um novo patamar	53-amigo estava com a gente
34-mas logo o incoseqüente	44-usa colarinho branco	54-pra qualquer necessidade
35-ficava era sem os dente	45-e para ser mais franco	55-era irmão na verdade
36-apanhava pra lascar	46-tem orgulho do que faz	56-perto sempre que preciso
37-era preso sem contar	47-estuda é muito audaz	57-seja pra manter juízo
38-com a vergonha gigante	48-é de alta sociedade	58-ou pra defender de briga
39-e logo o ignorante	49-é rico tem faculdade	59-amigo nunca de intriga
40-nunca mais ia roubar	50-cheio de viço e cartaz	60-seja rico ou seja lizo
.....		
61-Já amizade de agora	71-Sexo que se falava	81-Não vale a pena citar
62-a gente muito discute	72-só depois do casamento	82-o sexo de hoje em dia
63-os amigo do Orkut	73-feito em certo momento	83-essa grande baixaria
64-são só por uma hora	74-que o casal ocultava	84-que está em todo lugar
65-quem vai o quem fica agora	75-pois pouco se comentava	85-o povo a praticar
66-não importa é virtual	76-esse assunto particular	86-em casa boate e rua
67-e o amigo irreal	77-e ninguém ia tocar	87-todo canto mulher nua
68-nunca que está presente	78-por ser mal compreendido	88-vendendo o corpo barato
69-vai saber o que ele sente	79-não tinha duplo sentido	89-e esse triste relato
70-no seu sentir natural	80-apenas duplo sentar	90-é a verdade mais crua
.....		
91-A criança foi um dia	101-Já a criança de agora	113-Casamento antigamente
92-motivo de grande afeto	102-só serve de objeto	114-foi algo mais que sagrado
93-era amada tinha teto	103-é tirado seu afeto	115-era muito respeitado
94-vivia com alegria	104-não tem amor de outrora	116-feito uma vez somente
95-encantava quando sorria	105-o adulto a ignora	117-e o casal referente
96-era brincalhona e ágil	106-trabalha e é explorada	118-vivia junto até o fim
97-respeitada por ser frágil	107-as vezes violentada	119-não havia nada ruim
98-crescia com tal carinho	108-ou crescendo sem lugar	120-separação ou divorcio
99-seguia no seu caminho	109-onde é que vai parar	121-era um grande consorcio
100-respeitada em seu estagio	110-geração pouco aceita	122-"naquele tempo era assim"
.....		
123-Já hoje o casamento	133-E a policia afamada	143-Já hoje o policial
124-não dura uma semana	134-no passado era uma gloria	144-perdeu a reputação
125-o casal que se engana	135-lembro que na nossa historia	145-desmerece sua ação
126-se separa no momento	136-era muito respeitada	146-o que se faz na real
127-não há mais o sentimento	137-uma classe muito honrada	147-muito ato ilegal,
128-nem respeito existe mais	138-defendendo nossa gente	148-muito salario ruim
129-hoje se casam iguais	139-combatendo delinqüente	149-hoje a pouco em fim
130-mas o amor fica fora	140-agindo em prol da verdade	150-policial de verdade
131-e eu pergunto: e agora	141-por uma sociedade	151-que mesmo na dificuldade
132-o que é que falta mais	142-que já foi tão diferente	152-trabalha tão bem assim

153-Os alunos do passado	163-Agora tudo perfeito	173-A musica que se ouvia
154-estudavam de verdade	164-a escola é muito perto	174-era muito mais bonita
155-tinha sim dificuldade	165-livros e merenda , é certo	175-gravada em disco e fita
156-mas quem era dedicado	166-que são mesmo um direito	176-era uma alegria
157-andava um bocado	167-porem algo não aceito	177-quando o respeito existia
158-pra conseguir instrução	168-que sei por experiência	178-do forro a bossa nova
159-sem ganhar um tostão	169-de se cobrar só frequência	179-toda canção era prova
160-mas ganhando o conteúdo	170-pra manter bolsa família	180-de um talento a parte
161-antigamente o estudo	171-formando assim uma pilha	181-pena que hoje essa arte
162-tinha uma outra função	172-de aluno sem competência	182-uns querem levar pra cova
.....		
183-Musica hoje é sem arte	193-O artista no passa do	203-O artista comumente
184-forro é só putaria	194-não estava tão avista	204-“da mídia televisiva”
185-mpb foi um dia	195-se mostrava em entrevista	205-pra manter sua chama viva
186-hoje só querem restart	196-e era mais respeitado	206-não é nada consciente
187-o estilo que se aparte	197-era mais organizado	207-faz coisa sem precedente
188-as letras onde estão	198-e até mais aplaudido	208-fás barraco,polemiza
189-está uma confusão	199-fazia por merecido	209-e a mídia prioriza
190-prefiro ser do passado	200-pelo seu belo trabalho	210-esse tipo de conflito
191-deixando a moda de lado	201-sem pegar certo atalho	211-parece que acha bonito
192-e curtindo Gonzagão	202-cultivava seu estilo	212-apoiar quem não precisa
.....		
213-O cordel no passado	223-Já hoje e o cordel	233-Então saúdo o leitor
214-era arte respeitada	224-sera que o povo conhece?	234-te desejo um bom futuro
215-estava em toda bancada	225-atualmente se esquece	235-que seja um porto seguro
216-era muito procurado	226-da arte do menestrel	236-feliz e acolhedor
217-tudo pôr ele falado	227-mas eu faço meu papel	237-mas amigo onde for
218-do conto ao noticiário	228-não sucumbi ao progresso	238-cultive o que aprendeu
219-foi um grande quebra galho	229-no cordel ainda expresso	239-os erros que cometeu
220-com jornal popular	230-tudo o que estou dizendo	240-não devem ser repetidos
221-estando em todo lugar	231-e se você está lendo	241-mas uns fatos aqui lidos
222-servindo desse trabalho	232-sei que estou tendo sucesso	242-leve ao futuro seu.

**TEXTO 13: A invasão do alemão (Dalinha Catunda)**

- |                                |                               |                             |
|--------------------------------|-------------------------------|-----------------------------|
| 1-Foi notícia nos jornais,     | 7-Ó meu São Sebastião,        | 13-É polícia pra todo lado  |
| 2-Mostrou a televisão          | 8-Mártir Santo Padroeiro,     | 14-É bandido e caveirão.    |
| 3-A desordem na cidade         | 9-Proteja a população         | 15-Com essa violência toda  |
| 4-A tamanha confusão           | 10-Deste Rio de Janeiro       | 16-Quem sofre é a população |
| 5-O ataque de bandidos         | 11-Que sofre com a violência, | 17-Que fica presa em casa   |
| 6-E o terror no Alemão.        | 12-Dum grupo de bandoleiro.   | 18-Com medo da situação.    |
| .....                          |                               |                             |
| 19-É todo mundo botando        | 25-Por falta de segurança.    | 31-Até a igreja da Penha    |
| 20-Em suas portas tramelas.    | 26-Escolas foram fechadas.    | 32-Recinto de oração        |
| 21-É bala comendo solto,       | 27-O terror é bem visível     | 33-Nesta guerrilha urbana   |
| 22-No asfalto e nas favelas.   | 28-Nas imagens propagadas.    | 34-Foi vítima de invasão    |
| 23-Sofre pobre, sofre rico,    | 29-Com tanta barbaridade,     | 35-Pelo espaço sagrado      |
| 24-Fugindo destas Mazelas.     | 30-Só com as forças armadas!  | 36-Faltou consideração      |
| .....                          |                               |                             |
| 37-Ônibus incendiados,         | 43-Sofreu a Vila Cruzeiro,    | 49-Exército compareceu      |
| 38-Motos, carros, também.      | 44-E tremeu o Alemão.         | 50-Com seu verde esperança. |
| 39-Com a revolta do povo,      | 45-Ao ver as autoridades      | 51-E mostrando sua força    |
| 40-A resposta logo vem.        | 46-Tomando a decisão          | 52-A todos deu e confiança  |
| 41-Autoridades unidas,         | 47-De invadir a favela...     | 53-Anunciando enfim         |
| 42-Traçam planos que convem    | 48-E houve a invasão!         | 54-Que chegaria a bonança.  |
| .....                          |                               |                             |
| 55-Bandido foi transferido,    | 61-O reboleço foi feio,       | 67-Policiais e políticos,   |
| 56-Pra outra jurisdição.       | 62-O bicho de fato pegou.     | 68-E toda sociedade,        |
| 57-Alguns foram mortos,        | 63-Teve até mãe de bandido    | 69-O povo todo unido,       |
| 58-Com a polícia em ação.      | 64-Que seu filho entregou     | 70-Teve, sim, autoridade    |
| 59-E outros se entregaram      | 65-Querendo salvar a cria     | 71-Para colocar um fim      |
| 60-Indo parar na prisão.       | 66-Que um dia ela gerou.      | 72-Na cruel barbaridade.    |
| .....                          |                               |                             |
| 73-Eu não sei se realmente,    | 79-Que essa comunidade,       | 85-Espero que os políticos  |
| 74-Mudará a situação,          | 80-Seja então pacificada.     | 86-Cumpram a obrigação      |
| 75-E todo esse processo        | 81-Que crianças corram livres | 87-De dar estudo, trabalho  |
| 76-Sem a continuação           | 82-Sem temer sua estrada.     | 88-A carente população,     |
| 77-Não ajudará em nada         | 83-E que os trabalhadores     | 89-Das pobres comunidades   |
| 78-O morro do Alemão.          | 84-Voltem a sua jornada.      | 90-Sedentas de solução.     |
| .....                          |                               |                             |
| 91-Na favela tem bandido,      | 97-Aonde o poder público,     | 103-Tanto pode ser bandido  |
| 92-Isso é uma verdade.         | 98-Firme, não se manifesta,   | 104-Como algum miliciano.   |
| 93-Mas também tem gente boa,   | 99-E a tropa do mal chega     | 105-Que lá na comunidade    |
| 94-Com sua dignidade.          | 100-Fazendo a sua festa       | 106-Acaba então mandando.   |
| 95-Que merece nova vida        | 101-No comando do lugar       | 107-E quem mora na favela   |
| 96-Com menos dificuldade.      | 102-Aparece sempre um testa.  | 108-Sofre com este comando. |
| .....                          |                               |                             |
| 109-Mais uma vez eu convoco    | 115-Neste cordel eu registro. |                             |
| 110-Ao meu Santo padroeiro,    | 116-Um caso que se passou     |                             |
| 111-Que proteja a cidade       | 117-No fim de dois mil e dez. |                             |
| 112-Que é o Rio de Janeiro.    | 118-E a todos apavorou,       |                             |
| 113-Ó meu São Sebastião,       | 119-Mas o Rio de Janeiro      |                             |
| 114-Livrai-nos deste salseiro. | 120-Bem alegre ressuscitou.   |                             |

**TEXTO 14: Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente (Manoel Monteiro)**

1-Saudade não mata gente	8-Vejo o casarão do sítio	15-O pote numa forquilha,
2-Porque se fosse verdade	9-Com sua grande janela,	16-Os copos numa mesinha,
3-Eu já teria morrido	10-Seus portais de aroeira,	17-Entre o corredor, os quartos,
4-De tristeza na cidade,	11-A porta larga, a tramela,	18-Que chamavam camarinha,
5-Mas quando a saudade acoessa,	12-O banco onde me sentei,	19-Na frente um vasto terreiro,
6-Fecho os olhos, volto à roça,	13-A sala donde escutei	20-Atrás de casa, um poleiro
7-Subtraindo a idade.	14-Muitas cantorias nela.	21-Dormitório pra galinha.
.....		
22-Lembro os pássaros cantando	29-O chôro do juriti,	36-Lembro o balanço da rede
23-Nas tardinhas de verão,	30-O tiziu que faz, tiziu,	37-No alpendre da vivenda,
24-O xexéu, o bem-te-vi,	31-O nhambu chamando a fêmea	38-Nosso pedaço de terra
25-O concriz, o azulão,	32-Que o caçador feriu,	39-Que alguns chamavam fazenda,
26-O canarinho romântico	33-A barulhenta algazarra	40-O perfume da coalhada,
27-Musicando com seu cântico	34-De um bando de gangarra	41-Odor de terra molhada,
28-A catedral do sertão	35-Só sabe contar quem viu.	42-Profuso cheiro de vença.
.....		
43-Pois a vendinha cheirava	50-Venda, armazém ou bodega,	57-A bodeguinha de sítio
44-A fumo de rolo e gás,	51-Quitanda, ou mercearia,	58-Cheirava a cocada e bolo
45-Açúcar preto, tempero,	52-Tinha na frente um alpendre	59-Alfinim e mariola,
46-Creolina e aguarrás,	53-Onde a lorota corria,	60-Aliado e pão crioulo,
47-Pão doce, confeito e brote,	54-Ao lado, cerca e curral	61-Cana, gasosa espumante
48-Cânfora, loção, "cocorote"	55-Pra deixar o animal	62-E rapadura gigante
49-Cheiros que não sinto mais.	56-Enquanto o dono bebia.	63-Maior de que um tijolo
.....		
64-Café crú, piaba seca,	71-Bacalhau amarelinho	78-Torresmo pra tira-gosto,
65-Óleo de coco e linhaça,	72-Que vinha do estrangeiro,	79-Ribaçã, caga-sebito,
66-Pucha-pucha, mel de engenho,	73-De gorda a charque deixava	80-Toucinho e tripa salgada
67-Naftalina pra traça,	74-Ficar pingando o graxeiro	81-Pendurada num cambito,
68-Enchôfre para coceira	75-E quando assada na brasa	82-Carne de sol bem curtida,
69-Cheirava e hoje não cheira	76-A meia légua da casa	83-Banha de porco batida
70-Não sei o que é que se passa.	77-A gente sentia o cheiro.	84-Para fazer ovo frito.
.....		
85-Queria ser outra vez	92-Fora as coisas de comer	99-O estoque tinha coisa
86-O matutinho inocente	93-Que cheiravam pra danado	100-Que você nem acredita:
87-Para voltar a bodega	94-As bodeguinhas do sítio	101-Rouge pra pintar a cara
88-E comprar de novamente	95-Tinham estoque variado	102-E a moça ficar bonita,
89-Um docinho quebra-queixo	96-De um tudo se encontrava	103-Vaselina e sabonete,
90-Seco e duro como um seixo	97-Só não tinha o que faltava	104-Retróz, viés e colchete,
91-Mas de sabor excelente.	98-E além do mais, fiado	105-Talco, pó-de-arroz e fita.
.....		
106-O bodegueiro dispunha	113-Cajuina e vinho tinto	120-Arame farpado e grampo,
107-De ilhós, dedal, botão,	114-Misturada e cana pura	121-Rapé, cachimbo e piteira,
108- Marrafa para cabelo,	115-Sal grosso, açúcar cristal,	122-Sabão em barra e anil,
109-Manga para lampião,	116-Bico e linha de costura,	123-Capa de cangalha, esteira,
110-Chapéu de palha e abano	117-Esmeril, pedra de mó,	124-Xarope, arnica e cachete,
111-Pra pagar no fim do ano	118-Martelo, escopro e enxó,	125-Facão, faca e canivete,
112-Com a safra de algodão.	119-Dobradiça e fechadura.	126-Corda, cordão e ponteira.
.....		
127-loiô, pião, baladeira,	134-Penico pra mijar dentro	141-Tarrafa pra pescador,
128-Linha fiada no fuso,	135-Quartinha, alguidar, panela,	142-Pavio pra lamparina,
129-Cebo pra cocão de carro	136-Pegador de brasa, abano,	143-Brinco para enfeitar moça,
130-Coisa que já não tem uso,	137-Bule, chaleira e tijela,	144-Para rapaz, brilhantina,
131-Chumbeiro, chumbo, espoleta,	138-Buranhém, relho e chicote,	145-Ferramenta para a roça,
132-Lousa, tinteiro e caneta,	139-Ferro de cova e serrrote,	146-Pra homem, mescla da grossa,
133-Prego, porca e parafuso.	140-Cesto, caçua, gamela.	147-Para mulher, seda fina.
.....		



- 148-Tinha para os animais  
149-Cabresto, peia e chocalho,  
150-Pra temperar a panela  
151-Colorau, cebola e alho,  
152-Pra vestir, brim e "voal",  
153-Pra comer, farinha e sal,  
154-Pra jogar, dado e baralho.
- 155-Pano preto pra mortalha  
156-E vestido pra viúva,  
157-Veneno pra fumar  
158-Formiga preta e saúva,  
159-Foice, estrovenga e enxada  
160-Pra cavar terra molhada  
161-Quando era tempo de chuva.
- 162-As refeições eram feitas  
163-Na nossa sala de janta  
164-Ao redor de u'a mesa  
165-Aonde cabia tanta  
166-Gente que dava uma festa,  
167-Ao recordar, sinto esta  
168-Saudade que me acalanta.
- 
- 169-Lembro o gosto de buchada,  
170-De capão e de cevado,  
171-Carne seca, queijo e mel,  
172-Milho verde cozinhado,  
173-Bolo de goma, pipoca,  
174-Umbusada, tapioca,  
175-Cabrito novo torrado.
- 176-Eu lembro que o meu pai  
177-Sempre, sempre repetia  
178-Que na casa do bom homem  
179-Só quem trabalhou comia;  
180-Comeu? "Ganhou" o roçado,  
181-Por isso inda estou lembrado  
182-Dos serviços que fazia.
- 183-Vejo-me de calças curtas  
184-De camisa aberta ao peito  
185-Correndo no campo verde  
186-Levando os ramos a oito,  
187-Nas moitas de gitirana  
188-Procurando o mel bacana  
189-Que o capuxu tinha feito.
- 
- 190-Chupando cana caiana,  
191-Comendo condessa e pinha  
192-Rebanhando criação  
193-Quando a noite morna vinha,  
194-Botando milho de molho  
195-Para depois de zarolho  
196-Fazer cuscuz e farinha.
- 197-Trançando cerca de vara.  
198-Pregando arame farpado  
199-Roçando mato de foice  
200-Para formar o roçado,  
201-Vejo-me pé-ante-pé  
202-Surpreendendo guiné  
203-Para fazer um guisado.
- 204-Ouço alpercata rangindo  
205-Nas pedras do taboleiro  
206-Porque era entremeada  
207-Com catemba de coqueiro,  
208-O seu chiado era a prova  
209-De que a "bicha" era nova  
210-E o dono tinha dinheiro.
- 
- 211-Vejo-me de riso largo  
212-Com alguns cobres na mão  
213-Proveniente da venda  
214-De mamona e de algodão,  
215-Dum borrego, ou dum novilho,  
216-De umas cuias de milho,  
217-Dum couro de criação.
- 218-Por falar em criação  
219-A dor da saudade aumenta  
220-Lembrando o tempo que tinha  
221-Uma tesão violenta  
222-E para a crise passar  
223-O jeito era namorar  
224-Novilha, cabra e jumenta.
- 225-Ah! que saudade que tenho  
226-Da primeira namorada,  
227-Do primeiro envolvimento,  
228-Da primeira fornecada  
229-Sobre um colchão de capim  
230-Como não achei ruim  
231-Caí de vez na putada.
- 
- 232-O Sertão tem tais encantos  
233-Que só sabe quem conhece,  
234-A quietude da noite,  
235-Ou quando o dia amanhece,  
236-O passaredo cantando  
237-Mesmo a gente se afastando  
238-Fica velho e não esquece.
- 239-Lá meninote já sabe  
240-Retirar mel de abelha  
241-Encontrar o barro certo  
242-Pra fazer tijolo e telha,  
243-Trançar relho de estalo  
244-Botar passada em cavalo  
245-Pastorar bode e ovelha.
- 246-Localizar onde tem  
247-Batata de umbuseiro  
248-Fazer lanche de resina  
249-Comer fruta de facheiro,  
250-Fazer festa com roqueira,  
251-Atirar de sovaqueira,  
252-Amansar bicho treiteiro.
- 
- 253-Pegar água no barreiro  
254-Com uma lata furada  
255-Catar algodão ao sol  
256-Limpar mato de enxada,  
257-Fazer aceiro de broca,  
258-Raspar, sevar mandioca  
259-Para fazer farinhada.
- 260-O algodão adulto  
261-Era preciso podar  
262-A esse mister a gente  
263-Chamava de "decolar",  
264-Isso renovava as plantas  
265-São tantas lembranças, tantas,  
266-Que embargo a voz ao falar.
- 267-No meu cavalo de pau  
268-Fazia vez de vaqueiro  
269-E passava o dia todo  
270-Correndo pelo terreiro,  
271-O gado era inexistente  
272-Mas eu tinha em minha mente  
273-Ser um grande fazendeiro.
- 
- 274-Lembro-me dum lobisomem  
275-Que "assombrava" a vizinha,  
276-O marido o tocaiou  
277-Deu-lhe um tiro na espinha,  
278-Foi ver do que se tratava  
279-Era um compadre que estava  
280-Rondando sua velhinha.
- 281-Lembro e "morro" de saudade  
282-Das festas de São João,  
283-Do xem-xem do oito baixos,  
284-Da poeira do salão,  
285-Dos rapazes na disputa  
286-De rebocar a matuta  
287-Pra chamegar no oitão.
- 288-Lembro o catecismo velho  
289-Volto as noites de novena  
290-Ouço os benditos cantados  
291-Deixando a alma serena;  
292-No nosso oratório tosco  
293-Tinha Maria e Dom Bosco,  
294-Pedro, Jesus, Madalena.
- 
- 295-Um quadro de Padre Cícero  
296-Com seu chapéu, seu cajado,  
297-Uma estampa de São Jorge,  
298-São Sebastião flechado,
- 302-Sobre um castiçal de bronze  
303-A luz da vela dançando  
304-Alumiava um calunga  
305-Ao Deus Menino imitando;
- 309-Era um peditório ao Santo  
310-Do Santo se aborrecer  
311-Porque a gente pedia  
312-Pra chover e não chover;

299-Um Bento de algodão	306-Os velhos rezando em coro,	313-Chover pra planta ser feita
300-Que o Santo Frei Damião	307-A moçada no namoro	314-E não chover, na colheita,
301-Tinha-me presenteado.	308-E as promessas chegando.	315-Pra o grão não apodrecer.
.....		
316-Vejo esse filme passando	323-O tempo não volta mais	
317-Na tela da mocidade	324-Estou farto de saber,	
318-Que se foi há muito tempo	325-Quem lembra sofre de novo =	
319-E hoje só por maldade	326-Repetindo o padecer	
320-Com inusitada ira	327-E quando a saudade rói	
321-De quando em quando me atira	328-Causa uma dor que não dói...	
322-Uma pedra de saudade.	329-Mas sinto a peste doer.	

**TEXTO 15: Cordel desencantado (Antonio Barreto)**

01-Todos nós aqui sabemos	11-Patativa, lá no céu,	21-Tem vez o parlamentar
02-Que a cultura anda pra trás...	12-Certamente está chorando	22-O juiz, o advogado...
03-O governo é incapaz	13-E prossegue reclamando	23-O produtor aloprado
04-De ofertar o que merecemos	14-Sem poder tirar o chapéu	24-Com seu dom de enganar
05-E assim nós padecemos	15-Ao ver tanto malandrém	25-E quem merece ganhar
06-Nessa onda da exclusão.	16-Mergulhado na ambição	26-Fica de cuia na mão
07-Na literatura, então,	17-Botar dinheiro na mão	27-Trabalhando sempre em vão
08-Só tem vez o elitizado.	18-Mesmo sendo afortunado.	28-E não é remunerado.
09-Todo artista é respeitado	19-Todo artista é respeitado	29-Todo artista é respeitado
10-Porém o poeta não.	20-Porém o poeta não.	30-Porém o poeta não.

31-O mundo precisa, sim,	41-Na ponga do carnaval	51-Tem barba patrocinada
32-De amor e poesia	42-Tem cachê pra pagodeiro.	52-Conforme fez a Gillete !
33-De saúde, de harmonia	43-Da imprensa ao marqueteiro,	53-É dinheiro feito a peste
34-De justiça, de festim	44-Ganhar dinheiro é normal;	54-Uma eterna marmelada.
35-De um anjo querubim	45-Do axé ao escambal,	55-2 milhões, meu camarada,
36-Que tenha bom coração	46-Haja grana de montão...	56-Me causa decepção.
37-Mas é sempre o bom ladrão	47-E em Salvador, então,	57-Mas, no mundo da ilusão,
38-De todos o mais lembrado.	48-Tem setor que é explorado...	58-Estarei sempre acordado:
39-Todo artista é respeitado	49-Todo artista é respeitado	59-Todo artista é respeitado
40-Porém o poeta não.	50-Porém o poeta não.	60-Porém o poeta não.

61-Tem até Um Ponto Três	71-De norte a sul do Brasil,	81-A grana toda investida
62-Para criação de Blog...	72-Quem menos precisa ganha;	82-Em projetos musicais
63-Já estou ficando “groque”	73-Prevalece a artimanha	83-É pomposa de reais
64-Com tudo que Ela fez	74-Da cultura varonil	84-Sem nunca ser dividida
65-Aliás a insensatez	75-De passar pelo funil,	85-E como não há saída
66-Tá no sangue, cidadão!	76-Por meio de proteção,	86-Nós vamos ao paredão
67-Mas as “deusas” têm razão,	77-Aquele que é grandão	87-A cumprir nossa missão
68-O Barreto está errado!	78-E o resto fica lascado!	88-De vate discriminado:
69-Todo artista é respeitado	79-Todo artista é respeitado	89-Todo artista é respeitado
70-Porém o poeta não.	80-Porém o poeta não.	90-Porém o poeta não.

91-Toda a elite cultural	101-Precisamos atentar	111-Nesse espírito mercantil
92-Ganha tudo que deseja	102-Aos ruídos da TV...	112-Tem gente de A à Z!!!
93-E recebe de bandeja	103-Tem coisas que a gente vê	113-Vocês têm fome de quê,
94-Apoio incondicional	104-Mas não pode revelar,	114-Estrelas, do meu Brasil?
95-Nesse Brasil desigual	105-Então vamos acordar	115-Joguem tudo no canil
96-De “Maria” e “Pai João”	106-Para a flecha da exclusão.	116-Dêem adeus à ambição
97-Que prima pela exclusão	107-Encantado ou falação,	117-Vamos dividir o pão
98-Deixando o cordel de lado...	108-O Cordel será louvado...	118-Nesse jogo mal jogado.
99-Todo artista é respeitado	109-Todo artista é respeitado	119-Todo artista é respeitado
100-Porém o poeta não.	110-Porém o poeta não.	120-Porém o poeta não.

121-Muito mais que indiferença	131-A grana que é da gente	141-Eu não sei se é descaso
122-Aos poetas populares,	132-Está indo para o ralo	142-Com a cultura popular.

- |                                 |                                 |                               |
|---------------------------------|---------------------------------|-------------------------------|
| 123-Que perdem nos seus falares | 133-E muitos vão neste embalo   | 143-Quero então acreditar     |
| 124-Nesse mundo de descrença.   | 134-Sem perceber que a Serpente | 144-Que Dilma resolva o caso. |
| 125-Peço então à nossa imprensa | 135-Lucra muito facilmente,     | 145-Se à vista ou a prazo,    |
| 126-Que nos dê mais atenção.    | 136-Na cultura e educação,      | 146-Ela arranja a solução     |
| 127-E que o brado do sertão     | 137-Levando todo tostão         | 147-E põe fim nessa questão   |
| 128-Seja assim sacramentado...  | 138-Desse país aloprado.        | 148-Do cordelista isolado.    |
| 129-Todo artista é respeitado   | 139-Todo artista é respeitado   | 149-Todo artista é respeitado |
| 130-Porém o poeta não.          | 140-Porém o poeta não.          | 150-Porém o poeta não.        |

- 
- |                                |                                 |
|--------------------------------|---------------------------------|
| 151-Cordeslistas, repentistas, | 161-A Globo nos enganou         |
| 152-Legião de emboladores,     | 162-Com a novela do cordel      |
| 153-Xilógrafos, cantadores,    | 163-Foi deveras infiel          |
| 154-Meus griôs africanistas    | 164-E em nada retratou          |
| 155-Nós somos fiéis artistas   | 165-A cultura que encantou      |
| 156-Sem perder nosso rojão     | 166-O povo dessa Nação          |
| 157-Vamos cantar o sertão      | 167-Causando decepção           |
| 158-De coração orgulhado...    | 168-Nesse “cordel encantado”... |
| 159-Todo artista é respeitado  | 169-Todo artista é respeitado   |
| 160-Porém o poeta não.         | 170-Mas o cordelista não!!!     |

**TEXTO 16: O trem da madrugada (José João dos Santos – Azulão)**

01-Leitores trago mais uma	08-Seja de Paracambi	15-Mulher de anca bem gorda
02-Criação muito engraçada	09-São Mateus ou Santa Cruz	16-Diz o cabra, esta é legal
03-Da minha lira poética	10-A turma da fuleragem	17-Que a coitada passa mal
04-Que sempre vive afinada	11-Que só bagunça produz	18-Dá bronca, dá coice e upa
05-Desta vez descrevo bem	12-De madrugada só quer	19-O cabra tá na garupa
06-O movimento do trem	13-Carro que tem mais mulher	20-Só desmonta na Central
07-Que desce de madrugada	14-Porta enguiçada e sem luz	
.....		
21-Não adianta dar bronca	28-A mulher fica no meio	35-Alguma usa alfinete
22-Nem reclamação, nem choro	29-É homem por todo lado	36-Ferra o cabra igual lacraia
23-A turma rodeia ela	30-Cada um tira uma linha	37-Mas a que gosta do frevo
24-Fazendo força igual touro	31-De maldade e fraseado	38-Se solta no meio da laia
25-Por trás, de frente, de lado	32-Quando ela banca a loba	39-Gaiato grita de lá
26-Só urubu esganado	33-Outro grita olha a mão boba	40-Zé Mané chega pra cá
27-Por tripas no matadouro	34-Que aí só tem tarado	41-Aqui tem rabo de saia
.....		
42-Tem mulher que grita, opa	49-Outro de lá diz, que é isso	56-Outro se deita nas costas
43-Cuidado com essa tara	50-É melhor ficar quietinha	57-De alguém que está na frente
44-Eu estou saindo fora	51-Outro diz, se é tarado	58-Quando um reclama, outro diz:
45-este marmanjo não pára	52-Meta o cabo da sombrinha	59-Quem for fraco se arrebente
46-Agora seu saliente	53-E mande esse descarado	60-Se não quer sofrer ataque
47-Se teimar de novamente	54-Andar de trem enganchado	61-Compre um jipe ou cadilac
48-Meto-lhe a bolsa na cara	55-Nas costas da vovozinha	62-E saia do meio da gente
.....		
63-Um grita não me empurre	70-Gordo que fica na porta	77-Cada estação vai enchendo
64-Que lugar aqui não tem	71-Pra não machucar a pança	78-Se ouve negro gemer
65-O outro grita, meu chapa	72-Diz para quem vem voltando	79-Quem entra de mãos pra cima
66-Pra que viaja de trem	73-Devagar que tem criança	80-Depois não pode descer
67-Aqui estão me pisando	74-Quem entra não dá cartaz	81-Às vezes naquele meio
68-Outro por trás me empurrando	75-Grita quem vem atrás	82-O amigo do alheio
69-Eu tenho que empurrar também	76- Aqui a maré tá mansa	83-Rouba e não pode correr
.....		
84-Em Ricardo de Albuquerque	91-Tem pobre que vai no trem	98-Quando chega na Central
85-A melhor aconteceu	92-De aperto quase morto	99-Só se ouve é choradeira
86-Um dia o trem encheu tanto	93-Com mais de cinco nas costas	100-Um dizer nem me deixaram
87-Que um companheiro meu	94-Cansado, envergado e torto	101-Eu saltar em Madureira
88-Quando foi coçar a nuca	95-E quando o trem vai chegando	102-Outro exclama: ? Puxa vida
89-Coçou a mulher do Juca	96-Salta correndo e gritando	103-Que agora na saída
90-Dessa vez o pau comeu	97-Eita acabou-se o conforto	104-Roubaram minha carteira
.....		
105-Mulher xinga, esses danados	112-Camelô vende no trem	119-Caixa de maçã e cesto
106-Não querem que se reclame	113-O dia todo é assim:	120-Do tamanho de um caminhão
107-Entram parece uns cavalos	114-Olhe o drops, a bala, puxa	121-Menino com fogareiro
108-Daqueles que pulam arame	115-Cocada e amendoim	122-Cheio de brasa e carvão
109-Pisou-me a trouxa todinha	116-Um grita olhe aqui seu moço	123-Gritando olhe o torrãozinho
110-Da roupa tão passadinha	117-Pentes de chifres e de osso	124-Outro diz sai do caminho
111-Do doutor e da madame	118-Que não quebra em pixaim	125-Deixa eu passar meu caixão
.....		
126-Diz outro, olhe a bananada	133-Se o trem enguiça ou avaria	140-Quem quebra o trem é nocivo
127-Uma é vinte e cinco é cem	134-Seja que motivo for	141-De pensamento mesquinho
128-Outro diz, o picolé	135-O pingente quebra o vidro	142-Não enxerga que o trem é
129-De coco e uva inda tem	136-A porta, o ventilador	143-Suas pernas, seu caminho

130-O que do fiscal escapa	137-Na maior selvageria	144-O qual em vez de quebrá-lo
131-Grita pros outros, olha o rapa	138-Pra fazer falta no dia	145-Deveria conservá-lo
132-Entrou agora no trem	139-Que chove e que faz calor	146-Com todo zelo e carinho
.....		
147-Aquilo que nos é útil	154-Na Central de noite é fogo	161-Tem mulher que diz, cruz credo
148-Não devemos destruir	155-Quando o trem chega atrasado	162-Dou-te figa disconjuro
149-Quem quebra o trem por vingança	156-Antes de parar já está	163-Neste trem só tem cavalo
150-Só o mal pode surgir	157-Completamente lotado	164-Dando coice no escuro
151-Que um trem apedrejado	158-Quando as portas vão abrindo	165-Entrei a força empurrada
152-É mais um avariado	159-Tem uns que entram zunindo	166-De arrojo e caí sentada
153-Que deixa de nos servir	160-Vão sair do outro lado	167-Em cima dum troço duro
.....		
168-O que senta recebe	175-E quando sai é tão cheio	182-Tem deles que bota força
169-Logo um chute na canela	176-Nem mosquito acha lugar	183-Chega engrossar o pescoço
170-Aí a negrada invade	177-Quando pára em estação	184-Pra saltar em Deodoro
171-Cabine, porta e janela	178-Que alguém quer embarcar	185-Outro diz: calma, seu moço
172-Se o trem demorar parado	179-Quem vai dentro se entorta	186-Você aqui nada arranja
173-Negro ali fica suado	180-E grita para os da porta	187-Nós vamos chupar laranja
174-Que só tampa de panela	181-Incha pra ninguém entrar	188-E beber água de poço
.....		
189-Algum que mora mais perto	196-Tem deles que mora longe	203-O coitado acorda tonto
190-Diz pro outro no caminho	197-Quando acha uma vaguinha	204-Desconhecendo o lugar
191-Traga um filhote de onça	198-Se deita e ferra no sono	205-É quando vê que passou
192-Pra mim amanhã cedinho	199-Dorme que só criancinha	206-Da estação de saltar
193-O de longe diz pois não	200-Parece que está na cama	207-Fica até pisando em brasa
194-Depende da ocasião	201-Só acorda quando alguém chama	208-Aí quando chega em casa
195-Que a mãe não esteja no ninho	202-Meu chapa é o fim da linha	209-Já é hora de voltar
.....		
210-Quem duvidar o que eu digo	217-Jogo de empurra e briga	
211-No meu livro de poema	218-Acontece todo dia	
212-Venha conhecer o subúrbio	219-Zoada, punga e pedintes	
213-Com seu povo e seu sistema	220-Um rouba, outro negocia	
214-Depois que fizer morada	221-Louco, mendigo e cachaça	
215-Pegue o trem da madrugada	222-Abusa, xinga e faz graça	
216-Que vê todo este cinema	223-O que viaja aprecia	

**TEXTO 17: A briga do rapa com o camelô (Gonçalo Ferreira da Silva)**

01-Severino Cana Brava	08-Severino era um sujeito	15-Assim foi fácil ele mesmo
02-natural de Itabaiana	09-querido em todos os cantos,	16-descobrir que no chão duro
03-na Paraíba do Norte	10-deixava as “gatinhas” tontas	17-do sertão da sua terra
04-é um sujeito bacana	11-com galanteios e encantos,	18-não tinha nenhum futuro.
05-mas deixando o velho norte	12-Severino Cana Brava	19-Numa noite de verão
06- para tentar melhor sorte	13-quando falava lembrava	20-arrumou o matulão
07-por pouco não entra em cana	14-um futuro Silvio Santos.	21-saindo ainda com escuro.
.....		
22-Chegando ao Rio de Janeiro	29-Com pedaços de sarrafos	36-Um camelô perto dele
23-foi trabalhar de ajudante	30-fez uma banca, ligeiro,	37-já na profissão antigo
24-de pedreiro numa obra	31-quando recebeu na sexta	38-disse: – Na arte eu sou velho
25-mas pensava todo instante:	32-feira o primeiro dinheiro	39-e agora sou seu amigo,
26-quando eu tiver boa quantia	33-o machão de Itabaiana	40-entendo muitos assuntos
27-vou comprar mercadoria	34-chegando em Copacabana	41-e nós trabalhando juntos
28-pra trabalhar ambulante.	35-instalou seu tabuleiro.	42-não conhecemos perigo.
.....		
43-Severino Cana Brava	50-Eles vendiam baralhos	57-Formou grande multidão
44-disse: – é o seguinte, irmão,	51-da marca “Sarapati”	58-em torno do vendedor,
45-não vim aqui pra dar mole,	52- – Um é cem três é duzentos,	59-por sentir reconhecidos
46-sou natural do sertão,	53-um pro cavalheiro aqui,	60-seu talento e seu valor
47-eu não dou rasteira em sapo	54-um pra moça da revista,	61-Severino repetia:
48-e você, pelo seu papo	55-o da camisa de lista	62- – Meu povo, a mercadoria
49-é da mesma opinião	56- está pedindo um ali.	63-dá pra todos, por favor.
.....		
64-Sabendo que amanhã	71-O camelô falou logo	78-Bolsas de supermercados
65-Seria um belo domingo,	72-com o gringo no sobrado	79-foram providenciadas
66-e como a mercadoria	73-que o baralho que eles	80-depois, cuidadosamente
67-de fato já estava um pingo	74-à poracá tinham levado	81-a Severino enviadas
68-fez sinal para o parceiro	75-não foram suficientes	82-enquanto ele na praça
69-que fosse muito ligeiro	76-para atender os clientes	83-brincava e fazia graça
70-pegar baralho no gringo.	77-tinha o estoque esgotado.	84-com lorotas e piadas.
.....		
85-Na primeira carta, tinha	92-Era aquilo, exatamente,	99-A Praça dos cearenses
86-uma moça bem vestida	93-que o pessoal gostava,	100-ou Cerzedelo Correia,
87-na outra, só de bermuda,	94-quanto mais abria as cartas	101-reduto dos nordestinos
88-na outra, logo em seguida	95-mais emoção encontrava,	102-encontrava-se tão cheia
89-que era a terceira carta	96-mostradas pelo artista	103-que não tinha quem julgasse
90-só de biquíni, e, na quarta	97-e grande propagandista	104-que aquilo terminasse
91-completamente despida.	98-Severino Cana Brava.	105-numa batalha tão feia.
.....		
106-Um camelô carioca	113-A notícia que o “rapa”	120-Quando o “rapa” aproximou-se
107-bem conhecido na Lapa	114-chegou foi tomando vulto,	121-foi declarando arrogante:
108-disse para um vendedor	115-Severino disse logo	122- – Não permito mais na praça
109-de aluá e garapa:	116-já no meio do tumulto:	123-qualquer tipo de ambulante:
110- – Seguinte, meu companheiro	117- – O maldito deste “rapa”	124-ainda mais camelô
111-arruma teu tabuleiro	118-hoje vai entrar no tapa,	125-que quer criar bololô
112-porque aí vem o “rapa”.	119-pra casa eu não levo insulto.	126-se fazendo de importante.
.....		
127-Vamos lá arruma as malas,	134-Severino calmamente	141-O “rapa” ao ouvir aquilo
128-acabou-se a brincadeira,	135-disse: – Vossa Senhoria	142-consultou seu ajudante,
129-a sua brincadeira	136-já acabou de falar?	143-a multidão ensaiou
130-e também sua carteira	137-disse tudo o que queria?	144-vaia desmoralizante
131-estou no firme propósito	138-queira, pois acreditar	145-mas o “rapa” também era
132-de levá-las pro depósito	139-que o senhor não vai levar	146-uma verdadeira fera
133-lá na Praça da Bandeira.	140-a minha mercadoria.	147-e falou desafiante,

- 148- – Meus punhos até aqui  
 149-têm sido compreensivos  
 150-pois não atenderam ainda  
 151-aos impulsos instintivos  
 152-prestem homenagem a eles  
 153-pois graças à calma deles  
 154-vocês continuam vivos.
- 155-Severino Cana Brava  
 156-tomou uma decisão:  
 157- – Senhores que estão presentes  
 158-sou um homem do sertão,  
 159-sou pau pra todo instrumento  
 160-deixem que só eu enfrento  
 161-este “rapa” valentão.
- 162-Dizendo isto, com o dedo  
 163-grande do pé chegou junto  
 164-ao chão e fez logo um risco  
 165-dando por findo o assunto:  
 166- – Deste risco para lá  
 167-és homem e dele pra cá  
 168-um miserável defunto.
- 
- 169-O “rapa” apagou o risco  
 170-sem temer qualquer perigo  
 171-e penetrou frontalmente  
 172-no terreno do inimigo.  
 173-Ouviu-se de Severino  
 174-um palavrão nordestino  
 175-que não se diz com amigo.
- 176-Os dois ali se agarraram  
 177-com o maior desatino  
 178-todos querendo a vitória  
 179-do camelô nordestino.  
 180-O ajudante, coitado  
 181-também se viu obrigado  
 182-a torcer por Severino.
- 183-Um detalhe curioso:  
 184-ninguém queria apartar  
 185-pois todos queriam ver  
 186-a luta continuar  
 187-enquanto os que duelavam  
 188-também não manifestavam  
 189-vontade alguma em parar.
- 
- 190-O rosto do rapa estava  
 191-ensanguentado demais,  
 192-e recebia uma chuva  
 193-de pontapés magistrals,  
 194-a camisa era uma tanga,  
 195-a calça uma ciricanga  
 196-que já não prestava mais.
- 197-Quando o “rapa” despertou  
 198-do castigo recebido  
 199-estava num hospital  
 200-tão mortalmente ferido  
 201-que da enfermeira indagou:  
 202- – Que dia é hoje? Onde estou?  
 203-que ano fui socorrido?
- 204-Dois anos depois o “rapa”  
 205-teve recuperação  
 206-e logo se dirigiu  
 207-à sua repartição.  
 208-Para evitar pior mal  
 209-nunca mais quis ser fiscal  
 210-solicitou demissão.
- 
- 211-Severino Cana Brava  
 212-tranquilo bebia garapa,  
 213-Na feira de São Cristóvão,  
 214-com um camelô seu chapa,  
 215-comia churrasco no espeto  
 216-enquanto lia o folheto  
 217-da briga dele com o “rapa”.



**TEXTO 18: Big Brother Brasil: um programa imbecil (Antônio Barreto)**

01-Curtir o Pedro Bial	08-Há muito tempo não vejo	15-Me refiro ao brasileiro
02-E sentir tanta alegria	09-Um programa tão 'fuleiro'	16-Que está em formação
03-É sinal de que você	10-Produzido pela Globo	17-E precisa evoluir
04-O mau-gosto aprecia	11-Visando Ibope e dinheiro	18-Através da Educação
05-Dá valor ao que é banal	12-Que além de alienar	19-Mas se torna um refém
06-É preguiçoso mental	13-Vai por certo atrofiar	20-Iletrado, zé-ninguém
07-E adora baixaria.	14-A mente do brasileiro.	21-Um escravo da ilusão.
.....		
22-Em frente à televisão	29-Cuidado, Pedro Bial	36-O seu pai e a sua mãe,
23-Lá está toda a família	30-Chega de esculhambação	37-Querido Pedro Bial,
24-Longe da realidade	31-Respeite o trabalhador	38-São verdadeiros heróis
25-Onde a bobagem fervilha	32-Dessa sofrida Nação	39-E merecem nosso aval
26-Não sabendo essa gente	33-Deixe de chamar de heróis	40-Pois tiveram que lutar
27-Desprovida e inocente	34-Essas girls e esses boys	41-Pra manter e te educar
28-Desta enorme armadilha.	35-Que têm cara de bundão.	42-Com esforço especial.
.....		
43-Muitos já se sentem mal	50-Um país como Brasil	57-Respeite, Pedro Bial
44-Com seu discurso vazio.	51-Carente de educação	58-Nosso povo brasileiro
45-Pessoas inteligentes	52-Precisa de gente grande	59-Que acorda de madrugada
46-Se enchem de calafrio	53-Para dar boa lição	60-E trabalha o dia inteiro
47-Porque quando você fala	54-Mas você na rede Globo	61-Dar muito duro, anda rouco
48-A sua palavra é bala	55-Faz esse papel de bobo	62-Paga impostos, ganha pouco:
49-A ferir o nosso brio.	56-Enganando a Nação.	63-Povo HERÓI, povo guerreiro.
.....		
64-Enquanto a sociedade	71-Esse programa da Globo	78-A moral e a inteligência
65-Neste momento atual	72-Vem nos mostrar sem engano	79-Não são mais valorizadas.
66-Se preocupa com a crise	73-Que tudo que ali ocorre	80-Os heróis protagonizam
67-Econômica e social	74-Parece um zoológico humano	81-Um mundo de palhaçadas
68-Você precisa entender	75-Onde impera a esperteza	82-Sem critério e sem ética
69-Que queremos aprender	76-A malandragem, a baixeza:	83-Em que vaidade e estética
70-Algo sério não banal.	77-Um cenário sub-humano.	84-São muito mais que louvadas.
.....		
85-Não se vê força poética	92-Talvez haja objetivo	99-Iso é um desserviço
86-Nem projeto educativo.	93-professor, Pedro Bial	100-Mal exemplo à juventude
87-Um mar de vulgaridade	94-O que vocês tão querendo	101-Que precisa de esperança
88-Já tornou-se imperativo.	95-É injetar o banal	102-Educação e atitude
89-O que se vê realmente	96-Deseducando o Brasil	103-Porém a mediocridade
90-É um programa deprimente	97-Nesse Big Brother vil	104-Unida à banalidade
91-Sem nenhum objetivo.	98-De lavagem cerebral.	105-Faz com que ninguém estude.
.....		
106-É grande o constrangimento	113-Se a intenção da Globo	120-A você, Pedro Bial
107-De pessoas confinadas	114-É de nos emburrecer	121-Um mercador da ilusão
108-Num espaço luxuoso	115-Deixando o povo demente	122-Junto a poderosa Globo
109-Curtindo todas baladas:	116-Refém do seu poder:	123-Que conduz nossa Nação
110-Corpos belos na piscina	117-(Pois saiba que a exceção	124-Eu lhe peço esse favor:
111-A gastar adrenalina:	118-Amantes da educação)	125-Reflita no seu labor
112-Nesse mar de palhaçadas.	119-Vai contestar a valer.	126-E escute seu coração.
.....		
127-E vocês caros irmãos	134-E quando chegar ao fim	141-E saiba, caro leitor
128-Que estão nessa cegueira	135-Desse Big Brother vil	142-Que nós somos os culpados
129-Não façam mais ligações	136-Que em nada contribui	143-Porque sai do nosso bolso
130-Apoiando essa besteira.	137-Para o povo varonil	144-Esses milhões desejados
131-Não deem sua grana à Globo	138-Ninguém vai sentir saudade:	145-Que são ligações diárias
132-Iso é papel de bobo:	139-Quem lucra é a sociedade	146-Bastante desnecessárias
133-Fujam dessa baboseira.	140-Do nosso querido Brasil.	147-Pra esses desocupados.

---

148-A loja do BBB	155-Chega de vulgaridade	162-Cadê a cidadania
149-Vendendo só porcaria	156-E apelo sexual.	163-Dos nossos educadores
150-Enganando muita gente	157-Não somos só futebol,	164-Dos alunos, dos políticos
151-Que logo se contagia	158-baixaria e carnaval.	165-Poetas, trabalhadores?
152-Com tanta futilidade	159-Queremos Educação	166-Seremos sempre enganados
153-Um mar de vulgaridade	160-E também evolução	167-e vamos ficar calados
154-Que nunca terá valia.	161-No mundo espiritual.	168-diante de enganadores?

---

169-Barreto termina assim  
170-Alertando ao Bial:  
171-Reveja logo esse equívoco  
172-Reaja à força do mal  
173-Eleve o seu coração  
174-Tomando uma decisão  
175-Ou então: siga, animal.